

Joaquim Fernandes/Fina D'Armada

Intervenção Extraterrestre em **FÁTIMA**

As aparições e o fenómeno ovni



LIVRARIA BERTRAND

Impressão e Acabamento: Rolo & Filhos - Artes Gráficas, Lda.
Depósito Legal n.º 87035/95
ISBN 972-33-1044-9
Copyright: © Fina d' Armada e Joaquim Fernandes
© Editorial Estampa, Lda., Lisboa, 1995
para a língua portuguesa.

ÍNDICE

Introdução 11

PARTE I

RETRATO DA SENHORA QUE DESCIA DO CÉU

I. O dia 13 de Maio.....	17
1. Os pequenos pastores ..	20
2. O encontro com a Senhora	25
2. Como era a Entidade?	29
1. O aspeto físico	29
2. O vestuário :.....	31
3. Os adereços	33
4. Os movimentos.....	35
3. Quem era a Entidade?	37
1. As dúvidas das videntes	38
La Salette	38
Lourdes	38
Fátima	39
2. Constantes da mensagem de Fátima	41
7	
3. A não identificação da Entidade	43
4. Que origens?	43

PARTE II

O INSÓLITO QUE NÃO PODIA SER INVENTADO

1. Os fenómenos da Cova da Iria	49
1. Relâmpagos.....	49
Constatações em ovnilogia	51
2. «Zumbidos de abelha».....	54
Constatações em ovnilogia	58
3: Trovões	60
Trovão à chegada da entidade	61
«Rugido de foguete» à partida da Entidade	63
O trovão e os deuses	65
Constatações em ovnilogia	65
4. Nuvens bizarras	68
Constatações em ovnilogia	76
5. Efeitos sobre o ambiente	78
Constatações em ovnilogia	82
6. Odores.....	84
Constatações em ovnilogia	86
7. Objetos luminosos	87
Objetos no interior de nuvens	87
Ovnis clássicos	88
«Olhos voadores» ou foo-fighters	94
Constatações em ovnilogia	96
Objetos no interior de nuvens	96

Ovnis clássicos	98
«Olhos voadores» ou foo-fighters	101
8. Rampas de luz	103
Constatações em ovnilogia	104
8	
9. Aragens -.....	109
Constatações em ovnilogia	111
10. «Cabelos de anjo» (chuva de flores)	112
Constatações em ovnilogia	121
O dossier «cabelos de anjo» - a «fibrilvina» dos ovnis	124
11. Efeitos sobre animais	137
12. O testemunho da quarta vidente - o pequeno humanóide «telepata»	141
Um ignorado «Encontro Imediato do 3.º Grau»	147
13. Observações experimentais dos efeitos das microndas	153
PARTE III	
O «MILAGRE DO SOL»	
1. Condições meteorológicas do dia 13 de Outubro de 1917.....	161
2. Os antecedentes do «milagre»	162
3. A função das nuvens	167
4. A descrição do fenómeno	173
5. Efeitos cromáticos	182
Coloração do «Sol».....	182
Constatações em ovnilogia	185
Coloração do ambiente	189
6. Movimentos do «Sol»	198
Movimento giratório sobre si mesmo	199
Movimento giratório apenas na periferia	200
Outros movimentos	203
A posição do «Sol» no céu	206
O movimento da descida	207
A subida e retomo à normalidade.....	212
Constatações em ovnilogia.	213
7. Efeitos térmicos	218
9	
8. Avarias mecânicas e efeitos de sucção.....	224
Efeitos de sucção sobre a azinheira	228
9. Curas simultâneas	233
10. Os tripulantes do «Sol»	239
O testemunho de Lúcia.....	240
O testemunho dos outros videntes	243
O testemunho da multidão	243
A observação da Virgem	244
São José	245
Três seres	246
11. Observações no mesmo dia.....	248
Observações simultâneas.....	248
Observações não simultâneas	253
12. Análise estatística dos testemunhos	255
13. Os observatórios: «tudo normal»	268
14. A hipótese alucinatória	273
15. Aspetos mim éticos do fenómeno «solar»	281
16. O processo do «milagre» ou o antiabsurdo explicativo	287

INTRODUÇÃO

Expectativa e surpresa - aliada a um certo êxito editorial, reconheça-se - caracterizaram a publicação, em 1982, da obra *Intervenção Extraterrestre em Fátima - as Aparições e o Fenómeno OVNI*. Após duas edições sucessivas, esgotadas em pouco tempo, e reconhecida a apetência e solicitação de novos leitores, ocorre agora a oportunidade de reeditar o essencial deste ensaio, atualizado com pequenas achegas, mas nem por isso menos importantes, na sequência de contributos de investigações posteriores à edição original.

Exigências técnicas determinaram, desta vez, uma redução do volume então saído à estampa, e que significara uma síntese morosa de leitura de documentos originais, pouco ou nada conhecidos, cuja informação se mantinha inerte nos arquivos do santuário de Fátima, além de uma minuciosa sistematização serial de depoimentos da época, feita ao longo de seis anos, e maioritariamente testemunhos em primeira mão.

Na versão que o leitor ora compulsa, os autores optaram por manter quase integrais as avaliações fenomenológicas que sustentam o núcleo da hipótese, ou seja, as homologias e paralelismos evidenciados pelas síndromas e processos quer das chamadas "aparições marianas", de perfil religioso, quer das manifestações características dos Objetos Voadores Não Identificados, globalmente definidos por fenómeno OVNI, de matriz laica, específico de uma sociedade tecnológica e de uma subcultura urbana ..

É consabida a proliferação de trabalhos, da mais diversa índole, inspirada pelos acontecimentos da Cova da Iria, de 1917. A esmagadora

11

maioria, de sinal apologético, confessional, carece da mínima objetividade, seja no plano histórico, seja no da factualidade interdisciplinar.

Nem essa é a sua vocação, entende-se. O mesmo sucede no extremo oposto, em que uma leitura "ideológica" positivista, movida pelo sentimento anticlerical da conjuntura, varreu do caminho todo e qualquer esboço de inteligibilidade de eventos não conformes ao quadro de referências epocal.

Entre as duas opções, perspectivadas na longa tradição maniqueísta, entre a piedade irracional e a intolerância racionalista, move-se um largo "território de ninguém" onde o exercício de uma "terceira via" começa a ganhar foros académicos legítimos. Nunca isoladamente, mas conjugados com toda uma impressiva soma de experiências "anómalas", atípicas, no registo de outros contextos culturais e espaço temporais, os fenómenos de Fátima constituem, para os autores, prometedores campos de análise e investigação na área das ciências sociais e humanas, não omitindo sequer a aproximação a disciplinas físicas, como aqui procuramos demonstrar.

Não se invoque, assim, qualquer "legitimidade moral" que sustente o exclusivismo das incursões e apropriações confessionais na área fenomenológica das historicamente consagradas "aparições marianas". Aliás, os mais recentes fenómenos desta tradição epifânica, tão caracteristicamente inscritos nos arquétipos e sedimentos culturais e sociais do mundo religioso de expressão católica, como as "aparições" de Medjugorje, na ex-Jugoslávia, mereceram uma ativa participação de especialistas médicos, por forma a proporcionar o máximo de informações sobre o processo fenomenológico. É essencial, aliás, lembrar que as formas devocionais próprias da religiosidade popular não revestem o carácter dogmático de uma "verdade revelada", ou seja, exigem uma investigação, em toda a linha, dos seus conteúdos antropológicos e culturais, para nos cingirmos às mais notórias e acessíveis.

De resto, o objetivo deste nosso trabalho nem sequer é polemizar com atitudes fideístas, que respeitamos, mas recuperar, isso sim, para o debate crítico e científico um tema que entendemos conter em si outras virtualidades que não apenas as do primário "crê e abstém-te", que os mais convictos considerarão o limite do diálogo. O facto é que uma atitude cordata

e honesta não desdenhará relançar os olhos sobre uma Fatualidade iniludível de sobreposições e analogias que se prolongam no tempo e no espaço.

12

De facto, essas "vivas resistências" das ortodoxias ao exame das "experiências e manifestações religiosas e sobrenaturais" pela ciência, haviam sido já assinaladas por Émile Durkheim na obra *Les Formes élémentaires de la vie religieuse* (1912). Só que o acréscimo de informação global e de hipóteses de trabalho, entretanto acumuladas a vários níveis, nomeadamente no âmbito da investigação de "fronteira" do transpessoal, em Parapsicologia, por exemplo, vem justificando um progressivo empenhamento de núcleos e centros científicos universitários de vanguarda no tratamento "neutral" dessas fontes, almejando um eventual enriquecimento de uma pluralidade de saberes. Deste modo, as "aparições marianas" de Fátima (hierofanias, na sua tradução sacralizante), independentemente da origem (ou origens), ostentam uma evidente riqueza informativa que inspira, obrigatoriamente, um contraste detalhado e atento com a massa testemunhal das manifestações aerospaciais invulgares contemporâneas, de sigla OVNI, e cuja morfologia, comportamentos e efeitos complexos merecem uma circunstanciada e competente depuração científica. Ora, em 1917, nada disto foi conseguido em questões essenciais. Mas, indubitavelmente, as correlações sintomáticas expressam-se, quanto a nós, por si mesmo, sem mais adendas.

Resta recordar que, em Novembro de 1979, numa sessão da Academia Pontifícia das Ciências, o Papa João Paulo II admitiu, pela primeira vez, publicamente, os erros e injustiças cometidos pela Igreja Católica para com Galileu. E lembrou que, "como qualquer verdade, a científica não tem, efetivamente, contas a prestar senão a si". Então, intentemos dar um passo mais além, na justa precaridade da aventura temporal do Conhecimento, buscando o que se esconde por trás das humanas incógnitas e dos renovados mistérios.

Junho, 1994

13

PARTE I

RETRATO DA SENHORA QUE DESCIA DO CÉU

1

O DIA 13 DE MAIO

«Se os cachopos viram uma mulher vestida de branco, quem poderia ser senão Nossa Senhora?»

António da Silva

«- Ó mãe, vi hoje Nossa Senhora na Cova da Iria - afirmou Jacinta, no regresso a casa, no dia 13 de Maio de 1917.»

Um lugar ermo e pedregoso da freguesia de Fátima, onde nem uma família residia, tornou-se subitamente fulcro das atenções de jornais, esperança para os crentes, agitação para os políticos. A história portuguesa encontrava, naquela tarde de domingo, outros rumos, talvez novos destinos.

«- Se os cachopos viram uma mulher vestida de branco, quem poderia ser senão Nossa Senhora?» 2, perguntava, como a si próprio, António da Silva, irmão da mãe de Jacinta. No entanto, a visitante não declinara a sua identidade aos pequenos pastores. Naturalmente que, para uma Jacinta da antiga civilização celta, a Dama Celeste seria Belísama, a qual ficou na tradição como «semelhante à chama». Orejona, Astarte, Afrodite, Vénus teriam sido, provavelmente, outras divindades femininas, descendi-

17

das do céu, para Jacintas que tivessem vivido outrora, respetivamente, na zona da Bolívia, Síria, Grécia, Roma ...

Em 1917, na verdade, não podia ser mais ninguém. No entanto, Lúcia, a principal vidente e a que dialogava com a «Senhora», não estava convencida disso. Manteve-se calada. Maria Rosa, mãe de Lúcia, mulher pouco crente no sobrenatural, teve conhecimento do caso e decidiu averiguar, interrogando a filha sobre as alegadas visões do dia anterior:

- Ó Lúcia, ouvi dizer que tinhas visto Nossa Senhora na Cova da Iria?
- Quem foi que lho disse?
- Foi a mãe da Jacinta, a quem a filha o contara. É verdade?

Lúcia retificou:

- Eu nunca disse que era Nossa Senhora, mas uma mulherzinha bonita. E até pedi à Jacinta e ao Francisco que nada dissessem. Não tiveram mão na língua.
- Uma mulherzinha? .
- Sim, mãe.
- Então diz lá o que foi que te disse essa mulherzinha ...
- Disse-me que queria que nós lá fôssemos seis meses a fio, nos dias 13 chegados, e no fim diria quem era e o que queria de nós.»

A Aparição não se identificara, afinal. Prometera fazê-lo seis meses mais tarde. Todavia, Jacinta já "sabia" que se tratava de Maria de Nazaré e o povo seguia-a. Rapidamente, a notícia transbordou para lá do incógnito povoado, levando com ela o nome da Virgem. Por todo o lado se passou a anunciar que, na serra de Aire, a Mãe de Jesus era visita frequente. Os jornais e os políticos entram na liça. Mas os pequenos videntes continuam a não saber quem era aquela «mulherzinha» ...

Carlos de Azevedo Mendes, um jovem advogado de 29 anos à época, mais tarde deputado à atualmente chamada Assembleia da República, resolveu visitar o local dos tão reclamados prodígios. Foi em Setembro que, montando a cavalo, mostrando a sua figura dominadora, chegou à Cova da Iria. Conviveu com os videntes e familiares e acompanhou os pequenos pastores até à famosa azinheira. Numa carta endereçada à sua noiva, Carlos Mendes descreve o ritual preparatório das Aparições e acrescenta: «Todos os pequenos dizem sempre que quem lhes aparece

18

é a Senhora. Não sabem quem é. Só depois das seis vezes, no dia 13 de Outubro, lhes diz quem é e o que quer.»

Uma vez mais se constata que, enquanto Portugal inteiro «sabia» quem era a Senhora que descera na Cova da Iria, os principais protagonistas debatiam-se com as suas dúvidas.

Ocorre o dia 13 de Setembro e Lúcia dialoga com a Entidade. No dia 27 seguinte, entra na história fatimista o cônego Formigão, que adota o pseudónimo de Visconde de Montelo. Iria tomar-se o primeiro cronista de Fátima e o dinamizador desse centro mariano. Nesse dia, perguntou à vidente:

«- Perguntaste-lhe alguma vez quem era?

- Perguntei, mas declarou que só o diria a 13 de Outubro.»

Mau grado tais afirmações, o povo ávido de sobrenatural e os comerciantes sedentos de negócio erguiam já as imagens da Aparição: «Senhora da Paz», «Senhora do Rosário» são designações que se imprimem no rodapé das pagelas, reproduzindo entidades já consagradas nos altares de todo o País.

O dia 13 de Outubro acontece e, com ele, a promessa de identificação da Entidade. Mas a novidade já o não é, pois todos «sabiam» quem era a Senhora. Entre os cinquenta mil portugueses, os vendedores ambulantes apregoam prospetos com «uma imagem da Virgem como sendo a figura da visão» - anota o repórter do jornal O Seculo, na edição do dia 15. Um indivíduo de Leiria - conta-nos Inácio António Marques «apareceu a distribuir ilustrações com os retratos das três crianças e de Nossa Senhora».

Mas também os descrentes são dominados pela mesma febre divulgativa. Alfredo de Carvalho assinalava o empenhamento dos ateus, num artigo publicado no jornal A Luta do dia 18. «Um ilustre doutor da minha terra, que já foi a fina flor do jacobinismo local, dizem-me que gritava como um possesso, mãos cruzadas, olhos em alvo: "Lá vai a Virgem! Lá vai!" É um negociante, que é maçã e ateu, mas que não

19

se julga tolo, impingiu bentinhas e santas de papel aos papalvos dos labrotes, e parece-me que na Fátima lhe saiu a sorte grande.»

As mesmas dúvidas são ainda explicitadas através do pároco da freguesia, que, após cada aparição, escrevia as palavras que lhe eram transmitidas pelos videntes. No Inquérito Paroquial, reproduz uma passagem da entrevista com Lúcia, no dia 16:

«- Façam aqui uma capelinha à Senhora do Rosário. (A Lúcia tem dúvidas se foi assim como fica dito ou se foi: "Façam aqui uma capelinha. Sou a Senhora do Rosário".)»

A incerteza permanece até ao fim. «Rosário» significa também «capela». Trocadilho, confusão ... ou despistagem? O processo era imparável e ninguém estaria disposto a voltar atrás mesmo que Lúcia descobrisse que a Aparição era o espírito da avó ... «Quem poderia ser senão Nossa Senhora?», repetiam os habitantes do lugarejo, ignoto da alta-roda da História de 1917. Para um povo maioritariamente analfabeto, voltado para a devoção religiosa, quem mais poderia ser? Mesmo para as pessoas cultas, Nossa Senhora surgia como única habitante feminina de um mundo diverso do nosso. Esquecidas de há muito as deusas das civilizações antigas, como pagãs e falsas, nenhuma outra cabia na cultura universal de 1917; nenhuma outra Senhora poderia existir e surgir no espaço vestida de branco.

Mas, a poucos anos do século XXI, após termos derrubado a barreira da nossa atmosfera, iniciando os caminhos que levam às estrelas, não poderá, realmente, a «mulherzinha bonita», ser outro alguém, outra entidade?

1. Os pequenos pastores

Regressemos pois a 1917 em busca dos principais intérpretes deste encontro com uma Senhora Não Identificada. Portugal integrara-se na rotina de uma guerra que trespassava a Europa. Na província da Estremadura, numa aldeia igual a tantas outras, as pessoas continuavam

20

a lutar pela sobrevivência. Fátima, uma aldeia de grande extensão, integrava, na altura, trinta e dois lugares.

No lugar de Aljustrel, viviam duas famílias vulgares. Maria Rosa e António dos Santos, este conhecido pela alcunha de «Abóbora», criavam seis filhos vivos. Lúcia era o sétimo e último rebento e contava, na época, dez anos. Numa casa próxima, viviam Manuel Pedra Marta e sua mulher Olímpia de Jesus, mais nove filhos. Como esta última era viúva e já tinha dois descendentes quando se uniu ao Sr. Marta, Francisco era o sétimo filho dela e Jacinta o sétimo filho do marido. Em 1917 tinham, respetivamente, nove e sete anos e eram primos de Lúcia, dado que Olímpia era irmã de António dos Santos.

Recordando algumas das características das jovens testemunhas, temos que Francisco e Jacinta eram analfabetos e sujeitos a uma crença, por vezes cega, tomada do pai. O pároco de Fátima, no decurso dos seus inquéritos, anotaria que Manuel Marto era «demasiadamente crente, senão alucinado». Jacinta mostrava ser esperta. Via e ouvia a Senhora. Francisco era uma figura apagada na época das Aparições, havendo jornalistas que nem deram por ele no dia do «Milagre do Sol». Referem apenas «as meninas» (jornais O Seculo, Liberdade, O Mensageiro ...). «Era de poucas palavras e, em geral, imitava o que a irmã e a prima faziam. Dificilmente tinha qualquer iniciativa.» I Apenas prestou algumas declarações relevantes ao Visconde de Montelo, que o deve ter conseguido convencer, já que aos outros inquiridores de 1917 nunca forneceu dados de interesse.

Quanto a Jacinta, «respondia-me ao ouvido o que se recordava das Aparições», conta-nos o diretor do jornal O Mensageiro, «tendo como inabalável resposta, a maior parte das vezes, o silêncio ou não me recordo. [...] Quando lhe faço alguma pergunta sobre palavras que a Senhora proferira, Jacinta responde: "Não me recordo, a Lúcia é que deve saber."»

Excluindo, portanto, os interrogatórios orientados pelo Visconde de Montelo, resta-nos a Lúcia como ponto de partida para uma reconstituição dos eventos. Como poderemos concretizar o

perfil desta vidente? Que tipo de criança seria e como se processou o seu comportamento de adulta?

21

Não é fácil, hoje, elaborar o seu retrato psicológico, dado que, ao longo destes anos, diversos autores a têm endeusado ou inferiorizado, ao sabor das suas conceções. Há quem a rotule de «filha de alcoólico» e quem lhe atribua virtudes de santidade, para lá das devidas conveniências. Quando criança, surge-nos como uma moça inteligente, destemida e alegre, nada transparecendo nela que a definisse como «beata» ou «santinha». «Como todas as moçoilas da serra», escreve o padre João de Marchi, «Lúcia gostava de se adornar, nas ocasiões das festas, com cordões de oiro, com grandes arrecadas que caíam até aos ombros e um gracioso chapelinho guarnecido de contas doiradas e penas de várias cores.»

Na época, a sua cultura era escassa. Não existindo na aldeia escola para raparigas, poucas mulheres sabiam ler. A «professora» da vidente era a própria mãe. Segundo Costa Brochado 4, «Maria Rosa sabia ler alguma coisa em letras grossas e era sinceramente católica, educando nessa fé os filhos, a quem ensinava a doutrina e lia trechos adequados da vida de santos e passagens da Escritura».

A mãe de Lúcia costumava ler aos filhos um outro livro - Missão Abreviada -, onde se falava do Inferno em termos quase medievais, de suplícios e horrores infligidos às almas pecadoras, abordando ainda outras aparições marianas. O Visconde de Montelo pensou que a referida obra pudesse ter influenciado a jovem Lúcia e no dia 11 de Outubro dirigiu-se à mãe da vidente colocando-lhe a questão. Maria Rosa confirmou as leituras e a menção à aparição de La Salette, negando embora que este último caso tivesse cativado em particular o interesse da filha, afirmando que «nunca lhe ouvira nada a esse respeito». Idêntica pergunta foi feita pelo cônego Formigão à principal vidente, a qual repetiu a opinião materna, acrescentando: «Não pensava nessa história nem a contei a ninguém.»

Inconscientemente ou não, o certo é que Lúcia nos aparece como conhecedora de outras aparições clássicas, atribuídas à Mãe de Cristo. É natural que essa memória de fundo viesse à superfície quando, pela primeira vez, se defrontou com uma Senhora estranha, vestida de branco, sobre uma azinheira. Aliás, ela teria de considerar esses factos normais,

22

uma vez que as pessoas mais cultas que ela conhecia - os sacerdotes - os consideravam assim mesmo. Por outro lado, nunca ouvira dizer que do céu pudessem descer outras criaturas que não as da religião católica ...

A pequena vidente não podia superar-se a si mesma, desconhecendo tudo quanto existia para lá da fronteira da sua aldeia. O seu ambiente era eminentemente religioso, e esse cenário irá refletir-se na mensagem que nos transmite.

A própria exortação do Papa Bento XV, mostrando-se preocupado com o conflito mundial, foi referida na homilia da missa do dia 13 de Maio pelo pároco de Fátima. Nessa mensagem, Urbi et Orbi, os católicos eram convidados a voltarem as suas preces para a Virgem Maria no sentido de obterem «o fim da guerra». Tudo leva a crer que o cura da freguesia tenha divulgado ao auditório de gente simples e rústica o objetivo das novas invocações e litanias. É um dado não desprezível e que irá tornar-se uma das principais componentes da mensagem fatimista, canalizada através de Lúcia.

A verdade é que a jovem mantinha a sua ignorância sobre a estranha visitante celeste. Para além de Antero de Figueiredo, o padre João de Marchi também nos testemunha que ela afirmara, após a primeira aparição: « ... não sei se era Nossa Senhora ... era uma mulherzinha muito bonita». Mas, em Junho, os primeiros romeiros aglomerados junto à azinheira falavam já abertamente na «aparição de Nossa Senhora» ... Todo este ambiente se repercutirá nas questões que Lúcia coloca à Entidade e na interpretação das consequentes respostas.

O tempo transcorre e a jovem é cada vez mais subjugada pela cultura religiosa do meio. Até que, aos 14 anos, « ... em segredo, dispõem-se as coisas para ela ser internada num colégio muito distante de Fátima e ignorado de toda a gente», diz-nos Antero de Figueiredo. Nas

vésperas da sua partida, a jovem escuta reverentemente as ordens severas do bispo, que se condensam em três «sins», pronunciados pela vidente: não diz para onde vai nem quem é e muito menos voltará a falar nas aparições.

Não é uma retirada fácil e sem danos para uma personalidade jovem que tem de deixar as pessoas e as coisas do seu convívio. É Antero de Figueiredo que conclui, no remate de algumas páginas dramáticas:

23

«A sua obediente pessoa ... será amanhã coisa morta que os outros conduzirão.»

No seu retiro, Lúcia aprende a ler e a escrever. Redige cartas e memórias, incumbindo-se da missão de nos contar uma «outra história»: a de que «a mulherzinha» de outrora era, afinal, a Virgem Maria. Tudo quanto escreve passa pelas mãos do bispo. Quem a quisesse contactar tem de obter autorização junto das autoridades religiosas. Nós próprios tentámos fazê-lo em 1976. Da priores a da sua comunidade recebemos esta amável resposta:

«Com religiosos cumprimentos e votos de Santa Páscoa, vem informar que não tem jurisdição para autorizar visitas à irmã Lúcia, à exceção das de seus familiares ou íntimos. A Santa Sé corroborou o desejo da irmã, ao entrar no Convento, para viver na solidão e no silêncio e, assim, só permite à S. Congregação para a Doutrina da Fé conceder autorização para outras visitas. Coimbra, 16/4/1976.»

Compreende-se nos nossos dias. Mas, em 1929, um professor da Universidade de Bamberg, alemão, doutorado em Teologia, não conseguiu falar-lhe apesar das recomendações que trazia, incluindo a do cardeal primaz de Toledo. «Foi-me declarado que me era absolutamente impossível falar com Lúcia.»

Um dia, em Maio de 1946, a vidente voltou à sua terra, revendo a aldeia transformada numa quase cidade. O Visconde de Montelo, que exaustivamente a interrogara em 1917, quis voltar a falar-lhe. Na revista *Stella* 10, munido de um novo pseudónimo, «Mira Ceti», conta-nos as peripécias na residência das irmãs Doroteias e das dificuldades então encontradas para uma nova entrevista. O próprio cônego Formigão, redator dos principais documentos de Fátima, precisava de licença do bispo para interrogar a freira, que não era mais a rapariga corajosa que ele conhecera. Manteria Lúcia a sua versão dos acontecimentos?

Regra geral, os seus escritos e declarações de adulta entram em conflito com os seus depoimentos de 1917. Um dos exemplos mais acabados é o da versão, sempre alterada, do «fim da guerra». No dia 19 de Outubro, havia dito ao Visconde de Montelo que a Senhora lhe

24

afirmara em 13 de Outubro: «A guerra acaba ainda hoje.» Ora, tal não se verificou. Este pormenor é embaraçador se cotejarmos uma outra declaração, registada na revista *Brotéria*, de Maio de 1951, sob a pena do padre Luís Gonzaga da Fonseca. Aí, a já irmã Lúcia afirma: «Não ouvi dizer "a guerra acaba hoje", mas sim "se fizerem penitência a guerra acaba"» (carta escrita ao Rev. Dr. José Pedro da Silva, futuro bispo de Viseu, em 26 de Junho de 1947). Ainda o cônego Barthas, em 25 de Setembro de 1948, refere que a vidente negava ter ouvido dizer a frase «a guerra acaba hoje».

Concluimos daqui que as memórias tardias da principal vidente não podem servir de base incondicional e acrítica à investigação das ocorrências de 1917. Recorremos, por isso, no decurso desta obra, sobretudo às declarações da época, as quais nos podem preferencialmente conceder um conjunto de percepções mais apuradas, dada a juventude das testemunhas e inerente capacidade de registo. Com a ressalva, implícita, de que talvez nem essas nos transmitam a verdade integral. A verdade de cada um traz consigo a carga cultural do indivíduo, a influência do meio e a lógica das circunstâncias.

2. O encontro com a Senhora

Um domingo mais nascera na serra, naquele 13 de Maio de 1917. A caminho da missa, tal como os seus conterrâneos, Lúcia estaria longe de supor que esse dia iria alterar o destino do povo que a rodeava, para além do seu próprio. Era, inicialmente, um domingo como tantos

outros. Depois, o regresso a casa e a partida com os primos em direção às penedias cinzentas, dotados já do farnel sempre escasso.

Lúcia decidira que, nessa manhã, a pastagem dos rebanhos se efetuaria na Cova da Iria, numa propriedade de seus pais, situada a dois quilómetros de Aljustrel, lugar onde residiam os videntes. Os nossos pequenos pastores instalaram-se aí, entre grupos de carrasqueiras e pedras, disseminadas numa terra agreste e deficientemente cultivada, segundo a opinião do Dr. Pereira Gens, presente nos acontecimentos de 1917.

25

Depois da merenda, os pequenos pastores rezaram o terço apressadamente e começaram as suas brincadeiras.

Subitamente, uma explosão de luz inundou a paisagem árida. Em 1922, Lúcia conta-nos deste modo o início do fenómeno: «Andava guardando as ovelhas, na Cova da Iria, na companhia do meu primo Francisco e da Jacinta, brincando, fazendo um muro à volta de uma moita, e vimos um relâmpago. E disse eu para o Francisco: "Vamos embora, porque está a dar relâmpagos; e pode vir trovoadas." Voltámos às ovelhas para nos irmos embora. Chegando a meio da fazenda, deu outro relâmpago e vimos uma Senhora em cima de uma carrasqueira.

Ficámos muito assustados, por vermos aquele resplendor que A envolvia. Então disse-nos Ela: "Não tenham medo porque eu não vos faço mal."» A questão da procedência da aparição surgiu desde logo na mente de Lúcia. No Inquérito Paroquial, redigido quinze dias depois deste primeiro encontro, a vidente teria ouvido dizer à Senhora que «o seu lugar era o céu». Mas, nos Interrogatórios Oficiais de 1923/4, a mãe da jovem deporia o seguinte: «Ela disse que via uma mulherzinha muito bonita, que o vestido era todo branco e que à pergunta "donde era" apontara para o céu, dizendo que era de lá.»

À pergunta da vidente sobre o que vinha ali fazer, a Senhora respondeu: «Venho cá para te dizer que venhas aqui todos os meses até fazer seis meses e no fim dos seis meses te digo o que quero.» Sobre a duração da guerra, Lúcia obteve uma resposta vaga: «Não te posso dizer ainda, enquanto te não disser também o que quero.»

O restante diálogo é reconstituído pelo pároco Manuel Ferreira Marques. A Jacinta apenas testemunhou: «Quando Ela falava para Lúcia, ouvia uma voz piedosa, mas não se lembra de ouvir dizer senão que a gente [eles, videntes] ia para o céu.» De resto, ficamos a saber pelo mesmo sacerdote que Francisco nada ouvia.

Anos passados, em 1941, Lúcia viria a dar-nos uma nova versão deste encontro inicial com a Entidade. A descrição desta vez é mais enriquecida da:

26

«... vimos sobre uma carrasqueira uma Senhora, vestida toda de branco, mais brilhante que o Sol, espargindo luz mais clara e intensa que um copo de cristal cheio de água cristalina, atravessado pelos raios de sol mais ardente. Parámos surpreendidos pela Aparição. Estávamos tão perto que ficámos dentro da luz que A cercava, ou que Ela espargia. Talvez a metro e meio de distância, mais ou menos.»

Nesta versão, Lúcia afirma que a Entidade lhe disse ser «do céu», que voltaria ainda uma sétima vez e que todos eles, videntes, iriam para o céu, apesar de Francisco ter ainda de «rezar muitos terços». Novas perguntas sobre o destino de duas amigas mortas são igualmente integradas. A fase final, nesta versão, em que se faz referência à «graça de Deus», é também absolutamente nova, relativamente aos dados de 1917.

Segundo Lúcia, versão de 1941, à pergunta da Entidade sobre «se se queriam oferecer a Deus para suportar todos os sofrimentos em reparação dos pecados», a Senhora «abriu pela primeira vez as mãos, comunicando-nos uma luz tão intensa, como que reflexo que delas expedia, que nos penetrava no peito e no mais íntimo da alma ... ».

Perante este quadro, interrogamo-nos sobre as razões, o porquê das dúvidas de 1917 quanto à identidade da Aparição. Intencionalmente (ou não) pretende tardiamente insinuar que a Entidade era a Virgem Maria. De notar a caracterização de Deus como divindade sedenta de

sofrimento humano, já sintonizada com a opção religiosa conventual de Lúcia e com a nova personalidade a partir daí adquirida.

Não temos motivos para sobrevalorizar a capacidade memorial de Lúcia adulta, contrariando assim alguns autores fatimistas. Demonstrou, por exemplo, não se recordar da data em que lhe faleceu o pai, detalhe que qualquer um não esquece facilmente. No inquérito dirigido pelo já referido José Pedro da Silva, bispo de Viseu, a vidente mostrara-se já esquecida de factos que qualquer pessoa recordaria.

Feita esta aproximação memorial, importante para a caracterização do primeiro encontro, voltemos a 1917 para definirmos melhor o «retrato de corpo inteiro» da Senhora «mais brilhante que o Sol».

27

2

COMO ERA A ENTIDADE?

«A saia era branca e dourada, aos cordõezinhos ao comprido e atravessos e era curta ... O casaco era branco ... »

Inquérito Paroquial

A estátua que se encontra em frente à Basílica de Fátima com um coração fora do peito ou a imagem que se venera na localidade seguem os traços essenciais da Virgem católica e das suas múltiplas personalidades vigentes nos altares de todo o globo. O clássico manto sobre a cabeça, o vestido até aos pés, o terço entre as mãos ergui das são as constantes ao longo dos tempos. Todavia, à medida que consultávamos os documentos primordiais, as descrições exaradas no momento zero de Fátima, fomos nos apercebendo das diferenças entre o real e o imaginário. Retratemos, então, a «mulherzinha bonita», que tanto extasiou Lúcia.

1. O aspeto físico

«Uma espécie de boneca muito bonita» foi uma descrição de Lúcia que o jornal O Seculo de 23 de Junho de 1917 reproduziu. No Inquérito Paroquial lê-se que ela «tinha olhos pretos e era tão linda no rosto como nunca tinha visto senhora alguma». Os primos da vidente estão de acordo com ela.

O pároco da freguesia, Manuel Ferreira Marques, procedeu a algumas comparações com várias senhoras de apreciável beleza. Uma delas,

29

jovem de quinze anos, foi posta perante Jacinta, no dia 21 de Agosto. «Não foi nenhuma destas ... a outra é muito mais bonita», foi a resposta após o desfile das candidatas. Nem a jovem, vestida de branco, cabia na imagem que persistia no cérebro da pequena vidente. Francisco, instado pelo Visconde de Montelo em 27 de Setembro, repetiria os encómios sobre a beleza da «mulherzinha», negando qualquer comparação com as vizinhas terrestres.

Mas que idade teria essa «mulherzinha»?

Os inquiridores de 1917 não descuraram esse detalhe. No dia 11 de Outubro, Lúcia afirma ao Visconde de Mondelo que a Senhora «parece ter uns quinze anos». Ao diretor do jornal O Mensageiro, a vidente compara-a a uma rapariga da aldeia, de nome Virgínia, uma vizinha de doze anos ¹. Nessa via, não admira que o cónego Barthas tenha descrito a Entidade como «a maravilhosa menina» ², contrapondo-a a Maria de Nazaré, figura histórica que morrera já idosa.

Através do padre Lacerda, do jornal acima referido, ficamos a saber que a Virgínia, menina de 12 anos, «pode ter um metro e dez de altura», estimativa que coincide com a que se pode ler no Inquérito Paroquial: «Disse a Lúcia que a Senhora, que ela e os primos viram, tinha um pouco mais de um metro de altura ... » O cónego Barthas concorda que esta dama estranha «não se parece com nenhuma das imagens de Nossa Senhora ou de outras santas que tenham visto até então».

Os videntes insistem, amiúde, que a Senhora «cegava». O resplendor que a envolvia «é mais bonito que a luz do Sol e muito brilhante», diz-nos Lúcia, através do Visconde de Montelo. Dois dias após o «último encontro», a vidente queixava-se àquele sacerdote que «desta vez

também cegava» e que «de vez em quando eu tinha de esfregar os olhos». Segundo Francisco, «o rosto da Senhora era mais claro» que o Sol. E Jacinta queixa-se igualmente no dia 11 de Outubro, dizendo que não podia olhar bem para a Entidade, «porque faz mal aos olhos».

30

Gilberto Fernandes dos Santos, comerciante em Torres Novas, falando com os pequenos videntes em Aljustrel, dois anos depois dos acontecimentos, reporta-nos esta descrição:

«Nossa Senhora era uma Senhora muito bonita. Tinha um vestido branco que a tapava do pescoço aos pés, mas era um branco que dava luz. Tinha sobre o vestido um manto branco, mas de um branco que dava luz» Acrescenta que, quando a vidente viu a imagem pronta, declarou que «era ainda mais bonita, porque Ela era branca, mas de um branco que dava luz».

2. O vestuário

Aqui, defrontámo-nos com uma das maiores incongruências relativamente ao conjunto das descrições típicas da Virgem Maria. Trata-se, na nossa opinião, do principal ponto de rutura com a tese clássica da Aparição. Vejamos o que o rigoroso pároco da freguesia deixou escrito no seu importante relatório:

«Disse a Lúcia que a Senhora, que ela e os seus primos viram ... vinha vestida de branco. A saia era branca e dourada, aos cordõezinhos ao comprido e atravessos e era curta, isto é, não descia até aos pés. O casaco era branco, não dourado. Manto branco, que da cabeça descia até à orla da saia, dourado aos cordõezinhos de alto a baixo e atravessas, nas orlas o ouro era mais junto. O casaco tinha dois ou três cordõezinhos nos punhos. Não tinha cinto fita ou faixa à cintura. (. . .) Parecia-lhe que tinha meias brancas, não douradas, mas que não dava a certeza, porque para pouco mais olhava do que para o rosto.»

Como se verifica, esta descrição não corresponde a nenhuma Senhora do culto católico. De referir, entretanto, que o pároco manteve-a escrita, talvez por uma questão de fidelidade histórica, deixando transparecer as suas dúvidas quanto à identificação da Senhora com a Virgem Maria dos Evangelhos. A sua posterior saída da "freguesia poderia marcar a discordância com a marcha dos acontecimentos, lavando as mãos como Pilatos.

31

Mas não foi apenas Lúcia a referir-se à intrigante indumentária da Senhora. Jacinta repete a descrição ao pároco da freguesia, e Francisco afirma o mesmo ao Visconde de Montelo, em 27 de Setembro. Nas suas Memórias, Lúcia viria a corrigir pretensamente a observação de Francisco, adiantando que essas riscas ou cordões se deveriam «à ondulação da luz que formava como que a roda do vestido».

Ainda aqui a memória adulta da vidente se mostra instável, já que ao diretor do jornal O Mensageiro reafirmara que a Senhora envergava uma saia sem roda. E, perante aquele, a própria vidente mimou a pose da Senhora, ajustando as saias e repuxando-as para trás: «Assim é que estava a Senhora. Era da altura da Virgínia. O vestido era todo branco. A saia chegava-lhe aos artelhos e tinha meias brancas.»

O pormenor das meias, aliás, varia nos interrogatórios. Umas vezes vinha descalça, outras vezes trazia meias, embora na imagem clássica tivessem colocado umas sandálias ... No seu relato de 1922, Lúcia admite que poderiam ser meias ou os pés descalços, «porque eu não lhe diferenciava os dedos».

No tocante à cabeça, encontramos vários termos nos testemunhos: véu, manto, resplendor, cestinho... No conjunto dos depoimentos, o mesmo quadro limitativo de noções, bem próprias do ambiente. Mas a ideia do «cestinho» confirma com algo de mais plausível. É a própria Lúcia quem o exprime ao padre Humberto Pasquale: «Sobre a cabeça, tinha como "um cestinho de ouro" riquíssimo e deslumbrante.» O que quer que fosse, deixava à vista a testa da Entidade, enquanto os cabelos (?) se encontravam cobertos pelo manto.

Por este «retrato» podemos consolidar a ideia de que a invenção, por analogia com as representações clássicas da Virgem, é uma possibilidade remota quanto à descrição exterior da Entidade de Fátima.

32

3. Os adereços

Enquanto Jacinta e Francisco afirmam não ter visto orelhas na Entidade, Lúcia afirmaria ao Visconde de Montelo, em 27 de Setembro, que lhe vira «umas argolas pequenas». Lúcia daria mais tarde outra interpretação de algo que lhe teria parecido argolas: « ... O cordão de ouro que, à maneira de um raio de sol mais ardente, parecia debruçar-lhe o manto refletia no vão que deixava o manto, ao cair da cabeça sobre os ombros no próprio brilho de Nossa Senhora, fazendo umas ondulações tão variadas, na própria luz, que alguma vez me deu a ideia de umas pequenas argolas.» Argolas ou algo similar não pendiam pois de quaisquer orelhas, mas situavam-se na confluência do pescoço com os ombros.

O terço, elemento indissociável da imagem clássica de Fátima, é passível aqui de dupla interpretação quanto à sua funcionalidade. Ao pároco de Fátima, Jacinta comunicara que a Senhora «trazia umas contas muito branquinhas penduradas nas mãos e seguras entre os dedos indicador e polegar de ambas as mãos, que tinha erguidas à cintura ... ». Por seu turno, Gilberto Fernandes dos Santos, bem documentado, sugere-nos que «as contas lhe pendiam das mãos (eles disseram que trazia nas mãos), também eram brancas e davam luz» 2. A opção entre pender e trazer pode conduzir-nos a ilações interessantes, sob o ponto de vista simbólico.

Mas outros adereços continuam a afluir, ao compulsarmos, por exemplo, o primeiro manuscrito da vidente, datado de 1922. De novo se nos depara a questão da linguagem, da sua manipulação em função do contexto cultural. P. O. Faria reconhece que o primeiro cronista de Fátima - o Visconde de Montelo - «nos deixou os seus relatos bem retocados e numa linguagem sua, que não dos videntes». Foi assim que, ao transcrever uma resposta da Lúcia, em 27 de Setembro, nos afirma: «Vêem-se nele [vestido], na frente, dois cordões dourados que descem do pescoço e se reúnem por uma borla também dourada à altura do meio do corpo.» Voltando ao manuscrito de 1922, lemos o seguinte: « ... ao pescoço, um cordão com uma bola chegava até à cinta». Tratar-se-ia, pois, de uma bola e não do adereço que permaneceu, pela força das convenções, na atual imagem da Virgem.

33

Francisco, ao perguntar «porque estava Nossa Senhora com um coração na mão espalhando pelo mundo essa luz tão grande que é Deus», traduz, por um eufemismo lógico, a manipulação da referida bola por parte da Senhora, o que deixa supor que ela permanecia junto à cinta. Repare-se na complexidade conceptual do discurso de Francisco e reveja-se o que temos dito sobre a adaptabilidade temporal e simbólica de toda esta linguagem aos acontecimentos de Fátima.

Se a «bola» de 1922 se transforma em «coração» em 1941, setenta e quatro páginas mais tarde este converte-se no «Coração Imaculado de Maria».

Fig. I - " ... abriu as mãos e nos comunicou ... o reflexo dessa luz imensa ... A Jacinta e o Francisco parecia estarem na parte dessa luz que se elevava para o Céu e eu na que se espargia sobre a terra. À frente da palma da mão direita de Nossa Senhora estava um coração cercado de espinhos que pareciam estarem-lhe cravados. Compreendemos que era o Coração Imaculado de Maria ultrajado pelos pecados da Humanidade que queria reparação" - Lúcia, na IV Memória.

(Os desenhos não são de Fátima, mas de uma observação na Argentina, em 1968. Foi esta "bola" que deu origem mais tarde à devoção do I. Coração de Maria e a uma das partes do segredo. Os desenhos encontram-se na obra "Encuentros con humanoides", do espanhol António Ribera)

34

4. Os movimentos

Os videntes concordam em que a Entidade «nunca se sorriu nem se mostrou triste, mas sempre séria». Também nunca dirigiu o olhar para a multidão circunstante, nem se benzeu, rezou ou desfiou as contas do terço. Francisco, que não ouvia a Senhora, reparou noutro pormenor: a imobilidade dos seus lábios.

E as mãos? Pelo menos, movimentava-as quando manipulava a bola. Quando falava, disse Lúcia ao pároco da freguesia que «separava as mãos pouco mais ou menos à distância dos ombros». A um padre holandês, Huberto longen, Lúcia deixa-nos perceber que na quarta e quinta aparições a Senhora não movimentou as mãos, enquanto na sexta «voltou a palma das mãos para cima; e os raios que delas brotavam pareciam refletidos pelo Sol».

35

A 19 de Outubro, Jacinta afirma ao Visconde de Montelo que «a Senhora apontou com o dedo para a banda onde está o Sol». Horas depois da última aparição, é Francisco quem nos dá mais um indício: «Não caminhava. Ia certinha, não mexia os pés.» Deslizava em direção a um ponto do céu, mas, curiosamente, ela partia de costas para eles, o que sugere que se movimentava dando meia volta. A Entidade ia recuando de costas para as testemunhas e desaparecia pouco a pouco. Primeiro «foi a cabeça. Depois o corpo, a última coisa que vi foram os pés» (Lúcia). Resumindo, portanto, os principais traços do «retrato» da Entidade «que desceu do céu», temos:

- Era uma figura aparentemente feminina, muito bela;
- Era envolvida por uma luz «que cegava»;
- Media cerca de 1,10 m de altura;
- Aparentava uma idade entre os doze e os quinze anos;
- Vestia uma saia travada, um casaco e um manto, talvez uma capa. Eram brancos, mas a saia e o manto tinham uns cordõezinhos em quadriculado; dourados. O casaco tinha dois a três cordões nos punhos;
- Trazia algo na cabeça que lhe cobria as orelhas e os cabelos;
- Tinha olhos negros;
- Trazia consigo um «terço», uma espécie de argolas no pescoço e uma bola luminosa na cintura;
- Vinha do alto e desaparecia pouco a pouco, no sentido inverso;
- Não executava movimentos faciais nem articulava os membros inferiores na sua locomoção;
- Falava sem mexer os lábios;
- Movimentava apenas as mãos, de vez em quando;
- Voltava as costas aos videntes quando partia.

36

3

QUEM ERA A ENTIDADE?

«Santíssimo Padre: em 19 de Setembro de 1846, apareceu-me uma Senhora; dizem que é a Bendita Virgem; Vós julgareis, pelo que se segue, se acaso era Ela.»

Vidente de La Salette

A aparente diversidade morfológica das entidades que atuam no contexto das aparições de tipo religioso, o teor da mensagem que deixam aos recetores humanos, revestindo facetas distintas, intrínsecas e extrínsecas, parecem apontar para uma multiplicidade de géneros. O único elo visível entre este tipo de manifestação é a adoção de uma personagem feminina, distinta do nosso mundo conhecido.

O senso comum diz-nos que uma pessoa que faleceu há dois mil anos, idosa, não pode circular nos nossos dias com o ar de uma moça de quinze anos. Por vezes, essa entidade, identificada com a Virgem Maria, é uma pessoa comum, batendo às portas, como sucedeu em San Darniano. Outras vezes, deixa-se tocar e a sua figura é nitidamente carnal, chegando a emitir calor (L'Ile-Bouchard, Dezembro de 1947). Em 1950, na Sicília, Maria Pina, de doze anos, viu uma Senhora que «era de carne; ela colocava a mão sobre o meu ombro. A mão era de carne viva, eu a toquei. O seu vestido era muito branco». Por seu turno,

37

o médico brasileiro Fausto de Faria (1967-68) disse que «a dama (vestida "à Virgem") parecia distintamente de carne e osso».

A estatura dessas «Virgens» oscila entre a das raparigas do povo (San Damiano) e o tamanho de uma «garrafa de vinho» (França, Hydrequent, 1953); umas são grandes (Dr. Fausto de Faria), maiores que o normal (La Salette); outras pequenas, do tamanho das videntes: 1,10 - 1,20 m (na maioria dos casos, Lourdes, Fátima).

Se os crentes não duvidam tratar-se de representações múltiplas da Mãe de Cristo, os intérpretes mais diretos destes casos manifestam publicamente as suas dúvidas. Foi assim em La Salette, Lourdes e Fátima. O que leva crianças analfabetas, cuja única cultura é a religiosa doméstica, a duvidar da identidade do ser que lhes surge pela frente?

1. As dúvidas das videntes

La Salette

Cinco anos após os acontecimentos, Melanie, de 15 anos, a principal vidente, escreve ao papa, dando-lhe conta dos clássicos «segredos», começando por dizer: «Santíssimo Padre: em 19 de Setembro de 1846, apareceu-me uma Senhora; dizem que é a Bendita Virgem; Vós julgarás, pelo que se segue, se acaso era Ela» I Ou seja, a vidente transfere o problema da identificação para o papa, ilibando a sua responsabilidade.

Lourdes

«Bernardete nunca deu à Senhora o nome de Santa Virgem na altura das aparições», escreveu o padre Cros, que a interrogou e historiou estas conhecidas manifestações em França. 2 Após vários encontros com a Entidade, a jovem insistia: «Os outros é que dizem que é a Virgem

38

Maria.» 3 Diante da imagem da Senhora, esculpida por J. Fabisch, exclamou surpreendida: «É belo ... mas isso não é ela.» 4 Quem nos narra este facto é o Prof. Xavier Coutinho, docente da Faculdade de Letras do Porto e do Seminário Maior desta cidade, membro da Academia das Ciências e com responsabilidades em instituições de Arte.

Fátima

A irmã de Lúcia, Maria dos Anjos, reafirmou, em Maio de 1979, a um jornalista do Jornal de Notícias 5 o parecer inicial da vidente quando perguntara a esta o que se havia passado.

Também ao cabo de 62 anos, Fig. 3 - À esquerda, uma pagela da Virgem de Fátima de 1927 lado a lado com o seu modelo, Nossa Senhora da Lapa, pagela de 1914. (Doe. Dr. Xavier Coutinho.)

39

a entrevistada se recorda de a irmã lhe ter narrado como lhe aparecera «uma Senhora muito bonita, muito embora nunca se referisse a Ela como sendo Nossa Senhora».

Nas suas Memórias, a vidente chega a confessar que, após as aparições de Maio e Junho, pensou desistir de comparecer aos «encontros» por temer que se tratasse de obra do Diabo ... Acabou por reconsiderar, mas «impelida por uma força estranha», componente onnipresente nestes confrontos com uma outra inteligência, como veremos. Porquê estas dúvidas?

Tal como em Lourdes, também a imagem da Capelinha das Aparições, oferecida em 1920 por Gilberto dos Santos, não corresponde à descrição inicial da Entidade. No entanto, é a ela que se atribui culto na Cova da Iria. Conta-nos o Prof. Xavier Coutinho 7 que Gilberto Fernandes dos Santos entrevistou os videntes e encomendou a imagem à Casa Fânzeres, de Braga. O operário a quem coube a execução da tarefa, um tal J. Thedim, não teve dificuldades de maior para a concretização do seu trabalho: «inspirou-se numa imagem de Nossa Senhora da Lapa, da Casa Estrela, que correspondia com evidente fidelidade à descrição feita pelos videntes de Fátima. Nesta imagem, que faz parte do Catálogo da Casa Estrela, publicado em 1914, com pequenas modificações de pormenor... estava encontrada a solução, que teve o maior sucesso no Santuário da Cova da Iria», conclui o mesmo sacerdote.

Tudo isto nos leva a concluir que as vivências dos pequenos pastores foram superadas pela crença popular, pela ideia subjacente, distorcida, da realidade. O sobrenatural é uma noção sincrética, confusa, onde habitam seres e entidades que há que «humanizar» e amenizar, talvez. As imagens constroem-se, o culto surge. Levantam-se os santuários, canalizando-se para eles o fluxo das multidões, timoratas do presente, ignorantes do futuro. Quanto aos

videntes, afastados do mundo, vêem-se amarrados nas lianas do imaginário que ajudaram a florescer e, infelizmente, são afastados da mira dos investigadores objetivos. Depois, a crença institucionalizada não raro considera crime de lesa-majestade a busca da verdade nas origens. Uma verdade que pode ser muito mais «sobrenatural» ... e crível.

40

2. Constantes da mensagem de Fátima

Sabemos quão difícil é interpretar o que não se entende. Perante as mensagens «marianas», temos a sensação pura de uma Certa dessincronização com os ensinamentos da Igreja Católica. Já o padre André Richard expedia essa preocupação ao escrever que «um grande esforço foi feito no nosso tempo para integrar a doutrina marial na teologia».

A mensagem traduzida por Lúcia não pode, por isso, ser entendida à letra, na íntegra. Existe todo um processo semântico posto em marcha no decurso do tempo. Por outro lado, uma aproximação ao conteúdo da mensagem fatimista terá de ter em conta a relativa fidelidade do primeiro depoimento de 1922. Vimos já o diálogo travado em 13 de Maio. Nos meses seguintes, a indefinição prossegue, girando a conversação entre a Entidade e Lúcia, através dos seguintes temas nucleares: marcação do próximo encontro (aos dias 13), recitação do terço, feitura de andores, sugestões de alfabetização de Lúcia, pedidos de curas, ofertas de presentes à Senhora, construção de uma capela e promessa de um milagre, além da questão da guerra.

De reter, imediatamente, que não existe uma expressão explícita, ao longo dos seis meses, que permita claramente identificar a visitante celeste. É curioso ainda debruçarmo-nos sobre uma frase do diálogo travado em 13 de Outubro. Nessa data, a Senhora diria a Lúcia: «Façam aqui uma capelinha a Nossa Senhora do Rosário.» A vidente tem dúvidas se teria sido: «Façam aqui uma capelinha. Sou a senhora do Rosário.» Pensamos que estas dúvidas podem ser lógicas, sabendo que «capela» e «rosário» significam o mesmo na língua portuguesa e noutras. A Entidade pode tê-las incluído na mesma frase, provocando as dúvidas de Lúcia.

Assim, socorrendo-nos uma vez mais do Prof. Xavier Coutinho, verificamos que, «etimologicamente, chapelle (ou capela) não é mais que um conjunto de flores à volta da cabeça, exatamente como Nossa Senhora trazia e mostrou aos videntes de La Salette; não faltava ao peito a cruz pendente do rosário de flores. Rosário e capela são sinónimos».

41

Neste particular, extraímos da mensagem de Fátima quatro designações que apontam para um único significado:

- capela; rosário; terço; arco de flores à roda.

Talvez tenha importância referir que um arco de flores à roda e um terço, quando abertos e não sofrendo a ação da gravidade, formam o mesmo símbolo.

Na nossa cultura, esse símbolo significa:

- deusa Vénus (uma deusa-mãe);

- planeta Vénus;

- Stella Matutina (que designa o mesmo planeta e a Virgem Maria);

- tudo o que seja feminino;

- cromos soma da fêmea.

Recorde-se ainda que o deus Quetzalcoalt, que desceu do céu e deu origem a uma das mais notáveis civilizações de todos os tempos, era igualmente conhecido por «Stella Matutina», segundo os antigos códices maias. Um símbolo-contacto?

42

3. A não identificação da Entidade

Não foi apenas em Fátima que a Entidade manteve a sua identidade sob reserva. Outras aparições do mesmo tipo permaneceram sem nome. Tizané, na obra *Les Apparitions de la Vierge I*, estudou 57 casos de aparições ao acaso, relativamente à identificação declinada pela Entidade. Nessa relação apresenta a Senhora de Fátima como identificada, o que não é verdade. Admitindo que sejam verdadeiros os restantes casos de identificação que apresenta, verificamos que, nas sete aparições reconhecidas pela Igreja, a Dama nomeou-se apenas em

três casos (43%). Nos outros 50 casos de aparições não reconhecidas não se nomeou em 27 (54%)

Em Beauraing, crianças veem um vulto branco a movimentar-se no espaço e logo exclamam: «Olhem a Santíssima Virgem a passear sobre a ponte.» Assim fatalmente todas as senhoras estranhas que aparecem entre nós são identificadas com Maria de Nazaré. É um dado adquirido pela força do hábito. Nalguns casos, as visitantes celestes surgem, curam alguém (quase sempre mulheres e desaparecem sem deixar cartão-de-visita...

4. Que origens?

Não sendo possível estabelecer de imediato, os limites da situação espaço temporal deste tipo de entidades, tentaremos enquadrar as fronteiras do próprio fenómeno «aparição» que, de acordo com Salvador Freixedo, se caracteriza, em todas as épocas, religiões ou ambientes, por ser:

43

- um fenómeno real que não é precisamente o que estamos vendo e ouvindo;
- um fenómeno de ordem física (radiações, vibrações, etc.), mas regido por leis físicas que desconhecemos por agora;
- um fenómeno que altera por completo o normal funcionamento dos nossos sentidos e do nosso cérebro, induzindo-o (intencionalmente ou não) em erro.

Enquanto alguns autores, como Bertrand Méheust, recusam totalmente a hipótese extraterrestre do primeiro grau, isto é, tratando-se de seres tripulando engenhos materiais, outros, como Aimé Michel, evoluíram para os domínios avançados da para física ou física das interações entre a consciência e a matéria. O fenómeno ovni, e, por arrastamento, o fenómeno «aparição», seria talvez um fantástico poltergeist (objeto que se desloca espontaneamente, na realidade, crê-se, sob a ação psíquica, à distância, de alguém) ...

O mesmo Salvador Freixedo sistematiza algumas propostas para a origem (ou origens):

- projeção do inconsciente coletivo da Humanidade;
- manifestação de entidades ou energias inteligentes de outras dimensões;
- manifestações de outros habitantes físicos do nosso mundo;
- núcleos de energia psíquica quase inteligente residual, atuando automaticamente;
- visitas de seres extraterrestres.

Outros investigadores, dentro de um prisma mais racional e económico, englobam as eventuais procedências em três grandes grupos:

- algures no universo (sistema solar, nossa galáxia ou outras);
- num universo:

- 1.º - paralelo ao nosso espaço-tempo;
- 2.º - paralelo ao nosso espaço mas não contemporâneo;
- 3.º - paralelo ao nosso tempo mas não no espaço;

44

- processos inteligentes para além do nosso continuum espaço temporal.

Também os Drs. Jacques Vallé e Allen Hynek vogam por parâmetros semelhantes. Numa das suas obras 6, supõem quatro hipóteses:

1 A - extraterrestre; 1 B - extra-humana terrestre; 2 A - base secreta humana; 2 B - programação genética.

Aventam ainda, como hipótese de trabalho, a interação de universos com leis quânticas diferentes ou o nosso continuum espaciotemporal como sendo apenas um «corte» num universo de várias dimensões.

Mas ter-se-á observado em Fátima outra fenomenal agia que apoie a nossa suspeita de não se tratar de uma aparição de Maria de Nazaré?

45

PARTE II

O INSÓLITO QUE NÃO PODIA SER INVENTADO

1

OS FENÓMENOS DA COVA DA IRIA

«Todos três correram para a azinheira e nós atrás deles ... Então, começámos a ouvir uma coisa assim, a modo duma voz muito fina, mas não se compreendia o que dizia; era como um zumbido de abelha.»

Maria Carreira

1. Relâmpagos

O diretor do jornal O Mensageiro, padre José Ferreira de Lacerda, interrogou Lúcia em 1917, como sabemos. Perguntou-lhe:

«- O que fazias tu quando viste Nossa Senhora pela primeira vez?

- Andávamos a guardar as ovelhas. Fazia sol. Deu um relâmpago e eu disse: -o Francisco, é melhor irmos embora que vem trovoada." Deu outro relâmpago, olhei para a carrasqueira e vi uma senhora em cima dela ... »

O relâmpago, num dia de sol e sem trovoada, foi o primeiro fenómeno insólito observado na Cova da Iria. Nessa primeira aparição, os videntes estavam sozinhos, foram os únicos a testemunhá-lo. Nos outros meses, era o relâmpago que anunciava a chegada da Entidade. Em Setembro, «pela hora do meio-dia, lá estávamos à espera que a Senhora viesse. Deu então um relâmpago e apareceu a Senhora».

49

Segundo Lúcia, esse relâmpago antecedia sempre as aparições. Observou-o de Maio a Outubro e no dia 19 de Agosto, nos Valinhos. Mais tarde, a vidente encontrou outros termos para definir esse relâmpago. «Os relâmpagos não eram propriamente relâmpagos», diz-nos ela nas suas Memórias 3, «mas sim o reflexo de uma luz que se aproximava. Por vermos essa luz é que dizíamos, às vezes, que víamos Nossa Senhora; mas propriamente Nossa Senhora só a distinguíamos nessa luz quando já estava sobre a azinheira».

Relativamente à aparição de Junho, por exemplo, continua Lúcia a dizer-nos 4: «Depois de rezar o terço com a Jacinta e o Francisco e mais pessoas presentes, vimos de novo o reflexo da luz que se aproximava (a que chamávamos relâmpago).»

Com o espalhar da notícia das aparições, diversas pessoas começam a acorrer ao local. De Junho a Outubro, os videntes nunca mais estiveram sozinhos. Esses primeiros «peregrinos», na altura apenas curiosos, não teriam observado «relâmpagos» na Cova da Iria?

Não se encontra nenhum depoimento que nos fale dessa observação. Exceto num mês - Agosto! Mas é interessante verificar que, nesse dia, não se encontravam presentes as crianças. O presidente do município (Vila Nova de Ourém) aparecera em Aljustrel e oferecera-se para transportar os pastorinhos de carro. Chamava-se Artur de Oliveira Santos. Foi presidente e fundador de uma loja maçónica, substituto do juiz da comarca e era um republicano anticlerical convicto. Agindo, por isso, politicamente, tentando acabar com a «reação à República liberal», não parou na Cova da Iria e levou os videntes para sua casa.

Quando a notícia da detenção chegou à multidão de quinze a dezoito mil portugueses, aglomerada junto à carrasqueira, houve exaltados que pretendiam encaminhar-se para Vila Nova de Ourém. Entretanto, a Entidade, mesmo na ausência dos pastorinhos, produziu o «sinal». E foi assim que os presentes observaram pela primeira e última vez o «relâmpago» ou explosão de luz.

Um seminarista, mais tarde conhecido por padre Joel de Deus Magno, relata ao Visconde de Montelo: «Estávamos nisto, quando apare-

50

eram uns homens muito contentes dizendo que Nossa Senhora tinha parecido. Despedi-me logo dos padres e fui para cima. Vinham já as estradas cheias daquele povo que comentava o estrondoso facto. A cada grupo eu perguntava o que tinham visto e, em menos de um fósforo, via-me cercado de toda aquela gente, que, em grande gritaria, me contava que ouviram um trovão e toda a gente fugira (...) outros que tinham visto um relâmpago ... »

Mas houve quem permanecesse no local e nos conte: «O povo fez silêncio. O tempo era claro. Pois, de repente, se formou um relâmpago to céu sobre o altar e fez de roda do altar um redemoinho ... » (João Pereira Novo, de Famalicão, uma aldeia próxima à vila da Nazaré.)

O altar era composto por uma mesa com flores e um arco de paus com duas lanternas. Tinha sido preparado por Maria Carreira. Conhecida também por Maria dos Santos e Maria da Capelinha, esta mulher do povo foi a testemunha mais importante das aparições e a maior obreira de Fátima. Foi ela quem serviu de tesoureira das verbas avultadas nos primeiros tempos, que esteve à frente da construção da Capelinha das Aparições e que trabalhou sempre para o desenvolvimento desse centro de religiosidade.

Em Agosto, narrou a João de Marchi 8 que se levantou «um burburinho e não sei o que aquilo daria se não se ouvisse de repente um trovão ... Ao trovão seguiu-se o relâmpago ... »

CONST AT AÇÕES EM OVNILOGIA

A Ovnilogia (ou Ufologia) é o conjunto das disciplinas científicas que estudam o complexo problema dos objetos voadores não identificados. Outrora, todas as observações deste tipo eram conotadas com a fenomenologia religiosa. Entidades sobrenaturais, benéficas ou maléficas (segundo os padrões religiosos adotados), anjos ou demónios, deuses

51

ou seres de luz, eis a designação dos visitantes celestes do passado. As figuras femininas têm sido «reconhecidas» como tratando-se de Maria de Nazaré. Surgem sob tantas facetas, formatos e aspetos que a religião católica se tornou, sem o pretender, na maior crença politeísta da História. Até um livrinho apologético, pretendendo realçar Maria, nos diz: «Quantas "Senhoras" haja na nossa Terra é coisa que ninguém pode saber. Nem com cérebros eletrónicos.»

Nos nossos dias, imensa literatura nos descreve observações insólitas por todo o planeta. Se folhearmos essas obras, encontraremos certamente depoimentos que nos falam não só em relâmpagos, fora dos dias de tempestade, como em toda a gama de manifestações de que falaremos nas páginas seguintes.

Sudeste da França, 2 de Novembro de 1968

Um médico eminente, que pediu o anonimato ao investigador francês Aimé Michel, foi acordado pelos gritos do seu filho de catorze meses e que apontava para uma janela que dá para o exterior e através da qual se notavam relâmpagos que o médico tomou como prenúncio de tempestade. Dirigindo-se ao terraço da residência, viu no exterior, a curta distância, dois objetos idênticos em forma de disco que, progressiva mente, se aproximaram entre si, acabando por fundir-se num só 10.

Espanha, Almonaster la Real, 3 de Agosto de 1977

Dentro da fenomenologia ovni, encontramos também relatos de "relâmpagos" precedendo a aparição de seres bizarros. Assim, a espanhola Ceferina Vargas Martin seguia por um caminho quando recebeu, de repente, um reflexo nos olhos. «Foi uma luz deslumbrante que lhe molestou a vista. Uns quinze a vinte metros mais adiante, recebeu um novo relâmpago na cara. Foi, como o primeiro, um feixe de luz branca do tamanho de um farol de bicicleta.»

Subitamente, sentindo que as suas

52

forças lhe estavam a faltar, no lugar donde viera a luz viu dois estranhos seres, sendo um deles uma figura de mulher, muito alta.

Recuando rapidamente a 1917, será curioso estabelecer a síntese final das observações citadas com a descrição da Lúcia sobre os primórdios da observação da Senhora.

«Andando a brincar com a Jacinta e o Francisco, no cimo da encosta da Cova da Iria, a fazer uma paredita em volta de uma moita, vimos, de repente, como que um relâmpago.

"É melhor irmos embora para casa", disse a meus primos, "que estão a fazer relâmpagos; pode vir trovada ... "

E começámos a descer a encosta, tocando as ovelhas, em direção à estrada. Ao chegar mais ou menos a meio da encosta, quase junto de

uma azinheira grande que aí havia, vimos outro relâmpago e, dados alguns passos mais adiante, vimos sobre a carrasqueira uma Senhora ... »

A luminosidade ofuscante emitida pelos ovnis é representada por várias expressões ao nível dos testemunhos reunidos. Essa ideia, regra geral, está presente aquando da aproximação da fonte de emissão representada, nestes exemplos, por objetos não identificados. O físico James McCampbell procedeu a uma curiosa e detalhada aproximação ao modo de produção desta luz brilhante e branca, oriunda dos ovnis. Em síntese, relaciona-se com a manifestação do raio ordinário e do raio globular, analisando em profundidade as condições de temperatura e consequente ionização dos gases da atmosfera para que se verifiquem estes flashes de luz branca. Na base de uma emissão pulsante de microndas, e com a ajuda de um campo eletromagnético criado por aquelas, formar-se-ia um plasma em redor do objeto.

2. «Zumbidos de abelha»

E essa Senhora falava. Para Lúcia, nada tinha de estranho. Entendiam-se na língua portuguesa, como se Maria de Nazaré se tivesse tomado poliglota, como se dois mil anos não alterassem a linguagem dos povos. A notícia espalhou-se pelo povoado, e parte da vizinhança ocorreu ao local, no dia 13 de Junho.

Não eram muitos. «Conto as pessoas e vejo que estão presentes umas quarenta», escreveu Inácio António Marques. E essas pessoas aguardavam ansiosas naquele sítio desértico que a atual Rainha dos Céus descesse até à carrasqueira, na esperança de contemplar o seu rosto. Rosto que a imaginação popular modelou jovem, suave e de extraordinária beleza.

A revista Stella, pela voz da escritora Maria de Freitas (que nos bastidores de Fátima se afirma ser a autora de grande parte do livro do padre João de Marchi), transmite-nos as impressões desse primeiro dia em que participam extravidentes. Foi Maria Carreira quem relatou à escritora, na sua linguagem simples de mulher do povo:

«- No mesmo instante, a Lúcia dá um pulo para cima e clama: "Ó Jacinta, já lá vem, que deu o relâmpago." E correu a ajoelhar-se ao pé da azinheirinha.

- E a senhora não tinha visto nada?

- Eu, não senhora. E ninguém se gabou de ter visto o relâmpago. Seguíramos as crianças e ajoelháramos no meio do mato. A Lúcia levantou as mãos e disse: "Vossemecê mandou-me aqui vir, o que me quer?" E então começou a ouvir-se assim um zunido que parecia uma abelha. Cuido que era a Senhora a falar ...

- E todos ouviram? - perguntou a repórter.

- Pois se se ouvia muito bem!.. .. »

Zumbido de abelha - eis o som da voz atribuída a Nossa Senhora pela maior obreira de Fátima. Ela e os outros extravidentes não ouviram uma voz falando hebraico ou português. Mas uma voz semelhante à dos insetos.

Esta mesma testemunha contou o mesmo episódio ao padre João de Marchi. Na sua obra *Era Uma Senhora Mais Brilhante que o Sol*, podemos ler:

«'Eu, como andava muito doente e sentia muita fraqueza - devia ser perto do meio-dia solar -, perguntei à Lúcia:

- Nossa Senhora tardará muito?

- Não senhora, não tarda muito - respondeu-me ela.

Aquilo a pequena estava a vigiar os sinais.

Rezámos então o terço e, quando a rapariga de Boieiros ia começar a ladainha, a Lúcia interrompeu-a dizendo que já não havia tempo. Imediatamente pôs-se de pé e gritou:

- Jacinta, lá vem Nossa Senhora, que já deu o relâmpago!

Todos três correram para a azinheira e nós atrás deles; ajoelhámos sobre as moitas e os tojos. A Lúcia levantou as mãos como em oração e eu ouvia-lhe dizer:

- Vossemecê mandou-me aqui vir, faz favor de dizer o que quer.

Então começámos a ouvir uma coisa assim, a modo duma voz muito fina, mas não se compreendia o que dizia; era como um zumbido de abelha!"»

Mas esse zumbido não perturbou o silêncio da serra apenas em Junho. No mês seguinte, a notícia espalhou-se por uma área maior e compareceram no local cerca de quatro a cinco mil pessoas. Jacinto de Almeida Lopes, proprietário, do lugar de Amoreira, da freguesia de Fátima, também se deslocou à Cova da Iria. Foi uma das pessoas escolhidas pelo pároco da freguesia para depor no seu Inquérito. O pároco, que escrevia na terceira pessoa, relata-nos assim o depoimento dessa testemunha:

«"Então o que é que me quereis?" A esta pergunta, espera um bocadito, em silêncio, tempo de uma breve resposta. E durante este silêncio, ouviu ele, como que vindo da carrasqueira, uma voz muito sumida, semelhante, diz, ao zumbir duma abelha, mas sem distinguir palavra alguma»

Neste mês de Julho, Manuel Marto, o pai de Jacinta e Francisco, deslocou-se' pela primeira vez ao local. Interrogado sobre o que presenciara, declarou a João de Marchi:

«E então comecei a ouvir um rumor, uma zoadá, assim a modo como um moscardo dentro dum cântaro vazio. Isto é longe ou é aqui perto?»

Manuel Marto servia-se de estranhas comparações. Interrogado sobre o mesmo assunto, pelo padre italiano Humberto Pasquale, afirmou: «Eu ouvi como um zumbido de uma mosca dentro de um pipo vazio, mas sem articulação de palavras.» Por sua vez, o autor deseja explicar melhor e acrescenta: «O senhor Manuel Marto explicou-nos que, durante todo o colóquio da aparição, os presentes ouviram um rumor indefinido, como o que se ouve junto de uma colmeia, mas ainda mais harmonioso, embora não se percebessem palavras.»

Mas neste mês encontramos outros depoimentos, o que demonstra que o zumbido se devia perceber bastante bem, como aliás afirmou Maria Carreira. António Baptista, do lugar da Moita, freguesia de Fátima, contava então 50 anos. Entrevistado pelo Visconde de Montelo, em 13 de Novembro de 1917, declarou que «em 13 de Julho estive na Cova

56

da Iria. Ela (a Lúcia) ajoelhou. Pareceu-me ouvir, naquele momento, um ventito, uma azoadá C ..) Enquanto a Lúcia estava a ouvir a resposta, parecia-me sentir um zunido (uma zenida) como de uma cigarra».

«Muita gente disse que, quando a Aparição falava, ouvia-se, mas não percebiam o que Ela dizia», escreveu numa carta o Sr. J. de S. Bento, possivelmente em 13 de Outubro desse ano. E outra testemunha refere-se também aos sons da «fala» da Entidade. Manuel Gonçalves Júnior, agricultor, de trinta anos, morador no lugar de Montelo - nome que o cônego Formigão adotou como pseudónimo - , também declarou a 11 de Outubro a este cônego que «algumas pessoas afirmaram que ouvem o som das respostas».

E eis-nos chegados a 1978. Neste ano, a 18 de Julho, dialogámos com familiares dos videntes e testemunhas oculares ainda vivas. Uma das pessoas com quem falámos foi a senhora Maria dos Anjos, irmã de Lúcia. Sentada numa cadeira de braços, junto à casa onde nasceu, vivia o resto dos seus dias, sorrindo aos visitantes diários, narrando mais uma vez a história que alterara a vida da sua família.

- Conheceu a senhora Maria Carreira? - perguntámos nessa tarde quente de Verão.

- Conheci-a tão bem como conheci a minha mãe.

- Ela dizia que, quando Nossa Senhora falava, ouvia como que um zumbido de abelha ...

- Eu também ouvi esse zumbidinho. Também cheguei a ouvir, mas não sei o que era.

- Era como se fossem muitas abelhas?

- Não, só uma - respondeu categórica.

- Lembra-se em que mês foi?

- Eu não fui lá todos os meses, àquela hora. Parecia uma abelhinha que andava por ali assim quando a Lúcia escutava. Mas então eu sei lá o que era!

«Eu sei lá o que era!» Na verdade, quem poderá explicar que a voz

57

de Nossa Senhora seja equiparada ao zumbido de uma abelha? Ou ainda a uma zoadá dum moscardo dentro dum cântaro ou de uma mosca no interior de um pipo vazio ... ? Estes sons teriam sido escutados apenas em Fátima? Ou haverá, noutras partes do mundo, outras testemunhas de idênticos sons?

CONSTATAÇÕES EM OVNILOGIA

Portugal (Açores), 31 de Janeiro de 1968

Serafim Sebastião, casado, de 36 anos, natural de Ribeira Grande, encontrava-se na noite de 31 de Janeiro para 1 de Fevereiro no lugar do Cabrito, Cinco Picos, ilha Terceira, Açores. Trabalhava como guarda das instalações militares Azores Air Station. Nessa noite disputava-se o jogo Setúbal-Sporting, e ele estava a ouvir o relato por um aparelho de rádio. De repente, sentiu que o seu aparelho transistor não transmitia devidamente. Saiu e observou um objeto estranho «de forma oval, com brilho metálico e que culminava numa torre de vidro, com pequena balastrada a que se encostavam dois seres». E acrescentou: «O ruído e a forma nada se pareciam com o que habitualmente anda pelo ar. Nem avião, nem helicóptero, nem balão.» Outras declarações: «Desloquei-me mais atrás um pouco e vi então que eram propriamente quatro homens, dois dentro, dois fora, mexiam-se, e quando projetei o foco não vi nada, só vi uma viseira, e a cor do fato que ali estava era uma cor de chumbo.»

Mas o que tem a ver este caso conhecido e tão divulgado com os zumbidos de abelha ouvidos em Fátima, em 1917?

É que Serafim Sebastião relatou para a RTP o seguinte: «Quando novamente me aproximei mais à face do paiol e vi dois lá fora, só senti um zumbido, exatamente como se fosse um enxame de abelhas.»

Estados Unidos (Alabama, Pascagoula), 11 de Outubro de 1973

Dois pescadores amadores, Charles Hickson, de 45 anos, e Calvin Parker, de 19, encontravam-se na margem do rio Pascagoula, quando

58

viram um objeto de forma oblonga, emitindo uma luz azul e brilhante e um ruído semelhante ao das abelhas. Uma abertura surgiu no objeto e três seres saíram dele, flutuando nos ares. (...) Viram-se transportados para o interior do ovni por dois seres com o aspeto de fantasmas, com cerca de 1,50 m de altura, e que emitiam um ligeiro zumbido, como as abelhas.

Itália (Paravicino d'Erba), 20 de Outubro de 1954

Renzo Pugina, de 37 anos, acabava de guardar o seu automóvel na garagem, quando viu um estranho ser luminoso, com cerca de 1,30 m, perto de uma árvore. A criatura dirigiu um feixe luminoso na direção da testemunha, que se sentiu paralisada. Quando pretendeu atacar o intruso, este elevou-se e desapareceu «emitindo um zumbido discreto».

Recordamos que a Ouraniana de Fátima era também, segundo os videntes, um ser luminoso, pequeno, apareceu sobre uma árvore e, por vezes, emitia luz das suas mãos em direção aos videntes: « ... foi ao dizer estas palavras que abriu as mãos, fazendo-nos penetrar no peito o reflexo que delas expedia ... »

o típico zumbido ou «zumbido de abelhas» é amplamente demonstrado na casuística ovnilógica. No estudo de McCampbell, este tipo de som é integrado nos de baixo tom, representado por algumas variantes, todas elas tendo como termo comparativo o zoar daqueles insetos. Aquele investigador, após situar a frequência desse som, estima que poderá buscar-se a sua origem para além de um eventual sistema elétrico, face a algumas expressões testemunhais, designando-o como «semelhante a um gerador».

O mesmo físico recorda, entretanto, que, ao contrário do que seria de supor, «experiências clínicas demonstraram que certas pessoas podem

59

"ouvir" a energia numa frequência rádio modulada que elas interpretariam como um som tipo zumbido. Aparentemente, a energia pulsada curto-circuito a estrutura da orelha e induz sinais diretamente no cérebro auditivo. Assim, o zumbido emitido pelos ovnis (ou entidades) poderia ser estimulado diretamente na cabeça das testemunhas por uma radiação de alta frequência

pulsada numa baixa frequência audível». James McCampbell anota ainda que a modulação vocal das microndas poderia ser desenvolvida para comunicar com pessoas completamente surdas cuja estrutura da orelha tivesse sido destruída, mas cujo nervo auditivo se mantivesse intacto. Veremos no capítulo do «testemunho da quarta vidente» que ela tinha a sensação de ouvir na cabeça (<<dentro de mim») as ordens do pequeno ser. .. O mesmo se passa na comunicação quanto à hipótese de projeção das imagens. K. Gosta Rehn também está de acordo quanto à eventual aplicação das microndas no processo de comunicação por parte das entidades que controlam o fenómeno.

Por seu turno, de acordo com as verificações experimentais do físico Jean-Pierre Petit, este pensa que «a radiação associada à componente HF da corrente de descarga (frequência comparável à do radar) pode excitar diretamente o nervo auditivo e criar uma alucinação sonora sob a forma de zumbido que seria apercebido na frequência (audível) de recorrência de 1000 hertz». '

Hipóteses concordantes e que tomariam plausível o diálogo e o entendimento entre seres de textura tão diversa como os participantes no encontro da Cova da Iria. Adiante se ampliará esta questão.

3. Trovões

Mas não foram os zumbidos os únicos sons registados em Fátima. Outros ruídos acompanharam a aparição da estranha Senhora de Luz. As testemunhas tentaram identificá-los com outros que conheciam. Surgem assim definições de trovão, de rumor, de estrondo, bater de palmas, detonação de bombas, assobios de brinquete ... A Lúcia avistava o relâmpago

60

pago e avisava os presentes da chegada da Senhora. Estes não viam nenhum relâmpago (excepto quando os videntes não estavam presentes), mas apercebiam-se de um som semelhante ao de trovão, que assinalava o momento em que a Aparição surgia sobre a carrasqueira. No instante da partida, outro som se fazia ouvir. Há ainda quem lhe chame «trovão», mas outros definem-no como «assobio», idêntico ao rugido de foguete, à subida de qualquer objeto.

O trovão ecoou na serra árida de Junho a Agosto. Vinha de cima? Vejamos o que as testemunhas nos legaram nos seus depoimentos.

Trovão à chegada da Entidade

JULHO

Embora exista um depoimento de Junho sobre este fenómeno, não está bem especificado se foi à chegada ou à partida, aparecendo, todavia, misturado com outros fenómenos observados no final da aparição. Claramente tendo ocorrido no início, encontramos um testemunho divulgado pelo jornal O Seculo de 23 de Julho de 1917. «Nisto», diz-nos o jornal, «ouve-se um ruído semelhante ao ribombar dum trovão ... »

Ao Visconde de Montelo declarou Manuel Gonçalves Júnior que se ouvira «um rumor em Julho e em Agosto».

AGOSTO

Neste mês, parece que o «trovão», ou foi mais notório, ou encontrou os visitantes desprevenidos.

« ... notou que houve um forte e inexplicável estrondo junto à carrasqueira, que atemorizou todo o povo, começando a fugir e a gritar comovidamente e havendo até algumas síncope» (Manuel Gonçalves Júnior no Inquérito Paroquial).

Muitas pessoas referem o pânico da assistência provocado pelo trovão. <<A terra "arruou", mas muito forte ... Quando a terra "arruou", uns caíram, outros agastaram-se e eu também fiquei tão atrapalhado que, tanto que queria ver, vi pouco.» (João Pereira Novo). O depoimento desta testemunha, que escreveu logo no dia seguinte à aparição de Agosto,

61

na forma de carta particular a um amigo, foi publicado a 22 desse mês no jornal de Leiria O Mensageiro. E o primeiro depoimento escrito prestado por uma testemunha ocular. O fator

cronológico não pode ser muito realçado neste caso, dado que João Pereira Novo se mostra bastante imaginativo.

«Na Cova da Iria, depois de falar com várias pessoas», depôs Manuel Pedro Marto nos Interrogatórios Oficiais de 1923, «ouviu perfeitamente um estrondo seguido de poeira e nevoeiro. O povo fugiu. Quase todas as pessoas tiraram os chapéus, gritaram por Nossa Senhora e ficaram muito contentes, dizendo que tinham roubado as crianças, é verdade, mas que Nossa Senhora se tinha manifestado.»

No Inquérito Paroquial, o pároco registou ainda o depoimento de Joaquim Inácio Vicente: « ... ouvi duas fortes detonações, semelhantes ao estampido de bombas ou tiros, vindos do lado da carrasqueira».

Mas outras testemunhas referem ainda o pavor provocado por esse som. Joaquim Xavier Tuna declarou ao Visconde de Montelo: «O povo, ouvindo um ruído ao pé da carrasqueira, pôs-se a fugir. Uns homens, que estavam em cima duma árvore, caíram sem que lhes sucedesse mal algum. Eu, ao ver o que se passava, disse ao povo que não fugisse, porque era Nossa Senhora que aparecia. A multidão deixou então de fugir e quase todas as pessoas se descobriram caindo muitas de joelhos.»

Joaquim Gregório Tavares, no jornal Concelho de Mação, também nos refere essa atitude popular: «A 13 de Agosto, o administrador de Ourém deteve-os e levou-os para Ourém. O povo não deixou de ir ao local. No momento da aparição, sentiram um forte abalo e caíram de joelhos.»

Mas houve até quem chamasse «milagre» a esse trovão. Maria dos Anjos, irmã de Lúcia, declarou a Antunes de Paiva 4: «No mês de Agosto, estávamos na Cova da Iria quando, de repente, principiámos a

62

ouvir um barulho que parecia de palmas e, como sabíamos da prisão dos pastorinhos, alarmados, deitámos a fugir. Nisto eu ouvi uma voz que dizia: "á gente de pouca fé, não vedes que é um milagre?"»

Enfim, concluindo, diz-nos o jornalista Avelino de Almeida: «Outros sentem ruídos subterrâneos que assinalam a presença da Senhora ... »

«Rugido de foguete» à partida da Entidade

«Então não me quer mais nada?», terminava a Lúcia.

«Não te quero mais nada.»

A Senhora caminhava então «certinha» em direção às nuvens. Os presentes viam apenas uma nuvem a subir e voltavam a ouvir um som.

JUNHO

Neste mês, «quando Nossa Senhora se retirou da árvore, foi assim como um sopro dum foguete, lá muito ao longe, quando sobe», declarou Maria Carreira a João de Marchi. E nos Interrogatórios Oficiais de 1923 declarou também: «Em seguida [a Lúcia] disse: "Olhem! Querem-na ver? Lá vai Ela! Lá vai Ela!..." Ouviu-se então uma espécie de assobiar de foguete, quando ganha força para subir.»

Todavia, Inácio António Marques, empregado dos Correios na altura em que escreveu o seu depoimento, em 1922 7, confirma as palavras de Avelino de Almeida: «Parece-me estar a ouvir um trovão subterrâneo.»

JULHO

Relativamente a este mês, diz-nos Maria Carreira, nos Interrogatórios Oficiais de 1923, que se ouvira «a mesma zunida quando falava e o mesmo assobio de foguete à partida».

Todavia, o pai dos dois videntes refere o som do trovão, no momento em que a Entidade partia. «Ouviu-se, nesta altura, uma coisa», relata ao padre João de Marchi, «como de um grande trovão e o arquito, que lá tinham prantado para as duas lanternitas, todo ele estremeceu, como se

63

ouvesse um tremor de terra; a Lúcia, que estava ainda de joelhos, levanta-se e volta-se tão rápida que até a saca lhe fazia um balão.

E apontando para o céu, grita: "Lá vai, lá vai Ela!. .." E depois duns instantes: "Já não se vê!..."» Humberto Pasquale também nos afirma que «o senhor Manuel Marto explicou-nos que ... no fim, tomou-se visível uma nuvenzinha branca ... , ao mesmo tempo que se ouvia como o ribombar longínquo de um trovão». Contudo, esta testemunha afirmou que em Agosto esse som se ouviu no início. Aliás, com a fuga da multidão, o pânico, as síncope, os gritos, ninguém refere, em Agosto, nenhum som no momento da partida.

Mas neste mês de Julho, encontramos ainda outro depoimento sobre o ruído estranho. J. de S. Bento, numa carta que escreveu e que consta dos Arquivos Formigão, diz-nos que, «quando a Lúcia disse: "Lá vai Ela", ouvi no ar um rugido que parecia o princípio de um trovão».

19 DE AGOSTO

o rugido de foguete parece ter-se ouvido noutra ocasião - 19 de Agosto. Nesta aparição, além dos videntes, encontrava-se presente o irmão de Jacinta e Francisco, de nome João, no sítio dos Valinhos. «À noite, a mãe interrogou-o e ele confessou que, por mais que abrisse os olhos, não tinha visto nada; ouvira somente como o subir dum foguete quando a Lúcia, depois da conversa com a Senhora, dissera:

- Olha, Jacinta, a Senhora vai-se embora.»

Excluindo o «rugido de foguete», donde dizem as testemunhas provir esse estranho trovão?

Era «subterrâneo», dizem Inácio António Marques, Manuel Marto (Julho), jornais O Seculo e Concelho de Mação, e ainda João Pereira Novo.

«Vinha da carrasqueira», afirmaram Manuel Gonçalves Júnior, Manuel Marto (Agosto), Joaquim Xavier Tuna e Joaquim Inácio Vicente.

Mas Maria Carreira fornece-nos um testemunho interessante, relativamente ao mês de Agosto: «O trovão era mais ou menos como da outra

64

vez [Julho]; alguns diziam que vinha da estrada, outros da carrasqueira, a mim parecia-me que vinha de muito longe ... »

o trovão e os deuses

Curiosamente, diversas mitologias aliam o «trovão» à atividade dos deuses, às suas funções ou aos seus nomes. Erich von Daniken, na obra O Ouro dos Deuses 12, faz uma sùmula das divindades relacionadas com esse fenómeno: «Nos escritos de Homero (séclo VIII a.C.), Zeus é o "arremessador de raios" e o "dono do trovão mais estrondoso"; ele é o deus supremo dos céus. Também o deus nórdico Thor é o "dono do trovão". Na civilização hindu, Rama e Bhima sobem para as montanhas das nuvens "com enormes estrondos e montados num jacto imenso". Na lenda asteca, Mixcouatl, "a serpente trovejante das nuvens", desce para a Terra ... Até hoje, os índios canadenses falam numa "ave-trovão" que ... veio diretamente do céu. E também Tane, o deus das lendas maoris, Nova Zelândia , é um "deus-trovão" ... »

CONSTATAÇÕES EM OVNILOGIA

Em Fátima, os trovões foram sentidos no momento em que a Senhora aparece e na altura em que parte. Também em relatos ufológicos encontramos esse som, assinalado no momento em que o ovni surge e quando «desaparece» instantaneamente. Mais uma vez o triângulo deuses-Fátima-ovnis nos surge e se estabelece.

a) No início da observação

Brasil (Itenham), Verão de 1952, 3 horas

«Uma mulher foi acordada por um trovão e por uma ofuscante luz azulada. Saindo de casa, viu diversos objetos em forma de disco planando a uns duzentos metros de distância e a um metro do solo ... »

65

Portugal (Coimbra e Figueira da Foz), 24 de Janeiro de 1952

Por vezes, o trovão é detetado nos dois momentos - chegada e quando desaparece. É isso o que nos relata esta notícia.

«Algo de estranho se passou ontem de madrugada, que alarmou bastantes moradores da cidade e arredores, observando-se até na Figueira da Foz [a notícia é dada de Coimbra].

Foi o caso que, pouco depois das cinco horas, as pessoas que estavam acordadas escutaram um ruído singular, semelhante ao do trovão, que durou apenas uns segundos. Outras, que já se encontravam de pé, não só o escutaram como garantem ter visto, no momento, atravessar o céu na direção do mar, um grande disco luminoso que em determinada altura parece ter explodido, provocando o ruído que muita gente garante lhe chegou aos ouvidos. (...)>>

Mas o maior número de registos de sons idênticos ao trovão tem sido assinalado no momento em que os ovnis desaparecem perante os nossos olhos atónitos.

b) No fim da observação

Portugal (Santiago de Riba-Ul, Oliveira de Azeméis), 3 de Janeiro de 1977

«António Carlos Pereira, entre centenas de pessoas que assistiam a um espetáculo naquela localidade, cerca das 24 horas, observaram um objeto tipo charuto, emitindo um clarão muito forte. O ovni apresentava uma coloração cinzento-aço e algumas aberturas iluminadas. Cerca de dez minutos depois, o objeto desapareceu como aparecera - instantaneamente -, jazendo-se acompanhar por um estampido».

Sudeste da França, 2 de Novembro de 1968

O mesmo médico francês que acordara de noite com o choro de seu filho de catorze meses observou também que dois discos luminosos se

66

fundiam num só. A certa altura, ouve como que um ruído de explosão e o «disco desapareceu subitamente do local onde estava, deixando uma nuvem esbranquiçada no "Seu lugar».

« ... houve como que um ruído de explosão ... deixando uma nuvem esbranquiçada», declaração do médico francês em 1968. Manuel Marto, analfabeto, em 1917, diz-nos que, em Julho, «tornou-se visível uma nuvenzinha branca ao mesmo tempo que se ouvia como o ribombar longínquo de um trovão». Apesar da diferença de tempo, espaço e circunstâncias, estarão estes dois homens a descrever fenómenos diferentes?

Reportando-se apenas à década de 1958-68, James McCampbell recolheu cento e três notificações de ruídos no decurso de observações aproximadas de ovnis e nas quais as testemunhas deram a entender características idênticas. Na obra que vimos seguindo 17, aquele cientista divide os sons produzidos pelo fenómeno em cinco grupos: violentos, baixo tom, sopro, alto tom e sinais.

Nos sons violentos detetados, são definidos com segurança dois subtipos: a explosão tipo onda de choque e o ruído surdo, contínuo. A expressão «trovão» entra neste último, como é evidente. Assim, McCampbell sugere que esses sons estão diretamente ligados à aplicação da força para uma rápida aceleração ou desaceleração de um ovni, embora não devam ser confundidos com as normalmente silenciosas manobras de aterragem ou inversa.

O referido cientista aponta um caso ocorrido em Baden, na Pensilvânia, em 13 de Agosto de 1965, como paradigma da sua tese. A testemunha observa um objeto discoidal que emite subitamente uma luz azul intensa e cerca de três segundos depois ouve uma onda de choque. Afirma McCampbell que, «se a luz gerou uma onda de choque, esta viajaria a cerca de 1100 pés/segundo aproximadamente, chegando à testemunha

67

em cerca de dois segundos». Esta consistência interna reforça uma provável associação entre a luz azul e a onda de choque, no entender deste investigador, que a integra na sua análise sobre a propulsão dos ovnis.

Os «trovões», à chegada e à partida da «Senhora», em Fátima, ganham aqui o seu lugar, o mesmo acontecendo com as restantes definições utilizadas pelas testemunhas e que - será novidade? - garantem preenchimento de todas as categorias de sons sistematizadas pelo físico norte-americano. Vejamos: violento (trovão), baixo tom (zumbido), sopro (agitação do ar), alto tom (estrondo) e sinais (assobio de foguete). Um painel perfeito ...

4. Nuvens bizarras

Na Cova da Iria, observaram-se dois tipos de nuvens:

- 1.ª - Uma nuvem vaporosa, leve, que surgia sobre a árvore, parecendo envolver e ocultar a Aparição. É vulgarmente conhecida pela de designação «a miraculosa nuvem de fumo».
- 2.ª - Nuvens coloridas que deslizavam no espaço, à altura habitual, tomando direções estranhas.

a) Nuvem de fumo

Em todos os meses, de Junho a Outubro, se observou este fenómeno.

JUNHO

Maria Carreira deixou-nos diversas descrições dessa nuvenzinha estranha. Relativamente a Junho, possuímos três dos seus depoimentos. «Por nós nada vimos», declarou ao padre João de Marchi: «só uma nuvenzita, um palmo retirada da rama, que ia subindo devagarinho, caminhando para diante, para o nascente, até que de todo se sumiu. Algumas pessoas diziam: "Ainda a vejo, lá está ...", até que por fim ninguém afirmava de a ver.»

68

À revista Stella 2 afirmou que «enquanto a Lúcia dizia "Olha ... vai ali ... vai ali", nós só víamos uma nuvem, e quando dei por ela ia assim obra dum palmo afastada da rama da azinheira. Fomos sempre com a vista atrás dela, que ia devagarinho para o nascente, até que desapareceu. Mas a Lúcia parece que ainda via alguma coisa, porque não nos dava atenção. Até que, por fim, disse: "Pronto! Agora é que não se vê. Já entrou para o céu e já se fecharam as portas."»

Céu com portas! Não é estranho?

Nos Interrogatórios Oficiais de 1923, o Visconde de Montelo escreveu acerca do depoimento desta testemunha: «Olhou e viu uma nuvem de fumo, elevando-se da azinheira e dirigindo-se, subindo, para o nascente, apontando a pequena para ela. Viu-se também muito alto e muito longe. Por fim desapareceu da vista. A nuvem era um nevoeiro muito leve. Fazia sol e muito calor, estando o tempo bastante descoberto.»

JULHO

«Nessa ocasião, também notou que a certa altura da carrasqueira se formou um espécie de névoa ou nuvem que se foi elevando, seguindo para o nascente, chegando a empalidecer o brilho do Sol, e desapareceu», assim depôs Manuel Gonçalves Júnior, casado, proprietário, morador no lugar do Montelo, freguesia de Fátima, no Inquérito Paroquial.

Manuel Pedro Marto também observou essa nuvem de fumo. «Eu por mais que olhasse nada via. Começando então a afirmar-me, vi assim a modo uma nuvenzinha acinzentada que pairava sobre a azinheira.»

AGOSTO

«Em Agosto, uma nuvem baixou até à carrasqueira. Em Julho notava-se o mesmo. Não havia poeira no local. A nuvem empoeou os ares, que pareciam enevoados, declarou Manuel Gonçalves Júnior ao Visconde de Montelo, em 11 de Outubro de 1917.

69

Neste mês, em que o número de visitantes era maior, aparecem diversos testemunhos escritos. José Joaquim de Assunção depôs, em 1960, para o escritor norte-americano John Mathias Haffert: «Estava pertinho da árvore e a certa altura toda a gente começou a fugir. Fiquei admirado e alguém me disse que tinham ouvido um trovão. Mas eu deixei-me ficar. Então um fumozinho muito leve passou-me rente à cabeça e eu fiquei tão comovido e tão certo de que tinha sido Nossa Senhora ... Fiquei tão contente como se a tivesse visto.»

Há quem afirme que essa nuvem se formava após um ruído comparado ao trovão: «Parecia haver uma névoa em volta da carrasqueira, depois do estrondo», lê-se nos Interrogatórios Oficiais de 1923 no depoimento de Manuel Pedro Marto.

Por sua vez, diz Maria da Capelinha: «Ao trovão seguiu-se o relâmpago e, logo depois, todos começámos a notar uma nuvenzinha, muito linda, muito branquinha, muito leve, que pairou uns minutos sobre a carrasqueira, subindo depois para o céu, e desapareceu no ar.»

Mas houve quem detetasse a cor azul nessa nuvem «branquinha». Joel de Deus Magno, na altura ainda seminarista, afirmara-nos: « ... viram descer uma nuvem azul e branca que brevemente se levantara e desaparecera».

Seria uma nuvem natural? - assim se interrogava uma senhora, que assinou com as iniciais L. de S., na revista Raios de Luz, do dia 1 de Setembro desse ano. Escreveu ela: «Olhei para o carrasqueiro e vi-o envolto no tal nevoeiro que dizem se tem notado sempre e fi-lo notar a F... Foi pó levantado pelo movimento do povo? Talvez, mas em nenhum outro ponto se deu e, repito, não havia vento ... »

SETEMBRO

Nesse dia 13, as mães das videntes assistiram às aparições, escondidas. Olímpia de Jesus declarou acerca do que presenciara, nos Interrogatórios Oficiais de 1923: « ... quando o povo gritou que via os sinais, não perceberam o que ele dizia, mas pareceu-lhes ver um fumozinho a subir do meio do povo ao pé da azinheira».

70

o jornalista Avelino de Almeida, ao relatar os fenómenos das aparições de Maio a Outubro, no jornal O Seculo de 13 do último mês, antes de partir para observar com os seus próprios olhos de ateu o «Milagre do Sol», escreveu a respeito dessa nuvem branca: «É sobre uma carvalheira que a figura da Virgem, consoante a confissão infantil, se manifesta e, em redor, envolve-a como que uma nuvem que dir-se-ia de pó, se na ocasião soprasse vento.»

OUTUBRO

São vários os relatos da observação dessa nuvem sobre a carrasqueira no último mês. O mais completo é o do advogado Almeida Garrett, filho do lente da Universidade de Coimbra Doutor Gonçalo Xavier de Almeida Garrett. Este professor, que assistira ao «Milagre do Sol», escreveu um opúsculo intitulado A Miraculosa Nuvem de Fumo, onde defende não se tratar de um fenómeno natural.

O filho relatou tudo o que presenciou nesse dia 13, a pedido do Visconde de Montelo, dois meses depois. O original encontra-se nos Arquivos Formigão.

«Devia ser uma e meia», escreveu ele, «quando se ergueu, no local preciso onde estavam as crianças, uma coluna de fumo, delgada, ténue e azulada, que subiu direita até dois metros, talvez, acima das cabeças, para, nesta altura, se esvaír. Durou este fenómeno, perfeitamente visível a olho nu, alguns segundos. Não tendo marcado o tempo de duração, não posso afirmar se foi mais ou menos de um minuto. Dissipou-se bruscamente o fumo e, passado algum tempo, voltou a repetir-se o fenómeno, uma segunda e uma terceira vez. Das três vezes, e sobretudo da última, destacaram-se nitidamente os fustes esguios na atmosfera cinzenta. Dirigi para lá o binóculo. Nada consegui ver, além das colunas de fumo, mas convencido fiquei de que eram produzidas por algum turíbulo, não agitado, em que se queimava incenso. Depois pessoas dignas de fé afirmaram-me que era de uso produzir-se o acontecimento no dia 13 dos cinco meses anteriores e que, nesses dias, como neste, nunca ali se queimara nada nem se fizera fogo.»

71

Outra testemunha refere também o pormenor de a nuvem surgir e desaparecer. Numa carta que escreveu ao Visconde de Montelo 9, Manuel da Costa Pereira declarou que «uma coluna de fumo, que se assemelhava a uma nuvem, pairava no referido local, subindo três a quatro metros acima do solo. Este fenómeno repetiu-se por mais de três vezes, creio eu».

No Inquérito Paroquial também se encontram dois depoimentos sobre esta nuvem de fumo, respetivamente de Jacinto de Almeida Lopes e de Manuel Gonçalves Júnior. O primeiro disse ao pároco que viu «por cima do povo que rodeia a carrasqueira, por vezes, umas seguidas às outras, elevar-se da terra pequenas nuvens de fumo - ou que lhe pareceu fumo - semelhantes ao fumo do turíbulo em ocasião de incensação ou às fumaças de cigarro. Julga a princípio - porque estava afastado da carrasqueira aonde via o fumo - que era alguém que ali estava a fumar ou a fazer fogueira para se aquecer, mas veio a verificar que ali não estava lume de espécie alguma».

« ... depois de ter cessado a chuva», escreveu o pároco a respeito do depoimento de Manuel Gonçalves Júnior, «viu elevar-se por várias vezes, saindo da carrasqueira, uma espécie de fumo, semelhante ao fumo de incenso em ocasião de incensação, ouvindo dizer às pessoas que estavam a seu lado que era fumo de cigarro ou de fogueira, mas a ele só lhe parecia o fumo igual ao de incensação, não lhe constando que naquela ocasião houvesse ali fumadores ou fogueiras de espécie alguma».

Por sua vez, nos Interrogatórios Oficiais de 1923, Manuel António Paula, que viera passar férias à sua aldeia de Fátima, em Setembro e Outubro, pois habitualmente vivia em Lisboa, declarou que viu «uma névoa, um fumozinho bastante denso que não estranhou por julgar que era incenso queimado em honra de Nossa Senhora, ficando depois admirado quando lhe disseram que não havia lá fumo nenhum, que não se tinha feito lá lume de qualidade nenhuma nem um fósforo se tinha acendido».

Mas houve quem não achasse que era um «fumozinho». O Visconde de Montelo diz-nos que «como eu, outras pessoas, que se encontravam

72

na estrada, distinguiam perfeitamente com um binóculo, e mesmo à vista desarmada, no local das aparições, por cima da azinheira sagrada, uma grande nuvem, que envolvia por completo aquele lugar ».

Em 1978, conversámos com a irmã da Lúcia, Maria dos Anjos. No decorrer da conversa, inquirimos:

- E junto à carrasqueira, não viu nada?
- Eu vi uma nuvenzinha que caminhava. A gente via uma nuvenzinha que vinha, mas a gente nem podia dizer o que era.
- Era como aquelas? - Apontámos para nuvens brancas no céu.
- Não era como aquelas. Era uma nuvenzinha pequenina, uma nuvenzinha ...
- Redonda?
- Era pequenina, não sei se era redonda. Como foi há tanto ano! Foi em Outubro. Nos outros meses não sei.

No dia anterior a esta conversa, precisamente a 17 de Julho de 1978, dialogámos, em Leiria, com duas testemunhas. Uma delas, de setenta e seis anos, disse-nos que, em Setembro, reparara numa nuvem que «havia quem dissesse que tinha o formato duma silhueta». Ela, porém, só se recordava de uma nuvem branca, como as outras, a subir a pouco e pouco até desaparecer no ar.

Outra irmã da Lúcia, de nome Glória, declarou em 1957 à Rádio Fátima 11 que, em Outubro, vira «uma espécie de nuvenzinha de fumo que caminhava direitinha, paralelamente com a terra, da direção do atual Seminário da Consolata (nascente) para o local das aparições».

Mas parece que essa nuvem, como invólucro da Aparição, foi observada fora de Fátima. A revista Stella relata-nos um depoimento curioso duma enfermeira do Hospital de Dona Estefânia, em Lisboa, onde a Jacinta esteve internada e veio a falecer. Aliás, a vidente Jacinta já no Inquérito Paroquial declarou que tinha tido outras visões da Senhora.

73

Em 1958 ou princípios de 59, a irmã Maria do Carmo da Fonseca, que foi uma espécie de secretária do cônego Formigão, deslocou-se a Lisboa para falar com as pessoas que tivessem convivido com a Jacinta. Uma das enfermeiras, Leonor Assunção de Almeida, que tinha vinte anos na época em que a vidente esteve internada nesse hospital, descreveu-lhe um facto que surpreendeu a Irmã. Informou que a cama da pequena «ficava em frente duma janela ao nascente. Nós não sabíamos quem era a menina. Mas um dia ela começa a dizer que Nossa Senhora tinha lá ido visitá-la. E chamava-nos quando vinha Nossa Senhora. Quando ela nos chamava, nós víamos que realmente se tinham formado, em vulto, umas nuvens brancas que pareciam fumo.

- Mas dentro da enfermaria? - perguntou a irmã Maria do Carmo.
- Não, em frente da janela, do lado de fora.»

A Irmã publicou as suas entrevistas na Stella sob o pseudónimo de Ancilla. Falou com outras enfermeiras, mas nenhuma lhe testemunhou o mesmo fenómeno. Verdade ou fantasia?

b) Nuvens no espaço

Em Fátima, foram observados outros tipos de nuvens. Não sobre a carrasqueira, mas na atmosfera, misturando-se com as naturais.

AGOSTO

É neste mês que encontramos as primeiras referências. «Já passa da hora e as crianças não aparecem», conta-nos Inácio António Marques.

«O povo espera impaciente quando corre uma voz por cima daquela massa de povo que o senhor administrador de Ourém as tinha levado. Ouvem-se protestos, e quando vão começar a debandar ouve-se uma gritaria e uma onda de cabeças volve-se para o céu, afumando cada um o que está vendo. Eu então olho para o céu e vejo as nuvens mudando de cores e correndo em diversos sentidos»

«Viam-se no céu», relatou Manuel Gonçalves Júnior ao Visconde de Montelo, em 11 de Outubro, «próximo do Sol, umas nuvens brancas que

74

se tornavam sucessivamente de vermelho-vivo (cor de sangue), cor-de-rosa e amarelas. O povo tomou-se desta última cor.»

No Inquérito Paroquial, a testemunha Joaquim Inácio Vicente, casado, canteiro, do lugar de Chainça, freguesia de Santa Catarina, depôs que observou «as admiráveis cores que sucessivamente iam tomando as nuvens que embaciavam os raios solares, cores de encarnado-vivo, passar a cor-de-rosa e desta a azul de anil como me foi declarado minutos depois em minha casa por várias pessoas», concluiu o pároco.

«Muita gente, entre ela as minhas criadas», escreveu por sua vez a Sr.^a L. de S., «diziam que viram uma nuvem linda mesmo ao pé do Sol e que em momentos desapareceu. Eu não vi nada, mas senti uma impressão de arrepio e uma comoção extraordinária ... »

Ainda relativamente a este mês, Joaquim Vieira, de Assentiz, concelho de Torres Novas, declarou ao Visconde de Montelo 14: «Apareceu uma nuvenzinha branca que caminhou do sul para o norte, na direção do nascente, tomando cores diversas, muito lindas.»

SETEMBRO

Neste mês, um dia lindo de sol, também houve quem presenciasse nuvens estranhas. Joaquim Vieira, em continuação do depoimento anterior, acrescentou que, em Setembro, vira «um risco azul numa nuvem de cor escura, caminhando em sentido contrário ao Sol».

Certamente, as pessoas que viram tão insólitas nuvens contavam o facto aos seus conterrâneos. No jornal O Mensageiro de 27 de Dezembro de 1917, uma senhora de Alcobça, designada pelas iniciais M. C. S. P., diz-nos que «havia pessoas que diziam ter visto nuvens cor-de-rosa aqui e ali. Nem de todos eram acreditadas».

OUTUBRO

Antes do «Milagre do Sol», foram observadas também nuvens estranhas no céu chuvoso. No capítulo próprio falaremos delas.

75

CONSTATAÇÕES EM OVNILOGIA

As nuvens bizarras, coloridas, correndo em sentido contrário ao vento, não são uma particularidade de Fátima. Têm sido observadas em várias épocas. Nelas se acolhem e dissimulam, muitas vezes, objetos variados e coloridos que permanecem não identificados.

Portugal (Lisboa, Elvas, Campo Maior, Évora, Porto), 2 de Novembro de 1730, noite

Os nossos antepassados presenciaram fenómenos relatados desta forma 15: «Confirma-se, por avisos de várias partes do Reino, haver aparecido no nosso hemisfério um notável fenómeno que começou por uma pequena nuvem cor-de-rosa e foi crescendo no corpo e na cor até se fazer do tamanho de uma grande bandeira cor de fogo ... »

No século XIX, em 1847, «nuvens de fogo (nuvens luminescentes) são observadas por cima da parte central do Japão, perto da atual região de Matsushito; movem-se no céu e depois desaparecem».

Nos nossos dias, após Fátima, continuam a observar-se nuvens de aspeto incomum. Eis alguns relatos:

França (Mont-de-Marsan), 17 de Outubro de 1952

Henry Durrant conta-nos que nesta data, a 150 quilómetros de Oloron, os técnicos do radar instalado na base aérea de treino de aviões de reação repararam que «o radar tornou-se de súbito como louco». Um deles saiu para ver o que se passava e viu então «uma nuvem acinzentada volteando sobre si própria a cerca de 200 metros de altitude». Esta «nuvem» deslocava-se de leste para oeste, muito rapidamente (...) e parecia-se com «flocos de fumaça».

Grã-Bretanha (Parr), 22 de Julho de 1969, 20.30 horas

William Holland e mais duas pessoas viram um objeto prateado que

76

planava a vinte metros de altitude. O objeto elevou-se e entrou numa nuvem com uma cor incomum que se deslocava contra o vento.

Nuvens que ocultam seres, nuvens que ocultam objetos. «Avistei uma nuvem luminosa de todas as cores do arco-íris», testemunhou o automobilista australiano Ronald Sullivan, em 1966. Em Agosto de 1917, Manuel Gonçalves Júnior observou também que «junto ao Sol se formou uma nuvem com as cores do arco-íris» 20. Duas épocas, dois países, duas situações diferentes! E se em Mont-de-Marsan «uma nuvem acinzentada» alterou o funcionamento do radar, também Manuel Marta se surpreendeu ao ver «uma nuvem acinzentada que pairava sobre a azinheira» ...

Estamos perante duas espécies de «nuvens» e, do mesmo modo, para outras tantas hipóteses. No caso da nebulosidade que descia e subia sobre a azinheira, na altura da presença da Entidade, seguiremos a sugestão de McCampbell ao estudar casos congéneres em ovnilogia: as observações deste tipo sugerem que «o ovni sobrecarrega os estados metastáveis do oxigénio da atmosfera enquanto está suspenso sobre o local (neste caso a azinheira) e depois o seu afastamento deixa-os decair gradualmente com a produção de luz».

Entre os casos citados no referido estudo, conta-se o de um ovni em forma de Saturno suspenso próximo do solo durante uns quinze minutos. Pouco depois, as testemunhas notaram «uma singular neblina luminosa flutuando no ar por baixo do local onde tinha estado o objeto, acabando por vê-la dissipar-se lentamente». O mesmo detalhe foi observado na Argentina depois de seis ovnis terem desaparecido, deixando no local «nuvens de fumo branco». Esses mesmos traços são aliás nítidos em algumas fotos de objeto com rasto, das quais a mais evidente poderá ser a executada pelo astronauta norte-americano James McDavitt.

77

Relativamente às «nuvens-objetos», o francês Jean Plantier justifica-as como «uma das consequências do modelo de propulsão por ação direta sobre o átomo. Como a coluna de ar submetida ao campo produzido pelo objeto não "pesa" mais ou tanto como ele, produzir-se-ia uma corrente de ar ascendente suficientemente forte para neutralizar eventualmente a inversão causada pela pureza do céu. E se não houvesse inversão, a ascendência não seria senão mais forte. Ter-se-ia pois a sorte de ver surgir, de súbito, uma pequena nuvem (cumulus) capaz de se deslocar, se necessário, contra o vento».

Por seu lado, McCampbell sustenta que «os ovnis se refugiam frequentemente no interior de nuvens, cujo conteúdo de humidade é substancialmente mais elevado do que no ar circundante». Dos testemunhos recolhidos, retira-se que essas nuvens se tomam luminosas quando intercetadas por um ovni e a sua cor é definida como «invulgar». O cientista pensa que o hidrogénio provavelmente estará na base dessas emissões coloridas.

5. Efeitos sobre o ambiente

«Nos dias 13, o sinal mais notado pelos peregrinos de Fátima era sempre, sem dúvida, a diminuição sensível da luz solar», afirma-nos o Dr. Pereira Gens.

Mas não só a diminuição de luz solar se faz sentir no horizonte da Cova da Iria. Diversas testemunhas apontam simultaneamente a diminuição de temperatura, aspetos irisados no Sol e espalhados pelo ambiente.

JUNHO

Já neste mês, nos diz Inácio António Marques: «Eu, como descrente, quero negar mesmo até tudo que estou vendo, mas contemplando a atmosfera vejo que tudo se encontra turvado ... O tempo escurece ... Sinto que a temperatura é quase sobrenatural e tenho medo de estar ali.»

78

JULHO

Manuel Pedro Marto impressionou-se sobretudo com a diminuição da temperatura. Nos Interrogatórios Oficiais de 1923, depôs que «fazia muita calma e logo depois o tempo tornou-se fresco». Todavia, para a revista Stella 2 forneceu mais pormenores: «E enquanto ela estava a falar com a Senhora, sentiu-se um fresquinho tão bom assim como se a gente de repente se prantasse à sombra, e eu via uma nuvem de fumo ... E logo que a Senhora se foi, a calma voltou a ser tão forte que eu, quando peguei na minha Jacinta para a trazer para cima, pus-lhe o meu chapéu na cabeça para a guardar.»

Mas não foi apenas Manuel Marto a surpreender-se com essa frescura momentânea. Manuel Gonçalves Júnior diz-nos também, no Inquérito Paroquial, que «no dia 13 de Julho de 1917 se dirigiu àquele local, onde estava à hora indicada pelas crianças videntes para a aparição, e que notou que a essa hora o calor, que era demasiado, começou a abrandar».

Por sua vez, J. de S. Bento 3 declarou: «[nesse dia] compareci também à hora da aparição. Uma nevoazinha, o Sol perdeu a força, deixando de fazer calor, o qual até aí fazia muito».

O Sol, «de súbito, perdeu bastante do seu brilho, de maneira que podia fitar-se à vontade» (Pereira Gens).

AGOSTO

Em Julho, o dia da aparição decorreu cheio de sol. Mas, em Agosto, o dia 13 apresentou-se também de céu azul e calor estival. Os videntes não compareceram, mas os circunstantes deram pela chegada da Ouraniana. « ... Às duas horas em ponto, pelo meu relógio, deu-se um abaixamento rápido de temperatura, sem vento, produzindo a sensação que se tem quando há um eclipse do Sol», testemunha a Sr.^a L. de S., na revista Raio de Luz de 1 de Setembro desse ano. Mas outros efeitos foram apontados: « ... as pedras mudaram de cor e então começa muita gente a gritar» (João Pereira Novo).

79

«A luz do Sol diminuiu bastante de intensidade» (Manuel Gonçalves Júnior). «Todos os objetos que me rodeavam se tomaram amarelos», declarou, por sua vez, Joaquim Xavier Tuna 6. Mas foi sobretudo Maria Carreira que nos soube descrever melhor esse ambiente de cores irreais, a que chama «coisa estranha»: «As árvores pareciam não ter ramos e folhas, mas só flores; pareciam todas carregadinhas de flores, cada folha parecia uma flor. O chão era todo aos quadradinhos, um de cada cor diferente; os fatos também eram da cor do arco celeste. As duas lâmpadas presas ao arco pareciam de ouro.» 7 Um quadro que pede meças à ficção científica ...

19 DE AGOSTO

Mas parece que esses tons não vestiam apenas uma pequena área à volta da azinheira. No dia 19 de Agosto, a Dama apareceu nos Valinhos, a dois quilómetros da Cova da Iria. Pois nesse momento, sem nada saber desse encontro não marcado, uma irmã da Lúcia, a Teresa, regressava indiferente a casa, com o marido. «Íamos a entrar em Fátima», conta-nos ela, «quando começámos a notar que os ares arrefeciam; o Sol tomava uma cor amarelada e punha em tudo muitas cores, as mesmas coisas que se viram no dia 13 na Cova da Iria.

"O que é isto?! .. Aqui anda qualquer mistério!", disse eu para o meu marido. Foi mesmo na camisa branca dele que eu comecei a ver as tais cores. "Ai que todos andamos iludidos!. .. " -

"Pelo quê?", perguntou-me ele. "Pois não vês tudo tal e qual como no dia 13?" Quando chegámos à Igreja, disfarçou tudo. Mais tarde viemos a saber que, àquela mesma hora, Nossa Senhora tornara a aparecer aos cachopitos nos Valinhos,»

SETEMBRO

Neste mês, «ao meio-dia em ponto, hora astronómica, o Sol começou a perder o brilho. Não houve quem não notasse esse facto, que

80

desde Maio precedente se repetia sempre no dia 13 de cada mês, à mesma hora. (...) A atmosfera tomou uma cor amarela, talvez por causa da diminuição da luz solar» 9, escreveu Joel de Deus Magno.

Mas Inácio António Marques diz-nos que isso se verificava no final: «A Lúcia reza o terço à hora indicada. Segue-se a conversação com a dita Senhora e assim que diz: "Lá vai Ela", o Sol escurece a pontos de se ver a Lua e as estrelas que circundam o firmamento. O calor diminui e uma aragem nos vem mimosear a frente.»

É possível, contudo, que esta testemunha tenha exagerado um pouco quanto ao escurecimento. Diz-nos o Visconde de Montelo: «Não me aproximei do local das aparições, quase não conversei com ninguém, ficando na estrada a cerca de trezentos metros de distância e apenas constatei a diminuição de luz solar, que me pareceu um fenómeno sem importância, devido porventura à elevada altitude da serra.»

Outros associaram essa diminuição de luz com a redução de temperatura: «Quem presenciou o dia 13 de Setembro diz que, das 12 para a 1, hora antiga, estando um dia formosíssimo de sol ardente, a temperatura havia de repente abaixado, dando-se um pequeno eclipse naquele astro.» 11 Por sua vez, Avelino de Almeida refere que uns «dizem que a temperatura arrefece e alguns comparam as impressões de momento com as que se recebem quando dum eclipse solar».

Mas parece que também neste mês o ambiente se matizou de cores. O advogado António Rodrigues da Silva 12 alia essa coloração à queda de filamentos: «Entretanto, desprendiam-se das alturas como que uns flocos de neve ou de algodão em rama, do tamanho de tostões antigos, que desciam sobre a azinheira, e o ar matizava-se com as cores do arco-íris»

Curiosamente, possuímos uma descrição idêntica relativa às aparições de Baião, em 1938. Maria Amélia andava um dia no seu trabalho quando reparou que do céu caíam «uns fatocos de neve que chegavam ao chão e desapareciam ... As árvores eram um encanto. Quantas cores havia ali apareciam!» A queda desses fatocos de neve <foi no mesmo

81

dia e na mesma altura em que ficou tudo às cores». Entretanto, lá em cima, na serra, decorria mais uma aparição da Virgem.

CONSTATAÇÕES EM OVNILOGIA

Espanha (Guadalajara), 25 de Julho de 1938

Precisamente no ano das aparições de Baião, em plena guerra civil espanhola, dois militares, sendo um tenente, defrontaram-se com uma potente luz branca, julgando de início tratar-se de algum projetor inimigo. A 60 metros de distância, porém, viram surgir um objeto escuro em forma de lentilha. Um círculo de luz azulada chegou até eles, iluminando-os e causando-lhes uma sensação de frio que foram incapazes de determinar se era um efeito da luz ou do medo que sentiram.

Ilhas Canárias (Grande Canária, Las Rosas), 22 de Junho de 1976

Pouco depois das 21 horas, o Dr. Padron Leon seguia de automóvel para atender um doente em estado grave quando, ao norte da ilha, deparou com uma enorme esfera a cerca de 60 metros de distância. O médico, para além de outros detalhes, sentiu uma espécie de frio intenso, segundo ele «diferente do frio físico».

O fenómeno da diminuição da luz solar surge, nos testemunhos fatimistas, frequentemente associado à diminuição de temperatura ambiente. Podemos considerar os dois efeitos separadamente ou em comum. A sua interdependência pode, por um lado, levar-nos a

verificar a sensação de «eclipse solar», descrita pelas testemunhas de Fátima, e que seria uma consequência da ocultação, ainda que parcial, do Sol. Este

82

«eclipse», provocado pela interposição de «algo» na vertical da zona afetada arrastaria consigo a diminuição de temperatura.

Dissociando, por outro lado, os dois efeitos referidos, defrontamo-nos com a hipótese de se tratar dum «eclipse artificial», circunscrito à zona da Cova da Iria. Procurando a confirmação da existência de um objeto capaz de produzir essa ocultação do brilho solar, recordamos que não se encontra nenhum relato justificativo antes de 13 de Outubro. Todavia, adiantando-nos até ao «Milagre do Sol», depara-se-nos uma curiosa descrição, a explorar no capítulo próprio, que nos fala da observação, por meio de binóculo, de uma «escada junto do Sol». Aceitando a presença desse objeto também nos outros dias 13 (dado que as testemunhas desses dias não estavam munidas de binóculos), poderemos atribuir-lhe a responsabilidade da ocultação ou absorção da luz solar, situando a referida «escada», em posição horizontal, à altitude média de seis quilómetros.

E porquê situar o nosso objeto «escada» a seis quilómetros de altitude? Se considerarmos que ele se faz conduzir (ou conduz) nas nuvens bizarras, tão insistentemente citadas, e definindo-as como nuvens médias, não estaríamos longe da verdade.

Assumindo agora que o mesmo objeto, à referida altitude, produziu a zona de sombra nos terrenos adjacentes à Cova da Iria, avançamos a hipótese de esse objeto ter de seiscentos a mil metros de diâmetro para garantir o «eclipse» 16. Aceitamos, por isso, a possibilidade de a dita «escada» ter uma função importante no processo de ocultação artificial do disco solar (absorvendo ou reconvertendo a respetiva energia?).

Como subsídios à hipótese avançada, enunciemos os seguintes pontos:

1.º - A casuística moderna dá-nos conta de objetos circulares e fusiformes de grandes dimensões. A «escada» da Cova da Iria, ainda que tivesse «apenas» seiscentos metros, poderia produzir uma zona de sombra na área. E são possíveis tais dimensões? O investigador soviético Z. S. Kadikov diz-nos que sim, recordando observações recentes no Cáucaso. E serão estas dimensões o limite dos não identificados?

83

2.º - Para lá da interposição direta, poderíamos ainda supor que a mesma «escada» assumiu a função de controlo dos vários corpos descritos como «nuvens coloridas», no seu vaivém diante do Sol. Auguste Meessen, professor de Física Teórica da Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, sugere, por seu turno, que «seria concebível um conjunto de ovnis produzindo uma espécie de tela semitransparente, absorvendo uma parte da luz visível, exceto o infravermelho».

3.º - Tanto no caso do objeto-«escada», em si mesmo, como no caso da «tela» proposta por A. Meessen, não esqueçamos a existência de casos em que se produzem situações de visibilidade/invisibilidade por parte do fenómeno ovni dos nossos dias.

Relativamente à diminuição de temperatura, à parte a sua associação ou não com o «eclipse solar», interessa sublinhar a sua verificação aquando da emissão da «rampa luminosa», à frente referida. Não intervirá aí um princípio de refrigeração (por compressão do ar ambiente? por aquecimento?), processo inverso (ou complementar) das emissões de calor assinaladas em muitos casos de ovnis?

6. Odores

Foi no dia 19 de Agosto. Os videntes surgiram radiantes em Aljustrel anunciando que Nossa Senhora lhes voltara a aparecer. Não na Cova da Iria, como habitualmente, mas nos Valinhos, uma propriedade também deserta e com pequenas azinheiras vegetando pelo meio dos fragueiros.

«- Minha tia - disse a Jacinta alvoroçada - vimos outra vez Nossa Senhora.

A mãe da Lúcia sorriu condescendente. E a Jacinta insistiu:

- Vimos, tia! Olhe, tinha um pé aqui e outro aqui - e mostrava as duas vergôntes, que apareciam dobradas quase em ângulo reto.

84

- Intrujões! Deixa cá ver isso.

Apenas Maria Rosa tomou o ramo nas mãos, sentiram todos os presentes que dele se exalava um perfume delicioso, como de essências desconhecidas. »

Mas vejamos o próprio depoimento da mãe da Lúcia, que se encontra nos Interrogatórios Oficiais de 1923: «A Lúcia 2 chegou a casa à noite trazendo na mão um raminho de azinheira e disse que Nossa Senhora lhe tinha aparecido um pouco antes do sol-posto, ali pelo meio da tarde, pelas quatro horas, tendo estado ao meio-dia com o gado em casa. A mãe pegou no ramo e notou que cheirava muito bem. O cheiro não se podia comparar com nenhum outro cheiro. Em Outubro, a Lúcia disse: "Já cá está." Falava alto. A mãe não via nada. Só notou o mesmo cheiro do raminho dos Valinhos quando a filha disse: "Já cá está."»

Humberto Pasquale, que diz ter convivido com os familiares dos videntes, presta-nos mais alguns dados sobre esse odor na obra *Eu Vi Nascer Fátima*: «Mas neste momento», contava a Sr.^a Maria Rosa, «fiquei desapontada: daquelas folhas desprende-se improvisadamente um perfume indefinível. Não era um perfume de incenso, nem de rosmaninho, nem de violeta, nem de sabonete ... um perfume que não sei definir ... , que saía em ondas e que, procurado, já não se sentia! O estranho fenómeno chocou-me muito.»

Acerca desse perfume, conta-nos também Manuel Marto:

«N isto vejo a Jacinta na estrada, aos pulos, muito satisfeita, com um ramo de carrasqueira na mão. Ao mesmo tempo que ela entra em casa, chega-me um perfume assim tão fino como eu nunca cheirei na minha vida. "Ó Jacinta, que é que trazes aí?", perguntei-lhe. "É um ramo da carrasqueira dos Valinhos, onde Nossa Senhora apareceu ainda há bocado." - "Ora deixa cá ver!" Peguei no ramo, cheirei-o, mas nada: o perfume tinha desaparecido.»

Este odor esquisito, indefinível, perfumado e que «procurado já não se sentia», será uma invençãozinha dos pais dos videntes para salientar a sobrenaturalidade das aparições? Não é provável, pois encontrámos também referências a odores aquando de observações ovnilógicas.

85

CONSTATAÇÕES EM OVNILOGIA

EUA (Pensilvânia, Jonestown), 5 de Abril de 1967, 19.45 horas

«o juiz de paz John H. Demler seguia em direção ao norte, na Estrada 72, quando o motor do seu veículo parou bruscamente e os faróis se lhe apagaram. Viu então um objeto de dez metros de diâmetro planando baixo, acima do seu automóvel; o objeto emitia um som de motor elétrico e lançava chamas. Desprendia um cheiro a enxofre e a óleo canforado ... »

A cânfora, como é sabido, é uma substância aromática.

Mas no Brasil encontramos uma descrição que se assemelha mais às palavras da mãe da Lúcia. Brasil (Estado de S. Paulo, Mogy-Guaçu), 18 ou 19 de Outubro de 1965

«A Sr.^a Lúcia Anhaia viu uma luz alaranjada aproximar-se da sua residência à altura da copa das árvores. Não ouviu nenhum ruído, mas com a aproximação do foco de luz sentiu um agradável aroma que atribuiu a uma emanção da flora local.» .

A emissão pulsada de microndas continua a servir de hipótese para justificar, neste caso, os odores registados em Fátima. Existem na bibliografia ovni inúmeras descrições, das quais as mais numerosas são as referentes ao dióxido sulfúrico (SO₂)' Todavia, outros cheiros semelhantes ao benzeno e derivados são igualmente descritos. McCampbell pensa que esta informação aponta para uma descarga elétrica na superfície do ovni, sem dúvida associada à sua luminosidade. «Uma descarga pulsada de microndas no ar seria bastante para gerar ácido nítrico e, sequentemente, benzeno, notado nas proximidades dos ovnis.» Do mesmo modo, outras

86

substâncias, por recomposição química, se formariam. De notar, aliás, a noção de «estranheza», «poderoso», «fluido balsâmico», expressa pelas testemunhas em diferentes casos ovnilógicos.

7. Objetos luminosos

A documentação fatimista descreve-nos diversos objetos e atribui-lhes variadas designações. Para efeitos de exposição, podemos dividi-los em três categorias:

- Objetos no interior de nuvens
- Ovnis clássicos
- «Olhos voadores», ou «foo-fighters»

Objetos no interior de nuvens

AGOSTO

Os primeiros objetos foram assinalados no mês de Agosto. Nos Interrogatórios Oficiais de 1923, encontramos uma das observações mais belas e características - «uma espécie de globo luminoso girando nas nuvens». Foi Manuel Marto quem forneceu esta observação e deve ter morrido sem nunca ter ouvido falar em ovnis ...

Maria Carreira também nos legou uma descrição poética: «As folhas das árvores pareciam flores e os astros estavam muito bonitos: nuvens grandes em cor-de-rosa e prata - uma coisa que espelhava muito ... »

OUTUBRO

Antes do «Milagre do Sol», também foram observados objetos. Houve uma testemunha, que designaremos por Sr.^a Jota, e que redigiu um belo depoimento no dia 30 já desse mês. Fê-lo em forma de carta ao diretor do jornal Correio da Beira, que a publicou na edição do dia 10 de Novembro. Assinou essa carta como «uma assinante do seu jor

87

nal», acrescentando a letra J. Este depoimento é um dos melhores sobre o «Milagre do Sol».

« ... à uma hora, no céu, lugar onde a nuvem se desviara, aclarou; e qual o nosso espanto quando apareceu um globo prateado, fazendo um pequeno giro e aparecendo atravessado aqui e além pelas nuvens! Isto por três vezes, com intervalo talvez de três ou quatro minutos. Nesta ocasião, à nossa retaguarda, dava-se a cena dos pastorinhos junto à azinheira: nós ficámos a sete ou dez metros deste local para escaparmos à turbamulta. A mais velha das pastorinhas impôs nesta altura silêncio e o resto da cena ali era para os três». Esta testemunha chama «ensaio ou prelúdio do astro-rei» a esse «globo prateado fazendo um pequeno giro».

Ovnis clássicos

É curioso constatar que, apesar da época recuada em relação a 1947 (ano geralmente designado como início da atividade moderna dos ovnis e do interesse da população pela sua origem e estudo), surgem nos documentos de Fátima descrições ovnilógicas clássicas.

AGOSTO

Existe, neste mês, uma descrição de Joaquim Xavier Tuna que é muito diferente dos outros testemunhos: «Em Agosto, no dia 13, vi o Sol baixar no céu à hora da aparição. Nunca baixou tanto como daquela vez, nem mesmo a 13 de Outubro. Todos os objetos que me rodeavam se tomaram amarelos.»

SETEMBRO

Mas parece que foi em Setembro que os objetos abundaram nos céus da Cova da Iria. Começamos pela interessante descrição do seminarista Joel de Deus Magno.

«Nunca esquecerei a violenta impressão que senti ao ver cair de joelhos tantos milhares de fiéis, que, chorando, rezavam em voz alta e

88

imploravam, cheios de confiança, a proteção maternal da Rainha do Céu. Foi neste momento que muitos circunstantes viram uma oval, pouco mais volumosa que um ovo, de cor branca, viva e brilhante, com a parte mais larga voltada para baixo, descrever no firmamento uma comprida linha reta. Alguns observaram este fenómeno por mais, outros por menos tempo.»

Mas houve quem não visse a parte mais larga voltada para baixo e referisse que era mais alto que largo o estranho engenho que se passeava sobre a multidão. «Num momento, as vozes começaram a dizer: "Já se não vê ... já se não vê ... " e calaram-se», conta-nos o médico José Maria Pereira Gens 4. «Deduzi então que alguma coisa se passara, e a Senhora, poisada sobre a carrasqueira, estaria já a conversar com Lúcia.

Assim era, de facto: e, no final, quando Lúcia disse: "Lá vai Ela ... " e apontou para o alto, toda aquela gente olhou novamente e ouviu-se, de novo, o alegre vozear: "Lá vai... lá vai ... "

Confesso que nessa altura não resisti; levantei os olhos e, na direção apontada, vi distintamente um objeto luminoso que se afastava para o oriente.

89

Os meus olhos não viram um globo luminoso, mas um objeto mais alto do que largo, luminoso de facto, deslocando-se serenamente e com certa rapidez, até que, de todo, o perdi de vista, no horizonte.

O céu estava claro e limpo; não se via por lá um farrapo de nuvem, nada enfim que manchasse a superfície azulada e puríssima do firmamento.

Aquele objeto luminoso notei-o eu lá no alto, à minha frente, deslocando-se com certa rapidez, serenamente, na direção do oriente ... e desapareceu ...

Na verdade, em Julho, eu notara apenas a diminuição da intensidade da luz solar; agora vi mais, vi deslocar-se no firmamento aquele objeto luminoso, onde hoje a minha fé me diz que se ocultava o corpo glorioso da Rainha dos Céus.»

Mas também monsenhor João Quaresma, vigário-geral da diocese de Leiria, que foi uma das autoridades eclesiásticas nomeadas pelo bispo para fazer parte da Comissão do Inquérito Canónico, considera natural e admissível que a Virgem utilizasse um meio de transporte, como qualquer mortal ...

«Ao meio-dia solar», escreveu ele, «fez-se completo silêncio. Ouvia-se o ciciar das preces. Subitamente soam gritos de júbilo ... Ouvem-se vozes a louvar a Virgem. Braços erguem-se a apontar para qualquer coisa no alto. "Olhem, não veem? .. " - "Sim, já vejo! .. " A satisfação brilha nos olhos dos que veem. No céu azul não havia uma nuvem. Também eu levanto os olhos e ponho-me a perscrutar a amplidão do céu, para ver o que outros olhos mais felizes, primeiro do que eu, contemplaram. "Lá está você também a olhar!.. .. "

Com grande admiração minha, vejo clara e distintamente um globo luminoso que se movia do nascente para o poente, deslizando lento e majestoso através do espaço. O meu amigo olhou também e teve a felicidade de gozar da mesma inesperada e encantadora aparição ... quando, de repente, o globo, com a sua luz extraordinária, se sumiu aos nossos olhos.

Perto de nós estava urna pequenita vestida como a Lúcia e pouco mais ou menos da mesma idade. Cheia de alegria, continuava a gritar "Ainda a vejo ... ainda a vejo ... agora desce para baixo!"

Passados minutos, exatamente o tempo que costumavam durar as aparições, começou a criança de novo a exclamar apontando para o céu: "Lá sobe ela outra vez!", e continuou seguindo o globo com os olhos, até que desapareceu na direção do Sol.

90

- Que pensas daquele globo? - perguntei ao meu amigo, que se mostrava entusiasmado por quanto tínhamos visto.

- Que era Nossa Senhora - respondeu sem hesitar.

Era também a minha convicção. Os pastorinhos contemplaram a própria Mãe de Deus; a nós fora-nos concedida a graça de ver o carro que a tinha transportado do céu à charneca inóspita da serra de Aires.»

Como é difícil conceber espaços abstratos, o cónego francês Barthas, na sua obra Fátima, também considera o Paraíso como um lugar localizado algures no cosmos, distante da Cova da Iria: «Algumas narrativas acrescentam que o globo luminoso tinha a forma oval, com o lado maior voltado para baixo. Todos os que o viram tiveram a impressão, como os dois sacerdotes

já citados, de que se tratava de uma forma semelhante à de um avião que trazia a Mãe de Deus ao encontro prometido aos pastorinhos e que a transportou depois de novo ao Paraíso.» Outra autoridade eclesiástica, e versada nos assuntos de Fátima, é o cônego Galamba de Oliveira. Também ele observou um ovni em Setembro, que nos descreve desta forma: «Não dei por nada junto do local, mas, após a aparição, não posso indicar o momento preciso, olho para o céu, talvez porque alguém a isso me convidasse, e vejo, à distância aparente de um metro do Sol, um como globo luminoso que em breve começou a descer em direção ao poente e, da linha do horizonte, voltou a subir de novo em direção ao Sol.

Apoderou-se de nós uma justificada comoção. Rezámos de rijo a pedir não sei o quê. Todos os presentes puderam ver o mesmo globo, à exceção de um meu condiscípulo, hoje sacerdote também, natural de Torres Novas. Tomei-o pelo braço para lhe mostrar, mas, nessa altura, perdi o globo de vista sem que ele lograsse notá-lo, o que o levou a dizer entre lágrimas: "Porque será que eu não vejo? Quem sabe e estou em pecado mortal!"»

91

Mas houve quem presenciasse objetos com formato não circular ou oval. Precisamente em forma de cruz. E essa observação não se limitou ao local religioso. «No dia 13 de Setembro», relatou Joaquim Xavier Tuna ao cônego Formigão no mesmo dia 13 de Novembro de 1917, «vi uma cruz de grande tamanho sair do Sol e dirigir-se para a banda do nascente. A sua marcha não era muito apressada. Umas vezes aparecia, outras sumia-se, até que saltou fora da vista. Vi ainda outras coisas que não sou capaz de explicar. Na freguesia das Lapas, havia pessoas que à mesma hora viram a cruz.»

Um globo... uma cruz... mas parece que havia mais do que um objeto cruzando o espaço azul da área. Inácio António Marques, o empregado dos Correios, fala-nos de vários «corpos brancos» estranhos. «Então vêem-se lá muito em cima», escreveu ele, «cortando os ares do oriente para o ocidente, uns corpos pequeninos brancos como a neve. Há quem afirme serem pombas, mas vê-se perfeitamente que não são aves.»

Naturalmente, pessoas menos cultas identificaram esses «corpos» . com coisas mais simples e possíveis, como aves e estrelas.

92

Assim, numa carta de J. de S. Bento, que consta dos Arquivos Formigão, encontramos esta pitoresca descrição: «O Sol e os astros fizeram a mesma figura [de outros meses]. O povo entusiasmado a olhar para o ar, dizendo uns que viam estrelas, outros que viam uma pomba, outros que viam estrelas a cores e andorinhas a acompanhar. Era um entusiasmo em todos ...»

O barão de Alvaíázare, advogado e notário em Vila Nova de Ourém, diz-nos: «Falando com algumas pessoas que lá tinham estado no dia 13 de Setembro, umas declararam-me que nada tinham visto, outras que tinham visto uma estrela, outros faziam descrições fantásticas.»

Como seriam essas descrições fantásticas? Talvez hoje já não o fossem e acrescentassem alguns pormenores à fenomenologia de Fátima.

Um professor do Seminário de Santarém, Rev. António Maria de Figueiredo, prestou ao pároco da localidade um desses testemunhos «fantásticos» que constam do seu Inquérito: «Aproveito a ocasião para

93

dizer que nesse dia 13, por volta das três da tarde, veio procurar-me, no presbitério, o Rev.º António Maria de Figueiredo ... e declarou-me que tinha visto estrelas numa zona inferior à zona este lar e que me procurava unicamente para fazer esta declaração.»

OUTUBRO

Mas as estrelas à luz do dia voltaram a brilhar antes do «Milagre do Sol». Desta vez, quem nos fornece a observação é a Sr.ª L. de S. na revista Raio de Luz de 1 de Novembro. «Muitos viram (e pessoas de todo o crédito) uma estrela linda a caminhar na direção da carvalheira com clarão.»

«Olhos voadores» ou foo-fighters

Para além dos objetos divisados por algumas testemunhas, registaram-se ainda observações de pequenos engenhos. Desta vez surgiram sobre a carrasqueira e eram de pequenas dimensões, desintegrando-se como bolas de sabão. Foram detetados apenas nos dois últimos meses.

SETEMBRO

«No dia 13 de Setembro achava-me no mesmo local, de costas voltadas para o norte. Estava um pouco desanimado por não ver coisa alguma de extraordinário como no mês anterior. (..) De repente, vejo passar uma coisa parecida com um balão de espuma que as crianças costumam fazer soprando com uns canudinhos.» Esta bela descrição do que julgamos ser um «olho voador» foi declarada ao Visconde de Montelo por Joaquim Vieira, de Assentiz 10. E acrescenta: «Da primeira vez que a vi passar, calei-me. Vi-a segunda vez e então perguntei alto: "O que é isto?" Não posso explicar o que era. Perdi-a de vista uma dúzia de metros por cima da carrasqueira. Minha mulher não a viu, porque estava a olhar para outro lado.»

O Inquérito Paroquial, expressando a observação de Manuel Gonçalves Júnior, informa-nos que «na ocasião [da aparição] passava sobre

94

a carrasqueira um não sei quê de extraordinário, parecendo flores brancas, e que outras pessoas também notavam tal fenómeno, dizendo serem estrelas» .

Por vezes, esses «olhos voadores» são descritos de uma forma mais positiva: «Em Setembro, eu estava ao pé das crianças, mas não as via por causa da muita gente», testemunhou a empregada doméstica Emília Alves. «Na Cova da Iria, ouvi-as a dizer assim: "Ajoelhem, ajoelhem que já lá vem Nossa Senhora!" E depois veio assim uma bolinha muito branquinha, que parecia de algodão em rama, dirigida, dirigida, assim devagarinho, até onde estavam as crianças. E lá desapareceu mesmo onde elas estavam! Ainda era uma bola assim grandinha: como um punho ou não seria muito maior. Houve muita gente que viu, mas muita também não viu.»

95

OUTUBRO

Maria Carreira, com a sua extraordinária capacidade de observação, legou-nos esta insólita descrição nos Interrogatórios Oficiais de 1923: «Quando a Lúcia disse: "Já lá vem Nossa Senhora", estando uma das filhas da depoente, chamada Maria, em cima de uma pedra, a um metro da azinheira do lado do nascente, para guardar o arco para o povo o não estragar, a rapariga sentiu uma pancada na cara. Viu uma luz muito bonita ao pé dela e deu um grito dizendo: "Ai Nossa Senhora!"

A depoente olhou e viu uma estrela, uma bola, não inteiramente redonda, como um ovo, muito bonita, das cores do arco celeste mas muito mais vivas, tendo cauda de metro e meio, de cores brilhantes. Passou muito rapidamente e perto da azinheira e desapareceu a um palmo da terra.»

CONSTATAÇÕES EM OVNILOGIA

Quase seria desnecessário apresentar analogias, pois a observação de objetos voadores luminosos, que aparecem e desaparecem, constitui o cerne da ovniologia. Todavia, vejamos alguns casos que mais se assemelham aos observados pelas testemunhas de 1917.

Objetos no interior de nuvens

a) Em Fátima, Manuel Marto viu «uma espécie de globo luminoso girando nas nuvens». A sua observação não devia ter sido muito diferente da que o Sr. A. Rosado, em 10 de Dezembro de 1954, efetuou sobre Lisboa. Ele viu «uma bola prateada que brilhava intensamente entre as nuvens altas 12. Se Maria Carreira estivesse ao lado do Sr. Rosado, certamente diria que a nuvem tinha «a cor da prata» e que era «uma coisa que espelhava muito».

96

b) « ... apareceu um globo prateado fazendo um pequeno giro e aparecendo atravessado aqui e além pelas nuvens ... » (Sr." Jota).

É muito frequente a observação de objetos girando sobre si próprios. Embora não referindo as nuvens, valerá a pena citar o caso seguinte, que foi visto longe do nosso planeta azul, no espaço.

«Durante o seu turno de serviço a bordo do Skylab II, a cerca de 450 quilómetros da Terra, os astronautas Jack Lousma, Owen Garriott e Alan Bean observaram e fotografaram um ovni vermelho durante dez minutos. Segundo declararam, o objeto, que se encontrava a uma distância entre 50 e 80 quilómetros, numa órbita muito próxima da sua, girava de dez em dez segundos.»

Portugal (sobre Castelo do Bode), 17 de Junho de 1977

Um furriel da FAP, José Francisco Rodrigues, pilotava um avião sobre a barragem de Castelo do Bode. «Decidi então fazer um voo de

97

instrumentos e entrar nas nuvens. Andava a "escolher" em que nuvem me havia de meter, quando vi algo escuro, muito escuro, no meio de uma nuvem, o que constatava com o resto, que eram esbranquiçadas.»

Diversos objetos estranhos têm sido vistos rodeados de nuvens, redondos ou não, girando ou usando outra movimentação. A meio de Outubro de 1952, sobre o aeródromo de Nirnes-Courbesac, foi visto algo como o desenho apresenta 15. Nem nisso Fátima se encontra sozinha ...

Ovnis clássicos

a) « ... viram uma oval, pouco mais volumosa que um ovo, de cor branca, viva e brilhante, com a parte mais larga voltada para baixo ... » (seminarista Joel de Deus Magno).

Ora, algo semelhante foi também observado no espaço por astronautas norte-americanos. Assim, sobre o Hawai, James McDavitt e Edward White observam subitamente «um engenho brilhante, de forma oval, seguido de rasto luminoso».

b) Mas o Dr. Gens parece contrariar o depoimento do seminarista Joel. Ele afirma que o objecto era luminoso, de facto, mas mais alto que largo. É possível que o ovni se deslocasse - como é usual - ora sobre o seu eixo menor, ora sobre o maior.

Portugal (Paço de Arcos), 17 de Outubro de 1954, 17.30 horas

Mariana Campos, numa carta ao jornal Diário de Lisboa 11, escreveu que vira «uma tira esbranquiçada como se fora um tubo de luz fluorescente (João Vieira também viu um risco numa nuvem) que se deslocava muito lentamente. Houve uma altura em que vimos como que um pequeno prato à frente que girava vertiginosamente, mas foi apenas por um momento. Estivemos a ver durante dez minutos, findos os quais começou a verificar-se que tomava a posição vertical, pois até aí era horizontalmente que se deslocava».

98

c) Mas há testemunhas, em Fátima, que não referem o aspeto oval e outros pormenores e se limitam a chamar ao veículo da Senhora «globo luminoso». A este propósito, parece-nos interessante recordar uma observação francesa efetuada doze anos antes de Fátima.

França (Cherbourg), 30 de Março de 1905

O jornal Cherbourg Éclair 18 noticiou que «na noite de sábado, um globo luminoso, vindo do norte, foi visto descrever uma larga curva por sobre a cidade e desapareceu, cerca das 11 horas, na direção donde viera. Oficiais e personalidades de certa competência viram perfeitamente este fenómeno luminoso, que dava a impressão de uma lâmpada de aço elétrico que se passeava no espaço, parecendo seguir uma linha determinada» .

Curiosamente, o Jornal de Leiria de 21 de Outubro de 1917 relaciona esse fenómeno com o «Milagre do Sol», dizendo no entanto que, em Cherbourg, se observara o planeta Vénus, havendo quem o descrevesse como «disco oval que descrevia sinuosidades no céu».

Objeto oval e globo luminoso surgem, portanto, em Fátima e em Cherbourg como descrição de um só fenómeno.

d) «Vi uma cruz de grande tamanho sair do Sol e dirigir-se para a banda do nascente. A sua marcha não era muito apressada. Umas vezes aparecia, outras sumia-se ... Na freguesia das Lapas havia pessoas que à mesma hora viram a cruz.» (Joaquim Xavier Tuna.)

À primeira vista, pode-se pensar que o formato de cruz esteja apenas conotado com a religiosidade da testemunha. Mas não. Noutras partes do mundo e noutras épocas, surgiram no céu objetos luminosos com esse formato.

EUA, 20 de Janeiro de 1951

Dois operadores de uma torre de controlo observam um objeto luminoso, com a aparência de um avião, «com o corpo em forma de charuto e com asas recas maiores do que um B-29.

Em suma, uma cruz.

99

Inglaterra (Holsworthy, Brandis Comer), 24 de Outubro de 1967

Desta vez, um brigadeiro da polícia e um agente perseguiram a grande velocidade um objeto que parecia «muito grande, muito brilhante e em forma de cruz». Numa conferência de imprensa, o brigadeiro declarou que «era como uma espécie de cruz voadora, muito maior do que qualquer estrela, irradiando pontos luminosos de todos os ângulos, como quando se olha através de um vidro húmido. (...) Antes de desaparecer na distância, foi recolhida por um segundo objeto. Este era também grande, em forma de cruz, extremamente brilhante e silencioso».

e) Em Fátima, a testemunha observou a «cruz» aparecendo e desaparecendo. Pois os polícias ingleses viram a sua «cruz» desaparecer repentinamente às 4.16 horas e reaparecer tão bruscamente como desaparecera às 4.23 horas.

Roménia (Arada), Junho de 1969

O pintor Nicolae Dimitras viu, no céu limpo, um objeto deslocando-se a uma velocidade constante, como uma ave em voo planado, em linha

100

reta, de cor branca, luminoso, que rasava a copa das árvores, desaparecendo atrás destas.

f) «Então vêm-se lá muito em cima, cortando os ares, do oriente para o ocidente, uns corpos pequeninos, brancos como a neve. Há quem afirme serem pombas, mas vê-se perfeitamente que não são aves.» (Inácio Marques)

«Olhos voadores» ou foo-fighters

Portugal (Ota), 4 de Setembro de 1957

«Quando, pelas 21.15 horas, o tenente Álvaro Vicente assistia na Ota ao voo noturno, surgiu a nascente da faixa de aterragem uma luz intensa, com um diâmetro de vinte centímetros, que se deslocava no sentido vertical, de cima para baixo, acabando por desaparecer a uns quarenta metros do solo.»

Como conclusão podemos apresentar certas declarações dos videntes sobre as «portas do céu», como se este fosse, de facto, o engenho portador da Entidade. «Os pequenos estavam calados», conta-nos Maria Carreira; «sempre com a vista naquele ponto, até que, um pedacinho depois, a Lúcia disse: "Pronto! Agora já não se vê; já entrou para o céu: já se fecharam as portas."»

Por sua vez, a Jacinta confessou à mãe: «Quando Ela entrou pelo céu dentro, parece que as portas se fecharam com tanta pressa que até os pés iam ficando entalados ... Era tão lindo o céu! ... Havia lá tantas rosas albardeiras! ... »

O que teria realmente visto a Jacinta? «Rosas albardeiras» são rosas silvestres, pequenas, entre a cor branca e o rosa-vivo, que embelezam as estradas portuguesas ...

101

Ovnis imersos nas nuvens, «discos», esferas, globos, foo-fighters constituem a galeria básica das aerofórmulas não identificadas, registadas por todo o lado e em todos os tempos. Pensa-se que a maioria destes engenhos são próprios do voo na baixa atmosfera.

Uma divisão genérica atribui aos objetos esféricos ou em forma de globo um diâmetro médio de cinco metros. A forma discoidal e as suas variações (lentilha, etc.), em que a perspectiva de

cada testemunha não deixa de ter influência, referem-se a dimensões várias. McCampbell considera um tipo standard com cerca de oito metros e um tipo maior, com elevado número de referências, que atinge cerca de trinta metros. O objeto de 13 de Outubro, de que falaremos, estaria incluído neste grupo. As pequenas esferas ou discos de menor dimensão, cujo diâmetro pode atingir apenas dez centímetros, segundo anota Jan Heering, parecem ser controladas remotamente, talvez com finalidades sensoras, de pré-programação.

Este cientista supõe serem «esferas inteligentes». A esse propósito, interroga-se sobre a natureza peculiar da sua estrutura. Os foo-fighters seriam basicamente constituídos por luz, apresentando as seguintes características: forma geralmente esférica com um diâmetro variando entre os dez centímetros ou menos até cinco metros ou mais; deslocam-se inteligentemente, mostrando-se por vezes como autênticos seres vivos; parecem constituídos por qualquer espécie de substrato gasoso ou plasmático; evoluem lentamente, podendo aparecer subitamente ou desaparecer do mesmo modo (switch on/switch off, no inglês). «Esta luz estruturada», concluiu Jan Heering, «parece indicar a existência de outros tipos rarefeitos ou voláteis de matéria.»

Independente do aspeto morfológico já enunciado, cremos que, em Fátima, as referências mais ou menos difusas a objetos nas nuvens se reportam às situações de mimetismo (camuflagem) ou ainda a objetos, discoidais ou não, portadores de outros mais pequenos (as esferas foo-fighters) e mesmo do «Sol», que bailou em 13 de Outubro. As formas geométricas bizarras, como «estrelas», «cruzes», são outras tantas confirmações fora do contexto de Fátima e do quadro religioso.

102

8. Rampas de luz

A vidente escreveu nas suas Memórias I: «Os relâmpagos não eram propriamente relâmpagos, mas sim o reflexo de uma luz que se aproximava. Por vermos esta luz é que dizíamos, às vezes, que víamos vir Nossa Senhora; mas propriamente Nossa Senhora só A distinguíamos nessa luz quando já estava sobre a azinheira.»

Em 13 de Outubro, perguntou-lhe o Visconde de Montelo:

- Estava envolvida nalgum clarão?

- Veio no meio dum esplendor. Desta vez também cegava. De vez em quando eu tinha de esfregar os olhos.

Esse esplendor não envolvia apenas a Entidade - envolvia os próprios videntes. «Estávamos tão perto», continua a Lúcia, «que ficávamos dentro da luz que A cercava ou que Ela espargia. Talvez a metro e meio de distância, mais ou menos.»

Sabemos que apenas as crianças viam a Entidade. Quanto à multidão, apercebia-se de uma nuvem de fumo. Mas ninguém, entre tantos milhares, teria observado essa luz que a envolvia? Existe uma testemunha que realmente a detetou - Gilberto dos Santos. E na sua narrativa não nos fornece a observação de uma mera luz, de um clarão. Gilberto viu mais - uma rampa de luz, vinda de cima até à azinheira. Ele próprio lhe chamou «estrada». A Entidade descia, portanto, por uma «estrada» luminosa, por uma rampa de luz.

«Enquanto os três pastorinhos se encontravam piedosamente ajoelhados, olhando para a Aparição, vi que eles e a pequena azinheira estavam dentro dum círculo luminoso-colorido-transparente, de cores semelhantes às do arco-íris (não cores em faixas como no arco-íris, mas numa amálgama, em que os tons se misturavam), no círculo que era o termo de uma estrada de luz colorida vinda do céu - vinda de entre o Sol e o nascente.

«Quando as crianças se levantaram, a referida estrada de luz colorida sumiu-se a pouco e pouco, de baixo para cima, e, em poucos segundos, desapareceu por completo. Naquele momento reparei que os três pastorinhos dirigiam a vista para o lado da dita estrada de luz colorida.

103

Pude observar, distintamente, aquele lindo fenómeno; e como supunha que o mesmo tinha sido observado por todas as pessoas que ali se encontravam, fiquei surpreso ao ouvir de umas para as outras que nada tinham visto.»

No dia 13 de Outubro, Gilberto voltou ao mesmo local. Já lá estava quando chegaram os três videntes «ao colo de pessoas que julguei serem da família». E novamente nos conta:

«Ainda nessa ocasião observei, novamente, que os três videntes, a pequena azinheira e algumas pessoas que estavam perto dos videntes encontravam-se dentro do círculo luminoso transparente colorido, como igualmente vi no mês de Setembro. O remate do círculo luminoso media entre dois a três metros de diâmetro, aproximadamente. Quando os três videntes se levantaram, vi a dita estrada de luz colorida desaparecer pouco a pouco, de baixo para cima, e em poucos segundos desaparecer por completo, como no mês anterior.» E acrescenta em nota: «Quando a Lúcia esteve em Torres Novas (uns dias de visita em casa de meus pais) ela disse-me que, quando eu observei o fenómeno da estrada de luz colorida a sumir-se de baixo para cima, era realmente a ocasião em que Nossa Senhora subia para o céu.»

Na verdade, nas suas Memórias, a vidente corrobora esse dado: «Em seguida começou a elevar-se serenamente subindo em direção ao nascente, até desaparecer na imensidade da distância. A luz que a circundava ia como que abrindo um caminho no cerrado dos astros ... »

CONSTATAÇÕES EM OVNILOGIA

Mas seria a Senhora de Fátima o único ser a descer e a subir por uma rampa de luz? Vejamos apenas alguns casos referenciados em ovniologia.

Finlândia (a 130 kms de Helsínquia), 7 de Janeiro de 1970, 16.45 horas

Dois esquiadores viram descer um objeto aureolado duma bruma acinzentada luminosa, que se manifestava por pulsações. Através da

104

bruma «distinguiram um objeto de aparência metálica de três metros de diâmetro». Um jacto de luz saiu debaixo do engenho e apareceu uma pequena e estranha criatura no seu interior. Depois a luz reentrou no engenho e tudo desapareceu.

Argentina (Nicanor-Olivera), 31 de Agosto de 1978

O casal Arias é despertado por intensa luminosidade no exterior da sua residência. Um objeto ovóide balançava-se sobre uma mata de eucaliptos vizinha. Observaram ainda que uma luz circular era emitida de um dos bordos do engenho. Na extremidade dessa luz, viram dois vultos que traziam consigo, à altura do peito, uma luz vermelha que «parecia correr como se caísse de uma pequena cascata». Os movimentos das entidades eram rígidos, e as testemunhas definem-nos como «peregrinos flutuando, sentados sobre algo».

Há casos em que os ovnis emitem feixes luminosos de propagação lenta. Estes definem-se pela delimitação entre a zona clara e a obscuridade ambiente, no caso de observações noturnas, dando a impressão de se tratar de uma espécie de luz sólida.

Um feixe de luz «sólida» é aparentemente constituído por uma área tubular no interior da qual se produz um fenómeno bem particular, que ainda não compreendemos e cujo resultado é cada ponto no seu interior se tornar produtor de luz. O comprimento e a forma do feixe são modulados pelos ovnis. Os feixes são passíveis de ser desviados. O físico holandês Jan Heering 7 pensa que deve existir uma relação entre estas emissões luminosas e os efeitos que lhes estão associados, tal como a imobilização das testemunhas banhadas por este tipo de radiação. Este

105

Fig. 12 - Reconstituição da observação de um pequeno ser humanóide, transportado num feixe luminoso, em Heinola, Finlândia, a 7 de Janeiro de 1970. (Ref.³ Jacques Lob e Robert Gigi)

106

Fig. 13 - Argentina (Nicanor-Olivera), 31 de Agosto de 1978: dois vultos transportados na extremidade de um foco luminoso emitido por um ovni. (Doe. Alejandro E. Chionetti)

107

tipo de luz «sólida» progride silenciosa e lentamente, tomando a forma de um cilindro, oco ou cheio ou em forma de tronco-cone. Podem ser convergentes ou divergentes. Há casos em que partem de altitudes relativamente importantes: caso de Ellezelles (Inforespace n.º 6) ou Trancas (LDLN n.º 121 e Phénomènes Spatiaux n.º 33). Em Villiers-en-Morvan e em Trancas, os comprimentos observados são de dois mil e duzentos e três mil e duzentos metros, respetivamente. A velocidade de propagação variava entre os treze e os vinte e seis quilómetros/hora. A secção de um feixe deste tipo pode variar entre cinco centímetros e três metros. A «rampa» de Fátima não precisaria, pois, de ter mais que um ou dois quilómetros e o seu diâmetro na área da pequena azinheira está perfeitamente dentro das dimensões indicadas.

De salientar outra particularidade importante: em vários casos é nitidamente observada a procedência do feixe através de uma abertura surgida no ovni. Compare-se com a descrição da Lúcia sobre o modo de desaparecimento da Ouraniana (do grego Ouranos que significa céu; Ouraniana = a senhora do céu).

Na maior parte das vezes reintegram-se no ovni, a sua fonte, seguindo o mesmo processo, mas ao inverso, regredindo até ao seu completo desaparecimento. Em numerosos relatos há indicações de uma condensação ou nevoeiro luminoso no momento da reintegração do feixe: caso da barragem de Gabriel y Gallan (Espanha).

Como já vimos, para além de efeitos e propósitos que pertencem ao domínio da especulação, estes feixes servem para o auto transporte de figuras ou entidades alienígenas. Parece ser este uma das constantes mais perturbadoras neste particular.

Fisicamente, este tipo de luz assemelhar-se-ia a uma energia tipo laser produzida por um modelo de propulsão MHD e efetuada num forte campo magnético, de acordo com o físico Jean-Pierre Petit. Outra hipótese é apresentada pelo Prof. Auguste Meessen: «Pode-se pensar num feixe de prótons, provocando uma luminescência do ar atravessado na sequência de uma interação de prótons com os eletrões das molé

108

culas do ar encontradas no seu curso» 10. Cita este investigador, a propósito, a possibilidade de feixes deste tipo poderem atingir distâncias consideráveis: prótons de 500 Me V percorrem 1,3 quilómetros no ar antes de se deterem, e os de 1000 Me V atingem os 3 quilómetros 11.

Ainda dentro desta perspectiva, o físico Jan Heering cita a revista Physic Today, de Novembro de 1976, onde James F. Ziegler publica uma foto de um feixe de prótons com o aspeto de um cilindro perfeitamente delimitado. Esta hipótese concordaria com os testemunhos e ilustra o que se pode conseguir a partir de uma emissão deste tipo conclui o referido investigador. Todavia, ele mesmo adianta algumas dificuldades, como sejam a diferença de coloração entre os feixes emitidos pelo mesmo ovni, a sua progressão lenta e a manutenção da cor e luminosidade, as forças exercidas por estes feixes (repulsão ou atração, patenteadas sobre a azinheira de Fátima) ou ainda o caso dos feixes pulsantes.

De qualquer modo, no estado atual da investigação ovni e de acordo com a maioria dos investigadores, poderíamos estar em presença de um tipo de energia variável, que, para o eng.º Jean Goupil, poderia ser representada por partículas de interação modulável (por meio de um «agente» - uma onda?) previamente aceleradas de modo a que tenham todas a mesma velocidade 13. O transporte, inspeção e neutralização constituiriam as principais funções destes feixes.

9. Aragens

Encontramos, nalguns testemunhos fatimistas, referências a aragens, a redemoinhos, a nuvens de poeira. Inácio António Marques assinala-as

109

em Junho e Setembro. Curiosamente, situou-as no final do fenómeno das aparições, como se a Entidade se afastasse, num engenho, provocando deslocação de ar ...

JUNHO

«A Lúcia volve o olhar através do espaço, como que a acompanhar com a vista alguém que se eleva, e como extasiada vai indicando o rumo que ela leva até se perder no infinito. Eu, como descrente, quero negar mesmo até tudo o que estou vendo, mas, contemplando a atmosfera, vejo que tudo se toma turvado. Parece que duas correntes de ar opostas se vêm encontrar ali levantando uma nuvem de poeira. O tempo escurece ... »I

Outras testemunhas chamam a essa «nuvem de poeira» uma «nuvem de fumo», afirmando que a Senhora se deslocava no seu interior. E não referem nenhuma corrente de ar, apenas diminuição de luz e de temperatura.

Todavia, existem outras referências a brisas suaves noutros dias 13.

JULHO

Manuel Marto reparou que o Sol «enturviscou-se e começou a correr uma aragem tão fresquinha que consolava. Nem parecia estarmos no pino do Verão. O povo estava mudo que até metia impressão».

AGOSTO

Neste mês, João Pereira Novo diz-nos que «o povo fez silêncio. O tempo era claro. Pois, de repente, se formou um relâmpago do céu sobre o altar e fez de roda do altar um redemoinho que cobriu mais de trezentas pessoas de terra. Tudo fugia, caía e chorava».

No seu conjunto, este depoimento pode ser exagerado. Além disso, entre cerca de dezoito mil pessoas presentes, mais ninguém relatou esse forte redemoinho. Poderia tratar-se da «nuvem de fumo» e não de terra

110

do local. A leitora da revista Raio de Luz 3 talvez esteja mais perto da verdade ao escrever: « ... deu-se um abaixamento rápido de temperatura, sem vento, produzindo a sensação que se tem quando há um eclipse do Sol. Olhei para o carrasqueiro e vi-o envolto no tal nevoeiro que dizem se ter notado sempre ... Foi pó levantado pelo movimento do povo? Talvez, mas em nenhum outro ponto se deu e, repito, não havia vento, havia fresco.»

SETEMBRO

Apesar de esta testemunha referir que não fazia vento, Inácio António Marques volta a falar de aragens em Setembro. «Segue-se a conversação com a dita Senhora, e assim que diz "Lá vai Ela", o Sol escurece ... o calor diminui e uma aragem nos vem mimosear a fronte. Então vêm-se lá muito em cima ... uns corpos muitos pequeninos ... »

CONSTATAÇÕES EM OVNILOGIA

Entre nós, um automóvel que passa, um avião que se eleva, provocam deslocções de ar. Também em ovniologia se referem casos de súbitas aragens, com agitação de poeira, de árvores

...

EUA (Colorado, South Table Mountain), 29 de Janeiro de 1950

Quintana de Denver viu um objeto ovóide, de cor verde-prateada, voando a uns quinze metros de altitude e que pois ou docemente numa ravina. «Uma luz brilhava no topo do objeto e a testemunha sentiu uma aragem e um odor acre.»

Espanha (Ávila, Mutiotello), 19 de Setembro de 1967

P. S. B., de 24 anos, regressava da pesca seguindo na sua bicicleta ... Em determinado momento, voltou a cabeça e divisou no céu um ponto

111

negro. Sentia uma brisa bastante forte que lhe fez sentir frio. «A sensação repetiu-se e então viu um objeto mais próximo, em forma de disco, que avançou com velocidade incrível.»

Manuel Marto sentiu «correr uma aragem tão fresquinha». Inácio Marques disse-nos que «uma aragem nos vem mimosear a fronte». E o cidadão espanhol sentiu também «uma brisa» e chama a essa brisa ... sensação!

A propulsão dos ovnis na baixa atmosfera, a partir do modelo proposto pelo Prof. Auguste Meessen, implicaria:

1.º - que se trataria de uma propulsão por reação;

2.º - que pode ser realizada por um deslocamento do ar ambiente;

3.º - que este é possível sem meios mecânicos, mas através de uma ação eletromagnética direta sobre o conjunto de partículas carregadas, obtidas por ionização do ar em torno do engenho. Daí que seja lógica «a constatação de deslocamentos de ar, pois as partículas carregadas deverão arrastar as partículas neutras em consequência de colisões».

Os dados das observações em Fátima, relativamente a este aspeto das manifestações físicas, enquadram-se coerentemente com as outras referências a efeitos de sucção associados (v. «Milagre do Sol»).

10. «Cabelos de anjo» (chuva de flores)

Os nossos conterrâneos de 1917 testemunharam-nos ainda a observação de um fenómeno conhecido na literatura fatimista por «chuva de flores». Termo poético e místico, necessariamente ligado ao ambiente gerado pelos acontecimentos daquele ano.

Este fenómeno foi observado uma vez na época das aparições e por várias vezes em anos posteriores. Concretamente, podemos afirmar que choveram «flores» sobre a Cova da Iria nas seguintes datas:

112

- 13 de Setembro de 1917

- 13 de Maio de 1918

- 13 de Maio de 1923

- 13 de Maio de 1924

- Entre 1923 e 1925

- 17 de Outubro de 1957

13 de Setembro de 1917

Este dia apresentou-se claro, cheio de luz e com o céu azul. Na hora da aparição, houve testemunhas que viram cair do espaço substâncias desconhecidas que definiram desta forma:

«Antes ou depois [de ver o globo luminoso], mas decerto no mesmo dia, começámos eu e outros, não sei se todos os presentes, a ver a queda como de pétalas de rosas ou flores de neve que vinham do alto e desapareciam um pouco acima das nossas cabeças, sem que lhes pudéssemos tocar.»

Quem presta este testemunho é o autor fatimista cônego José Galamba de Oliveira. Na altura era seminarista e contava catorze anos.

Mas há quem dê a essas substâncias outros nomes: « ... à hora indicada pelos pastorinhos, o meio-dia solar, voz geral de "olhem para o Sol" verifiquei que o Sol se tomou fosco - de um fosco que não é de fácil descrição. Entretanto, despediam-se das alturas como que uns flocos de neve ou de algodão em rama, do tamanho de tostões antigos, que desciam sobre a azinheira» (António Rodrigues da Silva, advogado).

Por sua vez, Maria do Carmo Marques da Cruz Meneses, que vivia perto de Leiria, declarou, em 1961, ao escritor norte-americano John Mathias Haffert: «Vi o milagre das pétalas no mês antes do "Milagre do Sol". Bolas brancas caídas do céu e que, quando eu ia a apanhá-las, ficavam em nada.»

113

desprender-se do Sol, como as pessoas que me rodeavam as viam. E rápida e suavemente, ao mesmo tempo, quando chegavam próximo do solo desapareciam. Muito brancas e brilhantes, com um sol ardente e uma atmosfera limpidíssima e serena, não me querendo logo pronunciar, nem para mim mesmo, acabando por fim e ao cabo (de) bastante tempo por concluir que não há fenómeno algum natural assim nem conhecido nem descrito, inclinandome, portanto, para o sobrenatural. Hoje creio firmemente que assim foi, porque tive testemunhos que me permitem reconstituir o fenómeno como se me afigura se tenha dado ...

Primeiro podíamos fixar o Sol, demorada e impunemente, vendo-se nele fenómenos magníficos de beleza e cor. Depois começou uma chuva abundante das pétalas mencionadas. E quando cheguei já não era possível fixar o Sol e estava-se no fim do fenómeno, que foi bastante demorado ... »

13 de Maio de 1924

Um ano depois, a Cova da Iria voltou a ser cenário de nova «chuva» misteriosa. A multidão que lá se dirigiu era numerosa e entre ela encontrava-se 'José Pereira Gens, já então com o seu diploma de médico, que obtivera em 1922. Na sua obra Fátima - Como Eu a Vi e como a Sinto relata-nos pormenorizadamente a sua observação.

«A dado momento», escreveu ele, após nos ter informado que antes merendara debaixo das oliveiras, lá em cima, junto da antiga estrada, «notámos que havia algumas pessoas, de pé, a fitar o céu com insistência; e, apontando com a mão para o alto, diziam com entusiasmo: "Lá vêm mais... lá vêm mais ... "»

Intrigados, levantámo-nos para indagar. Dizem-nos, então, que veem cair do alto pequenos farrapitos brancos, parecidos com pétalas de malmequeres, não conseguindo, porém, acompanhá-los com a vista até ao chão .

... Olhando com atenção, vimos, distintamente, os pequenos farrapitos brancos, descendo do alto, não conseguindo, porém, a vista acompanhá-

116

-los até ao solo. Pareciam, de facto, pétalas de malmequer, ou, talvez antes, flores de laranjeira, que, pela sua maior consistência, melhor explicam a velocidade com que caíam. Olhando para a parte superior das oliveiras, notavam-se perfeitamente os pequeninos corpos brancos aproximarem-se das copas verde-escuras e perderem-se aí. Confessamos não ter conseguido ver nenhum ao perto. Era uma substância muito branca, vinda do alto, em flocos ...

»

Mas neste dia, outra pessoa, que mais tarde se havia de ocupar do problema de Fátima, observou a queda desses flocos. Foi P. O. Faria, que, na sua obra Perguntas sobre Fátima e "Fátima Desmascarada", nos lega o seu depoimento:

«Também eu assisti a este fenómeno em 13 de Maio de 1924, mas estando lá em baixo, no meio da multidão. Recordo-me perfeitamente. Tinha eu dez anos. Parti logo de manhã para a escola; mas, chegado lá perto, em vez de seguir para a aula, que era na Atouguia, viro para a Cova da Iria e lá vou eu serra acima com a "saca da escola" a tiracolo, levado pela curiosidade. Assisti a tudo e logo me atirei de novo ao caminho da Atouguia com receio de alguma sova por faltar à escola.

Quando entrei na sala, pus toda a gente em alvoroço. Ia a professora a esboçar um ralhete pelo meu atraso, mas logo a calei com a narração calorosa do acontecimento que acabava de presenciar em Fátima. E contei a coisa como a descreve o Dr. Gens: Uma chuva de pétalas brancas (ou coisa parecida) caía suavemente sobre a multidão, desaparecendo antes de chegar ao solo.»

Entre 1923 e 1925

Gilberto Fernandes dos Santos também observou uma «chuva de flores» na Cova da Iria, mas não nos sabe dizer a data certa. Contratara um fotógrafo, o Sr. Joaquim Baptista Freitas, para reconstituir o primeiro dia da aparição com outras crianças e ovelhas. Essa foto serviria para a impressão de prospectos. Ora, nesse dia indeterminado, mas entre 1923 e 1925, conta-nos ele na sua obra:

117

«Na ocasião em que pela terceira vez foi tirada a fotografia da reconstituição da aparição, durante talvez quinze minutos, observei que, sobre a Imagem, numa área talvez de vinte metros em redor, caíam, vindas do céu, muitas florinhas brancas (muito brancas) - como pétalas de flores de amendoeira ou como pequeninos flocos de neve, em forma das ditas pétalas -, mas que ao chegarem três a cinco metros, aproximadamente, antes do chão todas se sumiam de repente - como bolinhas de água de sabão com que as crianças usam brincar. Olhava para elas sempre na esperança de apanhar algumas; mas não consegui apanhar uma única; pois que nem uma única caiu no chão. Todas se sumiram misteriosamente.»

Noutros dias 13 em anos indiferenciados

Quando conversámos com a irmã de Lúcia, Maria dos Anjos, em Julho de 1978, esta confirmou-nos ter também observado este fenómeno. Não só na época das aparições como possivelmente em anos indeterminados.

«- Vi uma chuvazinha de flores já agora tenho visto), parecia assim um enxamezinho de abelhas, assim enrilhado - faz o gesto com as mãos ... -, no sítio da Cova da Iria. Pareciam umas florinhas a passar umas pelas outras. Não caía nenhuma para o chão.

- Embaralhadas umas nas outras? - perguntámos.

- Embaralhadas.

- Na altura das aparições? - A conversa anterior tinha sido sobre os "zumbidos de abelha" quando Lúcia esperava as respostas.

- Sim, sim. E aquelas senhoras que tinham um guarda-chuva abriram-no e aparavam-nas, mas não caía nenhuma.

- Elas caíam e depois enrolavam-se?

- Sim. Houve muita gente que também viu isso. Muita gente. Eu não tinha guarda-chuva. Mas aquelas senhoras que tinham abriram-no e faziam assim - faz o gesto de subir e descer -, mas não apanhavam nenhuma.

- Então nunca consegui ter nenhuma na mão ...

- Eu, não. Elas não caíam!. .. »

Outras pessoas referem essa queda de «flores», em anos indeterminados, embora possivelmente na década de. «Vi cair num

118

dia 13 de Maio muitas pétalas de rosa», contou Maria do Carmo Meneses ao seu irmão poeta. «Saíam do Sol, mas em grande quantidade. Lá em cima eram grandes e ao pé de nós eram pequeninas e sumiam-se. Até os homens abriam os chapéus para apanhá-las, mas nada viam. Caiu uma no meu ombro esquerdo, ia para apanhá-la, mas nada vi.»

Angélica Maria Pitta Morais também escreveu 12: «De então (13/10/ 1917) para cá, tenho ido várias vezes à Cova da Iria em dias 13 e também assisti a um outro sinal milagroso, que foi a queda do céu de umas "gotas" ou "pérolas" luminosas, que todos queriam apanhar mas que desapareciam à altura das nossas mãos: cheguei a julgar que tinha uma dessas "bolinhas" luminosas fechada na mão, mas ... ao abri-la, não havia nada. Isto deu-se à hora da missa e durou uns cinco minutos talvez.»

Em Julho de 1978, também perguntámos a Amélia de Jesus da Silva:

- Não se lembra, já depois de 1917, de ver lá cair uma chuva de flores?

- Eu nunca vi. Mas a minha mãe e muita gente viram.

- Mas depois de 1917 ou nesse ano?

- Foi mais para diante. Foi quando começou a haver a bênção dos doentes, estava já lá muita gente e doentinhos ...

- Na hora da bênção dos doentes?

- Era quase sempre à bênção dos doentes que vinha aquela chuvinha miudinha.

- E parecia-se com quê?

- Uns diziam que eram flores miudinhas e outros rosas maiores. A minha mãe, num dia 13, viu cair as tais flores. Dizia ela: «Olha, parecia flores de oliveira, miudinhas, pequenas e caíam, caíam que parecia uma peneira a peneirar farinha.»

- E viu donde elas caíam?

- Aquilo caía de cima. Alguns aparavam com as mãos, outras pessoas aparavam-nas com o chapéu. A minha mãe ficou assim a pensar: «Dizem que caem aqui flores. É isto, de certeza.» Depois ouviu dizer às pessoas que estavam à roda, que estavam perto: «Ai, hoje caíram tão poucochinhas graças! Às vezes é mais tempo. Hoje caíram poucochinhas graças. Chamavam-lhes "as graças de Nossa Senhora!"»

119

17 de Outubro de 1957

Nesta data, voltaram a cair sobre a Cova da Iria substâncias brancas, vindas do céu. Não eram bem iguais às que temos vindo a referir, porque estas não se desfaziam ao chegar ao solo. Perduraram nos fios elétricos e transformaram os arbustos da área em belas árvores de Natal. Foram mesmo transportadas até Lisboa para serem analisadas. Curiosamente, as notícias falavam-nos de um ruído, tipo zumbido, tal como nos disse a irmã da vidente.

A notícia da queda desses flocos foi transmitida pela Rádio Fátima, já então existente, e pelos jornais A Voz e Diário de Notícias.

Assim, transcrevendo a notícia radiofónica lê-se no jornal A Voz do dia seguinte:

«MILHARES DE FLOCOS BRANCOS CHOVERAM NA COVA DA IRIA

Cova da Iria, 17 - Hoje, desde a manhã e até depois do meio-dia, do céu de Fátima e suas vizinhanças choveram milhares de flocos brancos, de uma matéria parecida com seda.

Os flocos avistavam-se à altura de uns quinze metros. Uns desciam verticalmente e outros desandavam na direção norte-sul.

O público, com grande expectativa, mirava-os, sugerindo hipóteses a respeito do fenómeno. Poucos flocos se conseguiram apanhar, porque o movimento das mãos, ao quererem agarrá-los, provocava o seu afastamento, pela deslocação do ar.

Havia flocos tão grandes que, agarrando-se aos fios elétricos, pendiam e chegavam ao chão. Uma vez presos, agarram-se com certa viscosidade.

Os flocos não eram transparentes, podendo fotografar-se. Embora de certa resistência, ao partirem-se faziam leve ruído, desfazendo-se facilmente esfregando-os nas mãos.»

Por sua vez, o Diário de Notícias de 19 de Outubro narrava:

«FENÓMENO METEOROLÓGICO?

DO CÉU SEM NUVENS E COM SOL RADIOSO, CAJU SOBRE A COVA DA IRIA UMA CHUVA DE FLOCOS BRANCOS, DE SUBSTÂNCIA DESCONHECIDA

120

Cova da Iria, 18 (Especial para o Diário de Notícias) - Eram nove horas da manhã de ontem.

(...)

De súbito, do lado norte, da mesma direção donde um dia os três pastorinhos viram surgir aquela luz intensa, "mais brilhante que o Sol", que precedeu a aparição da Senhora, veio uma chuva de flocos brancos, transparentes, rebrilhantes de luz, que caíram sobre a Cova da Iria.

Como quase toda a gente estava recolhida em oração, poucos se aperceberam do fenómeno.

Muito leves, quase irreais, os flocos esvoaçavam no espaço, e o próprio gesto de os agarrar imprimia-lhes, com a pequena deslocação do ar, mais rápido e desordenado movimento.

Os flocos faziam leve ruído, como um zumbido, ao estreitarem-se entre as mãos, e desfaziam-se como por encanto.

Não há memória de fenómeno semelhante. As autoridades eclesiásticas não se pronunciaram sobre o assunto.

Entretanto, do Santuário foi enviada a um laboratório de Lisboa uma amostra dos flocos para análise.

A notícia correu célere, de boca em boca. Muitos falam de um fenómeno sobrenatural.»

O Dr. Pereira Gens refere-se a esta observação na sua obra Fátima - Como Eu a Vi e como a Sinto. Segundo ele, «muito intrigou toda a gente, pois não se compreendia facilmente a natureza de tal fenómeno». E pergunta: «Terá este acontecimento alguma semelhança ou alguma relação com o presenciado em 13 de Maio de 1918 e 1924? Das duas primeiras vezes, aqueles flocos eram pequenos, como pétalas de flores de laranjeira, e desfaziam-se antes de tocar no solo; desta vez, porém, caíam em quantidade apreciável e formaram aglomerados que perduraram, podendo ser observados quer no solo, quer sobre os ramos das árvores e dos arbustos e nos fios de iluminação e telefónicos.»

CONST ATAÇÕES EM OVNILOGIA

Portugal (Ponte de Lima), 12 e 13 de Outubro de 1857, 13.30 horas

Em Portugal, há já notícia dessa queda de flocos brancos em meados do século XIX. Com efeito, no jornal A Razão, de Valença do Minho,

121

Fig. 14 - Exemplar extremamente significativo de «cabelos de anjo», fotografado em 17 de Outubro de 1957 na Cova da Iria. (Doe. A Voz.)

Fig. 15 - Amostra de «cabelos de anjo» recolhida em Oloron, França, a 17 de Outubro de 1952. (Doe. Jacques Lob e Robert Gigi.)

122

de 16 de Outubro de 1857, podemos ler: «À hora e meia da tarde dos dias 12 e 13 do corrente, em Ponte de Lima e suas imediações, colocando-se uma ou muitas pessoas à sombra e olhando para o Sol brilhante desses dias (quanto à nossa vista é permitido), viam-se descer continuamente uma multidão de flocos ou fios que com dificuldade se encontravam em terra. Embora se diga que já há mais anos se tem observado o fenómeno, sustentaremos que nunca [caiu] um chuveiro de fios como nestes dois dias. Alguém pôde aparar alguns. O Sr. Francisco de Salles e Brito, pessoa muito esclarecida, a quem impressionou bastante o nunca visto sucesso, obteve ao cair sobre um pinheiro um dos tais flocos. É um pouco mais rijo que a teia de aranha porque, longe de quebrar, tem elasticidade, é uma coisa semelhante a algodão, mais branco que ele, e que como ele dá fio. Parece que não é só cá por baixo que isto anda revoltado!»

Curiosamente, não se encontra nesta notícia nenhuma conotação religiosa. Mas cem anos depois ela é estabelecida na Cova da Iria. Contudo, esses filamentos não tombaram, em 1957, apenas sobre Fátima. Nesse mesmo dia, «as Religiosas Doroteias viram claramente, em Évora, no seu Colégio de Nossa Senhora do Carmo, a mesma chuva de flocos brancos verificada na Cova da Iria ... ».

Portugal (Évora), 2 de Novembro de 1959

Dois anos depois, Évora voltou a ser cenário dum fenómeno semelhante. A 2 de Novembro, registou-se a passagem, sobre esta cidade, de vários objetos não identificados, sendo de «forma arredondada e tendo uma esfera muito brilhante sobreposta. Coincidindo com a passagem desses objetos, caiu sobre a cidade uma intensa chuva de filamentos esbranquiçados, que durou cerca de quatro horas».

Itália (Florença), 27 de Outubro de 1954

Nos arredores de Florença, «duas testemunhas, no terraço de um café, notaram no céu dois objetos luminosos deslocando-se em linha reta

123

a grande velocidade e próximos um do outro. Depois, fizeram 45 graus e partiram em direção a Florença. Mais tarde, as equipas de futebol do Fiorentina e do Pistoia interromperam o jogo que disputavam para que dez mil espectadores vissem as evoluções das duas bolas luminosas, que passaram três vezes sobre o estádio e a cidade, enquanto fios esbranquiçados desciam sobre a zona» 16. Desta vez, esses fios foram levados a um laboratório.

França (Oloron), 17 de Outubro de 1952

«Estava um dia esplêndido», lê-se na obra À Descoberta dos Ovnis, de Jacques Scomaux e Christiane Piens 17. «O céu era azul e sem nuvens.» De repente, Y. Prigent, esposa e três filhos viram que, «a norte, sobre o fundo azul do céu, flutuava uma nuvem, em forma de flocos, de configuração estranha. (...) O objeto era esbranquiçado, não luminoso, de desenho muito nítido.»

«A certa distância, à frente do objecto cilíndrico, uma trintena de outros objetos seguiam a mesma trajetória. (...) Todos os engenhos deixavam atrás de si uma matéria branca, como filandras, conhecida em ufologia pelo nome de "cabelos de anjo", que caía sobre as árvores, fios elétricos e telhados das casas, ficando agarrada e desagregando-se completamente ao fim de algumas horas. Quando se tentava apanhá-la, sublimava-se rapidamente.»

O DOSSIER «CABELOS DE ANJO» - A «FIBRAL VINA» DOS OVNIS

a) Uma estranha substância e os seus símbolos

Se acaso restassem dúvidas quanto à íntima ligação do fenómeno aparição com o fenómeno ovni, a existência dos popularmente designados «cabelos de anjo» ou «fios de Virgem», no processo dos aconteci-

124

mentos de Fátima, eliminaria tais reservas. Tão consistente essa relação nos aparece - atente-se na quantidade de testemunhos fatimistas - que se pode considerar como uma das provas mais substanciais da interpretação entre as duas (?) fenomenologias.

Cerca de duas dezenas de termos místico-poéticos retratam a força do ambiente gerado ao redor das aparições: «pétalas de rosa, chuva de flores, pétalas de malmequer, flores de laranjeira, graças de Nossa Senhora, etc.», são algumas das expressões representativas. Ao lado destas, encontramos outras menos simbólicas, mais atentas, como «flocos brancos como a neve, de diferentes tamanhos, pequenos farrapitos brancos, substância muito branca, vinda do alto em flocos, algodão em rama, como um enxame de abelhas embaralhadas umas nas outras ... »

Das definições que nos foram legadas relativas às observações de Fátima, podemos reagrupar três tipos de substância, que dizem respeito à sua morfologia e comportamento físico particulares:

- 1.º tipo - «flocos» de diferentes dimensões que se sublimam antes de chegar ao solo (1917, 1918, 1923, 1924);
- 2.º tipo - «flocos» que, embora sublimando-se, perduram ainda por algumas horas (1957);
- 3.º tipo - «flocos» produzindo um zumbido e tombando em movimentos espiralados (<<enrodilhados»), sublimando-se rapidamente ou não (anos indiferenciados, 1957).

As suas diferenças pontuais apontam, todavia, para uma fonte comum. O aspeto fibroso da substância, junto à sua coloração branca, sugeriu ao investigador Raul Berenguel uma definição menos poética e mais consentânea com os predicados dos «cabelos de anjo» e que foi apresentada no decurso do I Congresso Ibérico de Ovnilogia, realizado no Porto em 7 e 8 de Outubro de 1978:

«"Fibra/vina" - substância que cai da atmosfera após a passagem de objetos voadores não identificados ou aparentemente sem causa visível. Durante a queda, precipitam-se em novelos brilhantes e, consoante a altitude da queda, espalham-se formando um véu de grande extensão. Trata-se de uma substância orgânica, com acentuada tendência para a sublimação, de densidade reduzida, cuja leveza pode levá-la a cair em pontos distantes do seu local inicial de queda.

Parecem existir diversos tipos de "fibravina", porquanto as análises químicas diferem largas vezes. As características físicas são, porém,

125

mantidas, sendo estas, nomeadamente, uma extraordinária resistência mecânica à tração e torção, uma espessura extremamente pequena, que lhe confere uma tenuidade muito grande. Em grupo, as fibras distribuem-se aleatoriamente num emaranhado intrincado cujos interstícios são preenchidos por uma gelatina translúcida e viscosa. Os filamentos ardem rapidamente com uma chama viva, deixando um rasto impercetível. São atraídos por cargas electroestáticas e aderem notavelmente à madeira. Os elementos encontrados nos diversos tipos de "fibravina" que parecem existir são: sódio, carbono, hidrogénio, oxigénio, estanho, boro, cálcio e magnésio. Também foi assinalada a presença de silício. A temperatura de decomposição é próxima dos 280 graus para uma espécie analisada.»

Assim, do latim alvis e do termo fibra nasceu um termo mais razoável e palpável para aplicar aos exemplos de queda desta substância em Fátima durante e após o período das aparições de 1917. Sinal de que a causa, que esteve na origem das primeiras quedas, não abandonou a permanência do local onde os seus efeitos maravilhosos atraíram multidões.

b) A natureza da «fibravina»

Falámos já na anterioridade histórica' das quedas desta substância. Charles Fort, o compilador dos chamados «factos malditos», incluiu alguns exemplos na sua obra máxima, Le Livre des

Damnés. Vimos também que a grande maioria das testemunhas descreve-nos a dissipação dos «flocos» em períodos de tempo desiguais. Há casos em que se refere a existência de uma formação nebulosa envolvendo um ovni em forma de charuto, do qual caem filamentos ou tiras de poucos centímetros ou alguns metros. Mas, como veremos, a descrição do objeto-causa simultânea à queda da «fibrilvina» (quando visível) nem sempre é uniforme.

Um biólogo, Craig Philips, do Serviço de Pescas e Vida Selvagem dos Estados Unidos, investigador no Aquário de Miarni, fez uma viagem de estudo, em 1957, a bordo do navio Sea Horse. A cerca de

126

três milhas da Florida, o céu estava claro quando os homens da tripulação começaram a ver cair do céu, «durante duas horas», como que «telas de aranha». No laboratório, ao microscópio, Philips estava convencido de que iria observar umas gotas que adornam muitas das teias de aranha. Quando abriu o utensílio em que guardava as «teias», não viu nem rasto delas. Philips afirmou: «Este facto é inexplicável. Nunca vi nada semelhante.»

A revista Spacelink, de Janeiro de 1970, narra o caso do agricultor Marius Maguan, de Saint An, Manitoba, EUA, que viu dois ovnis na sua propriedade, em 18 de Setembro de 1968. Viu cair uma substância flutuante, «como pipocas saindo da máquina». Amostras examinadas em espectroscópio de infravermelhos deram a substância encontrada como celulósica, com fibras de 0,02 milímetros de diâmetro. Investigações posteriores deram a fibra como «crayon coberto por uma substância viscosa».

Por outro lado, uma outra queda deste mesmo material verificada no Tennessee, EUA, causou vômitos à testemunha, que teve sensações de prurido, efeitos sentidos por outras pessoas que, nos dias seguintes, entraram na área, enquanto os animais não saíam dos seus refúgios.

Quanto ao caso de Florença, ocorrido em 27 de Outubro de 1954, que atrás referimos, para além da observação dum objeto estranho, viu-se cair uma longa chuva de «algodão», muito luminoso, brilhando aos raios do Sol. Um jovem estudante, Alfredo Jacopozzi, conseguiu apanhar uma porção da substância e levou-a até ao Instituto de Química da Universidade local. Do que se soube da análise foi que a «neve» era composta principalmente por boro, silício, cálcio e magnésio, numa estrutura macromolecular. As testemunhas interrogadas recordaram a passagem de estranhos objetos convexos por cima e côncavos por baixo, antes da queda desses «flocos de algodão».

127

c) A «fibrilvina» e a propulsão dos ovnis

Alguns autores, ao estudar a relação entre a queda de «fibrilvina» e a presença de objetos aéreos de origem desconhecida, têm proposto que os referidos filamentos seriam «teias de aranha» produzidas por pequenos aracnídeos. Estes, formando autênticas nuvens, seriam levados por correntes ascensionais de ar, podendo alcançar os mil metros de altitude. As quedas verificaram-se no início das estações, mormente da Primavera. O engenheiro Jean Senelier analisou criticamente esta hipótese, mostrando que a explicação entomológica - segregação das «teias» pelas pequenas aranhas em voo - apenas coincidia em parte com o padrão da altitude a que se verificam os fenómenos e, mesmo assim, sem margem confortável de segurança.

Aquele autor, que coloca em realce o número de quedas de «fibrilvina» observadas nos meses de Outubro, regista que não se pode atribuir a produção daquela substância a uma reação «normal» do mecanismo de propulsão do ovni. Seria, então, uma manifestação inesperada do tipo rejeição de «detritos» ...

Essa ideia foi retomada pelo investigador francês Fernand Lagarde: os ovnis, ao chegar às camadas onde pairam esses aglomerados, atraem-nos, sendo levados pela carga electrostática, revestindo a carlinga de engenho. M. R. Eraud, na revista LDLN 25, em complemento da tese de Lagarde, supõe do seguinte modo a sequência do fenómeno da «queda»: o engenho é limitado pelo seu campo de força. O piloto quer desembaraçar-se dessa carapaça filamentosa. Diminui a velocidade do objeto e corta por instantes o campo de força.

A proteção deixa de fazer-se e desloca-se. O ovni encontra-se subitamente com o ar e emite imediatamente uma onda de choque, deixando atrás dele essa massa deslocada.

travada pela resistência atmosférica.

É possível que algumas análises tenham apontado para autênticas teias de aranha, ainda que com todas as reservas inerentes ao conheci-

128

mento atual sobre os hábitos dos aracnídeos e das suas produções biológicas. Mas o que é importante sublinhar é o delineamento de uma relação, de uma causa/efeito, supostamente atribuída ao modelo de propulsão dos ovnis ou de alguns dos seus modelos. A hipótese «aracnídea» é apenas um elemento decorativo neste aspeto particular, pois se aquelas segregações podem ser apanhadas pelo campo magnético do objeto, outros materiais igualmente o podem ser. O que se tenta aqui provar, para além da questão da natureza da «fibrilvina», é a sua verificação simultânea com o fenómeno ovni, mais propriamente com o sobrevoos de engenhos não identificados.

Jean Plantier, um dos primeiros autores franceses a propor um modelo de explicação para a propulsão dos ovnis, sugere que os «filamentos» seriam qualquer traço deixado atrás dos objetos de partículas positivas, combinando-se quimicamente, talvez no decurso da sua génese, com as partículas vizinhas ou com os constituintes do ar próximo, mormente o vapor de água. O brilho desse «algodão celeste» resultaria da sua excecional hidrofília, fazendo pensar em sais, sublimando-se ao contacto com o solo na sequência da perda da sua ionização, por causa da sua estabilidade fugidia.

O belga Maurice de San relaciona também a produção dos brancos «filamentos» com a propulsão dos ovnis, propondo uma equivalência da «fibrilvinax às «cristalites» estudadas por L. B. Loeb em 1963. Nesse estudo, atentando nas características fundamentais encontradas nos casos em que foi possível recolher amostras, Maurice de San pensa que a formação desses filamentos seja o resultado da ação direta de um campo elétrico muito intenso rodeando o ovni. Atravessando a atmosfera saturada de vapor de água, as moléculas aí existentes seriam orientadas pelo referido campo, depositando-se na superfície do objeto.

Na mesma perspetiva, Yvan Bozzonetti, da Comissão Ouranos, pensa que essas matérias filamentosas possam ser rejeitadas pelo cam-

129

po eléctrico do ovni. Assim, a potência de ionização desses engenhos permitiria supor um composto químico instável, uma espécie de matéria plástica desagregando-se espontaneamente sob a influência da temperatura ambiente, da luz, do vapor de água atmosférico ou ainda do oxigénio do ar.

Dentro da ideia exposta por Jean Senelier - a da rejeição de algo inútil por parte do ovni -, o francês François Gardes propõe que esses detritos seriam um suporte de energias desconhecidas, um pouco como um vapor de água, as cinzas, largadas pelas velhas locomotivas a vapor. Este investigador compara os «filamentos» às bolas luminosas que, largadas por certos ovnis, se fundem ou evaporam quando tocadas. Tal como os «cabelos de anjo» - «fibrilvina».

d) Visibilidade e invisibilidade de ovnis na queda de «fibrilvina» em Fátima

Sabemos já que em Setembro de 1917, no decurso da penúltima aparição, é notificado o aparecimento de um globo luminoso e a queda das «pétalas de rosa ou flores de neve» que vinham do alto e desapareciam um pouco acima das cabeças da multidão. Nos anos seguintes, a tónica do processo é permanente: as pessoas apontam o Sol como origem direta dos «flocos» ou filamentos que vão caindo. É durante a sua queda que as testemunhas podem encarar plenamente e à vontade o astro-rei. Na verdade, um objeto na vertical solar não provocaria outro efeito, ou seja, a ocultação do disco solar por interposição; fará com que a multidão aponte o Sol como fonte de produção dos «filamentos» - facto que seria, naturalmente, impossível. Em 1923, diz-se que as pessoas podiam fixar o Sol e ver nele «fenómenos magníficos de beleza e cor». Depois, no fim do fenómeno, voltava de novo a

impossibilidade de olhar francamente para o Sol. A ocultação terminara e o «nosso» objeto afastara-se, simplesmente.

130

Em anos indiferenciados, a presença do pseudo-Sol parece uma constante. As palavras dizem-no por si: «saíam do Sol mas em grande quantidade». E lá em cima pareciam maiores do que ao pé das testemunhas: o «milagre» da sublimação progressiva acontecia e os filamentos iam decrescendo de volume à medida que se aproximavam do solo e de níveis de temperatura mais elevada.

Existe, todavia, pelos menos uma observação de «fibrilvina» em Fátima que não é acompanhada, pelo menos visivelmente, de pseudo-sóis, ou antes, objetos circulares ou esféricos interpondo-se na vertical do lugar. O caso de 1957 é um deles. Aliás, extremamente significativo em todos os aspetos. Tal como em Oloron e Gaillac, em França, ou ainda em Graulhet, Tarn, a 13 de Outubro de 1954 (sempre a constante de Outubro e do Outono ...), a descrição é homónima: flocos quer no solo quer nas árvores, fios telefónicos, etc., permanecendo por algumas horas ...

Mas voltando à «falha solar» dessa data, cremos desiludir os que espreitariam neste detalhe um argumento para afastar o fenómeno ovni do seu caminho. A verdade é que a queda da «fibrilvina» não depende da presença visível ou constatada de facto de um objeto aéreo, tal como em Setembro de 1917 ou nos restantes casos ocorridos em todo o mundo, já referidos. Isto é, a causa não identificada poderá estar ausente da nossa perceção visual e a produção de «fibrilvina» ocorrer do mesmo modo. Foi esse o tipo de observação, protagonizado por oficiais da Força Aérea Portuguesa na base daquela arma, em Sintra, perto de Lisboa, no final dos anos 50, início de 60. É o general da FAP Conceição e Silva quem nos descreve a experiência:

«Numa manhã clara, cheia de sol e o céu totalmente limpo, achámos esquisito o aparecimento de finos filamentos parecidos com teias de aranha e que acabavam por se desfazer ao contacto com as mãos. O facto não foi associado ao aparecimento de quaisquer objetos, porquanto os mesmos não foram vistos (pelo menos em Sintra).»²

131

e) Fátima, 1957 - uma análise e várias fotografias de «fibrilvina»

Quando, cerca das 9 horas da manhã do dia 17 de Outubro de 1957, caiu sobre o Santuário de Fátima uma intensa chuva de flocos brancos, produzindo um zumbido discreto, ainda muitos falaram em «milagre», em «fenómeno sobrenatural». As amostras da substância, mais estáveis que o habitual, puderam desta feita ser sujeitas a análises laboratoriais, ainda que limitadas.

A recolha foi feita por elementos da Rádio Fátima, que a enviaram ao jornal católico A Voz. Este jornal entregou-a a Cândido Ançã, antigo redator, que dirigiu outrora nesse jornal uma página científica. No dia 18, já esse «químico sabedor, muito distinto e estudioso, cujo laboratório é um centro verdadeiramente notável de trabalho», entregava ao jornal o seu relatório, que foi publicado no dia 19. Eis o resultado dessa análise:

«A substância apresenta-se, no conjunto, com o aspeto de "flocos" constituídos por agregados de filamentos muito brancos, dispostos ao acaso, como no feltro.

A primeira conclusão que se tira do exame microscópico é a de que se trata de filamentos naturais, e não de fibras artificiais ... Formam uma espécie de feltro, como disse, constituído por fibras ondeadas, por vezes nodosas, formadas por agregados tenuíssimos de fibras ainda mais ténues, que só a ação mecânica consegue esfarripar. Comparada com a do algodão, a fibra do "flocos" examinado é consideravelmente mais delgada, ondulante e feltruda na sua textura.

A segunda conclusão que é possível tirar da microcombustão (operada sob a objetiva do microscópio) é a de que se trata de produto vegetal e não animal, pois a combustão realiza-se rapidamente e com formação de quase impercetível resíduo de cinza branca, e não com formação de esferóide na extremidade da fibra, como se observa, geralmente, na combustão dos filamentos de origem animal...»

A diversidade das respostas poderá não ser proporcional à diversidade de origens, mas aos meios e processos utilizados nas análises em diferentes anos. O que Cândido Ançã retira da sua, pode o leitor comparar com a longa definição dada páginas atrás. E também poderá constatar a semelhança do fenómeno visto em Fátima e o de Oloron, olhando as fotos publicadas na imprensa da época.

132

Também por aqui a amostra ou espécie de Fátima-1957 se incorpora no retrato da generalidade. Mas não fica por aqui o «peso» desta tão leve substância ...

f) Uma origem orgânica?

Já vimos que, no mesmo dia de Fátima, também caíram «cabelos de anjo» em Évora. Dois anos mais tarde, precisamente a 2 de Novembro de 1959, esta cidade foi sobrevoada, cerca do meio-dia, por dois objetos discoidais, cinzento-claros, escurecidos na periferia. Um deles, na sua movimentação por sobre a cidade, tinha paragens bruscas, logo seguidas de deslocações a grandes velocidades.

Não tendo dezenas de milhares de testemunhas, como na Cova da Iria, mesmo assim o bailado «celeste» foi longamente contemplado por inúmeras pessoas, mormente por alunos e professores da então Escola Comercial e Industrial de Évora. Também aí, pessoas viram cair, vinda do alto, a nossa conhecida «fíbralvina», em forma de flocos e filamentos. Como noutros pontos do globo, a sua queda não foi considerada «milagre». Mas sigamos a descrição constante do relatório original:

«Coincidindo com a passagem dos objetos aéreos não identificados, começaram a notar-se no céu, um pouco depois do meio-dia, numerosos filamentos que caíam de grande altura e quase verticalmente. Esses filamentos desagregavam-se de verdadeiros novelos, que baixaram na atmosfera com um curioso movimento circular, e a sua alvura era tão grande e tão intenso o seu brilho que pareciam possuir luz própria. O fenómeno durou cerca de quatro horas e os filamentos depositaram-se sobre as árvores, fios telefónicos, telhados, etc. Não foi fácil recuperar os filamentos porque muitos se sublimavam e desapareciam antes de atingir o solo. Do material reunido foi possível fazer-se a análise espectral, na qual se distinguia a dupla risca do sódio.»

A estranha substância, observada ao microscópio, era, segundo a descrição, «um tecido de numerosos e finíssimos filamentos por vezes cruzando-se em desordem, semelhantes a tubos capilares envolvidos por uma substância de aspeto gelatinoso, transparente, incolor e levemente

133

amarelado». O autor da análise, ao tempo diretor da Escola já citada, refere a propósito que esses filamentos faziam parte de um tecido pairando a grande altitude e donde se destacaram. Era uma substância leve e resistente, simultaneamente.

A ideia que transparece deste relatório é a de que os objetos observados sobre Évora transportariam com eles um corpo «biológico» de grandes dimensões, tipo «medusa», ondulando sob a parte inferior do objeto portador «tecnológico». Tal foi, pelo menos, a impressão retirada pelo autor do relatório através do telescópio com que seguiu as evoluções do ovni naquele dia.

Aliás, essa ideia seria reforçada pelo referido autor, quando, numa das preparações da «fíbralvina» recolhida pelos seus alunos no dia em questão, iria ser encontrado um estranho ser, dotado de um corpo central arredondado, donde irradiavam, com perfeita simetria, dez tentáculos, cada um dos quais se trifurcava na extremidade, formando uma espécie de três dedos. Esta descoberta foi amplamente debatida durante o 1 Congresso Ibérico de Ovnilogia, e o respetivo relatório, de que respigamos algumas passagens, encontra-se reproduzido no livro de Raul Berenguel, já citado.

A questão do «organismo desconhecido», encontrado numa preparação dos popularizados filamentos, veio colocar com maior acuidade a hipótese de origem orgânica da «fíbralvina», que, variando quanto às causas, não é pois recente. Ainda no decurso de investigações

posteriores, promovidas pelo CEAFL em Évora, junto de testemunhas oculares da queda de flocos de 2 de Novembro, a ideia de que essa substância possa ser uma segregação (?) de uma colónia de organismos aéreos (arrastados? integrados? num ovni) foi mais uma vez sugerida. Também a identificação dos filamentos caídos em Évora em 1959 com os observados em Fátima em 1957 foi confirmada. Quando os inquiridos mostraram às testemunhas uma fotografia dos «cabelos de anjos» recolhidos na Cova da Iria, as respostas foram: «são idênticos» Apenas os de Évora tinham um tom mais acinzentado do que os de Fátima. De resto, eram os mesmos «flocos de algodão em rama, uns maiores do que outros e que ao contacto com os dedos iam desaparecendo com velocidade desigual».

134

Mas dissemos atrás que a origem orgânica não é nova dentro da bibliografia dedicada ao tema. É evidente que alguns autores, como H. Maurras, assistente na Faculdade de Ciências de Toulouse, perspetivam essa hipótese no sentido já apontado dos aracnídeos. Várias análises executadas por aquele investigador, como uma recolha dessa substância, caída em 7 de Novembro de 1965, entre Auch e Revel, convenceram-no tratar-se de uma matéria orgânica. A mesma ideia volta à superfície, decorrente de uma análise bastante mais recente que foi possível efetuar nos Estados Unidos.

Uma queda de «fibrilvina», ocorrida no dia 12 de Outubro de 1976, em Sonora, EUA, forneceu algumas amostras para análise, conduzi da pelo Dr. David J. Miletich, diretor do Laboratório de Pesquisas sobre Anestesia da Universidade de Chicago. Os primeiros resultados desta análise foram publicados no vol. 2, n.º 8, Agosto de 1977, do International Reporter, órgão do Center for UFO Studies, do Prof. Allen Hynek 37. De salientar, desde logo, a repetição de características clássicas, como a sua textura fibrosa, a sua estrutura filamentosa, a alta dose de eletricidade estática, a tendência em manter-se agarrada a superfícies mesmo lisas e o seu envolvimento por uma substância ligeiramente viscosa ...

O relatório aposta pois na origem orgânica, mas o mais surpreendente viria a seguir, quando os analistas decidiram testar o seu índice de radiatividade. Para sua grande surpresa, verificou-se que a amostra estava contaminada por tritium (isótopo radiativo do hidrogénio). E o relatório forçosamente conclui que, « ... salvo contaminação accidental, este teor em tritium parece indicar que a amostra foi exposta a qualquer fissão ou fusão nuclear».

A outra constatação importante foi verificada no laboratório de microbiologia do Michael Reese Hospital: uma incubação da «fibrilvina» num meio nutritivo standard e neutro não revelou nenhum crescimento bacteriano. As fibras são estéreis. O relatório conclui que os filamentos possam ter por origem um organismo vivo. Ainda que essa origem

135

possa ser banal, ou seja, atribuída a secreções de insetos, de acordo com aquela hipótese. Todavia, não deixam de ser inesperadas as propriedades referidas: a radiatividade e a esterilidade. A partir daqui, será plausível a ideia «aracnídea»?

Reteremos, por enquanto, que a associação «queda de "fibrilvina" presença de ovni» parece confirmada em toda a linha. Essa produção inabitual, já sugerida por Jean Senelier, não deixa de constituir uma síntese possível entre uma interferência ocasional de um eventual campo elétrico e a rejeição controlada dessa estranha matéria onde, no caso de Évora, se abrigava o corpúsculo.

Não deixa de ser curioso comparar algumas características físicas constantes das descrições de Fátima com passagens do relatório da queda de «fibrilvina» em Évora:

Fátima - Várias

«Muito brancas e brilhantes ... »

«Como enxamezinhas de abelhas embaralhadas umas nas outras.»

«Lá em cima eram grandes e ao pé de nós eram pequeninos e sumiam-se.

«o movimento das mãos, ao querer agarrá-los, provocava o seu afastamento pela agitação do ar ... »

Évora - 1959

«A sua alvura era tão grande e tão intenso o seu brilho ... »

«Baixaram na atmosfera com um curioso movimento circular.»

«Esses filamentos faziam parte de um grande tecido pairando a grande altitude e donde se destacaram ... »

«A sua extrema leveza originava um rápido afastamento e subida na atmosfera à mais pequena deslocação de ar provocada pela aproximação de qualquer pessoa»

136

Supomos que as analogias falam por si. As «graças», as «pétalas» são pertença da linguagem religiosa no quadro próprio das aparições interpretadas/apresentadas como tal. Não é apenas em Fátima, por isso, que a queda dos enigmáticos filamentos espanta os crentes. Em Baião (Alto Douro), por exemplo, no decurso de umas aparições do mesmo tipo de Entidade, o fenómeno repetiu-se como um efeito fatal desse tipo de manifestação, tal como nos ovnis: «Pareciam fatocos de neve a cair. Chegavam ao chão e desapareciam. Quando isso aconteceu, a Senhora já tinha aparecido a primeira vez. As árvores ficaram todas cobertinhas daquelas coisas. Bonito!»

Para os habitantes de Baião, zona serrana, mesmo que estes factos aconteçam já em pleno ano de 1938, continuam a ser um «milagre muito grande». Testemunhas da época fornecem-nos detalhes: «Àquela hora em que marcasse aparecer ao Bonifácio ... pois caíam as coisinhas nessa altura.» O guarda da capela, erguida em louvor da Entidade, também descreve: «Caía de cima, à moda de trena 39. Vinha assim a descer. Dava-lhe o vento e aquilo corria com o vento. Parecia neve. O povo ia a apanhar, mas não apanhava nada. Aquilo desfazia-se. Era uma espécie de flores. Nesses dias, o pequeno dizia que via a Nossa Senhora ... »

«Cabelos de anjo» ou flocos, com a sua carga simbólica e a representatividade de um espectro de referências religiosas e míticas afins, como produto de «rejeição» de objetos voadores não identificados, a definição é puramente secundária. A sua manifestação, essa sim, é essencial e significativa.

11. Efeitos sobre animais

Embora nos tenhamos debruçado essencialmente sobre a observação de fenómenos efetuada pela multidão, os videntes assinalaram um facto interessante, no dia 13 de Maio, que se tem constatado em contactos este tipo - o controlo de animais.

137

A Lúcia, porém, nada nos diz sobre o facto nas suas Memórias. Mas a mãe de Jacinta forneceu o seguinte depoimento em 1923, quando depôs para os Interrogatórios Oficiais:

«No princípio da aparição, quando a Lúcia dizia que via Nossa Senhora, o Francisco, não vendo nada, aconselhou a prima a atirar-lhe com uma pedra e a Lúcia disse à Senhora: "Então vossemecê é a Nossa Senhora do céu e o Francisco não a vê?"

Já a Senhora lhe tinha dito que era do céu. Mas a Senhora disse à Lúcia: "Diz-lhe que reze o terço e já me verá." O pequeno contou que meteu a mão no bolso do colete, onde tinha as contas da missa, e começou a rezar. E quando tinha seis ou sete ave-marias rezadas, já via a Senhora e não pôde rezar mais.

Na ocasião em que já a via, notou que as ovelhas começaram a ir a um trigal que havia na parte mais baixa da Cova da Iria e disse que as ia voltar. Estava para se pôr a caminho, quando a Lúcia lhe disse: "Ó Francisco, não vás que Nossa Senhora diz que o gado não come o trigo." Ele então observou: "Então as ovelhas já vão pelo trigo dentro e não o comem?" E voltou para trás. A mãe perguntou-lhe», acrescenta o redator do documento: «"Depois de Nossa Senhora sair, as ovelhas comiam o trigo?" Respondeu ele: "Ah, se as deixassem, comiam-no todo!"»

Este episódio de as ovelhas não comerem o trigo na hora da aparição é também referido no jornal O Concelho de Mação de 18 de Novembro de 1917, embora o coloque numa época anterior: «No lugar de Aljustrel, a um quilómetro de Fátima, concelho de Ourém, residem três pastorinhos... Contam que há dezoito meses, perto da sua residência, lhes apareceu uma Senhora muito bonita. Nada lhes disse então.

O rebanho ficou-se; mas apenas a aparição acabou, correu para um campo de trigo»

O diretor do jornal O Mensageiro interrogou, como sabemos, os videntes em Outubro. Na edição do dia 29 de Novembro, publicou o seguinte:

«Restava-nos falar com o Francisco, que chegou a casa vindo da escola, na ocasião em que conversava com a Lúcia. É o único que cumpre com o que a Senhora dissera da segunda vez que aparecera -

138

que aprendessem a ler. Tem nove anos. Não ouvia falar a Senhora, mas via-a vestida de branco. Que quando a Senhora falava, as ovelhas, embora andassem dentro do milho e chicharos, não causavam prejuízo, não o tombavam nem o comiam. Ao resto das perguntas que lhe fazíamos não sabia responder.»

Em 1978, falámos com Amélia de Jesus da Silva, que nasceu no mesmo ano de Jacinta. Contou-nos diversos episódios da vida dos videntes e outros pormenores do tempo dos acontecimentos. Um dos factos, que nos narrou, está relacionado com os tais efeitos sobre os animais no primeiro dia das aparições.

Declarou-nos expressamente que uma pessoa tinha assistido ao encontro do dia 13 de Maio - precisamente a enigmática Maria Carreira.

«Essa mulher era moleira, foi a primeira que começou a cuidar da capelinha. Cuidou da capelinha até morrer. Essa mulherzinha é que começou a ver do princípio. Ela passou lá (vinha por aqui ao grão) e viu os cachopos a olhar para a azinheira. "Marotos, desavergonhados! Estão aí parados e as ovelhas aqui a comer os chicharos." Eles não fizeram caso nenhum. Ela tomava a dizer: "Deixa estar que eu vou lá para a estrada e vou dizer aos vossos pais. Vocês aí parados a brincar e as ovelhas aqui." Quando lhes pareceu, acho que lhe disseram assim: "Nem um chicharo está comido. Nós estivemos a ver Nossa Senhora e ela disse que deixássemos andar as ovelhas que elas só comiam as ervas." E a mulherzinha verificou já então e não viu nenhum pisado nem comido. Essa é que começou logo a seguir aquilo.»

A pré-deteção de ovnis e entidades humanoides pelos animais é bem conhecida. O investigador inglês Gordon Creighton reuniu duzentos casos desse tipo, em que pássaros, patos, galinhas, ovelhas, cavalos, cães, etc., foram afetados pela presença de algo não identificado.

139

Pensamos que em Fátima se registaram efeitos inibidores no rebanho conduzido pelos pequenos pastores e que se identificam com alguns dos sintomas clássicos anotados em ovnilogia: «O rebanho quedou-se; mas apenas a aparição acabou, correu para um campo de trigo», conta-nos um jornal. E o Francisco revelou: «embora [as ovelhas] andassem dentro do milho e chicharos, não causavam prejuízo, não o tombavam nem o comiam.» Isto quando a «Senhora» estava presente. Curioso, sem dúvida, este invulgar comportamento dos animais, quando todos temiam que estes fizessem uma razia nas plantações ...

Mas que nos contam as narrativas contemporâneas? Que, em El Castanuelo, Huelva, Espanha, em Dezembro de 1970, um pastor, de nome Juanito, que seguia com as suas ovelhas pela estrada, ficou «paralisado» juntamente com os animais ao defrontar-se com um engenho estranho munido de quatro pés. Na Dinamarca, na altura em que um ovni aterrou num prado, as testemunhas verificaram que as vacas que se encontravam próximas estavam imobilizadas e as aves tinham deixado de cantar. Noutro continente, na Argentina, em Trancas, no dia 21 de Outubro de 1963, três cães e uma dúzia de aves de capoeira foram apanhados, no interior de uma dependência, por um feixe de luz emitido por um ovni, nas cercanias. Os animais ficaram apáticos e silenciosos, recuperando lentamente nos intervalos das emissões luminosas.

A radiação proposta por James McCampbell - microndas emitidas pelo fenómeno - poderia estar na causa desta sintomatologia de medo, de expectativa, de silêncio. Por outro lado, poderemos também ter em conta a presença de gases libertados no solo, como o ozono, ou ainda a percepção de ultra-sons e suas consequências. Tal como a dos humanos, a psicofisiologia dos animais, apesar da diversidade global dos sintomas (ultrapassando a mera

passividade ante o fenómeno ovni), apresenta, neste caso, os traços comuns da imobilização típica e restantes características das testemunhas sofronizadas.

140

12. O testemunho da quarta vidente - o pequeno humanóide «telepata»

«Ó Conceição, tu não sentes uma voz dentro de ti? Ele representa-se-me que oiço dentro de mim a dizer que vá eu lá e que reze três ave-marias.»

Quarta vidente

No livro Mensagem de Fátima, da autoria do padre Dr. Luciano Guerra, reitor atual do Santuário de Fátima, podemos ler:

«1917: aparição de um Anjo (segundo explicação de Nossa Senhora na quarta aparição) a uma tal Carolina, de doze anos, e a uma pequena de Espite,»

Ora, a Lúcia nunca se referira a tal diálogo com a Ouraniana. Em 1947, o futuro bispo de Viseu, D. José Pedra da Silva, talvez estranhando esse inexplicável silêncio, perguntou declaradamente à vidente:

«A tia Maria da Cape linha, assim chamada, diz, no depoimento oficial, e ainda hoje o confirma, que sua filha, Carolina, tinha visto um Anjo passear na Cova da Iria e que pedia que rezassem três ave-marias ... Que, depois, tinha pedido à Irmã que perguntasse a Nossa Senhora o que era "aquilo"; e que a Irmã, nos Valinhos, tinha perguntado a Nossa Senhora, obtendo a resposta de que era um Anjo ... O que há de verdade nisto?

- Não sei. Não me lembro de nada.»

É estranha esta resposta da vidente. Não se lembra de nada? E recorda-se de discursos longos e segredos intermináveis com termos que na época desconhecia? Ou esse pormenor sobre o que o futuro bispo sugestivamente designou por «aquilo» foi eliminado do cérebro da Lúcia?

O depoimento oficial a que se refere D. José Pedro da Silva encontra-se no documento conhecido pelo nome de Interrogatórios Oficiais de 1923. Foi redigido pelo Visconde de Montelo e consta do seguinte, na íntegra:

141

«Nos Valinhos perguntou a Lúcia à Senhora, a pedido da depoente, se Nossa Senhora tinha aparecido a mais alguém na Cova da Iria, e a Senhora respondeu que não era Ela, mas sim um Anjo, o vulto que a Carolina, filha mais nova da depoente, de doze anos, e a pequena de sete anos, de Espite, viram a 28 de Julho, junto da azinheira, de pequena estatura, muito lindo, de cabelo loiro, vulto que depois a Carolina viu em cima da azinheira.»

Afinal, a documentação oficial de Fátima aponta-nos para a visita de outros seres, à Cova da Iria, para além da Senhora, e fala-nos de mais videntes para além dos três conhecidos. Por esse facto, designamos Carolina Carreira por quarta vidente de Fátima.

A quarta vidente de Fátima viveu no mais completo esquecimento e anonimato. Declarou-nos que não se recorda de ninguém, mesmo de qualquer sacerdote, a ter interrogado antes de nós. Contou apenas em casa à mãe e aos irmãos. E se não fosse o cônego Formigão ter convidado a mãe a depor, essa observação estaria completamente perdida.

O anonimato, no entanto, trouxe-lhe vantagens. Se tivessem ligado à sua narrativa, seria incomodada pela veneração dos crentes e é possível que também a tivessem enviado para um convento. Assim, Carolina casou (o marido ainda era vivo quando dialogámos com ela), não teve filhos, mas teve irmãs e sobrinhas que trataram dela com afeto. A sua existência foi normal sem necessitar de efetuar sacrifícios exagerados pelos pecadores como os outros videntes (na versão da Lúcia). E para nos falar não foi preciso solicitar autorização do bispo da diocese.

Gravámos naturalmente todo o seu depoimento, efetuado no dia 22 de Julho de 1978, num sábado de manhã cheio de sol. É aqui publicado na íntegra, exceto as repetições escusadas. Eis, portanto, o que nos contou a quarta vidente de Fátima:

«- Eu estava longe. Andava a guardar gado por conta de um patrão. O dono do gado pediu licença à minha mãe se ela me deixava ir para casa dele até que procurasse uma criada para guardar o gado. A minha mãe deixou-me para lá ir à espera que o patrão, o dono do gado,

colhesse criada. Assim como colheu, uma criada dos lados de Coimbra! A rapariguinha foi para lá para eu lhe ensinar as fazendas, os valados e assim. Um dia sentámo-nos a guardar o gado (eram ovelhas) e o

142

gado "emolou" com o calor. Passou na estrada um carro de bestas muares que ia para o Norte. Era o dia duma feira que há para os lados do Norte, de Santa Catarina para cima. Como o gado estava sossegado, disse assim à rapariga: "Ó Conceição, vamos ali acima, à estrada (porque o gado tinha ficado em baixo, numa cova), vamos ali acima ver se aquele carro segue da Cova da Iria para cima." Fomos assim à estrada, observámos e o carro seguiu para cima. Depois eu disse assim: "Ó Conceição, vamos embora senão o gado vai fazer mal e o patrão é muito bravo." Viemos cá acima e olhámos para a azinheirinha. E a azinheirinha estava (um supor) como esta parede àquela e daqui ali. Fazia assim um canto. Havia umas paredezinhas que a minha mãe (que Deus tem) tinha feito a cercar a azinheirinha. Pomo-nos a olhar assim para baixo e andava uma criança, talvez de dez-onze anos, não devia ter muito mais. E andava a passear dentro do tal recintozinho de pedras que a minha mãe tinha feito a reservar a azinheirinha. Andava daqui para ali e deste lado para aquele e andava naquilo assim. Era uma criança aí de oito anos, de oito até nove ou dez. Tinha um vestido branco. E representava-se-me que ouvia dentro de mim: "Vai lá e reza três ave-marias; vai lá e reza três ave-marias." Umas poucas de vezes. Eu disse assim para a rapariga: -o Conceição, tu não sentes uma voz dentro de ti? Ele representa-se-me que oiço dentro de mim a dizer que vá eu lá e que reze três ave-marias, Tu não sentes nada dentro de ti?" - "Eu não. Eu não sinto nada." - "Bem, temos de ir embora senão o gado pode ir fazer mal e depois estamos à rasca com o patrão." (Ele era muito bom sujeito, mas tinha muito génio. Por isso, se o gado fosse fazer mal, tínhamos que ouvir!) Depois fomos para o pé do gado. Chegámos lá e o gado ainda estava "emoluido". Eu disse assim: -o Conceição, o gado está tão sossegado, vamos lá outra vez a ver se a gente vê a mesma coisa. Parece-me que se me representa que oiço a mesma coisa. Vamos lá ver." Viemos outra vez ao mesmo sítio onde tínhamos vindo e era então já em cima da azinheirinha uma imagem.

- Uma imagem? - perguntámos. - Então não era o mesmo ser que viu em baixo?

- Não sei se era o mesmo. Naturalmente era o mesmo, porque Nossa Senhora disse à Lúcia que não tinha sido Ela que lá tinha vindo, que

143

tinha sido um Anjo!... Era então em cima da azinheirinha uma imagem ...

- Na mesma onde costumava aparecer a Senhora? - quisemos saber.

- Sim, na mesma. Representava-se-me então a mim: "Vem cá e reza três ave-marias; vem cá e reza três ave-marias." Eu tomei a perguntar à rapariga: -ó Conceição, tu não sentes nada, nenhuma voz dentro de ti?" - "Eu não." Eu disse assim: "Olha, há bocado, representava-se-me que me diziam: 'Vai lá e reza três ave-marias.' E agora parece que oiço dentro de mim: 'Vem Cá e reza três ave-marias.' Mas eu, sempre com o mesmo susto, tendo medo que o gado fosse fazer mal, pronto ...

- Nunca chegou, então, a ir rezar as três ave-marias ...

- Não cheguei. Só se foi depois. Isso agora é que não estou lembrada se as rezei. Só sei que voltei outra vez com a rapariga para o pé do gado.

- Esse Anjo, como tinha o cabelo?

- Era loiro.

- E de que comprimento?

- Como estava um pouco retirada, pareceu-me que lhe dava pelo pescoço.

- Pareceu-lhe um ser transparente como os anjos?

- Parecia-me uma criança cá do sítio com um vestidinho branco e o cabelo loiro.

- Não tinha nada na cintura?

- Não, mas nós estávamos um bocado retiradas, cá em cima, no alto da estrada.

- Não se lembra, portanto, dos pormenores dos pés, se estava calçado ...

- Não sei. Andava dentro daquela paredinha, por isso nunca cheguei a saber se andava descalço ou se andava calçado.
- Pareceu-lhe homem ou mulher? Menino ou menina?
- Pareceu-me uma criança ...
- Mas menino ou menina?
- Isso agora aí! ... - Riu-se. - Eu não tive vagar para reparar ...
- Era luminoso ... ?
- Não, andava só a passear de um lado para o outro.
- E andava vulgarmente, assim como uma criança qualquer?
- Tal e qual como outra criança qualquer. Andava de um canto para o outro dentro das pedrinhas... De maneira que das paredinhas para baixo não se via o traje. As paredes encobriam.

144

[Mostrámos-lhe, seguidamente, um postal ilustrado, colorido, com a estátua do Anjo dos Valinhos e perguntámos-lhe se o Anjo que vira se assemelhava.]

- Não sei dizer. O cabelo parecia mais compridinho, mas... talvez andasse por aí, devia ser assim.
 - E quando a senhora o viu em cima da azinheira? Aí já o viu melhor ...
 - Em cima da azinheira eu vi aquela imagem ...
 - O vestido também era branco?
 - O vestido era quase exatamente como o de uma imagem que nós temos na nossa igreja da freguesia de Fátima, um manto roxo e uma coroa na cabeça, como nós temos a Nossa Senhora das Dores na nossa igreja de Fátima. Era assim "acomparada."
 - Viu isso em cima da azinheira?
 - Em cima da azinheira.
 - E o vestido como era?
 - Era como digo, como o da Senhora das Dores, de alto a baixo, comprido.
 - Até aos pés?
 - Isso não sei, não se via bem e nós não chegámos ao pé, ainda ficámos um bocado retiradas, ainda ficámos para baixo da estrada alcatroada.
 - Viu-lhe alguma coisa na cabeça?
 - Bem, Nossa Senhora das Dores tinha uma coroa na cabeça.
- Depois perguntou à Irmã que estava presente. - Nossa Senhora das Dores da igreja de Fátima não tinha um manto azul-escuro e uma coroa na cabeça? - A Irmã disse que sim, mas que tinham feito já muitas obras na igreja.
- E a imagem que viu tinha essa coroa? Não se recorda do formato?
 - Não me recordo. Já foi há tanto ano! ...
 - E não se lembra como era essa coroa?
 - Não tinha luz. Era urna coroa redonda.

[Insistimos no formato da coroa, até por meio de desenhos, mas Carolina não soube fornecer mais pormenores.]

- Não lhe viu os cabelos?
- Tinha um manto pela cabeça, parecia, um manto escuro. Não sei se trazia vestido, só vi o manto. Mas podia ser bem assim. É melhor não

145

falarem que eu vi Nossa Senhora das Dores. Nossa Senhora disse que eu vi um anjo! ... Nessa noite eu vim dormir a casa da minha mãe. Eu cheguei a casa e disse: -ó minha mãe, eu vi hoje isto e isto na Cova da Iria. Não sei o que era, parecia uma criança aí de uns nove-dez anos." _ "Tu és uma trapalhona, tu estás só a mentir", tu assim, tu assado. -ó minha mãe, não estou a mentir, eu vi, eu vi e a Conceição também viu."

- Essa Conceição ainda é viva? - interrompemos. - Como se chamava a família dela?

- Oh, não sei. Era de longe, lá de cima, dos lados do Norte, de Espite. Eu vim-me embora para casa da minha mãe e ela ainda ficou na casa

Fig. 16 _ Reconstituição do pequeno ser observado pela «quarta vidente», Carolina Carreira, em 28 de Julho de 1917, na Cova da Iria.

146

do patrão. Nunca mais a vi. Nem sei outro nome dela a não ser Conceição. Pois, à noite, a minha mãe contou ao meu irmão mais velho, que morreu pelas pneumónicas, nas febres grandes: "Olha, a Carolina, a cachopa, está a dizer que viu uma criancinha na Cova da Iria, de uns nove a dez anos, na cercazinha que rodeia a azinheira. Não sei se está a mentir ou não." O meu irmão começou-me a ralar: "Tu és uma parva, uma tonta, tu viste lá o quê!" - "Vi, vi..." e sempre a afirmar que tinha visto. Depois a minha mãe disse assim: "Deixa estar que quando for para o dia 13, hei-de dizer à Lúcia que pergunte a Nossa Senhora se ela cá veio no tal dia ... "

- ... Dia vinte e oito de Julho. Está escrito que a senhora viu esse anjo no dia vinte e oito de Julho - interrompemos.

- Seria. Eu só me lembro que era o dia de uma feira para as bandas do Norte. Depois a minha mãe disse à Lúcia e ela contou que Nossa Senhora dissera que não era Ela, mas que era um anjo.

- Mesmo da segunda vez, em que lhe pareceu ter visto Nossa Senhora das Dores, nunca se aproximou ...

- Não. Nunca me aproximei.

- Nesse dia sentiu algo estranho? Não se sentiu maldisposta?

- Não. Só estava preocupada com o gado.

- Nem sentiu sonolência...?

- Nada. Só me parecia que ouvia a voz do Anjo: "Vem cá e reza três ave-marias; vem cá e reza três ave-marias." Foi a única coisa estranha que senti.

- E lembra-se a que horas se deu essa aparição?

- Deviam ser umas nove ou dez horas.»

Um ignorado «Encontro Imediato do 3.º Grau»

Foram precisos sessenta e um anos para levantar a pista e confirmar a existência de um testemunho vivo, primordial para o fortalecimento da nossa tese: a presença em Fátima de seres antropomórficos, modernamente associados aos ovnis, como seus operadores ou instrumentadores. Essa testemunha ignorada, propositadamente talvez, toma-se uma fonte de indícios que nos ajudam a recortar com progressiva nitidez o verdadeiro ambiente vivido no período, isolando-o da esfera religiosa para que fatalmente fora conduzido.

147

Daí que, pela sua natureza, a experiência de Carolina e da jovem de Espite tivesse de permanecer no quase anonimato bafiento de um simples depoimento, longe de tudo e de todos, neutralizado na sua «incongruência». Felizmente, conseguimos passar dessa pista discreta para a aquisição do testemunho oral da «quarta vidente», confirmativo de todo um conjunto universal de observações deste tipo de entidades de pequena estatura. E principalmente porque nos traz uma confirmação antecipada - também aqui o «insólito» não podia ter sido inventado - de uma das constantes inscritas na «Operação Fátima»: a manipulação mental experimentada pela principal testemunha do dia 28 de Julho de 1917.

Essa manipulação ou telecomando é um elemento participativo atual em muitas das observações catalogadas de «Encontros Imediatos do 3.º Grau».

a) Biotipologia da entidade observada

A «criança» que Carolina e a amiga viram passear perto da azinheira, fulcro das aparições da Senhora nos dias 13, não é tão estranha nos anais da ovniologia como o foi, no tempo, para os sacerdotes encarregados de registar o importante depoimento. Um «menino» de cabelo loiro até aos ombros, com um vestido branco e parecendo ter uns dez anos de idade. Uma

«criança» cuja propriedade fundamental é a de comandar o comportamento da testemunha, neste caso, da jovem Carolina.

«Representava-se-me [parecia-lhe] que ouvia dentro de mim: "Vai lá e reza três ave-marias ... » - uma frase insistente, pretendendo guiar os passos da testemunha até junto da pequena azinheira. Para quê? «Uma voz dentro de mim» - tal era a sensação absurda, repetidamente sentida e sublinhada pela nossa entrevistada.

Essa sensação de uma «ordem interior» não é inédita. Trata-se, de facto, de uma autêntica manipulação mental, tal qual é entendida no decurso de encontros e contactos com entidades associadas a objetos voadores não identificados. Daí a riqueza do ineditismo da experiência descrita... e quase perdida.

O investigador Jader Pereira sumariou, a propósito do comportamento de entidades extraterrestres 5, seis casos de telepatia e sete de mani-

148

pulação mental sobre as testemunhas humanas. Estes últimos verificaram-se ao longo do tempo: desde Teerão, no Irão, em 13 de Outubro de 1954, passando por Indian Head, nos EUA, em 19 de Setembro de 1961, até S. Lorenzo, na Argentina, em 30 de Junho de 1968. Outros casos de «pressão mental» são ainda considerados por aquele investigador, embora com recurso a outros meios.

Mas, para além disso, nem sequer a designação de «anjo» é de uso exclusivo do contexto religioso de Fátima. Curiosamente, num outro caso típico de comunicação mental, ocorrido em Garganta la Olla, na zona de Cáceres (Espanha), em 1934, uma anciã utilizou idêntica expressão para definir um ser de pequena estatura, vestido com um traje brilhante. Essa mulher trabalhava num campo quando, ao ver o referido ser próximo de um despenhadeiro perto de si, julgou ouvir subitamente uma voz na sua mente, dizendo-lhe que fosse para casa, pois havia nascido uma sua neta. Dirigindo-se para o ser, este começou a correr e desapareceu. Ao chegar a casa, a anciã comprovou que tinha ouvido corretamente. Puseram, então, o nome de «Anjo» ao recém-nascido, por pensarem que a notícia tinha sido anunciada por alguém enviado por Deus.

A sua ação, como vimos, «leva a testemunha telecomandada a movimentos e atitudes em desacordo com a sua vontade» 8. E o que constituiu a «voz no interior» da Carolina senão uma tradução dessa manipulação extrassensorial? A «ordem» da «criança loira» de Fátima estava em contradição com a vontade da testemunha. Quais os verdadeiros desígnios do pequeno ser?

b) Os «meninos loiros» de Magonia

Antes de 1917 e depois desta data, os pequenos seres dotados de poderes supranormais frequentaram a memória dos povos que, a cada passo, os registam na mitologia popular, no folclore, onde o racional se esbate e se toma mensagem cifrada.

149

Daí que seja forçoso fazer uma aproximação entre os seres de pequena estatura que convergem dos relatos da ovniologia, em detalhes mais ou menos tecnológicos, para os das criaturas que fazem parte daquilo que Jacques Vallée denomina como «Magonia», um universo tão inatingível como os vários universos possíveis, responsáveis pelos ovnis dos nossos dias. Pelo menos, por agora, voltando a Vallée, vemos que este divide os seus anões em duas categorias: as criaturas negróides idênticas aos gnomos medievais e as criaturas que correspondem às descrições dos silfos e elfos da Idade Média e dos «contos de fadas» presentes no folclore de todas as latitudes.

Mas esse biótipo, loiro e telepata, faz-nos recordar ainda uma outra figura mitológica da alta Idade Média - Oberon. Era uma criatura similar, cantada por Alfred de Vigny. «Era belo como o Sol de Verão», telepata, pois lê os pensamentos, desloca-se instantaneamente e não envelhece. Também o Lutino, ser de pequena estatura, é descrito nas lendas como tendo uma «abundante cabeleira loira».

A própria arqueologia reforça a sua evidência em ruínas na América do Sul, mais propriamente em Cuzco, no Peru - uma área preferencial para os ovnis. Na mesma zona, em 20 de Agosto de 1965, são observados anões saindo de um objeto discoidal. Por sua vez, o governador de Santa Bárbara, no mesmo país, declara solenemente ter visto dois pequenos seres caminhar sobre a neve, em Setembro de 1965. Desaparecerem no meio de um ruído ensurdecedor.

O biótipo «criança» loira, seja gnomo no folclore, ocupante tipo 1 ou humanóide tipo 3, variante 2 (consoante as classificações), prolonga-se pelas épocas, sem idade. Fátima não é inédita também aí, e nem sequer precisamos de sair do nosso retângulo continental. Basta ouvir o que dizem as gentes da aldeia de Malcata, no concelho de Sabugal. Aí, em vez de «crianças loiras», são os «moirinhos» encantados, brincando nas margens do rio Côa. Criaturas de peque-

150

na estatura que, segundo as expressões locais, eram «um encanto» e a sua presença tida como prenúncio de riqueza no subsolo.

Desta resenha breve de dispersos, talvez mais aparentes do que reais, resta a permanência de um elo entre Oberon, o «moirinho» de Malcata e a «criança» loira de Fátima. Seres de uma outra natureza talvez, mas bem concretos na sua diversidade. Não-humanos, para-humanos? Não sabemos. Mas bem mais perto de nós do que poderíamos supor. Assim, a «criança» de Carolina (ou o «anjo» na dita versão da «Senhora») não pode, por isso, deixar de representar uma peça de convicção na universalidade dos não identificados e da sua presença em terras de Fátima.

c) Classificação dos «seres celestes» observados em Fátima

A morfologia dos alienígenas, no caso concreto da respetiva altura, é também alvo de estudos percentuais. Será curioso extrair alguns dados referidos pelo investigador espanhol Vicente-Juan Ballester Olmos e que Henry Durrant reproduz na sua obra já citada. Sobre 15 casos, com indicação da altura dos humanóides observados na Península Ibérica, Ballester Olmos refere que dez, ou seja, 2/3, dizem respeito a seres com uma estatura inferior à normal, considerando-se esta até 1,50 m.

O físico nuclear James McCampbell, autor de um dos mais acabados compêndios científicos sobre os ovnis 14, analisou por sua vez os dados biométricos de 217 casos de alienígenas, do catálogo «Magonia» de Jacques Vallée, verificando que, em 119 casos, os seres observados são definidos, quantitativa e qualitativamente, por «anões». Aliás, a maior parte do grupo de entidades de baixa estatura está calculada entre 70 cm e 1,30 m, no limite da normalidade para os humanos.

Recordamos também aqui a análise feita por Gordon Creighton, especialista britânico, sobre a vaga de aterragens na América do Sul, em 1960. Em 51 casos, dez referem-se a «homens pequenos» e 12 a entida

151

des com cerca de 90 cm. Ballester Olmos, comparando os casos compendiados por Jader Pereira e os do catálogo de Jacques Vallée, estabeleceu o seguinte quadro.

Definidas as características especiais de um certo número de entidades, presentes na fenomenologia das «aparições» e contempladas em vários grupos de seres detetados nas modernas observações de ovnis, passaremos a sistematizar os atributos do chamado «anjo» da Lúcia e do «anjo» da quarta vidente.

«Anjo» de Lúcia

- jovem, 14 anos
- 1,30/1,40 m de altura
- fato inteiro e luminoso
- tez branca
- cabelo pelos ombros
- transparente, de contornos «perfeitamente definidos»
- evanescente, num caso

- movimentação aérea
- movimentação terrestre
- «Anjo» da quarta vidente
- jovem, de 10 anos
- 1,10/1,20 m de altura
- fato inteiro e branco
- tez branca
- cabelo loiro pelos ombros
- corpo bem definido

152

Recorrendo de novo à classificação de Jader Pereira e aos três tipos e respetivas variantes que seleccionámos, vemos que é admissível a integração dos «seres celestes» da Cova da Iria em qualquer deles, ainda que, no nosso entender, o tipo, variante, possa contemplar melhor o caso do «anjo» da quarta vidente, o mesmo sucedendo ao tipo, variante 3, que poderá ajustar-se melhor ao «anjo» da Lúcia. O leitor verificará a validade dos nossos assertos se se der ao trabalho de consultar a bibliografia onde se constata a presença de seres luminosos, acéfalos, evanescentes, paralisantes, angélicos, translúcidos, etc., no contexto do fenómeno ovni ...

13. Observações experimentais dos efeitos das microndas

Uma hipótese de trabalho sugestiva, passível de verificação experimental, diz respeito ao eventual efeito de uma radiação microndas (zona do espectro eletromagnético entre os 300 e os 300 000 MHz), subjacente a alguns dos efeitos físicos descritos pelos videntes e testemunhas diretas de fenómenos simultâneos às aparições. Referimo-nos, nomeadamente:

- a) ao depoimento da «quarta vidente», Carolina Carreira, quando alude, no decurso do contacto com um «ser angélico», de pequena estatura, à receção não auditiva, no interior da sua mente, de uma ordem repetitiva: «Vem e reza três ave-marias; vem ... »;
- b) às várias indicações de testemunhas, próximas do local do «contacto» dos três pequenos pastores com a «entidade» comunicante, dando conta da audição de um «zumbido de abelhas», uma das características referida, com alguma frequência, na fenomenologia tipo ovni moderna, como vimos;
- c) às propriedades da radiação microndas, discutidas por McCampbell, entre outros, e que justificariam o tríplice efeito registado pela massa testemunhal de Fátima aquando do fenómeno solar de 13 de Outubro de 1917: calor intenso, secagem rápida da roupa, efeitos fisiológicos.

153

O facto mais sugestivo a reter é-nos fornecido pelas testemunhas, quando referem que o citado «zumbido de abelhas» se produzia sempre que a «senhora luminosa» falava com os três videntes, mas sem mover os lábios.

Desde McCampbell, outros laboratórios procederam a experiências que conferem um princípio coerente ao conjunto dos testemunhos nesta questão da «comunicação/receção de mensagens» e, particularmente, na audição de sons identificados a «zumbidos de abelha».

Referimo-nos, por exemplo, às experiências de investigadores do Instituto Canadano de Engenharia Elétrica e Eletrónica, concretamente aos trabalhos de James C. Lin, Sergio Sales-Cunha, Joseph Battocletti e Anthony Sances, publicados sob o título «The microwave auditive phenomenon». Estas Investigações podem revelar-se prometedoras para a gradual compreensão deste problema e, de um modo geral, para a elaboração de modelos explicativos de certos efeitos secundários, de natureza física e fisiológica, registados em seres humanos e animais inferiores, na presença de um fenómeno aeroespacial não identificado.

A exploração científica do «fenómeno» auditivo das microndas talvez pudesse ajudar a explicar, de um modo coerente e racional, o tipo de receção/comunicação nos casos de «contacto com mensagens», seja no contexto laico ou religioso, ou seja, ovni ou «aparição mariana», especialmente em situações onde prevalece, como em Fátima, uma evidente «síndrome do contactado» com alterações dos estados de consciência.

As referidas experiências canadianas dão conta dos efeitos de pequenas descargas de uma radiação microndas, reverberando no crânio do sujeito humano. O grau de percepção obtido consiste numa combinação de sons audíveis. A cabeça do indivíduo, sujeito a essa emissão, fora colocada ao alcance de uma antena cônica, tendo a experiência lugar num compartimento apropriado (v. gravura).

Estes estudos mostraram que os indivíduos aperceberam ruídos tipo zumbido ou estalido no interior da cabeça, quando sujeitos a uma radiação microndas entre os 200 e os 300 MHz.

Geralmente, esses sons eram apercebidos como algo produzido no interior da cabeça ou na parte posterior do crânio. Recorde-se, uma vez

154

mais, que a «quarta vidente» de Fátima ouvia as palavras de ordem do «pequeno anjo» no interior da cabeça ...

Um novo contributo, praticamente contemporâneo das experiências citadas, foi-nos comunicado pelo físico francês Jean-Pierre Petit, «maitre de recherche» no CNRS francês, diretor-adjunto do Centro de Cálculo da Universidade de Provence, e que veio reforçar a plausibilidade destas hipóteses de trabalho. Efetivamente, de acordo com J.-P. Petit, no decurso de experiências realizadas, em 1979, no âmbito do Departamento de Estudo e Investigação em Micro-Ondas (DERMO) anexo ao Centro Nacional de Estudos Espaciais, de Toulouse, o professor Thourel, diretor daquele organismo, confirmou pessoalmente a receção, acidental, por via não auditiva, de microndas moduladas de baixa frequência, ao expor-se ao raio de ação de um transmissor.

De regresso ao caso de Fátima, verificamos que a sensação de «zumbido» não era exclusiva dos três pequenos videntes. De facto, são diversos os testemunhos de pessoas situadas nas imediações do local de «contacto» que dão nota dessas impressões e sublinham, com ênfase, que «ouviam claramente» esse ruído quando a «Senhora» falava com Lúcia «sem mover os lábios».

Este detalhe sustenta de forma confortável a noção, sustentada pelos testemunhos, de que o fenómeno «zumbido» seria audível numa determinada área em redor das três crianças e proviria de uma fonte externa aos circunstantes. Na nossa hipótese de trabalho, essa fonte emissora constituiria, assim, o cerne da comunicação entre a «senhora luminosa», transportada no já descrito feixe de luz «troncado» e a principal recetora da «mensagem».

Naturalmente que serão necessárias e desejáveis novas experiências e investigações cruzadas, suscetíveis de proporcionar dados controláveis e estatisticamente representativas, visando o estudo das reações psicofisiológicas e comportamentos humanos e animais a essas radiações do espectro EM. Para não falar do imenso campo de análise que se antevê em aberto, tendo por alvo as estruturas dos discursos das «mensagens» religiosas e para-religiosas, e seus conteúdos semânticos nesta fenomenologia dos processos «não identificados».

155

Recordaremos, por fim, a hipótese veiculada por Claude Rifat face às aparentes distorções e anacronismos de conteúdo (i.e., a aparente irrealidade e irracionalismo) das experiências tipo ovni e das «aparições marianas». Na revista UFO Phenomena, aquele investigador destaca a função desempenhada nestas situações pelo Locus Coeruleus, uma importante região do cérebro dos mamíferos. É aí, segundo Rifat, que o fenómeno dos sonhos é induzido. Talvez, então, a fonte da radiação X (fenómeno ovni, «entidade luminosa», etc.) possam interferir no normal funcionamento do cérebro, através da emissão da radiação microndas. A distorção, ou alteração, da «mensagem» (para além de «imagens» eventualmente sugeridas, i.e., as do «Inferno») poderia ser uma resultante da interferência dessa radiação ao nível do Locus Coeruleus, enquanto o nosso inconsciente atuaria como «filtro» retificador, atualizando e adaptando a informação, conforme o espaço e o tempo civilizacionais.

156

Figo 17 - Instalação para a investigação dos efeitos do fenómeno auditivo das microndas sobre os seres humanos

QUADRO III
FENÓMENOS TESTEMUNHADOS PELOS EXTRA VIDENTES
(exceto «Milagre do Sol»)

TIPO DE FENÓMENO

Relâmpagos	X				
Zumbidos	X	X			
Trovões	X	X	X	X	
Nuvens no céu	X	X		X	
Nuvens de fumo	X	X	X	X	X
Cores no ambiente	X	X	X	X	X
Diminuição de luz	X	X	X	X	X
Arrefecimento	X	X	X	X	X
Aragens	X	X	X	X	
Objectos voadores	X	X		X	
«Olhos» voadores	X		X		
«Cabelos de anjo»	X				
Rampas de luz	X	X			
Odores	X	I	I	X	
Curvatura do arbusto	X				

158

PARTE III

O "MILAGRE DO SOL"

«De repente, um disco luminoso do tamanho duma hóstia grande ... como que se destacou do Sol (ou antes, se lhe antepôs) ... »

Testemunha ocular

O dia 13 de Outubro de 1917 amanheceu cinzento. As nuvens ameaçavam tempestade. A dada altura começou a chover, encharcando os caminhanes. «A chuva era tanta», contou-nos, em Julho de 1978, a testemunha Júlia Franco, «que me lembro de tirarmos o casaco a uma minha irmã e o torcermos. Largava tanta água como roupa lavada.»

No local, todo enlameado de barro vermelho, as pessoas esperavam impacientes. Esperavam não sabiam o quê, esperavam qualquer coisa. «Não havia nadinha onde uma pessoa se pudesse sentar», continua Júlia Franco. E fazia frio naquele sítio árido, sem abrigos, sem uma casa em redor.

De súbito, «vi uma nuvem escura vinda do nascente», relata um agricultor. E foi assim que chegou essa «qualquer coisa» que esperavam ...

1. Condições meteorológicas do dia 13 de Outubro de 1917

Mas antes de vermos como esse encontro decorreu, detenhamo-nos nas condições meteorológicas desse dia. Obtivemo-las consultando as Observações Meteorológicas, Magnéticas e Sísmicas, obra editada pelo Observatório Meteorológico de Coimbra (o mais próximo do local), vol. LVI, 1918.

161

Os dados que a seguir apontamos referem-se a esse dia 13 e ao período de tempo mais aproximado da hora do «Milagre».

- Pressão atmosférica (às 13h) - 749,7 mm
- Temperatura:
- às 13 h - 13,2°
- às 15 h - 14,7°
- média diurna - 13,39°
- Tensão do vapor atmosférico (média diurna) - 9,97 mm
- Humidade relativa (média diurna) - 87,04%
- Direcção do vento e chuva (das 12 às 14 h):
- rumos predominantes - W - NW

- chuva em milímetros - 9,5
- Velocidade do vento:
- às 13h-7Km/h
- às 14 h - 24 Km/h
- Configuração das nuvens (às 12 h) - Nimbos, cúmulos; cúmulos//nimbos
- Visibilidade do Sol (das 13 às 14 h) - 0 h e 6 m
- Tempo total do brilho do Sol nesse dia - 3 h e 45 m
- Altura angular do Sol ao meio-dia solar - 42° 44'
- Refração astronómica ao meio-dia solar - 1' 05"

Mais integrados assim nesse dia, vejamos então o que aconteceu após a chegada da «nuvem misteriosa».

2. Os antecedentes do «milagre»

Mas quando a «nuvem escura» chegou, quem estava à sua espera?

Não se encontravam no solo da Cova da Iria apenas crendeiros e supersticiosos. Crianças e doentes. Visionários e mentirosos. Nesse local, encontrava-se uma multidão muito mais rica, muito bem escolhida se a víamos de fora dos nossos padrões sociais. Era heterogénea, espontânea, misturada, não ocupando lugares previamente marcados. Representava perfeitamente a população do nosso planeta - jornalistas e pro-

162

fessores universitários, camponeses e donas de casa, gente da cidade e dos campos. E não estavam sozinhos. Envergavam vestuário rico e pobre, masculino e feminino, chapéus e adornos, belos sapatos e botas, numa amostragem completa da nossa indústria. Bem próximo, encontrava-se toda a espécie de veículos desde as carroças puxadas a burros às melhores donas-elvirs da época, «numa extensão de quase um quilómetro» - segundo a correspondente da revista Raio de Luz I. Por sua vez, o repórter do jornal O Seculo escreveu: «Mais de cem automóveis alguém contou e mais de cem bicicletas e seria impossível contar os diversos carros que atravancavam a estrada, um deles o auto-ônibus de Torres Novas, dentro do qual se irmanavam pessoas de todas as condições sociais.»

Carlos Silva, que publicou as suas impressões oito dias mais tarde, achou lindo «o serpentear de tantas criaturas pela serra. Perguntava donde eram e ... <ao ouvir pronunciar as suas terras, admirava-me como aquelas almas vinham de tão longe para presenciar o que duas criancinhas afiançavam».

Toda essa multidão, «milhares de criaturas que foram de muitas léguas em redor e a que se juntaram fiéis idos de várias províncias, alentejanos e algarvios, minhotos e beirões, congregam-se em tomo da pequena azinheira ... » (A velino de Almeida).

Era esse o ponto de encontro - uma árvore que já não era árvore. Existia apenas «um fragmento de dez centímetros de fora da terra, pois que a têm pelado para recordação» (Carlos Silva). Conta Maria Carreira 4: «Já não tinha senão um cepo, que eu na véspera tinha enfeitado de flores e fitas de seda.» Mas esse sítio divisava-se do alto porque sobressaía bastante elevado «um tosco pórtico em que bamboleiam duas lanternas» (Avelino de Almeida, de novo).

E em que se ocupava a multidão enquanto esperava?

163

«Entre a multidão tomámos lugar», conta-nos agora Maria Augusta Saraiva Vieira de Campos, que publicou o primeiro opúsculo sobre a temática já nesse mês de Outubro 5, «começando a rezar o terço em coro, cantando o Ave de Lourdes e que o povo e as senhoras acompanhavam, o Queremos Deus, recitando a oração de São Bernardo, etc.»

Se a «Senhora» tivesse marcado o encontro com um chefe militar em vez de três crianças analfabetas, talvez as tropas a aguardassem nesse dia 13. Assim, as cinquenta mil pessoas levaram farnéis, guarda-chuvas, terços e agasalhos, mas deixaram em casa as espingardas.

Curiosamente, nas aparições de Lourdes, a Entidade parece ter receado a presença dos gendarmes. Assim, em 22 de Fevereiro de 1858, quando estes seguiram a vidente, a Senhora

não compareceu ao encontro. Bernardette justificava o facto dizendo que a Senhora tinha medo dos guardas. E não devia estar muito fora da razão, porque Angla, que tal como outras crianças recebia mensagens no cérebro sem saber donde vinham, relatou ao padre Cros, historiador destas aparições, que tinha ouvido: «Enquanto o comandante da guarda lá estiver, eu não a verei»

A «nuvem», vinda do leste, deve ter chegado pontualmente ao meio-dia solar - cerca da uma hora e trinta e sete minutos. A longitude de Lisboa é de + 0 h 36 m e 34 s de Greenwich, mas, naquele ano, seguia-se a hora nova, ou hora de Verão, iniciada em 28 de Fevereiro e terminando no dia seguinte: 14 de Outubro. Nesse tempo, devia existir uma grande confusão de horários, porque os testemunhos apresentam divergências que abrangem um período de cerca de três horas! Acreditando, porém, em Pinto Coelho, jurisconsulto e homem da capital, podemos avançar com algum rigor ao encontro da hora da chegada dos autores das aparições. «Uma hora e trinta e sete minutos e meio - o meio-dia solar - era a hora anunciada da visão, com a qual se esperava que coincidissem os fenómenos no céu», escreveu no jornal A Ordem de 16 de Outubro. «A essa hora continuava chovendo. Minutos depois a chuva diminuía, e quando era uma e três quartos cessou por completo. O Sol, até então encoberto, mostrou-se ... »

164

Como o diálogo com os videntes demorava cerca de dez minutos, é provável que a «nuvem» tivesse chegado ao local ao meio-dia solar em ponto. Dez minutos depois - cerca da uma hora e quarenta e sete minutos - iniciou-se então o «milagre» anunciado com três meses de antecedência.

«Vi uma nuvem escura vinda do nascente», testemunhou o agricultor Joaquim da Silva Jorge. Habitado a distinguir bem as nuvens na nossa atmosfera, regulando por elas até o seu trabalho, para a testemunha essa nuvem devia ser diferente das habituais.

Mas houve outras «nuvens» antes do «Milagre do Sol». Da «nuvem escura» terá saído ... outra mais pequena.

«Vi uma nuvenzinha que caminhava», disse-nos Maria dos Anjos, irmã da Lúcia 8. Outra sua irmã, de nome Glória, testemunhou:

«Uma espécie de nuvenzinha de fumo caminhava direitinha, paralelamente com a terra, da direção do atual Seminário da Consolata (nascente) para o local das aparições. A Lúcia disse: "Fechem os chapéus, que vem lá Nossa Senhora".»

A Entidade procedia sempre do nascente. Ferreira Borges, que chegou atrasado, já na hora em que o diálogo entre a Lúcia e a Entidade decorria, relata: «Ouvi as pessoas dizerem que tinham visto uma nuvem branca vir do leste e pousar sobre o arbusto e que ainda a estavam vendo.»

10 Isto recorda-nos o incidente ocorrido em Dezembro de 1973, no Brasil, com João Rodrigues Terra, que afirmou: «Desceu do céu uma nuvem branca, bem mais branca do que as outras nuvens.»

Mas há quem tenha assinalado uma estrela em vez duma nuvem. A correspondente da revista Raio de Luz deixou escrito: «Muitos viram (e pessoas de todo o crédito) uma estrela linda a caminhar na direção da carvalheira com clarão.»

Entretanto, a «nuvem» primitiva continuava no espaço. A Lúcia prosseguia a conversa com a Senhora, e os circunstantes observavam a

165

Fig. 18 - A multidão ocorre ao local das aparições. Pouco depois, surgiria, vinda de nascente, uma «nuvem escura» diferente das restantes. O «Milagre» ia começar ...

166

característica «nuvem de fumo» sobre o arbusto. Paralelamente, «no céu, lugar onde a nuvem se desviara, aclarou, e qual não foi o nosso espanto quando apareceu um globo, prateado, fazendo um pequeno giro ... » (senhora Jota).

Após o diálogo, a Senhora «voltou as palmas das mãos para cima», «apontou com o dedo para a banda onde está o Sol» 13 e, como se tivesse feito um sinal ao globo prateado, a «estrada de

luz colorida», detetada por Gilberto dos Santos, começou a recuar «a pouco e pouco». A Entidade virou-se porque «ia com as costas voltadas para nós» 14. Desapareceu primeiro «a cabeça. Depois o corpo, a última coisa que vi foram os pés».

Depois «a chuva para e uma nuvem pequena muito branca e brilhante corre no céu e toda aquela gente que rodeia a azinheira cai de joelhos sem se importar com a lama. Oiço uma voz dizer (o que eu igualmente estava a pensar): "É uma nuvem a passar em/rente do Sol, o que tantas vezes acontece." Nisto, aparece o Sol brilhante ... » (Angélica Pitta de Moraes).

E, então, o «Milagre» teve início ...

3. A função das nuvens

«O trovão ribombou perto dali ... O ar foi-se espessando com um ruído que lembrava o zumbir de abelhas ... De repente, nuvens começaram a mover-se no céu E dessas nuvens surgiu uma luz - como um relâmpago por trás delas As nuvens pareciam agora estar descendo ... e trazendo no seu bojo estranhos clarões de luz colorida que pareciam ricochetear de uma nuvem para a outra... Do outro lado da paisagem,

167

uma espécie de formação maciça de nuvens mais escuras ... Dentro das nuvens havia como que um espetáculo de fogo-de-artifício.»

Não, esta longa descrição, em extratos, não nos foi legada por nenhuma testemunha de Fátima. É certo que também aí houve trovões, relâmpagos, zumbidos de abelhas. Nuvens desconcertantes movendo-se no céu com coloridos lembrando fogo-de-artifício, «formação maciça de nuvens», tudo isso foi presenciado em 1917. Mas a descrição exposta acima não foi observada apenas por cinquenta mil pessoas, mas por milhões de espectadores que assistiram à projeção do filme de Steven Spielberg - Encontros Imediatos do 3.º Grau. Mas porquê incluir nesta obra este relato?

Recuemos a 13 de Outubro de 1917 e passemos os olhos pelos depoimentos de algumas testemunhas presentes na Cova da Iria.

Higino Faria, residente na Califórnia em 1960, depôs para o escritor norte-americano John Haffert:

«À uma hora, as nuvens tomaram-se numa massa muito densa e escura, dando a ideia de um eclipse. Nesse momento olhei para a multidão e tive a impressão de que era o dia do Juízo Final. Os rostos pareciam emagrecidos, compridos e amarelos. Então a nuvem negra abriu, dividindo-se, e pela abertura vimos o Sol brilhar, girando como uma bola de fogo.»

É interessante observar que Higino Faria se refere à «nuvem negra», no singular, devendo ser a mesma que o agricultor Joaquim da Silva Jorge designou por «nuvem escura» quando a viu aproximar-se do local, vinda do leste.

Maria Romana escreveu no jornal A Ordem do dia 25 de Outubro:

«As nuvens começaram a esfarrapar-se e a abrirem-se (permitam-me a comparação) como se fora o pano dum teatro para deixarem ver o Sol dardejando ... »

Miss N. declarou a Martindale: « As densas nuvens não se desvaneceram mas abriram um buraco e então vimos o Sol.»

168

Manuel da Costa Pereira também nos diz que «os astros abriram de repente, via-se perfeitamente o Sol, que não feria a vista ... ».

Numa carta à sua amiga Mimi, da Guarda, uma senhora de Lisboa contava-lhe as suas impressões, que foram publicadas no jornal A Guarda de 12 de Janeiro de 1918, embora a carta tivesse sido escrita oito dias após o «Milagre»:

«Chovia torrencialmente e todos a pé firme se conservaram até às duas horas, momento em que as nuvens se afastaram para os lados, deixando o Sol a descoberto, e imediatamente começaram a passar, por diante do Sol, rolos de nuvens muito leves e amarelas como oiro, roxas, cor de cravo ... » E acrescenta: «Eu vi assim no vácuo uma maravilhosa coroa das tais nuvens em variadas cores.»

Mas outros testemunhos assinalam esse aspeto cromático das nuvens que se abriram para os lados. O barão de Alvaizere, advogado Luís António Vieira Magalhães e Vasconcelos, redigiu o seu depoimento a 30 de Dezembro. Hoje faz parte do documento oficial denominado Processo Canónico de Fátima. Diz-nos ele: «O Sol não se via, encoberto pelas nuvens, e ninguém diria que ele tomaria mais a aparecer nesse dia tão chuvoso e desabrido ... À uma hora em ponto ... vi as nuvens correndo ligeiras deixarem o Sol a descoberto.» E junta: «Nuvens diáfanas, vaporosas, um tanto roxas, um tanto alaranjadas, perpassavam.»

Por sua vez, uma familiar do jornalista Eduardo Teixeira relatou-lhe:

« ... às nuvens negras e tempestuosas sucederam-se outras mais leves e cheias de brancura. O Sol, por sua vez, começou a descortinar-se e pouco depois toda a gente notou que umas pequenas nuvens, de uma linda cor rosada, se destacavam das outras, vinham passar por debaixo do Sol e desapareciam. Isto repetidas vezes.»

Mas o grosso da multidão surpreendeu-se mais pelo rasgar das nuvens, sem que soprasse vento, do que pelas suas cores.

169

o cónego Formigão afirma: «Como por encanto, rasgaram-se de repente as nuvens e o Sol, no zénite, apareceu em todo o seu esplendor ... »

Ferreira Borges escreveu ao cónego Barthas: «Neste momento, saí do carro e, quando estendia a mão a minha mulher para ajudá-la a descer, eis que as nuvens acumuladas desapareceram, sem que soprasse a menor aragem, e o Sol resplandeceu no céu puro!»

Avelino de Almeida, a pedido de um ex-colega de seminário, então presidente da Câmara de Santarém, redigiu outro depoimento para a revista Ilustração Portuguesa de 29 de Outubro: « ... que vi eu ainda de verdadeiramente estranho na charneca de Fátima? A chuva, à hora pré-anunciada, deixar de cair, a densa massa de nuvens romper-se e o astro-rei - disco de prata fosca -, em pleno zénite, aparecer. ... »

O correspondente do jornal Diário de Notícias contava-nos no dia 15: «Pessoas houve mesmo, segundo ouvimos a algumas, que lhes pareceu ver o Sol abandonar a sua fictícia órbita, romper as nuvens e descer no horizonte.»

Gregório Tavares, no jornal Concelho de Mação de 18 de Novembro, testemunha: «<As nuvens correndo velozes abrem clareiras e o Sol aparece dardejando raios de oiro ... »

E Jacinto de Almeida Lopes, no Inquérito Paroquial:: «A hora aproxima-se e eis que, como por encanto, a chuva suspende, o Sol rompe as densas e negras nuvens e mostra-se dardejante com os seus luminosos raios ... »

Mas parece que a nossa conhecida senhora Jota encontrou uma linguagem mais atual (jornal Correio da Beira de 10 de Novembro): «No céu, lugar onde a nuvem se desviara, aclarou ... e vimos um globo prateado ... », dissera-nos antes. Agora «esse globo ou esfera ... rompe, em todo o esplendor, uma nuvem ou chama vermelha brilhantíssima que o encobria ... »

Transportando-nos a 1958, a Svoarzed, na Hungria, encontramos a seguinte observação: «George Barroinski viu uma nuvem esverdeada, fosforescente, vinda do NW. O centro tomou-se cada vez mais brilhante, mudando subitamente de cor, ficando vermelho-escuro. Um objeto oval apareceu e saiu dessa zona, seguido de uma espécie de chama ... »

170

Em Fátima, parece que o «Sol» não se limitara a «romper as nuvens». Tal como no filme de Spielberg, tal como afirma a senhora Jota, a nuvem abriu acompanhada de chamas, clarões ou relâmpagos. Vejamos alguns testemunhos que salientam esse pormenor:

Joaquim da Silva Jorge (o agricultor que vira a nuvem chegar do nascente) acrescenta: «[A nuvem] abriu numa girândola de Sol.» Além de poético, girândola é um tipo de fogo-de-artifício que, em vez de meia dúzia de tiros e luzes, é composta por dezenas que surgem e desaparecem muito rapidamente.

Mas outras testemunhas referem os clarões nos céus de Fátima.

Maria Cândida da Silva, criança na altura, diz-nos: «Então, de repente, a chuva parou, apareceu um grande clarão ... »

Maria Guerra afirma também: «O relâmpago abriu as nuvens e o Sol começou a tremer.»

Mas parece que a estranha nuvem, vista em Fátima, apresentava outras particularidades ovnilógicas - aparecia e desaparecia, exibindo-se sob mutáveis efeitos cromáticos. Desta vez, é a Sr.^a L. de S., da revista Raio de Luz, quem nos relata este pormenor: «Uma nuvem linda, ora cor de fogo, ora roxa, ora cor de rosa, ora dourada, se mostrava e desaparecia sucessivamente, refletindo-se a cor não só em todos os circunstantes como em todo aquele recinto.»

Encontramos uma descrição semelhante na obra de Robert Roussel, referente a uma observação feita em Vendée, França, em 10 de Outubro de 1975: «O Sr. M. P. André viu no céu, na direção de sudoeste, um engenho de cor cinzenta do tipo do Sol, coberto por uma nuvem de diferentes cores sobrepostas, vermelha, verde, amarela e laranja. Esse fenómeno fazia lembrar uma lua redonda de cor apagada que não se mexia dentro da sua nuvem de cor cintilante.»

Há testemunhas que assinalam que, tal como libertou aquele «globo ou esfera», assim o recolheu.

Augusta Saraiva Vieira de Campos, no seu opúsculo citado, diz-nos: «Ouviam-se gritos de todos os lados quando se destacava do Sol uma

171

forma branca... vindo para nós, voltando de novo ao Sol e, por fim, escondendo-se à terceira vez entre as nuvens.»

A senhora Jota, dotada de uma acuidade visual fora de série, conta-nos que, após as manobras do «seu» globo, «mudou o cenário uma nuvem amarela, dourada; e assim foi desaparecendo esta realidade que aos mortais parece um sonho!» E antecipando-se muitos anos na interpretação do fenómeno aos seus circunstantes, alguns deles culturalmente muito superiores, desabafa: «Como foi e donde veio, não sabemos explicar.» E era católica, tendo-se até alojado na véspera, com uma filha, na residência do pároco.

Mas comparemos esta última função da «nuvem» de Fátima com descrições tiradas de compêndios de ovnilogia:

Prússia (Koninsberg), 17 de Março de 1716

«Pelas nove horas se viu para noroeste uma nuvem mui negra que lançava de si raios de fogo e, havendo continuado assim por tempo de meia hora, se viram sair dela uns corpos lúcidos de várias cores que se tornaram logo a recolher.»

Inglaterra, 2 de Julho de 1963

Três jovens viram uma máquina que «descolou na vertical e entrou numa nuvem». Um deles declarou a um repórter que «a máquina era prateada e brilhava intensamente. A nuvem em que desapareceu tinha uma cor invulgar», mas não pôde descrever exatamente a sua tonalidade.

Por fim, na Cova da Iria, após se ter recolhido o globo, «as nuvens foram desaparecendo a pouco e pouco do firmamento, que ficou limpinho, sereno e azul como não há nenhum que se iguale ao desta nossa bela terra portuguesa» (Maria Romana).

Mas, antes disto, o que presenciou a multidão que abandonara os lares, os campos e os gados, assim como o exercício doutras profissões, para assistir a um milagre anunciado?

172

4. A descrição do fenómeno

O chamado «Milagre do Sol» foi deveras uma realização superior, sem paralelo na história humana conhecida. Talvez tivesse razão a senhora de Lisboa que escreveu na carta à sua amiga Mimi: «Foi o maior milagre dos últimos séculos, um milagre que foi visto por crentes e descrentes.» Na verdade, estava-se no patamar do maior acontecimento do século, onde a magia do Desconhecido se iria cruzar com o espanto da Normalidade. Hoje, detetamos já algumas pistas nossas conhecidas. A cada passo, acompanhando as experiências de cada testemunha a que recorreremos, estamos mais próximos da reconstituição do acontecimento. Começamos pela descrição do objeto «solar» que os Ouranianos usaram como tradutor da sua

«tecnologia» para a nossa capacidade de entendimento. A multiplicidade dos testemunhos é um fator de enriquecimento da experiência, permitindo testar as diferentes sensibilidades e, além disso, fornecer aos investigadores outros indícios não menos precisos sobre a relação intrínseca entre o fenómeno e a testemunha. Assim, continuemos a observar o «milagre» através dos olhos dos portugueses de então.

O advogado José Proença de Almeida Garrett relata-nos:

«O Sol, momentos antes, tinha rompido ovante a densa camada de nuvens que o tivera escondido, para brilhar clara e intensamente. Voltei-me para esse íman que atraía todos os olhares e pude vê-lo semelhante a um disco de bordo nítido e aresta viva, luminosa e luzente, mas sem magoar.

Não me pareceu bem a comparação, que ainda em Fátima ouvi fazer, de um disco de prata fosca. Era uma cor mais clara, ativa e rica e com cambiantes, tendo como que o oriente de uma pérola. Em nada se assemelhava à Lua em noite transparente e pura, porque se via e sentia-se ser um astro vivo.

Não era, como a Lua, esférica, não tinha a mesma tonalidade nem os claros-escuros. Parecia uma rodela brunida, cortada no nácar de uma concha. Isto não é uma comparação banal de poesia barata. Os meus olhos viram assim. Também não se confundia com o Sol encarado através de nevoeiro (que aliás não havia àquele tempo), porque era opaco, difuso e velado. Em Fátima tinha luz e calor e desenhava-se nítido e com a borda cortada em aresta, como uma tábua de jogo ...

173

Maravilhoso é que, durante longo tempo, se pudesse fixar o astro, labareda de luz e brasa de calor, sem uma dor nos olhos e sem um deslumbramento na retina, que cegasse.»

A senhora de Lisboa, amiga da Mimi, diz-nos que «de repente, é a Lua que aparece, mas é só um momento, porque imediatamente se transforma na Sagrada Hóstia, vendo-se até a Cruz como que cavada naquela matéria opaca, cor de farinha de trigo, muito alva».

Após ter recebido diversas cartas descrevendo o fenómeno, o jornal Beira Baixa comunicou aos seus leitores: «O Sol descobre-se, fica com uma luz estranha, podendo ser fitado como a Lua cheia. A luz passa por diversas gradações, parecendo umas vezes que o globo solar é cercado duma auréola de chamas, outras vezes um disco metálico como de prata.»

Além de parecer um «disco metálico» - estranha semelhança com uma estrela -, há quem lhe chame «disco magnético».

O Eng.º Mário Godinho olhou o «Sol» com olhos de técnico. E deixou-nos escrito: «Num céu radioso, o Sol podia ser encarado de frente e de olhos bem abertos, sem pestanejarmos, como se olhássemos para um disco de vidro despolido, iluminado por detrás, irizado na sua periferia, tendo como um movimento de rotação ... E o Sol não tinha o fulgor que nos fere a vista nos dias normais, pois era um disco majestoso, magnético, que nos atraía e revolteava no céu imenso ... » (Revista Stella.)

Esta mesma testemunha declarou a John Haffert: «Era como um disco de cristal embaciado e iluminado da parte de trás, um disco de vidro fosco.»

Todavia, Ermelinda Vilhena Barbosa não achou esse vidro fosco, porque nos legou: «Passou depois a azul-celeste, parecendo que ele era transparente e que se estava a ver o céu por detrás.»

«Disco metálico, prateado, magnético, de vidro fosco, transparente ... », todavia chamam-lhe Sol. Mas existem três depoimentos que lhe

174

Fig. 19 - Anteposição da «nuvem especial», portadora do pseudo-Sol, ao verdadeiro astro dão outras designações. Dois deles foram os escolhidos pelo pároco da freguesia para acompanhar o seu relatório. Segundo o jornal O Mensageiro, de Leiria, de 29 de Novembro desse ano: «O pároco de Fátima, o meu amigo padre Manuel Marques Ferreira, conservou-se sempre alheio a tudo, levando o seu proceder a nunca ter ido à Cova da Iria no dia das aparições. Só a muitos rogos lá foi no último dia.»

Se foi, observou o «milagre». E não se deve ter convencido que era o Sol, porque, entre tantos depoimentos que devia conhecer sobre esse estranho fenómeno, foi logo escolher dois que não afirmam ter sido o nosso astro-rei que se pôs a dançar, desprezando o texto do jornal católico A Ordem e o de A velino de Almeida. Eis esses dois depoimentos:

Maria Augusta Saraiva Vieira de Campos: «Vimos um véu prateado, com forma arredondada, como se fosse a lua cheia ... Ouviam-se gritos

175

«o Sol era como a Lua, mas muito maior.»

Júlia Franco

o Sol «tinha luz e calor e desenhava-se nítido e com a borda cortada em aresta ... »

Almeida Garrett (filho)

«Vi o Sol parecendo um disco de prata fosca ... »

Gilberto dos Santos

«Vejo um disco muito claro azul-prateado ... que, retomando a cor natural, começa rodando ... »

Ana Maria da Câmara

«o Sol prateado viu-se rodar e girar em volta ... »

Madalena Patrício

«De repente, um disco luminoso ... que todos podiam fitar ... »

L. de S., do «Raio de Luz»

Um objeto em forma de Lua começou a aproximar-se ... Na descida era o dobro da Lua.»

Portugal, 1966

«o objeto, difundindo uma luz branco-amarela, tinha contornos nítidos, aresta circular ... »

França, 1971

«Vi um objeto ... cor de prata ou alumínio e com a forma de disco.»

Roménia, 1967

o objeto «apresentava brilhante luz azul-clara, rodeada por um anel de luz branca, e parecia girar».

Brasil, 1969

«Observou um disco prateado ... O objeto girava sobre si.»

França, 1954

«Surgiu inesperadamente um corpo estranho. Tinha a forma de um disco luminoso ... »

Portugal, 1957

178

«Vi o Sol como se fosse uma bola de fogo ... »

Carlos de A. Mendes

«Uma bola de fogo assemelhando-se à Lua ... »

Estação de Fátima, 1974

o globo solar parecia um disco metálico, como de prata».

Jornal «Beira Baixa»

«Todo ele parecia feito de metal, semelhante a prata brilhante.»

Portugal, 1974

Mas não é apenas nos nossos dias que encontramos descrições que se assemelham a Fátima. Através dos tempos, os terrestres, surpresos, redigiram relatos que, dada a relatividade dos nossos conhecimentos, os temos interpretado como metáforas. Ora vejamos este relato «metafórico»:

«Olhei e vi... uma nuvem espessa acompanhada de um clarão e uma massa de fogo resplandecente à volta; no meio dela, via-se algo semelhante ao aspeto de um metal resplandecente.»

Não se trata de uma observação dos nossos dias. Foi redigida há dois mil e seiscentos anos, na Babilónia. E dentro dessa «massa de fogo», a testemunha não divisou um humanóide

esquisito, mas o próprio Deus em pessoa. Trata-se da descrição, hoje famosa, outrora apenas metafórica, do profeta Ezequiel, descrita na Bíblia.

Mas esta tradução é um pouco livre. No original, Ezequiel não escreveu «semelhante ao aspeto de um metal resplandecente», mas sim «uma como espécie de electro». O que era este electro? Segundo o historiador romano Plínio, «é um metal finíssimo composto de quatro partes de ouro e de uma quinta de prata.

Caminhando no tempo, mais próximo de Jesus, em Roma, escreveu o bem conhecido Cícero em 50 a. c.:

179

«Quantas vezes não pedi o nosso Senado aos decênviros para consultarem os oráculos (...) quando se viram dois sóis, ou quando apareceram três luas e línguas de fogo foram assinaladas no céu; ou naquela outra ocasião, quando o Sol nasceu de noite, quando se ouviram ruídos no céu, e a própria Lua pareceu brilhar, notando-se estranhos globos no céu?»

Já no século VI, encontramos esta descrição, em França": «Vimos durante duas noites seguidas, no meio do céu, uma espécie de nuvem muito luminosa que tinha a forma de um capacete.»

Mas no século XIII, na Inglaterra, precisamente a 3 de Agosto de 1290, observou-se algo que também nos lembra Fátima. O abade Henry, prior da Abadia de Byland (Yorkshire), acompanhado dos seus monges, viu, aterrado, «um enorme disco prateado passar lentamente por cima deles».

Por vezes, essas aparições eram atribuídas às nossas divindades, como na Cova da Iria. No século XVI, a 5 de Dezembro de 1577, às sete horas da manhã, em Tubingen, na Alemanha, contemplou-se um belo bailado de discos com cúpula, saindo de nuvens, que, por sua vez, brotaram do Sol. Reparem nesta maravilhosa descrição, deste «milagre» ocorrido quatrocentos e sessenta anos antes de Fátima:

«Numerosas nuvens negras apareceram ao redor do Sol, como aquelas que vemos quando se anunciam tempestades; pouco depois, outras nuvens de fogo e sangue emergiram do Sol e outras amarelas como açafraão. Dessas nuvens saíram efeitos de luz, com a forma de chapéus grandes, altos e largos, e a terra tomou-se ela mesma amarela e avermelhada e coberta de chapéus altos e largos que tomaram diferentes cores, tais como vermelho, azul, verde e preto. Cada um pôde mais facilmente compreender este milagre e saber que os homens se penitenciem e arrependam.»

180

E as estranhas nuvens e os estranhos discos continuam a visitar-nos noutras épocas e noutros quadrantes. Desta vez, no século XVII, foi o Japão o país escolhido. Assim, em Maio de 1606, em Quioto, «por várias vezes bolas de fogo sobrevoaram a localidade. Numa ocasião, inúmeros samurais repararam numa bola, semelhante a uma roda de fogo, que girava e planava por sobre o castelo de Nijo. Numa tarde de Setembro de 1702, durante vários dias consecutivos, o Sol tomou uma cor de sangue e diz-se que caíram fios de algodão, aparentemente vindos dele. O caos espalhou-se por todo o Japão quando no dia 2 de Janeiro de 1749 apareceram três objetos redondos, semelhantes à Lua, que ali permaneceram por quatro dias».

Mas tal como em 1917, quando identificaram o «disco luminoso» com o Sol e a Lua, também outrora se atribuíam estranhas manobras ao nosso satélite. Vejamos o «milagre» que a Lua se lembrou de «fazer», na Roménia, Bucareste, em 28 de Dezembro de 1793:

«No dia 27, às 19.30 horas, a terra tremeu por três vezes. Jantava então em Floresti (Bucareste) com o venerável Constantin Poenaru. No dia seguinte à noite, à mesma hora que na véspera, a Lua fez um milagre: ela fez uma viagem pelo céu durante meia hora.»

É um nunca mais acabar de analogias. Na nossa viagem através dos séculos ou nas buscas contemporâneas, uma mesma realidade se apresenta, uma mesma pergunta se impõe: quem manobra estes engenhos? O que pretendem de nós? Talvez a senhora Jota tenha

compreendido, por intuição, as pretensões dos tripulantes desses objetos que se assemelham aos astros nossos vizinhos: «Parecia avolumar-se e querer precipitar-se ou falar para a Terra, a anunciar um caso de regozijo e pavor!» 30 Medo e alegria não serão, na verdade, os sentimentos manifestos quando dois universos se encontram?

181

5. Efeitos cromáticos

Diz a documentação que os efeitos cromáticos se verificaram:

1.º - No «Sol»

2.º - No ambiente

COLORAÇÃO DO «SOL»

Relativamente aos aspetos irisados no objeto, há a registar:

a) Aspetos irisados em toda a superfície

b) Aspetos irisados na periferia do «Sol»

c) Sucessão constante de cores

d) Luminosidade na parte posterior

a) Aspetos irisados em toda a superfície

Sabe-se que o olho humano não regista as cores uniformemente. O que para uns é verde, outros chamam-lhe azul, por exemplo. Não admira que encontremos as cores mais diversas, por isso, nos depoimentos. « ... ganhou logo uma palidez de Lua, que em seguida se manchou de um azul fluido, dum amarelo doente, de outras tonalidades desmaiadas» (jornal A Luta de 18 de Outubro).

Antónia da Câmara: «O Sol apresentava uma cor verde-escura.»

Nascimento e Sousa, advogado: «Só vi um amarelo muito pronunciado e pareceu-me ver uma cor preta por debaixo do disco solar, mas esta não garanto.»

Senhora de Lisboa, amiga da Mimi: «De repente é a Lua que aparece, mas é só um momento, porque imediatamente se transforma na Sagrada Hóstia ... matéria opaca, cor de farinha de trigo muito alva.»

Uma das testemunhas presentes mais categorizadas era lente de Matemática da Universidade de Coimbra. Chamava-se Gonçalo de Almeida Garrett. Numa carta que escreveu ao Visconde de Montelo,

182

diz-nos, após referir a movimentação: «A seguir o Sol tomou a cor violácea e depois alaranjada ... »

Ana Maria da Câmara' conta-nos também: «Segundos depois sai-me da boca esta exclamação: "É a Lua." Vejo um disco muito claro, azul-prateado, sem raios, que, logo retomando a cor normal, começa rodando vertiginosamente. Depois esse disco toma diferentes cores. Lança para fora de si como rolos de fumo da cor de que está tinto, mas conserva sempre a forma perfeitamente redonda, sem raios e podendo ser perfeitamente fixado. Em certa ocasião, vejo-o colorir-se de cor-de-rosa-vivo ... »

Mas há quem tenha divisado diversas cores. Ermelinda Vilhena Barbosa escreveu: «O Sol fez-se verde-claro, passou depois a azul-celeste, parecendo que ele era transparente e que se estava a ver o céu por detrás. E depois é que passou a verde-esmeralda, cor em que se conservou durante uns minutos, tremendo sempre ... »

Maria Carreira conta-nos, por sua vez: «Fazia diferentes cores, amarelo, azul, branco ... »

Mas vejamos agora o que nos dizem os documentos oficiais.

Processo Yicarial. - Este documento foi concluído no dia 25 desse mês e depuseram dezasseis testemunhas - quinze homens e lima mulher. Foi redigido pelo vigário de Porto de Mós, Rev. Joaquim Vieira da Rosa, que o remeteu ao Patriarcado de Lisboa com o ofício datado de 11 de Novembro de 1917. Esclarecia nesse documento: «Consultei muitas pessoas sobre o assunto e todas elas confirmam o mesmo que disseram as testemunhas constantes do mesmo documento, e por isso me absteve de mandar escrever os seus depoimentos.»

Embora o tivessem feito muito resumidamente, o que nos dizem essas testemunhas escolhidas pelo citado vigário acerca dos efeitos cromáticos no «Sol»?

Maria da Silva Rosa, sexta testemunha: « ... diante do Sol [viu] cores diversas.»

Manuel Carvalho, décima primeira testemunha: «Viu o Sol... revestir-se de várias cores ... »

183

Inquérito Paroquial - Neste documento, encontramos o relato de Jacinto de Almeida Lopes, que declarou ao pároco que o Sol «mostra-se dardejante com os seus luminosos raios, que bem depressa tomam as cores de amarelo, encarnado e verde ... »

Processo Canónico de Fátima. - Aqui pode-se ler o depoimento de Luís de Andrade e Silva, bacharel em Direito e Teologia: «Os raios solares apresentavam a cor amarela, verde, azul e roxa, segundo dizem, mas eu só reparei na cor amarela.»

Interrogatórios Oficiais de 1923. - Manuel António Paula depôs neste documento. Trabalhava em Lisboa, mas estava a passar férias em Fátima, nos meses de Setembro e Outubro. Declarou: «De repente, o sacerdote de [Penacova] olhou para o Sol e disse que o Sol em eclipse não era assim. O depoente olhou também e viu que o Sol não dava luz. Sobre ele corria uma névoa branca, era uma Lua sem brilho. O Sol ficava à esquerda, estando o resto do céu encoberto ... » Enfim, talvez tivesse razão o pai da Jacinta quando afirmou a João de Marchi: «A gente olhava perfeitamente para o Sol e ele não estorvava. Parecia que se apagava e alumia uma vez dum jeito e outra doutro. Atirava feixes de luz para um lado e para o outro ... »

Alguns depoimentos tardios apontam para as cores do arco-íris.

Cónego Formigão: « ... revestindo sucessivamente todas as cores do arco-íris e projetando feixes de luz de um efeito surpreendente».

José Frazão: « ... disparando todas as cores do arco-íris.»

Maria do Carmo Meneses: « ... desandava como uma roda de fogo, tomando todas as cores do arco-íris ... ».

184

CONSTATAÇÕES EM OVNILOGIA

Canadá, 4 de Abril de 1952

«A sua cor atira para o laranja.» Depois, «a cor torna-se avermelhada. Quando o objeto atinge a zona sul, dirige-se para o horizonte e a cor passa ao alaranjado, depois ao verde e finalmente ao branco-prateado».

Portugal (Guarda), 10 de Setembro de 1977

Um estudante observou «um objeto voador de cor inicialmente amarelada ... O objeto mudou depois para um azul ainda mais intenso, passando em seguida de novo a amarelo e, finalmente, a vermelho-vivo ».

b) Aspetos irisados na periferia do «Sol»

Muitas testemunhas, porém, afirmam que apenas os bordos do «Sol» se apresentavam irisados. E a maioria são os testemunhos da época.

«A luz passa por diversas gradações, parecendo umas vezes que o globo solar é cercado duma auréola de chamas, outras vezes um disco metálico como de prata.»

O padre José Curado 13, no seu pormenorizado depoimento acerca das cores, escreveu: «Parecia envolvido em chamas e aparece-nos uma placa de prata fosca ... Incendiou-se pouco depois... vendo-se então de novo envolvido em chamas cor-de-rosa e também sem projeção de raios sobre a Terra. Passado talvez um minuto, perdeu de novo a luz e chamas, vendo-se outra vez a placa, agora branca... Ainda uma terceira vez o Sol... se envolveu em chamas azuladas, a que se seguiu a perda de luz ... »

185

Estes dois depoimentos apontam para a alternância de coloração (na periferia) e para a aparição do disco metálico.

Outro testemunho desses dias é o do jurisconsulto que publicou no dia 16, no jornal A Ordem: «Umás vezes rodeado de chamas encamadas, outras vezes aureolado de amarelo ou roxo esbatido ... »

Maria Romana, no dia 25, publicava no mesmo jornal: «O Sol apresentava então o aspeto dum globo de prata fosca, circundando-o um disco arroxado, muito escuro, como quando os eclipses não são inteiramente totais.»

No jornal Concelho de Mação do dia 18 de Novembro, escrevia Joaquim Gregório Tavares: «O Sol aparece dardejando raios de oiro no sentido natural, mas passou à cor de prata fosca, vendo-se seguidamente rodeado de chamas encarnadas, e num dado momento viu-se animado de um rápido movimento de rotação, parecendo desprender-se do céu e cair sobre a Terra, e passou ao roxo esbatido. Passou em seguida à cor verde e, por fim, a amarelo-vivo, que se prolongou por mais tempo ... Estávamos a sangue-frio. E para que nos não ficasse a menor dúvida no espírito, olhávamos, depois de um fenómeno tão estupendo, para o Sol, não lhe notando a menor alteração depois de terminada a cor amarela.»

Quanto ao Eng.º Mário Godinho, sempre declarou muito claramente que «o disco de vidro despolido» que ele viu era «irisado na periferia».

O professor de Coimbra, Gonçalo Almeida Garrett, na sua carta ao Visconde de Montelo, escrita a 3 de Dezembro de 1917, acrescentou que o «Sol» faiscava «chispas de luz nos seus bordos, à semelhança do que se dá com as rodas de fogo-de-artifício mui conhecidas».

Outras testemunhas afirmam: «Então o Sol, rompendo das nuvens, acendeu-se num fulgor mais vivo, cingiu-se de um círculo escuro ... » (Jornal A Luta de 18 de Outubro.) Por sua vez, uma familiar do jornalista Eduardo Teixeira 14 declarou: «Uma fita cor de fogo começou girando alternadamente num e noutro sentido, em volta do Sol. E contornando este, igualmente em toda a sua circunferência, um enorme esplendor igualmente cor de fogo ... »

Falta-nos ver agora o que a esse respeito dizem os documentos oficiais.

186

No Processo Vicarial:

António Ramos Mira, primeira testemunha: « ... observando ao mesmo tempo que à volta dele havia uma cor amarelo-avermelhada ... ».

Romano dos Santos, quinta testemunha: « ... olhando para o Sol, viu que ele estava cercado de diferentes cores ».

Adriano de Matos, oitava testemunha: « viu em roda do dito astro cores diferentes ».

No Processo Canónico:

o barão de Alvaizere escreveu a 30 de Dezembro: «De repente vejo uma orla intensamente cor-de-rosa circundar o Sol, que se assemelhava a um disco de prata fosca ... »

Este pormenor cromático também não é um exclusivo do «Sol» de Fátima. Nos nossos dias encontramos relatos como estes:

Alemanha (Hamburgo), Agosto de 1960

«Apareceu como que um disco... com um halo pulsante de cor amarela.»

EUA (Massachusetts, Lynn), 25 de Agosto de 1964

Neste dia foi visto por Richard Prat «um objeto oval, prateado, rodeado dum ligeiro halo branco».

Parece nada existir de novo à face da Terra ...

c) Sucessão constante de cores

Vimos que variadas cores surgiram na superfície ou na periferia do objeto semelhante ao Sol. Surgiriam em amálgama, à sorte, sem características definidas? Segundo algumas testemunhas, essas cores seguiam

187

uma ordem, voltavam ao princípio e localizavam-se em pontos específicos na periferia «solar».

Maria Augusta Saraiva salienta essa particularidade: «Vimos um véu prateado, com forma arredondada, como se fosse a lua cheia. Pouco depois passava para roxo-vivo, depois para o vermelho, depois para o verde-esmeralda e tomava finalmente a cor primitiva» Quer dizer, segundo esta testemunha, existia uma sequência cromática.

Curiosamente, já Avelino de Almeida nos disse: « ... Há quem diga que o viu mudar sucessivamente de cor.» Na Ilustração Portuguesa, no dia 29, ele expressa a sua própria

opinião, dizendo: « ... tão belas e rutilantes cores revestiu sucessivamente a superfície solar». Refere de novo o termo «sucessivamente».

Angélica Pitta de Moraes explica-nos isso ainda melhor: «O Sol toma sucessivamente várias cores, como lilás, azul, rosa, alaranjado, cor de fogo, repetindo-se estas várias vezes.»

Como seria provocada esta sucessão cromática? Talvez a Sr.^a L. de S., do Raio de Luz, que redigiu o seu depoimento no próprio mês (e podemos afiançar que nunca até então lera uma descrição ovnilógica moderna), tenha escrito algo de inquietante, mas que também pode explicar esse pormenor da aparição de cores em sequência:

«O horizonte [poderia referir-se à circunferência exterior do disco luminoso que desceu antes] era limitado em círculo perfeito por focos luminosos iguais em tamanho e distância uns dos outros, dando um pouco a impressão de "quemadas", mas no tom amarelado que por vezes se nota ao pôr do Sol. Todo este efeito foi duradouro e os focos a que aludo foram surgindo uns após outros.»

Pode encontrar-se aqui a explicação não só para a sequência cromática mas para as descrições que apontam para a coloração apenas na parte periférica do «Sol».

d) Luminosidade na parte posterior

Mas existem ainda dois depoimentos que nos dizem que a luz provinha da parte posterior do objeto e não de toda a superfície. O Eng.^o Mário Godinho, que escreveu que o «Sol» era irisado na periferia, acrescentou que «era iluminado da parte de trás». Ora vejamos o seu depoimento para a revista Stella de Janeiro de 1962: «Num céu radioso,

188

o Sol podia ser encarado de frente e de olhos abertos, sem pestanejarmos, como se olhássemos para um disco de vidro despolido, iluminado por detrás, irisado na periferia, tendo como um movimento de rotação ... »

A senhora de Lisboa, amiga da Mimi, também lhe testemunhou que «o Sol, com a sua luz por detrás, parecia fazer coar a claridade como através de vidros de cores ... ».

Ora, esta imagem de «coar a claridade» foi-nos também fornecida por Madalena Patrício: «A luz azulava-se num azul esquisito, como se viesse através dos vitrais de uma catedral imensa ... O azul extinguiu-se lentamente para a luz parecer coada por vitrais amarelos.»

Mas não foi apenas o globo ou disco tomado pelo Sol que apresentou estranhos efeitos cromáticos e de luz. Toda a área se irisou, a multidão e a serra ...

COLORAÇÃO DO AMBIENTE

«Certa ocasião vejo-o colorir-se de cor-de-rosa-vivo», depôs Ana Maria da Câmara. «Por detrás de cada cabeça, levanta-se como um véu de gaze da mesma cor. Campo e multidão, tudo a reflete. É grandiosamente lindo e no entanto cresce na alma um sentimento de temor inexplicável, se não tivéssemos a convicção do sobrenatural. Ninguém diz alto o que vê, mas pelo redobrar do ardor das invocações a Nossa Senhora ... se percebe que todos mais ou menos veem e sentem o mesmo.»

«Atirava feixes de luz para um lado e para o outro e pintava tudo de diferentes cores - as árvores e a gente, o chão e o ar», expressou-se poeticamente o pai dos videntes, Manuel Marto.

Júlia Franco afirmou-nos: «Era um amarelo diferente, como nunca vi outro. Não eram apenas as caras, era por todo o lado, por toda a Cova da Iria.»

Imensos testemunhos nos manifestam o seu assombro. «As pessoas ficavam da cor das nuvens (oiro, roxas, cor de cravo). Em roda do vale escolhido para tantas maravilhas, sucediam-se, como simples ornamento, umas manchas com as três cores preferidas.» (Senhora de Lisboa à sua amiga Mimi.)

O termo «manchas» foi utilizado por diversos espectadores. Além do advogado Almeida Garrett, outros disseram também: «Manchas ama-

189

reladas [após as azuis] caíam agora sobre os lenços brancos, sobre as saias escuras e pobres das estamenhas. Eram manchas que se repetiam indefinidamente sobre as azinheiras

rasteiras, sobre as pedras, sobre a serra.» (Madalena Patrício.) Mas o barão de Alvaizere conta-nos ainda: «Em vários pontos da linha do horizonte, contrastando com a cor plúmbea do céu, eu vi também manchas avermelhadas. Na paisagem e nas pessoas divisei também manchas cor-de-rosa e amarelas.»

Por sua vez, diz-nos Emília Alves, empregada doméstica: «A gente podia olhar para ele. Era só o Sol, os raios tinham desaparecido. O que fazia era cores... Olhávamos umas para as outras a ver aquelas cores: azuis, encarnadas, amarelas e da cor do céu assim muito vivinho!»

Maria do Carmo Meneses escreveu na carta ao seu irmão poeta: «Todos nós tomávamos aquelas mesmas cores [do Sol]: os nossos semblantes, os nossos fatos, a própria terra; ouviam-se gritos e viam-se muitas lágrimas... Eu disse muito impressionada: "Meu Deus! Quão grande é o Vosso poder!"»

Naturalmente, também em ovniologia encontramos relatos semelhantes. Em Dai-el-Aonagri, Marrocos, o Sr. Pitejan viu um objeto luminoso, de vinte metros de diâmetro, «lançando clarões azulados» 18, em 20 de Julho de 1952. O nosso conhecido agricultor Joaquim da Silva Jorge ficou surpreso quando a «sua» nuvem «abriu numa girândola de Sol que veio a descer para a terra e, de repente, a terra ficou azul».

«Olhei em volta», testemunhou Maria Romana, «o aspeto e as cores da paisagem eram as mesmas que se observam durante a duração dum eclipse: a mesma luz azulada, "sui generis", desse azul-elétrico especialíssimo ... »

Mas não havia sobre as coisas apenas a cor azul. O Sol «toma sucessivamente várias cores, como lilás, azul, rosa, alaranjado, cor de fogo, repetindo-se estas várias vezes, e toda a terra, o carro, as pessoas ficam inundadas daquelas cores» (Angélica Pitta de Moraes).

«Olhei surpreendido e vi que o povo se tomava de várias cores: amarelo, branco, azul...» (Padre João Gomes Menitra.)

«Passou em seguida à cor verde e por fim a amarelo-vivo, que se prolongou por mais tempo e com tal intensidade que se viu passar a cor

190

do Sol à terra, aparecendo-nos a atmosfera e os objetos próximos revestidos daquela cor.» (Jornal Concelho de Mação de 18 de Novembro.)

Voltando à ovniologia, vejamos o que observou um brasileiro em 1973²⁰: «Surgiu repentinamente um objeto luminoso, cor de laranja ... O pasto, numa distância de uns trezentos metros, estava todo iluminado pela 'bola' como se fosse de dia.»

E o que nos dizem os documentos oficiais acerca da coloração da paisagem?

No Inquérito Paroquial:

Jacinto de Almeida Lopes afirmou que os raios solares «tomam as cores do amarelo, encarnado e verde, tomando os objetos que estavam sob a sua influência de iguais cores».

Manuel Gonçalves Júnior, por sua vez, disse ao pároco, que escreveu: «De olhos sempre fixos na carrasqueira, a fim de ver alguma coisa de extraordinário, sem propositadamente olhar para o Sol, notou que, na mesma ocasião em que o povo estava em altos gritos e exclamações, pelo que via no Sol, tanto as pessoas como as árvores e tudo quanto a sua vista atingia na direção da carrasqueira tomou diferentes cores.»

No Processo Vicarial:

Auzebino Francisco Mira «viu também diferentes cores no povo e no horizonte e tudo à mesma hora dos factos ocorridos nos dias 13 dos cinco meses transatos».

À frente do testemunho de Manuel Ribeiro de Carvalho, diz-se que «ao mesmo tempo observou a cor azul e encarnada no horizonte».

António Maria Menitra «viu diferentes cores no Sol e no povo».

Quanto a António Ramos Mira, afirmou que em volta do Sol «havia uma cor amarelo-avermelhada que se refletiu em toda a multidão e no horizonte». Relembrando o caso de Tubingen, na Alemanha, ocorrido em 1577, também aí «nuvens de fogo e sangue emergiram do Sol e outras eram amarelas... e a terra tomou-se ela mesma amarela e avermelhada» .

191

Nos Interrogatórios Oficiais de 1923:

Manuel António Paul a, «tirando os olhos do Sol, viu o povo todo de um encarnado muito vivo e exclamou: "Ai, senhores, o povo como está! Todo encarnado!" E respondeu-lhe o sacerdote [de Penacova]: "Serão lenços encarnados?" Ao que eu respondi: "Como pode ser? Então tinham-se todos combinado para ter lenços encarnados sobre as costas!" Depois o povo apareceu da cor do ouro».

E os testemunhos continuam manifestando o seu espanto: «Oíço várias preces, súplicas à Virgem e Mãe Santíssima e vejo os rostos da enorme assistência de um cor-de-rosa carregado, depois transformou-se para um anilado e em seguida para um amarelo cadavérico.» (Carlos Silva em O Mensageiro de 18-10-1917.)

Gilberto dos Santos 21 expressa nitidamente esse sentimento na sua descrição, um pouco tétrica: « ... ao espalhar a vista por aquela grande multidão, eis que vejo diminuir, quase de repente, a claridade do dia, e vi toda aquela multidão de pessoas dentro de um escuro espesso, como náufragos dum mar negro, só com as cabeças de fora! Os corpos quase invisíveis pelo escuro e as cabeças visíveis como de dia».

O advogado Almeida Garrett descreveu com outro vocabulário o que tanto amedrontou Gilberto. Os seus olhos viram que «durante o incidente solar ... houve na atmosfera coloridos impressionantes ... Olhei o que estava perto e alonguei a vista até ao extremo horizonte e vi tudo cor de ametista. Os objetos, o céu e a camada atmosférica tinham a mesma cor. Uma carvalheira arroxeadada, que se erguia na minha frente, lançava sobre a terra uma sombra carregada.

Em Fátima, a atmosfera, embora roxa, permaneceu transparente até aos confins do horizonte que se distingue e vê claramente, e eu não tive a sensação de uma paragem na energia universal.

Continuando a olhar o Sol, reparei que o ambiente tinha aclarado. Logo depois ouvi um campónio que cerca de mim estava a dizer com voz de pasmo: "Esta senhora está amarela!"

De facto, tudo agora mudara, perto e distante, tomando a cor dos velhos damascos amarelos. As pessoas pareciam doentes e com icterícia. Sorri-me de as achar francamente feias e desairosas. Ouviram-se risos.

192

A minha mão tinha o mesmo tom amarelo. Dias depois fiz a experiência de fixar o Sol uns breves instantes. Retirada a vista, vi, após alguns momentos, manchas amarelas, irregulares na forma.

Não se vê tudo de uma cor uniforme, como se no ar se tivesse volatizado um topázio, mas nódoas ou malhas que com o movimento do olhar se deslocam. A minha mão tinha o mesmo tom amarelo».

Mas o mesmo acontece em 1956 a uma estudante de Belas-Artes. Dêmos um salto até França, à região de Loiret (perto de Serdon). Aí, numa noite de Setembro, um casal, do qual fazia parte a estudante, deslocava-se de automóvel quando viram «uma enorme massa silenciosa, imóvel, sobre eles». Uma estranha luz brotou dessa massa descendo até ao solo como se fosse uma escada de corda a desenrolar-se. Tudo em redor ficou iluminado com várias cores, produzindo um efeito semelhante à luz de iodo. As testemunhas notaram uma grande variação de cores. O bosque, que era verde, tornou-se azul-escuro. Não admira que a estudante de Belas-Artes se tivesse maravilhado, descrevendo: «A um dado momento, a minha mão foi apanhada pelo feixe luminoso. Ela tornou-se amarelo-laranja» Essa cor e a azul do bosque impressionaram-na a ponto de proferir que jamais as esqueceria. E acrescentou: «Era uma sensação inumana.»

Em Fátima, também o Eng.º Mário Godinho concluiu com esta expressão poética: «Tudo à volta ficava irreal como se a Terra houvesse sido divinizada!» ...

Com base nos inúmeros casos de ovnis luminosos, dotados de diferentes cores, é possível teorizar sobre a sua composição cromática. O físico James McCampbell estudou a componente luminosa do fenómeno, fundamental nas observações noturnas, uma vez que as cores

referenciadas são menos notadas à luz do dia, momento em que o objeto patenteia geralmente o seu aspeto metálico.

O cientista norte-americano constata que as cores observadas são, muitas vezes, puras, ou seja, um comprimento de onda precisa seria

193

selectivamente excitada. As cores emitidas são, deste modo, ligadas por McCampbell aos traços da emissão das moléculas do ar. Os gases raros (hélio, néon, árgon, cripton, xénon) parecem-lhe os melhores candidatos por causa do seu baixo potencial de ionização ou pelo grande número de traços situados no visível. A energia necessária seria transmitida ao ar ambiente sob a forma de uma onda eletromagnética de frequência rádio ou ligeiramente mais baixa.

As descrições das testemunhas, como vimos, apontam o aspeto metálico, mas também as cores espectrais, o branco-brilhante e o branco-pálido. Quando é notificada mais do que uma cor, as testemunhas indicam-nas como que surgindo em série repetida. Em relação ao metálico, em cinquenta e seis testemunhas que constam do estudo de McCampbell, treze usaram o termo prata, prateado, entre outros, descrevendo em geral uma superfície polida de um metal branco. (Em Fátima, quinze por cento indicaram a cor prateada, além do nácar de conchas, madrepérola, enfim, superfícies polidas.) Por outro lado, são descritas quase todas as cores de espectro, desde o azul-violeta, passando pelo verde, amarelo e laranja, até ao vermelho (ver cores no quadro da página seguinte).

A fonte da luminosidade associada aos ovnis não é, pois, o objeto em si mesmo, mas o ar circundante excitado pela energia ou sistema propulsor - sugere McCampbell. Toma-se necessário saber quais os átomos específicos responsáveis pela luz, que estão presentes na atmosfera numa dada altura. Para o caso de Fátima, como em tantos outros ocorridos em áreas rurais, onde o ar é relativamente puro, os hidrocarbonetos são insignificantes como fonte de luz. É evidente que se toma difícil associar cada gás especificamente existente na atmosfera a uma dada cor emitida pelo ovni. Contudo, sabe-se que alguns gases são mais estimuláveis a um campo elétrico. A medida científica deste limiar para cada elemento é conhecida por potencial de ionização: a mesma quantidade de energia requerida para elevar de um eletrão, do seu estado fundamental, para o imediatamente superior.

O gás mais facilmente estimulado parece ser o xénon com um potencial de ionização para o átomo de apenas 12, 13 e/v (electrão/volt). Seguindo o raciocínio de McCampbell, suponhamos que, por meios

194

desconhecidos, o ovni liberta um crescente potencial de energia sobre os gases circundantes: a dado ponto, a atmosfera, absorvendo a energia, toma-se luminosa, o que, no primeiro estágio, corresponde à excitação do xénon. Um aumento posterior de «transfer» energético ativa os outros gases na ordem inversa dos seus limites e, deste modo, a sua luz iria juntar-se à da emitida pelo primeiro gás.

A luz do xénon é vista como azul intensa e pura («azul-brilhante», «azul-luminoso», nas descrições das testemunhas). Se o ovni aumenta a

QUADRO IV

Cores espectrais

Violeta

Azul

Verde

Amarelo

Laranja

Vermelho

CORES OBSERVADAS EM OVNIS

Puras

azul-violeta

azul,
 azul-brilhante,
 azul-luminoso,
 azul- incandescente
 azul-esverdeado,
 verde-incandescente,
 esverdeado,
 verde-brilhante
 amarelo,
 amarelo-pálido,
 cobre-mate
 laranja-incandescente,
 laranja-brilhante,
 laranja-vermelho
 vermelho-fogo,
 vermelho-brilhante,
 vermelho-intenso,
 vermelho-luminoso
 Púrpura
 Púrpura
 Combinadas
 amarelo
 -vermelho
 amarelo
 -vermelho

195

transferência de energia para a atmosfera envolvente, aparecerão outras cores. O vermelho-laranja é muito provavelmente - pensa McCampbell - devido ao néon. O roxo resultaria do xénon com o vermelho do árgon. As seguintes cores derivariam da excitação dos restantes gases já referidos e respetivas misturas.

Um outro aspeto importante, e exemplarmente demonstrado em Fátima, é a sequência das cores apresentadas pelo pseudo-Sol e que sublinham com eloquência os diferentes movimentos e correspondentes acelerações do objeto sobre a zona da Cova da Iria. Como é possível que uma amálgama tão sincrética de testemunhas tenha podido antecipar toda uma coerência interna, verificada pelos princípios físicos apontados 60 anos depois pelo cientista que vimos citando?

A energia originária do ovni será assim responsável pela luminosidade atmosférica na sua periferia, donde, a diferentes níveis de energia, corresponderão diferentes cores. A procura de relações entre as cores e as características dos movimentos e acelerações do ovni é prosseguida pelo mesmo investigador.

Neste quadro, McCampbell apresenta uma sequência de estados de energia do ovni com os seus correspondentes aspetos e legitimação física.

QUADRO V

Estado Cor

Zero aparência metálica, um azul- incandescente , Dois laranja-vermelho Três branco-incandescente Quatro branco-brilhante Ionização limitada de todos os gases aumentada pelo mecanismo da «bola de luz» Princípio físico Energia inadequada para excitar a luz perceptível Apenas excitação do xénon Excitação seletiva do néon Enfraquecimento do nitrogénio alterado

196

Ao referir em particular alguns casos de observação de ovnis e consequentes alterações cromáticas que possam justificar o modelo proposto, o cientista refere a sua concordância com

Aimé Michel quando este antecipadamente pressentiu que «as cores mencionadas parecem associadas, de algum modo, à velocidade ou mais provavelmente ao valor da aceleração. O cinzento-prateado, com uma auréola vermelho-escuro, é visto quando o objeto está estacionário ou se desloca muito lentamente. Depois, vem o vermelho-vivo. A grandes velocidades aparecem o branco, o verde, o azul e o violeta».

Será útil acrescentar que esta produção cromática, segundo os vários regimes energéticos, foi ela mesma confirmada em laboratório aquando dos trabalhos experimentais do físico francês Jean-Pierre Petit e do astrónomo Maurice Viton. Afirmam eles que «pode esperar-se ver todas as cores possíveis, consoante os regimes, valores da temperatura eletrónica e iónica. Elas vão do vermelho-sombrio ao amarelo, passando pelo azul e violeta, até ao branco-ofuscante».

Sobre a cor verde-azul, McCampbell pensa poder associá-la ao hidrogénio. De baixo limiar, é de fácil excitação, embora a percentagem de hidrogénio livre na atmosfera seja menos de uma parte por um milhão. Mas, como salienta o investigador citado, cada molécula de vapor de água da atmosfera contém um átomo de hidrogénio, podendo, pois, assegurar um fornecimento adequado. A concentração do hidrogénio seria maior nos dias chuvosos, quando a humidade relativa do ar é de cem por cento e o ar está cheio de gotículas de água.

Esta dedução tem interesse, pois sabemos que a atmosfera de Fátima estava próxima da saturação à hora do «milagre solar». Se se provar que em dias húmidos a cor verde-azul é predominante nos ovnis, a fonte poderá bem ser o hidrogénio, como pensa McCampbell. Repare-se que no início do «milagre» o ovni da Cova da Iria teve de romper por entre nuvens carregadas e não faltam, como se sabe, descrições de cor verde e azul rodeando o «Sol» ...

197

Existe ainda um outro aspeto cromático apontado pelas testemunhas de Fátima: a alteração da luz ambiente. Relativamente a isto e tomando a palavra ao Prof. Auguste Meessen, supõe-se que «a luz produzida direta ou indiretamente pelo ovni, em alguns casos, pode ser mais ou menos monocromática, e assim essa luz não é necessariamente refletida por todos os objetos. Isto pode dar lugar a transformações da cor dos objetos, como as que se observam muitas vezes sob a ação das lâmpadas de sódio dispostas ao longo das autoestradas».

6. Movimentos do «Sol»

Na época, o que mais surpreendeu as testemunhas foram os movimentos do que julgaram ser o astro-rei. Naturalmente, os republicanos anticlericais de então mofaram do «milagre», considerando-o tema de anedota, invenção de crendeiros. O jornal Portugal, no dia 15, pensava muito logicamente: «Há muitos anos já que o Sol é considerado, relativamente ao nosso sistema planetário, como estrela fixa; e a afirmação desta verdade custou alguns dissabores ao seu descobridor. Pois vêm agora três pequeninos lapuzes, e dão com a verdade científica em pantanas, fazendo, pelas influências de que dispõem na corte do céu, bailar o Sol sobre o lugar eleito de Fátima.»

Nos nossos dias, os ateus já não têm motivos para gracejar com esses fenómenos ou para afirmar que foi tudo uma invenção de labregos. As testemunhas descreveram a verdade. Resta agora aprofundar como se processou realmente essa movimentação «solar» que maravilhou, outrora, os nossos conterrâneos.

Com base nos depoimentos das testemunhas, podemos dividir a movimentação do «disco luminoso» em seis categorias:

- 1 - Movimento giratório sobre si mesmo
- 2 - Movimento giratório apenas na periferia
- 3 - Outros movimentos
- 4 - A posição do «Sol» no céu

198

- 5 - O movimento da descida
 - 6 - A subida e retorno à normalidade
- Movimento giratório sobre si mesmo

Este tipo de movimentação é o referenciado por mais testemunhas. Vejamos o depoimento de algumas.

Senhora de Lisboa, amiga da Mimi: « Começa então num movimento rotatório com uma rapidez incalculável.»

Jornal Beira Baixa: «Vê-se o disco girar sobre si mesmo rapidamente ... »

Padre José Curado: « ... Aparece-nos uma placa de prata fosca, tendo um rápido e bem visível movimento de rotação.»

Jornal Diário de Notícias: « ... O Sol apareceu com uma cor de prata fosca, numa agitação circular, como se fosse tocado pela eletricidade.»

Inácio António Marques: «O Sol gira em torno de si mesmo ... »

Jornal A Guarda: « ... Patenteando um disco de prata fosca, numa agitação circular ... »

Jornal Concelho de Mação: « ... Num dado momento, viu-se animado dum rápido movimento de rotação ... »

Ana Maria da Câmara: «Vejo um disco muito claro, azul-prateado, sem raios, que, logo retomando a cor natural, começa rodando vertiginosamente.»

Eng.^o Mário Godinho: « ... Tendo como um movimento de rotação ... »

Angélica Pitta de Moraes: « ... Imediatamente se toma como se fosse um disco de prata fosca ... gira sobre si mesmo ... »

Nos documentos oficiais, também se fala nesse movimento giratório sobre si próprio.

No Processo Vicarial:

Manuel Ribeiro de Carvalho: «Viu que o Sol girou sobre si mesmo ... »

No Processo Canônico:

Luís de Andrade e Silva: «O globo do Sol, semelhante a um disco de prata fosca, girava em volta dum eixo imaginário»

199

No Inquérito Paroquial:

Jacinto de Almeida Lopes: « ... Toma uns vertiginosos movimentos de rotação ... »

Mas ainda conhecemos outros testemunhos.

João Carreira ': «Vi o Sol a rolar ... era como uma roda de bicicleta.»

António dos Reis Novo: «O Sol pareceu transformar-se numa dobadoira, girando muito depressa ... »

Júlia Franco: «Depois o Sol começou a girar muito depressa, com uma velocidade extraordinária, movido não sei por quê.»

Maria dos Anjos, irmã de Lúcia: «De repente parou de chover e apareceu o Sol às voltas, às voltas, como se fosse um disco.»

José Maria Almeida Garrett, o advogado: «Esse disco nacarado tinha a vertigem do movimento. Não era a cintilação de um astro em plena vida. Girava sobre si mesmo numa velocidade arrebatada.»

Pinto Coelho, em A Ordem: « ... Outras vezes parecendo animado de velocíssimo movimento de rotação ... »

Padre Inácio Lourenço, a treze quilómetros de distância: «Era como um globo de neve a rodar sobre si mesmo.»

Movimento giratório apenas na periferia

O professor da Universidade de Coimbra, lente de Matemática, Gonçalo Almeida Garrett, afirma claramente que apenas os bordos do «Sol» executaram o movimento de rotação. É um testemunho que nos parece não poder ser anulado, porque descreveu essa fenomenologia com algumas preocupações de rigor, numerando as suas fases. Assim, nas fases 3 e 4: «O Sol, por três vezes, manifestou um movimento rotatório na periferia, faiscando chispas de luz nos seus bordos, à semelhança do que se dá com as rodas de fogo-de-artifício mui conhecidas.

200

Esse movimento rotatório dos bordos do Sol, três vezes manifestado, três interrompido, era rápido e durou de oito a dez minutos pouco mais ou menos.»

Não é apenas este professor que refere esta particularidade. A familiar do jornalista Eduardo Teixeira, do Jornal de Notícias, assinala: «O disco solar perdeu o seu brilho tomando-se negro; uma fita cor de fogo começou girando alternadamente num e noutro sentido, em volta do Sol. E contornando este, igualmente em toda a circunferência, um enorme esplendor, igualmente cor de fogo, cheio de majestade e de grandes dimensões, apareceu à vista daqueles santíssimos milhares de espectadores.»

201

Mas talvez explique melhor essa movimentação um desenho executado por missionários capuchinhos 5. Observe-se a figura 20. Nitidamente, nesse desenho, vê-se aquilo que o professor universitário observou o movimento rotatório da periferia do «disco».

É certo que catorze por cento das testemunhas referiram a coloração apenas nos bordos do «Sol». Mas o padre José Curado afirmou que só quando se transformava em placa de prata fosca é que girava sobre si.

O Prof. Gonçalo Almeida Garrett apresentou uma comparação que nos pode ajudar. Repetimos: «O Sol, por três vezes, manifestou um movimento rotatório na periferia, faiscando chispas de luz nos seus bordos, à semelhança do que se dá com as rodas de fogo-de-artifício mui conhecidas.» O padre José Curado 6 também se serve dessa comparação: «Teriam decorrido talvez quatro minutos quando o Sol, semelhante a peça de fogo preso, que depois de acesa faz um círculo luminoso no meio da escuridão da noite, fez afastar rapidamente as nuvens que o toldavam, fazendo também um círculo.» Mas a partir daqui, refere que só quando adquiria o aspeto de placa é que girava sobre si mesmo.

Cónego Formigão: «O Sol no zénite ... girou vertiginosamente sobre si mesmo como a mais bela roda de fogo-de-artifício que se possa imaginar ... »

Maria do Carmo Marques da Cruz Meneses: « ... Desandava como uma roda de fogo ... »

Maria Romana: «Viu-se então uma coisa maravilhosa! O Sol girando apressadamente como se fora um roda de fogo-de-artifício ... »

No Processo Vicarial, das dezasseis testemunhas, doze referem que o Sol girou como «uma roda de fogo-de-artifício». São elas Auzebino Francisco Mira, Romano dos Santos, Maria Vieira da Rosa, Manuel João Sénior, António Vieira Amado, João Vieira Gomes, Manuel Carvalho, Domingos Pedro e mais quatro que confirmam o anterior. Estas testemunhas assinaram o seu depoimento já no dia 25 desse mês de Outubro.

202

Maria Celeste da Câmara e Vasconcelos (irmã do barão de Alvaíazere) declarou 9: «O Sol começou a girar em círculos de todas as cores, como uma roda de fogo-de-artifício ... »

Higino Faria: « ... Pela abertura [da nuvem afastada], vimos o Sol a brilhar, girando como uma roda de fogo ... »

Maria Teresa, de Chainça 10: «Depois começou a girar como uma roda de fogo nas festas populares.»

Mariana Pinto Coelho 11: «Vi-o andar à roda com velocidade, como as rodinhas de fogo preso ... »

António Marques, de Chainça 12: «Começou a rolar num círculo talvez de mais de um metro.» Existe outro depoimento com a mesma medida. É o de Maria Teresa, de Chainça, que após ter dito «começou a girar como uma roda de fogo nas festas populares», acrescentou: «Parou por momentos e tomou a girar, talvez numa circunferência de mais de um metro de diâmetro.»

Por sua vez, José Joaquim da Assunção não falou num círculo, mas numa medida agrária com o formato de um cubo: «O Sol começou a desandar como dentro de um meio alqueire.»

Mas são apontados outros movimentos para além do giratório, incluindo o famoso bailado. Autores estrangeiros que versam o tema costumam designar esse fenómeno de Fátima como «dança do Sol». Mas a «dança» foi apenas um dos vários movimentos que a multidão observou surpreendida.

Outros movimentos

Nesta categoria incluímos a dança, a tremura, os movimentos bruscos e sacudidos. Oíçamos os espectadores:

A velino de Almeida intitulou até o artigo da sua reportagem: «Como o Sol bailou ao meio-dia em Fátima.» Diz ele a dado passo: «Aos olhos

203

deslumbrados daquele povo... o Sol tremeu, o Sol teve nunca vistos movimentos bruscos, fora de todas as leis cósmicas - o Sol "bailou", segundo a típica expressão dos camponeses.» E ajunta: «O maior número confessa que viu a tremura, o bailado do Sol; outros, porém ... juram que o Sol girou sobre si mesmo como uma roda de fogo-de-artifício ... »

No seu artigo publicado na Ilustração Portuguesa, exprime a sua visão pessoal: « ... que vi eu ainda ... ? O astro-rei - disco de prata fosca - em pleno zénite aparecer e começar dançando num bailado violento e convulso, que grande número de pessoas imaginava ser uma dança serpentina ... ».

Manuel Pedro Marto: «A certa altura o Sol parou e depois começou a dançar, a bailar ... »

O jornal A Luta, do dia 18, também fala em movimentos diversos: «Sacudiram-no, por fim, movimentos irregulares, descompassados tremeu, tremeu e ficou silencioso.»

Manuel da Silva, que tinha dezoito anos na altura: «O Sol apareceu claro e moveu-se.»

Carlos de Azevedo Mendes 16: «Todos nós vimos o Sol bailando e tomando aspetos que nunca tinha visto.»

Senhora Jota: « ... Aquele globo ou esfera agitava-se nervosamente como impelido por eletricidade ... »

Maria Celeste, irmã do barão de Alvaíazere, também afirmou: «Vi o Sol... bailar»

Este «bailado» a que se referem algumas testemunhas significará talvez um movimento oscilatório. Ora vejamos o que nos diz Ana Maria da Câmara: «O clamor é imenso no momento em que o Sol desce, movimento que observo distintamente, assim como o movimento para a direita e esquerda ou vice-versa, mas já à altura regular do Sol. Estes dois últimos movimentos foram muito menos sensíveis que o movimento descendente e não posso afirmar que se seguiram imediatamente a este.»

204

o Dr. Vieira Guimarães, um ateu intransigente, observou o fenómeno e, para não dar o braço a torcer, declarou que já tinha visto «tantas vezes» a mesma coisa, o que não é verdade, evidentemente. E esse fenómeno vulgar foi: «O Sol aparece, sendo visto como que bailando através de diáfanas nuvens ... »

Ferreira Borges afirmou também: «Vi o Sol que se movimentava como se dançasse ... »

Mas há quem aponte outros movimentos diferentes.

António Marques: «As nuvens rasgaram-se e o Sol apareceu a tremer. Parecia que baixava, ergueu-se num impulso e começou a rolar num círculo talvez de mais de um metro. Parou e depois girou, e girou outra vez como se fosse uma roda de fogo ... »

Maria Teresa, de Chainça: « ... As nuvens afastaram-se e o Sol apareceu a tremer ... »

No Processo Vicarial:

António Ramos Mira declarou que «o Sol tinha sinais desusados, girando sobre si, tremendo ... »

Todavia, foi o padre José Curado (ou seja, José António Marques da Cruz Curado, que era de Penacova) quem nos legou o mais pormenorizado depoimento sobre a movimentação daquele «astro». Descreve-a indicando juntamente as cores, o que parece realmente não se poder dissociar. Eis o seu depoimento:

«Teriam decorrido quatro minutos quando o Sol, semelhante a peça de fogo preso, que depois de acesa faz um círculo luminoso no meio da escuridão da noite, fez afastar quase rapidamente as nuvens que o toldavam, fazendo também um círculo, e dando ocasião a que pudessemos observar um fenómeno que a todos pareceu extraordinário. O Sol, já sem nuvens, não projetava os raios sobre a Terra, mas parecia envolvido em chamas de cor desmaiada. De

súbito, perde toda essa luz ou chamas e aparece-nos uma placa de prata fosca, como acertadamente

205

disse O Seculo, tendo um rápido e bem visível movimento de rotação, parecendo até que se aproximava da Terra. Podia fixar-se indefinidamente sem incomodar a vista.

Incendiou-se pouco depois, deixem-me dizer assim, vendo-se então de novo envolvido em chamas cor-de-rosa e também sem projeção de raios sobre a Terra.

Passado talvez um minuto, perdeu de novo a luz e chamas, vendo-se outra vez a placa, agora muito branca, com o mesmo movimento de rotação muito rápido.

Ainda uma terceira vez, o Sol, que parecia ter movimentos bruscos, sacudidos, se envolveu em chamas azuladas, a que se seguiu a perda de luz e o movimento rotativo da placa. Terminara o fenómeno.»

A acreditarmos no padre José Curado, o «Sol» teve movimentos:

- bruscos (tremura)
- sacudidos (oscilatórios)
- circulares como roda de fogo (giratórios na periferia)
- giratórios, quando perdia as cores e se observava como uma placa de prata fosca (rotação sobre si mesmo).

A posição do «Sol» no céu

Estaria esta «placa» no lugar do Sol, ou seja, na posição espacial do objeto astronómico?

Para a maioria dos presentes, o que viram foi o Sol. Por isso, só se impressionaram quando desceu à Terra. Todavia, há quem tenha escrito:

Ferreira Borges: «Vi-o tomar quatro posições diferentes no espaço, marcando os três ângulos de um triângulo ... »

No Processo Canónico:

Barão de Alvaizere: « ... ao mesmo tempo que me dava a impressão de que este se deslocava da sua primitiva posição».

Manuel Pereira da Silva, padre: «Imediatamente aparece o Sol com a circunferência bem definida. Aproxima-se como à altura das nuvens e começa girando ... »

206

Almeida Garrett, o advogado, legou-nos um pormenor interessante: «As nuvens, que corriam ligeiras de poente para oriente, não empanavam a luz (que não feria) do Sol, dando a impressão facilmente compreensível e explicável de passar por detrás, mas, por vezes, esses flocos, que vinham brancos, pareciam tomar, deslizando ante o Sol, uma tonalidade rósea ou azul-diáfana.»

A Sr.^a L. de S. também nos diz: «De repente, um disco luminoso do tamanho duma hóstia grande, mas que todos podem fitar como se fita a Lua, como que se destacou do Sol (ou antes se lhe antepôs), baixando visivelmente numa rotação seguida, que depois de uma paragem se repetiu.»

o movimento da descida

Que movimentos precisos teria realmente executado quando baixou sobre a multidão?

Aparecem cinco designações:

- às voltas
- aos ziguezagues
- em espiral
- a bailar
- como «folha no Outono».

Podemos resumir estas expressões apenas a duas:

- movimentação circular (às voltas e espiral)
- queda em folha-morta (ziguezagues, bailado e «folha no Outono»).

Qual destes dois movimentos se terá registado? Não é fácil determiná-lo.

a) Movimentação circular

Almeida Garrett, o advogado: «O Sol, conservando a celeridade da sua rotação, destaca-se do firmamento e, sanguíneo, avança sobre a Terra, ameaçando esmagar-se com o peso da sua ígnea e ingente mó. São segundos de impressão terrífica.»

Ferreira Borges: « ... parecendo aproximar-se da Terra em movimentos espirais».

207

Maria dos Anjos, irmã de Lúcia: «Quando ele desceu, pareceu-nos que ele vinha às voltas, às voltas, como às vezes já tenho visto um disco a trabalhar. Parecia que se desprendia do céu e que vinha na ponta de um fio, às voltas.»

Mas a testemunha mais convincente nesta categoria é o barão de Alvaíazere. O autor fatimista Sebastião dos Reis perguntou-lhe certa vez:

- Porque não? Olhe: foi assim ...

«- Podia Vossa Excelência descrever-me exatamente o fenómeno solar?

208

E com o índice desenhou o Sol girando rapidamente sobre si mesmo ... »

Como se vê, o desenho exemplifica uma descida «às voltas».

b) Queda em folha-morta

Mas há quem tenha falado noutro tipo de movimentos. Talvez esse movimento rotativo fosse efetuado apenas na subida. Como a maioria se assustou quando viu o «Sol» baixar, não possuímos, na verdade, muitas descrições acerca dessa particularidade.

Maria Celeste da Câmara Vasconcelos (Alvaíazere): «Vi o Sol baixar para a Terra, bailar e tornar a subir em espiral», afirmou à repórter da revista Stella .

. Portanto, a acreditarmos nesta testemunha, o Sol desceu a bailar (possivelmente oscilando «para a direita e esquerda ou vice-versa», como afirmou Ana Maria da Câmara) e subiu em espiral.

Existe, no entanto, uma descrição que nos diz isso de uma maneira clara. Apresentamo-la, no entanto, com as devidas reservas, porque é um testemunho indireto e, nesta obra, propusemo-nos trabalhar apenas com depoimentos diretos, de testemunhas oculares. Todavia, parece-nos improvável que uma figura religiosa, o padre Alves Vieira, numa obra publicada em 1952²¹, tenha inventado a descrição seguinte sem a ter ouvido a observadores do «milagre».

«Eis que, sem demora, se produz outro prodígio ainda mais patético. (...) De repente, o Sol pareceu desprender-se do céu. E a multidão viu-o, não precipitar-se numa queda vertiginosa, mas oscilar, descer em lentos ziguezagues, vir sobre ela no ritmo duma folha seca que no Outono cai da árvore ... Às exclamações "Milagre! Milagre!" sucedem-se os gritos implorando misericórdia e perdão.»

É uma típica queda em folha-morta, que todos os ufólogos conhecem. Coincidência ou foi mesmo retirada duma descrição de alguma testemunha não identificada?

209

A treze quilómetros de distância, em Alburitel, o padre Inácio Lourenço assinala também esse movimento bem característico: «Depois, de repente, pareceu que baixava em ziguezague, ameaçando cair sobre a Terra.»

Para além do exposto, existem ainda dois problemas relacionados com a descida:

- quantas vezes desceu o «Sol»

- até onde desceu.

c) Quantas vezes desceu o «Sol»?

Baseando-nos nos documentos (e outra coisa não podemos fazer), é muito difícil concluir se o «Sol» desceu uma vez, duas ou três. Curiosamente, em Julho de 1978, falámos com duas testemunhas. Júlia Franco teimou que o «Sol» desceu três vezes. Maria dos Anjos, irmã de Lúcia, nem permitiu que duvidássemos que só tinha descido uma. O problema não é de solução fácil. Catorze por cento referiram que caiu uma vez, cinco por cento três, mas onze por cento disseram que se aproximava à medida que girava. Como girou três vezes, aproximam-se, portanto, as percentagens. Só duas pessoas falaram em duas vezes. Foi a Sr.^a L. de S. e Manuel

da Costa Pereira, numa carta dirigida ao Visconde de Montelo: «Vi pelo menos passar pela parte de cima do Sol duas nuvens que eram iluminadas pelo Sol, o qual correu segunda vez à Terra.»

A disparidade deve residir no facto de, ao efetuar o movimento giratório, o «Sol» parecer baixar. Diz o Dr. Pereira Gens: «De repente, começou a girar em tomo de si, com velocidade vertiginosa, e, em certa altura, como que se aproxima e ameaça despenhar-se sobre nós.» Mais à frente, refere que, na «sua dança estranha, rodando sobre si», lhes dava «a sensação e ora se aproximar, ora se afastar». O próprio padre José Curado afirma que, aquando da movimentação giratória da placa, parecia «até que se aproximava da Terra».

Parece-nos, portanto, que, no seu triplo movimento giratório, a algumas testemunhas deu a sensação de descer da sua primitiva posição, e daí os relatos que falam na descida «às voltas». Mas na última vez, como afiançam os depoimentos mais qualificados, o «disco» desceu bastante,

210

talvez «ao ritmo duma folha seca», justificando os relatos que garantem ter descido uma vez apenas.

«Não posso então explicar o que se deu. O Sol começou a bailar e, a certa altura, pareceu deslocar-se do firmamento e, em rodas de fogo, precipitar-se sobre nós.

Minha mulher - estávamos casados havia pouco - desmaiou e eu não tive coragem para a amparar. Foi o meu cunhado João Vassalo quem a susteve nos braços. Caí de joelhos, esquecido de tudo. E quando me levantei não sei o que disse; acho que me pus a gritar como os outros.»

Esta testemunha, que veio propositadamente de Lisboa, não era um campónio mas um intelectual. Há imensos relatos de choros, preces arrebatadas, desmaios, desvarios. «Até houve uma senhora que fez confissão geral e dizia em altas vozes: "Eu fiz isto, aquilo e aqueloutro"», graceja a própria Maria Carreira

Todas estas manifestações de temor nunca foram descritas três vezes. Portanto, o «disco luminoso» deve ter descido uma vez de maneira bastante notória. É essa, aliás, a opinião oficial da Igreja.

d) Até onde desceu?

«Vi o Sol rodar a grande velocidade e muito perto de mim» (Padre João Gomes Menitra.)

«O Sol começou a baixar a ponto de parecer que estávamos quase ao pé dele.» (Manuel Francisco, agricultor, vinte e sete anos.)

«E desceu tanto, tanto, tanto, que nos representou que ele vinha a cair sobre a Terra. Pareceu-nos que só parou de descer quando chegou às árvores. Ainda hoje me parece que ele esteve como poisado nestafigueira» (Maria dos Anjos.)

Vi-o «a descer sobre a Terra, até à altura da meia tarde ou mais» (Glória, irmã de Lúcia). No depoimento desta testemunha não está explícito se o viu chegar a esta altura enquanto girava ou se foi no momento em que mais se aproximou da multidão.

211

«o Sol desceu pelo céu abaixo até à altura de um pinheiro.» (Irmã do reitor do Colégio Português em Roma, em 1953.)

Como os pinheiros na zona de Leiria são altos (de trinta a quarenta metros), e dados os efeitos secundários que o «Sol» provocou na descida, este depoimento, que refere a queda até à altura de um pinheiro, parece-nos o mais plausível.

A subida e retorno à normalidade

Repetindo o testemunho de Maria Celeste Alvaíazere («Vi o Sol baixar para a Terra, bailar e tomar a subir em espiral»), parece não haver dúvidas quanto ao movimento que o «disco» executou na subida.

O padre Alves Vieira, no seu testemunho indireto, acrescenta à queda em folha-seca o movimento ascendente, dizendo: «Lentamente e sempre em caracol ... vai subindo; e recupera o seu brilho habitual no céu.»

«Caracol, espiral, às voltas» apontam-nos para uma descrição uniforme quanto ao movimento executado na subida, até à posição inicial.

Em todas as manobras, desde o início até ao retomo à normalidade, quanto tempo se passou? Também aqui os testemunhos variam, embora a maioria que assinala esse pormenor refira os dez minutos. Enfim, o fenómeno «solar» demorou:

Jacinto de Almeida Lopes - «uns cinco minutos».

Angélica Pitta de Moraes - «uns cinco minutos talvez, ou mais».

Padre Manuel Pereira da Silva - «mais de oito minutos».

Almeida Garrett, lente de Matemática - «de oito a dez minutos».

Cónego Formigão - «cerca de dez minutos». (Esta duração foi a indicada também por Almeida Garrett, o advogado, Mário Godinho, Joaquim Vicente, António Marques e Maria José Monteiro.) .

Maria do Carmo Meneses - «um quarto de hora, mais ou menos». Carlos Silva - «uns vinte minutos».

O mais provável parece-nos o testemunho do professor de Coimbra, que diz: «Os fenómenos duraram de oito a dez minutos.»

212

CONSTATAÇÕES EM OVNILOGIA

«Viu o Sol girando como uma roda de fogo ... »

Processo Vicarial,

2.ª testemunha

«o Sol teve nunca vistos movimentos bruscos ... »

Avelino de Almeida

«o Sol parecia ter movimentos bruscos, sacudidos, a que se seguiu ... o movimento rotativo.»

Padre José Curado

o Sol «tinha sinais desusados girando sobre si, tremendo ... »

Processo Vicarial

1.ª testemunha

« ... Observo distintamente o movimento para a direita e esquerda ou vice-versa.»

Ana Maria da Câmara

« ... Repararam numa bola, semelhante a uma roda de fogo que girava ... »

Japão 1606

«o objeto era animado de movimentos inquietos ... »

Portugal, 1958

«Ele deslocava-se de forma esquisita, com pequenos movimentos transversais e rodando sobre si próprio.»

Lisboa, 1977

«Um jovem viu um objeto ... Girava sobre si mesmo e vibrava ... »

Espanha, 1974

o objeto tinha «ligeiros movimentos para a esquerda e para a direita, de vez em quando».

Açores, 1976

213

«Começa então num movimento rotatório com uma rapidez incalculável...»

Amiga da Mimi

«Todos nós vimos o Sol bailando e tomando aspetos nunca vistos.»

Carlos de Azevedo Mendes

«Um grande disco ... girando sobre si mesmo a grande velocidade foi visto por um rapaz ... »

França, 1954

«o objeto ... que se encontrava à altura das árvores, oscilava como um pêndulo.»

Espanha, 1968

NA DESCIDA

«Vi-o voltar ... e parecendo aproximar-se da Terra em movimentos espirais.»

Ferreira Borges

«De repente, pareceu que baixava em ziguezague, ameaçando cair sobre a Terra.»

Inácio Lourenço

«A multidão viu-o descer ... no ritmo duma folha seca que no Outono cai da árvore.»

P.º Alves Vieira (test. ind.)

« ... Apercebeu-se de um fenómeno que descia do céu em espiral ... »

França, 1976

«De súbito, um deles caiu na direção do solo em movimento de folha-morta.»

França, 1954

«Observa um objeto ... que oscilava levemente com um movimento de folha caindo ... »

Espanha, 1968

214

«Vi o Sol baixar para a Terra, bailar ... »

Maria Celeste Alvaizere

« ... Observou um artefacto ... que se bamboleava perto do solo.»

Espanha, 1966

NA SUBIDA

« ... E tomar a subir em espiral.»

Maria Celeste Alvaizere

o objeto, «quando se elevou, fez um movimento em espiral».

Moscovo, 1958

«Lentamente e sempre em caracol, vai subindo» ... E assim o «Sol» voltou para o «seu lugar», ou seja, desapareceu no local do verdadeiro Sol, o qual esperamos que se mantenha em bom estado nos milénios futuros ...

As características do voo dos ovnis constituem um desafio evidente às leis clássicas da inércia, gravidade, etc. Não cabendo por ora dissertar sobre estes aspetos, ficaremos com a noção decorrente dos factos de que, de um modo ou doutro, os ovnis anulam o efeito da gravidade sobre a sua massa, devendo também anular o seu comportamento inerte. Como

215

seres superiores, que pensamos que sejam, os seus ocupantes devem conhecer um meio de ladear as nossas leis, ultrapassando-as. Não nos cabendo imaginar complexos «processos antigravíticos», será possível atarmo-nos aos dados plausíveis de estudos correntes, como sejam os da conceção magneto-hidrodinâmica, Auguste Meessen pensa que a propulsão dos ovnis seria executada por reação, a qual poderá ser feita por um deslocamento do ar ambiente. Isto seria possível, sem meios mecânicos, por uma ação eletromagnética diretamente sobre o conjunto das partículas carregadas por ionização do ar que envolve o engenho. O modelo MHD, recordamo-lo, tem vindo a ser estudado por Jean-Pierre Petit e Maurice Viton e aplicar-se-ia ao voo na baixa atmosfera. Um outro cientista, citado pelo Prof. A. Meessen, o físico norte-americano S. T. Friedman, admite igualmente que a física dos plasmas poderia intervir na propulsão do que chama «módulos de excursão terrestre».

O físico belga, por outro lado, consciente das dificuldades de conceção de um campo anti-G, produzido pelo próprio ovni e pelo qual ele se propulsionaria, sugere, na alternativa, que o engenho exerceria uma força de repulsão sobre a Terra. Esta agiria sobre o engenho por reação, verificando-se aqui o efeito de uma força «antigravidade».

Voltando ao protótipo de Petit e Viton, que estes designaram por aeródino MHD, deparamos com a sua forma discoidal, se bem que a teoria contemple as outras formas clássicas observadas («charutos», «esferas»). Este «nosso» ovni teria - dizem os investigadores - «um certo parentesco com o helicóptero e - porque não? - teria a mesma instabilidade de descida (descida oscilante, em folha-morta). A sua sustentação ou imobilização poderia ser obtida graças a uma velocidade induzida muito fraca (quanto maior é o rotor do helicóptero, menos a velocidade induzida por este para assegurar a sua sustentação deve ser elevada)».

216

Estamos já perante algumas das situações vividas em Fátima. Uma riqueza de testemunhos que apontam claramente para os diversos tipos de movimentação dos ovnis atuais, desde a imobilização, à descida e à subida, à folha-morta, etc., numa coerência que os nossos espantados concidadãos da época não poderiam sequer supor e muito menos inventar.

Na análise de McCampbell, relativa aos movimentos típicos dos ovnis, refere-se inicialmente a suspensão ou imobilização: o ovni não anularia totalmente a gravidade. Caso contrário, ele não ficaria suspenso. Pensa o investigador que poderá haver uma redução do peso e massa efetivos, na ordem dos 99,3%.

Quanto à descida e à subida, o processo implicaria a utilização de pequenas deslocações laterais com perda gradual de altitude. A «folha-morta» ou «pêndulo» é observada em muitos sobrevoos a baixa altitude (caso de Fátima). As acelerações são outro aspeto proeminente das características de voo desses engenhos. A possibilidade de mudar de direção e velocidade muito mais rapidamente do que qualquer outra aeronave conhecida conduz a que, em vez das longas curvas pelo espaço, se sucedam as voltas em ângulos fechados. O voo errático, com mutações rápidas de altitude e velocidade, foi uma das constantes do dia 13 de Outubro de 1917. Por fim, a oscilação (ou tremura) e a rotação são movimentos que se podem verificar em todo o objeto ou em partes, como a periferia (Fátima confirma-o). McCampbell anota que todos os tipos de ovni detêm estas características. A rotação de todo o veículo ou de um seu componente poderia ser utilizado para manter a estabilidade no ar, isto é, para manter o eixo da rotação numa direção constante devido à aceleração angular.

Em síntese, podemos concluir que os movimentos do pseudo-Sol de Fátima são os clássicos, deduzidos das ocorrências mundiais e atribuídos, na sua maior parte, a objetos em forma de disco. Podemos distinguir neles várias fases distintas, ressaltando o que se disse sobre a eventual identidade dos dois tipos de movimentos rotativos, contemplados, de qualquer modo, pela casuística existente:

217

Fase 1 - rotação sobre si mesmo: o objeto estabilizado apresenta a cor de «prata fosca» (metálico);

Fase 2 - rotação da periferia: o objeto apresenta os bordos irisados (vermelho-escuro, arroxado ou mesmo preto);

Fase 3 - oscilação (movimentos bruscos ou trémulos) aliada à rotação: o objeto desce em direção ao solo e sobe novamente. Sequência de cores;

Fase 4 - regresso à estabilização da fase 1.

7. Efeitos térmicos

o globo prateado, tal como o Sol, emitia calor. Sobretudo quando baixou para o solo. Com esse pormenor encontramos diversos depoimentos ao folhearmos a documentação de Fátima.

Maria Teresa, de Chainça, que se encontrava a trezentos metros do local das aparições, declarou ao escritor John Haffert: «O céu estava coberto de nuvens e chovia muito. Não podíamos ver o Sol. Então, de repente, ao meio-dia, as nuvens afastaram-se e o Sol apareceu como a tremer, parecendo descer e dando um grande calor.»

O jurisconsulto Pinto Coelho também referiu no jornal A Ordem de 16 de Outubro: « ... outras vezes aparentando destacar-se do céu, aproximar-se da Terra e irradiar um forte calor ... »

No Processo Canónico:

Luís de Andrade e Silva, bacharel em Direito e Teologia, testemunhou a 30 de Dezembro desse ano: «Alguém a meu lado chamou a minha atenção para o astro-rei e divisei nele fenómenos que até hoje jamais observei. O globo do Sol, semelhante a um disco de prata fosca, girava em volta de um eixo imaginário, e nesse momento parecia descer na atmosfera, em direcção à Terra, acompanhado por vezes dum brilho extraordinário e dum calor intensíssimo.»

218

Ora, idênticos relatos de «calor intensíssimo» se encontram nos anais de ovnilogia.

Assim, podemos referir dois casos, demonstrando, mais uma vez, que o «Sol» visto em Fátima se manifestou com idênticas características noutros pontos do mundo, sem a auréola de milagre.

França (entre Bessailin e Colonne), 17 de Dezembro de 1954

Um talhante viu uma luz sobre a estrada, que, mais tarde, tomou a forma de um objeto, a oitenta metros. A luz tornou-se mais brilhante e a testemunha sentiu uma vaga de calor e pensou que ia morrer.

Em Fátima, nem todas as testemunhas referem esse «calor intensíssimo», devido possivelmente à sua situação no local. Mas há quem saliente que esse calor incomodava.

Mariana Pinto Coelho, numa carta que dirigiu a uma sua tia, a marquesa da Ribeira Grande, em Outubro de 1917, referiu: «Vi o Sol descer à Terra de uma maneira extraordinária, chegando a incomodar o calor.»

Comparemos:

EUA (estado de Nova Iorque), Julho de 1956

Um jacto Starfire F 94 aproxima-se de um ovni brilhante, em forma de disco, assinalado pelo radar da base militar de Griffis. De súbito, um calor sufocante envolve o avião. O piloto lança-se de para-quedas, enquanto o avião se despenha sobre Walesville.

No Processo Vicarial, dois testemunhos se referem também à particularidade do calor.

António Ramos Mira, da freguesia de Reguengo de Fetal, «um quarto de hora depois de parar a chuva, viu aquela ingente multidão de povo em grande clamor e quase todo ajoelhado, voltado para o Sol, e que este tinha sinais desusados, girando sobre si, tremendo, observando, ao mesmo

219

tempo, que em volta havia uma cor amarelo-avermelhada que se refletiu em toda a multidão e no horizonte, havendo ao mesmo tempo um afrouxamento de luz e aumento de temperatura.»

Manuel Ribeiro de Carvalho, também natural de Reguengo de Fetal, «viu que o Sol girou sobre si mesmo, aproximando-se do povo e que lançou bastante calor ... »

Estas duas testemunhas, além do calor, referem a particularidade de o «Sol» executar um movimento giratório. Vejamos outras analogias com ovnis, que também giram ou emitem raios de diferentes cores, assemelhando-se, tal como em Fátima, à nossa Lua.

Índia (Dympep), 27 de Outubro de 1967

«Um objeto giratório e emitindo luzes vermelhas e verdes desceu na direção da ribeira, criando uma súbita agitação da água, e subiu por cima da floresta, seguido de um bafo de calor.»

Mas outras pessoas presentes em Fátima assinalam o pormenor do calor. Dos cem depoimentos que escolhemos para base do nosso trabalho, onze por cento incluíram o calor na descrição do «milagre». Um deles é o de Maria Augusta Saraiva de Campos: «Parara como por encanto a chuva. Fecharam-se os chapéus. Sentiu-se um calor como se entrássemos numa estufa aquecida e começou a ver-se o disco do Sol, a perceber-se claramente na camada pardacenta que cobria todo o céu.

O calor aumentava. E o Sol parecia descer, descer cada vez mais, apresentando novos e variados cambiantes.»

EUA (Maryland, Potomac), 5 de Outubro de 1966

Nesta data, um rapaz viu um objeto em forma de disco ao nível do solo. Elevou-se a grande velocidade, provocando uma grande onda de calor, e perdeu-se nas nuvens.

220

Em Fátima, houve mesmo quem garantisse que esse calor só se sentia quando o «disco» baixava. Júlia Franco referiu-nos: «À medida que girava aproximava-se de nós. E quando se aproximava, fazia calor.»

Por vezes, esse aumento de temperatura, produzido pelos ovnis, origina secagem rápida do ambiente. Em várias partes do mundo surgem relatos como este:

França (Forêt de Insigny), 20 de Outubro de 1954

Roger Réveille viu um objeto oval, de seis metros de comprimento, ao nível da copa das árvores, sentindo um calor intenso. O objeto subiu verticalmente, e uma nuvem de fumo denso formou-se na chuva. Quinze minutos depois, a testemunha aproximou-se do local e encontrou as árvores, a erva e o solo perfeitamente secos.

Verificamos que, neste caso, houve observação de um objeto, o tempo estava de chuva e registou-se uma secagem rápida, não natural. Paralelamente, na Cova da Iria também chovia, viu-se um «globo prateado» e houve igualmente secagem rápida. Mas, em 1917, essa secagem não podia ser entendida senão como uma prova incontestada do «milagre», da presença divina e, naturalmente, foi ridicularizada pelos opositores das aparições. Sem minimizar esse facto nem o considerar milagroso, regressemos aos testemunhos da época.

Emília Alves, empregada doméstica, declarou a Sebastião Martins dos Reis: «O "Milagre do Sol"» vi-o perfeitamente bem, em Outubro. Tinha estado a chover, assim muito, muito. E depois, quando foi a hora de Nossa Senhora vir, abriu o sol quente, assim muito ao seu natural. De repente - é que foi mesmo de repente - toda a gente se sentiu enxuta e mesmo sequinha. Até toda a gente se pôs a falar, admirada: "Mas como é que isto foi? Como pode ser toda a gente ter-se enxugado tão depressa?" E olhámos umas para as outras, a dizer como estávamos enxutas. E dizíamos: "Isto é milagre! Isto é milagre!"»

221

Inácio António Marques, o nosso conhecido empregado dos Correios, confessa: «O Sol gira em tomo de si mesmo e todos que se encontravam molhados aparecem enxutos, como fui eu um deles».

José Pereira Gens, médico, também testemunhou: «Se é verdade que a luminosidade solar estava enfraquecida, o calor mantinha-se, pois o fato, ainda há pouco encharcado, eu sentia-o já quase enxuto.» E noutro local do seu livro: «A primeira coisa que notámos, meu tio e eu, foi que o fato, ainda há pouco completamente encharcado, estava agora perfeitamente enxuto.»

Um filho de Maria Carreira, o João, declarou a John Haffert após este lhe ter perguntado:

«- Aconteceu mais alguma coisa extraordinária?

- Foi um rápido enquanto o fato se enxugou.»

Mas até o nosso simpático agricultor que viu chegar a «nuvem» afirmou: «Estava todo molhado, porque choveu, e fiquei enxuto depois»

E não ficam por aqui os testemunhos diretos. Maria Cândida da Silva, de Leiria, que tinha na altura trinta e um anos, travou o seguinte diálogo com o escritor norte-americano:

«- Não observou nada quando recuperou os sentidos?

- As minhas roupas estavam molhadas, porque tinha chovido muito, mas depressa secaram.»

Este autor interrogou muitas testemunhas, em 1960, dando-nos o depoimento de analfabetos. Preocupou-se muito com o pormenor da secagem do vestuário e muitos dos interrogados lhe responderam afirmativamente.

O Eng.º Mário Godinho foi outro depoente beneficiado. Diz-nos ele:

«Um facto que se deu, porém, a que me esqueci de aludir, foi de, nesse dia 13 de Outubro, ter sido apanhado em cheio pela chuva, que me encharcou o fato totalmente, visto que sob a chuvada tive de mudar um pneu. E sem saber como, encontrei-me a seguir com a roupa perfeitamente seca.»

222

Carlos Silva, no jornal O Mensageiro, contava-nos no dia 18: «O que é para me fazer admirar é que estando eu todo molhado, momentos antes, reparei que já estava enxuto. Seria milagre? Não creio. O que creio é que a mais pessoas sucedeu o mesmo.»

Todavia, a maioria dos depoimentos não expressa esse pormenor e houve mesmo quem afirmasse claramente ter continuado encharcado.

Leonor Salema Manuel Atalaia, numa carta a uma sua amiga, afirmou: «O que nós nos encharcámos! Eu tinha um grande casaco peludo que levava para o frio, mas nem chapéu-de-

chuva. Pois esse casaco repassou como uma esponja o fato de baixo e a pele, da cabeça aos pés.»

Maria Emília de S. José Lobo Moura de Vilhena Barbosa Cardoso refere também: «Às dez horas da noite, quando me deitei, ainda estava com a roupa sobre o corpo completamente molhada».

O grupo que acompanhou Júlia Franco também não teve o privilégio de regressar a casa enxuto. Uma sua irmã chegou tão molhada que tirou a roupa e meteu-se na cama. «Nós, os nossos irmãos, a Clementina e a Maria do senhor Acácio, que também foram connosco, o senhor prior, tudo continuou molhado», esclareceu-nos em 1978. «É claro que fomos secando, porque depois o Sol iluminava como se fosse outro dia qualquer.»

É possível que Avelino de Almeida e outras testemunhas importantes também não se tenham enxugado, porque não referem o facto.

Para o Prof. Auguste Meessen a sensação de calor, a secagem rápida após a chuva e, noutros casos, as queimaduras das árvores, do solo, das próprias testemunhas, podem ser atribuídas a uma radiação eletromagnética de baixa frequência, provocando vibrações e rotações na matéria ao nível molecular. Sabe-se que este princípio é utilizado no chamado método de «aquecimento por indução».

Estes efeitos térmicos são igualmente estudados por McCampbell. Afirma ele que «o calor é uma sensação comum nas proximidades dos

223

ovnis». Citando alguns casos, aponta um outro, em que se verificou uma total evaporação num dia chuvoso, quando árvores, relva e mesmo o terreno foram encontrados completamente secos logo após um ovni se ter imobilizado sobre o local. O cientista anota que o aquecimento e evaporação da água são típicos das microndas, já que as moléculas da água absorvem essa energia muito eficazmente. Um outro aspeto deste efeito é a calcinação das raízes das plantas sem dano visível para o caule e as folhas. O investigador de um caso ocorrido em West Palm Beach, na Florida, sugeriu que o único modo conhecido de provocar essa calcinação era por indução de calor através de um «poderoso campo magnético altamente».

O que ocorreu em 13 de Outubro de 1917 é a confirmação de uma causa bem física na produção dos efeitos térmicos e de secagem do solo e das testemunhas na área abrangida pela trajetória do ovni.

Mas seria esta secagem o único facto insólito e «sobrenatural» ocorrido na Cova da Iria?

8. A varias mecânicas e efeitos de sucção

«O motor do automóvel conduzido por M. Fillomenau, pedreiro de profissão, parou ante a aproximação de uma grande bola de fogo. A bateria do carro descarregou-se e os faróis fundiram.»

Relatos como este são frequentes em ovniologia. Em regra, os automóveis param, aparentemente, sem uma origem lógica, ou perdem apenas potência. O condutor sai do veículo para verificar o que se passa e ... defronta-se com mais uma observação ufológica.

Todavia, a aproximação de ovnis provoca, por vezes, incêndios.

224

EUA (Louisiane, Provençal), Novembro de 1957

o Sr. Haskell Raper Jr. regressava a casa de automóvel numa noite chuvosa, quando se apercebeu, por sobre a estrada, de um objeto de grandes dimensões, iluminado por um camião. De súbito, do objeto foi emitido um raio de luz dirigido sobre a viatura que, aparentemente, exerceu sobre esta uma forte pressão, obrigando-o a diminuir de velocidade e a parar nos próximos cinco metros. Uma espécie de onda de calor envolveu a viatura, e a testemunha saiu para o exterior em pânico no momento em que o veículo se incendiava.

Mas existem outros relatos ovnilógicos que referem interessantes efeitos de sucção provocados por engenhos desconhecidos. Assim, a revista francesa *Phénomènes Spatiaux* descreve-nos vários incidentes onde se inclui a quebra de vidros para-brisas.

«Outros testemunhos dizem respeito a um efeito de sucção que os ovnis exercem sobre os automóveis», lê-se na revista.

«Um bombeiro francês, conduzindo um 2 CV, encontrou-se com um ovni que passou por sobre ele. O toldo e uma parte do para-brisas voaram na mesma direção tomada pelo objeto e foram encontrados a um quilómetro e meio do local.» Isto aconteceu em 2 de Novembro de 1965, em França.

«Um norueguês seguia de automóvel perto de Helleland quando foi subitamente ofuscado por uma luz semelhante a um arco de soldadura elétrica. Então parou e viu um objeto parado sobre a viatura. De súbito, o ovni elevou-se nos ares sem qualquer ruído e a uma velocidade terrível. O homem caiu de costas e ao mesmo tempo ouviu um barulho tremendo; era o vidro pára-brisas do seu carro que voava em estilhaços.» Este caso ocorreu em 29 de Outubro de 1970.

Recordemos dois factos destes últimos casos - um toldo que voa e um vidro que se parte em estilhaços. .

Abramos o jornal Liberdade, do Porto, do dia 20 de Outubro desse ano. Procuremos a terceira página e a notícia com o título: «Diário de Lisboa - notas e impressões». A notícia foi dada no dia anterior.

225

«Dois amigos, que designaremos pelas iniciais E. L. e Sr. S. - este muito conhecido pela sua visão financeira e educadíssima inteligência em assuntos bancários -, foram de longada até Fátima.

O Sr. S. é português, mas de origem estrangeira. Homem muito sério, não é, ao que se diz hoje, muito afeito a crer em milagres.

Foram os dois amigos no mesmo automóvel, e foram pelo passeio, rindo antecipadamente da credence popular. Pelo caminho falavam do milagre e comentavam-no rindo.

A certa altura, a gasolina que levavam incendiou-se. E incendiou-se, dizem os experimentados automobilistas, sem nada que explique o incêndio: chovia a cântaros, não houve choque, nem fagulha, nada, que aparentemente explique o fenómeno.

Era ao pé dum casebre: obtiveram finalmente água e apagaram o fogo.

Recomeçou a marcha.

Daí a alguns quilómetros, o para-brisas - sem um choque, sem uma pedra - fez-se em milhares de bocados, e a capota do carro foi arrancada como se mão hercúlea a tivesse arrancado.

Pararam o carro, percorreram o caminho onde sucedera o desastre,

à procura de algum arame ou galho de árvore que explicasse o caso.

Árvore nenhuma! Arame nem sombra!

E hoje o Sr. S. declara que nem permite que diante dele se fale na aparição de Fátima, porque considera que foi castigo, de irem a rir do milagre, o que lhes aconteceu.

São pessoas de categoria e muito conhecidas em Lisboa.»

E, tal como acontece em muitos casos ufológicos, também pediram o anonimato.

Enfim, aquilo que em 1917 era um «castigo», em 1970 é «um efeito de sucção» provocado por ovnis. Mas o jornal Diário de Notícias de 25 de Outubro descreve outro «castigo», tendo a notícia o título «Milagre de Fátima».

«Durante a noite de ontem, algumas pessoas que se fizeram transportar num automóvel a Fátima foram ao local onde se deu o tão afamado fenómeno no dia 13 do corrente mês, e de que tanto a imprensa se tem ocupado, e, munidos dum machado, cortaram a carvalheira, sob a qual as três crianças (pastoras) se apresentaram naquele dia.

226

Trouxeram a árvore, assim como uma mesa, sobre a qual alguns crentes haviam armado um modesto altar, onde foi encontrada a fotografia duma imagem religiosa (N.ª Sr.ª), um arco que a encimava, feito de rama de murteira, duas lanternas de folha, duas cruzes, sendo uma de madeira e outra de cana envolta em papéis de seda ...

O automóvel, na ocasião da partida do referido local, teve uma pane, não ganhando o chauffeur e seus companheiros para o susto, receosos de serem ali encontrados.

O caso deve ter produzido grande sensação no espírito dos crentes e bons católicos de Fátima e suas cercanias.»

Mas os pormenores da avaria mecânica, da pane, são narrados no jornal Voz de Fátima de 13 de Julho de 1932.

«O chauffeur e proprietário do carro é um mecânico muito conhecido em Santarém.

É numa taberna de Santarém, na presença de alguns amigos, à noite, que, a propósito de vários disparates ditos pelos colegas a respeito de milagres, conta o que se segue:

«À saída de Fátima ... o carro pára-me de repente, apesar de o motor continuar a trabalhar. À terceira tentativa deu-me a impressão que a parte dianteira se levantava e depois começou a andar. No dia seguinte quis tirar o carro da garagem, mas não consegui pô-lo a trabalhar. Examinei-o e não encontrei nenhuma avaria. Desmonto-o, examino-o e trato dele durante quinze dias. Só depois é que o carro começou a trabalhar. Lá o que foi não sei, mas o que sei é que a minha gente e eu considerámos isso como um castigo»

Por último, relataremos um episódio que talvez tenha algo a ver com este problema das avarias mecânicas.

Em 1922, os adversários das aparições colocaram cinco bombas no local. Quatro puseram-nas em buracos nas paredes da capela, abertos para o efeito. A quinta «foi colocada na cova em que se encontra a raiz da azinheira sobre a qual, no dizer dos videntes, pousaram os pés da Aparição, mas não explodiu. As paredes da capela, embora bastante danificadas, ficaram de pé», conta-nos o Visconde de Montelo. E acrescenta: «Um homem de Santa Catarina da Serra teve-a na mão, depois de lhe ter sido tirada a dinamite, e desatarraxou-a, tirando a metralha, limas, ferros, etc.

227

Porque não rebentou esta quinta bomba? Simples acaso?»

Pergunta pertinente, mesmo fora do âmbito do milagre! O Visconde de Montelo, numa entrevista que concedeu ao jornal A Guarda de 13 de Maio de 1922, descreve-nos essa bomba: «Tive-a nas mãos por alguns momentos. Deve pesar três quilos, é cilíndrica e mede treze centímetros de comprimento por oito de diâmetro.»

Milagres, castigos, meros acasos ou efeitos ovnilógicos?

Ora, num relatório do agrupamento norte-americano NICAP, encontramos uma lista de vários tipos de fenómenos já descritos e englobados na sigla E.M.: paragens temporárias de motores (47 casos), extinção de luzes de faróis (38 casos), perturbações nos recetores de rádio (33 casos), entre outros. Estudando os efeitos possíveis de um campo eletromagnético oscilante de alta frequência, diz McCampbell: «No que respeita aos motores, seriam induzidos pontos de alta voltagem no enrolamento secundário da bobina, tendo como consequência um desfasamento da faísca nos cilindros e perturbando o seu ciclo de funcionamento.»

Um dos estudos mais atualizados da casuística da interferência ovni sobre as viaturas automóveis é o catálogo publicado pela BUFORA, um dos principais organismos de estudo britânicos, e onde é igualmente encarada a hipótese das microndas como perturbação possível do mau funcionamento dos motores, de combustão na sua grande maioria. Estamos convictos de que, se os automóveis de 1917 tivessem radiorrecetores ou o incidente com as testemunhas ocorresse à noite, teríamos neste momento, muito provavelmente, mais dois outros efeitos clássicos a constatar.

EFEITOS DE SUÇÃO SOBRE A AZINHEIRA

Mas antes do «Milagre do Sol», já no mês de Junho, se verificou outro interessante efeito de sucção. Não sobre viaturas ou árvores de

228

estrada, mas sobre a própria azinheira escolhida pela Entidade. Referimo-lo aqui e não no capítulo anterior, porque pensamos que a força que arrancou o toldo e o vidro da viatura dos lisboetas foi a mesma que se exerceu sobre a árvore «sagrada».

Quem nos testemunha esses efeitos é a nossa conhecida Maria Carreira, que depôs para três fontes.

Nos Interrogatórios Oficiais de 1923, declarou que, em Junho, «antes da aparição, viu os grelos da azinheira viçosos e muito direitos. Depois da aparição, os grelos estavam como que inclinados numa rodazinha em cima, para o nascente, como se os vestidos os tivessem tombado nessa direção».

Para J. S. Tavares, da revista Brotéria 8, disse expressamente: «Ouvi o que a Lúcia disse à Visão, porém não vi nada nem ouvi as respostas. Reparei contudo numa coisa notável. Era em Junho; a carrasqueira tinha toda a copa coberta de rebentos novos, compridos. Quando a Lúcia, terminada a aparição, significou que a Senhora havia ido para a banda do nascente, todos os rebentos da carrasqueira estavam voltados para o oriente, como se a orla do vestido da Senhora ao partir tivesse roçado sobre eles.»

Maria Carreira não deve ter dito que eram «todos os rebentos». Mas é a revista Stella, de Maio de 1943, que nos fornece mais indicações: «Pusemo-nos então a olhar para a azinheirinha. Era na força do crescimento das árvores e agora, no cimo daquela, via-se uma rodazinha assim a modo do tamanho da aba dum chapéu de homem com a rama toda deitada para o lado do nascente. Comecei a tirar-lhe umas folhinhas e todos faziam o mesmo. E a Lúcia disse: "Não tirem das folhas de cima, tirem das de baixo."»

Ora, procurámos saber como eram os chapéus masculinos da época e dessa região. Depois obtivemos estas medidas:

- coroa circular, a tal rodinha - nove centímetros;
- interior da roda - uns dezoito centímetros.

Naturalmente, serão valores aproximados.

229

Fig. 23 - A «rampa luminosa» que transportou a Entidade até junto dos videntes, segundo a descrição de Gilberto Fernandes dos Santos

230

Fig. 24 - A «rampa luminosa», portadora da Entidade, recuando para o seu ponto de origem, provocava na copa da azinheira um efeito de sucção, em forma de coroa, segundo a descrição de Maria Carreira

231

Portanto, quando a «rampa luminosa» recuava, levando consigo a «Senhora», os rebentos dispostos em determinada área da árvore inclinavam-se no sentido do referido feixe. Mas o detalhe - surpreendente e inédito - da «coroa» formada pelas extremidades das folhas, inclinadas no sentido da inversão da «rampa», vem dar uma consistência notável à verificação desse efeito típico de sucção ou aspiração.

«O efeito produzido é semelhante ao de uma força que age sobre os corpos em função da sua massa, como a força da gravidade, mas em sentido contrário, podendo-se ser tentado a admitir que esta "levitação" é realmente produzida por uma força desse género», escreve o Prof. Auguste Meessen, professor de Física Teórica da Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica. A hipótese fundamental que ele avança para justificar toda uma soma de efeitos - «antecipados» na fenomenologia de Fátima - é a existência de um campo de força, do tipo gravitacional, agindo sobre todas as partes do engenho e do seu ambiente imediato. Donde a hipotética componente antigravítica, inverificável ainda no quadro da Física atual.

O Prof. Meessen supõe um modelo de ovni, um engenho que afasta o ar do seu caminho, ejetando-o para a sua retaguarda, formando uma espécie de «sino». Na parte posterior do engenho, haveria então lugar para a criação de uma forte depressão ou quase vazio. A tendência para compensar essa depressão traduzir-se-ia, segundo esse modelo, por um efeito de aspiração numa zona limitada, situada no interior do «manto», onde o ar é deslocado para a retaguarda.

Esse efeito - os casos atestam-no - é capaz de erguer do solo animais, viaturas e até helicópteros. Que o diga o capitão da US Army Reserve quando, no dia 18 de Outubro de 1973,

viu o seu aparelho «sugado» por um objeto desconhecido 10. Daí que não espante ninguém o facto de toldos, vidros e árvores serem também aspirados, tal como ocorreu em Fátima nos meses do «milagre». Pensamos, pois, que a pequena azinheira da Cova da Iria terá sido a primeira - nos registos conhecidos - a sofrer esse efeito de sucção. Mas não foi de modo algum a última. Vejamos dois casos:

232

França (Sainte-Foy-les-Lyon), 12 de Junho de 1952 Um ovni imobilizou-se sobre o castelo de Bramatan, a uns vinte metros do solo. Os ocupantes de duas viaturas, que circulavam perto, saíram delas para observar o engenho, que executava vários movimentos giratórios, subindo aos impulsos. Os ramos das árvores e o cabelo das testemunhas pareciam ser atraídos pelo objeto.

Portugal (Matosinhos), 21 de Janeiro de 1980

Maria Helena Araújo Ferraz, empregada no hospital desta vila, observou um objeto luminoso em forma de «Saturno», imóvel, sobre um pinheiro manso de copa rasa. A dada altura, viu que do objeto partia um feixe de luz transparente e branco que banhava a árvore. A testemunha referiu que «as extremidades da copa estavam erguidas na direção do objeto, formando uma concavidade, dando a impressão de os ramos estarem a ser arrancados».

Parece-nos desnecessário chamar a atenção para a particularidade de, neste último caso, o feixe de luz ser associado à inflexão dos ramos no sentido do objeto. Acresce dizer que também aqui o feixe luminoso é descrito como tendo limites definidos, contrastando com a escuridão do horizonte. Naturalmente que a jovem testemunha ignora a descrição de 1917 ...

Com ou sem luz «truncada», cremos que a presença do fator objeto/engenho será determinante, de acordo com as hipóteses já expostas.

9. Curas simultâneas

Mas quando o disco prateado desceu, aproximando-se da multidão, outros «milagres» aconteceram. Algumas testemunhas, sem o terem solicitado, sem preces nem penitências de joelhos, encontraram-se subitamente curadas. Houve quem desse pela cura quando chegou a casa,

233

enquanto outros notaram-na nos dias seguintes por não verem mais repetidas as dores de antigas maleitas.

Terão essas curas, ocorridas em Fátima em 13 de Outubro de 1917, uma explicação sobrenatural de origem divina? Serão fruto da fantasia de crendeiros? Ou tratar-se-á dum efeito secundário similar ao registado, noutras partes do mundo, aquando do contacto direto com um fenómeno tipo ovni?

Mais uma vez comparemos o que nos dizem cidadãos de diferentes países mais próximos da nossa época e algumas testemunhas que presenciaram o famoso «Milagre do Sol».

França (zona do Sudeste), 2 de Novembro de 1968, 4 horas

Já nos referimos, a propósito dos «relâmpagos», «trovões» e «nuvens esbranquiçadas», ao caso dum médico francês que acordou com os gritos do seu filho de catorze meses. Relembrando, o médico dirigira-se depois «ao terraço e viu, a curta distância, dois objetos idênticos em forma de disco que progressivamente se aproximavam entre si, acabando por fundir-se num só». Após ter ouvido um ruído de explosão, de ver o objeto desaparecer instantaneamente e de ver a nuvem esbranquiçada que ficou no lugar do objeto, prossegue o relato:

«Três dias antes, o médico tinha-se ferido com um pedaço de madeira numa perna que lhe provocou um hematoma. Pouco depois do desaparecimento do objeto, o médico despertou a esposa, a quem deu conta do sucedido, apercebendo-se, nessa altura, que o ferimento da perna estava completamente curado. Além disso, outras sequelas contraídas durante a guerra - hemiparesia do lado direito, com dificuldade em permanecer de pé - foram anuladas após a observação, podendo a testemunha manter-se em perfeito equilíbrio sobre o pé direito.»

Como se vê, neste relato encontraram-se quatro analogias com a fenomenologia de Fátima:

- o relâmpago como prenúncio de tempestade;
- o ruído de explosão, vulgarizado mais como «trovão» em Fátima;

234

- a nuvem esbranquiçada perto do solo;
- a cura de uma ferida e de sequelas antigas.

Mas procuremos na bibliografia sobre ovnis outros casos de curas fora dos locais religiosos.

EUA, 30 de Julho de 1954

Buck Nelson gaba-se de ter recebido em sua casa seres humanóides que saíram de um disco voador. Conta ele: «A experiência mais extraordinária e assustadora desta visita produziu-se quando experimentei fazer um sinal ao disco, com a minha lanterna. Um raio de uma luz muito brilhante, muito mais quente e luminosa que a do Sol, saiu e atingiu-me com violência, fazendo-me cair. Como sofria de lumbago e nevrite, tive medo de me mexer, de me levantar e apanhar um novo golpe ... Mas quando quis levantar-me, fiquei espantado ao verificar que estava sem dores: nunca mais me maçaram.»

EUA (Texas, Damon), 3 e 4 de Setembro de 1965

No dia 3 de manhã, o agente da polícia Robert Goode foi mordido por um jacaré na mão esquerda. À noite foi patrulhar a Estrada Nacional 36 com o seu chefe, Billy Mac Coy, e a sua ferida ainda sangrava e supurava. «Precisamente após a meia-noite, viram no céu um ovni de sessenta metros de comprimento por quinze metros de largura; aceleraram para fugir, mas um raio luminoso atingiu o braço esquerdo de Goode, apoiado na porta, dando-lhe uma sensação de calor. Pouco tempo depois descobriu que a dor passava, que o sangue estancava, que tinha acabado a supuração e que a cicatrização se operava a uma J velocidade realmente fora do normal.»

235

Peru, 9 de Dezembro de 1968

«Às três horas, um aduaneiro estava no terraço da casa quando viu um ovni deslocar-se, a cerca de três quilómetros. De repente, o engenho emitiu um raio de luz na sua direção, com uma cor que variava entre o vermelho-escuro e o violeta, e que lhe irradiava o corpo. O aduaneiro constatou que já não precisava dos óculos de míope, pois a vista voltou ao normal, e que já não sofria de reumatismo.»

No dia 13 de Outubro de 1917, ainda os peregrinos não iam de maca. Não foram lá solicitar curas de joelhos, mas assistir a um «milagre» anunciado. E que viram? Um «Sol» que emitia raios e que, na altura em que se aproximou da Terra, irradiava mais calor. Ora, se esse «Sol» era efetivamente um ovni, não seria natural vermos pessoas libertas de maleitas antigas, de curas inexplicáveis em testemunhas que não as solicitaram, que não contavam com essa «dádiva do céu», tal como os «curados» que acabamos de referir?

Sim, . as curas em Fátima iniciaram-se quando o «disco luminoso» desceu à Terra. Tal como na França, EUA e Peru, terrestres surpresos receberam «tratamento» sem consulta prévia.

Mais deixemos falar os beneficiados que receberam nesse dia a prova de uma ciência superior...

MARIA EMÍLIA DE S. JOSÉ LOBO MOURA DE VILHENA BARBOSA CARDOSO. Numa carta escrita em 13 de Janeiro de 1918 e que consta dos Arquivos Formigão, declara: «Não pensei de todo poder-me ali curar, não por não crer no poder de Deus, mas sim por não ter formado uma ideia do que se ia passar, embora acreditasse que haveria qualquer coisa sobrenatural. Enquanto se deu o grande milagre, nada pedi que me dissesse respeito. Tendo a minha mãe conhecimento desse facto, disse-me: "Alguém pediu por si, fui eu." - "Que pediu?" "Um dos pedidos foi a sua saúde." Só então reparei que desde 6 dia 13, há dois dias, não sentia uma dor no braço que tinha sempre, proveniente do paludismo. Habitualmente, não era forte; por isso não dei logo pelo seu desaparecimento ... Um dos médicos que me viu chegou a falar em operação, ideia que foi reprovada pelo médico assistente, declarando que ela me não curaria e reputando a minha doença de incurável, o que me

236

afirmou mais uma vez no dia 6 de Julho de 1917, acrescentando que me resignasse a viver assim ... Este médico só me viu agora no dia 8 de Dezembro. Nada sabia sobre as minhas idas a Fátima e declarou-me, com grande espanto seu, nada me achar.»

É curioso constatar que esta testemunha tem a preocupação de inserir no relato o pedido da cura feito pela sua mãe, como tentativa de explicação da sua cura inexplicável.

BRANCA DE SOUSA LOBO VILHENA DE BARBOSA. Relata numa carta que também consta dos Arquivos Formigão, datada do dia 30 de Dezembro de 1917, que estava doente, com febre e que se molhou. «No dia seguinte é que notei que não tinha nenhum dos sintomas palustres que me apoquentavam sempre e que tinha voltado à minha antiga atividade.»

Todavia, algumas das curas verificadas em Fátima foram mais espetaculares.

ENG.º MÁRIO GODINHO: «Havia largos anos, minha mãe sofria de um tumor no saco lacrimal do olho esquerdo, que tinha o volume de um tremço. Durante anos foi tratada pelos médicos; mas periodicamente avolumava o mal, e no dia 13 de Outubro lá ia bem patente. Porém, ao regressar, e já em casa, notou que o tumor havia desaparecido por completo, não voltando mais a aparecer, nem a sentir o mais ligeiro incómodo durante os trinta e cinco anos que ainda viveu.»

MARIA DO CARMO, de Maceira. Outro caso muito relatado na bibliografia de Fátima é o da Sr.ª Maria do Carmo, natural de Amal, freguesia de Maceira, diocese de Leiria. Contava quarenta e sete anos e era casada.

Gonzaga da Fonseca 6 diz-nos que «havia cinco anos que ela sofria duma enfermidade que apresentava todos os sintomas da tuberculose, agravada desde os princípios de 1916, com dores agudas e persistentes em todo o corpo e outros achaques. Suspeitava-se que tivesse um tumor no útero. Um raio de esperança iluminou a sua alma e fez voto de ir quatro vezes a Fátima a pé e descalça, para obter por intercessão da Virgem Santíssima a cura suspirada.

237

Em 13 de Agosto queria iniciar a sua promessa, mas o marido opôs-se terminantemente: "Somos pobres e não temos dinheiro para alugar um carro; a pé é impossível, podias morrer pelo caminho. Tem paciência. Não te deixo ir." Ela, porém; tanto insistiu que o marido teve de ceder e amparada por ele pôs-se a caminho à uma da madrugada.»

O mesmo autor adianta que em Agosto sentiu algumas melhoras e em Setembro mais ainda. Mas a 13 de Outubro «foi surpreendida pela chuva torrencial, debaixo da qual' chegou ao local das aparições com os vestidos todos ensopados em água». Passando agora a palavra ao Visconde de Montelo, que relata este caso no jornal A Guarda de 5 de Outubro de 1918 (donde Gonzaga da Fonseca extraiu um resumo), ficamos a saber que «as dores desapareceram para não mais voltar. A intumescência do ventre e dos membros superiores e inferiores desapareceu como por encanto».

HIGINO FARIA. Mas ainda existem mais casos de curas assinalados nesse dia 13. Higino Faria, que vivia a treze quilómetros, viu passar «em frente da casa caravanas de gente trajando de todo o modo possível, muitos descalços, muitos de províncias distantes, como Alentejo e Algarve», contou ele a John Haffert 7. «Encontrava-me doente, com uma forte constipação e rouquidão, e perguntei: "Aonde vai toda esta gente?" Higino Faria acabou por ir e molhou-se como toda a gente.

«Quando cheguei, às onze horas, fiquei surpreendido de ver a grande quantidade de gente na encosta do monte. Completamente molhados, sujos e a tiritar de frio, aguardámos o momento do milagre.»

No final «tudo ficou limpo e seco. Eu, que estava doente, voltei completamente curado. Em agradecimento por tão grande graça e pela minha cura, prometi recitar o terço todos os dias da minha vida».

O Visconde de Montelo preocupou-se bastante com as curas neste local. Assim, na sua obra Os Acontecimentos de Fátima, refere-nos também um caso de cura de antigas doenças, tal como nalguns casos ovnilógicos registados.

JOAQUIM VIEIRA, de Assentiz. Esta testemunha já é nossa conhecida por nos ter legado as suas observações nos meses anteriores. A 13 de Outubro também se deslocou ao local. Contava na altura quarenta e

238

sete anos. Diz-nos o Visconde de Montelo: «Sofria de antigas e graves enfermidades, estando desenganado dos médicos. Curou-se no dia 13 de Outubro de 1917.»

MARIA CARREIRA. Quem se diz estar também desenganada dos médicos, tendo-nos sido confirmado pelas filhas em 1978, era Maria Carreira. Relata ela própria: «Havia sete anos que eu estava desenganada dos médicos. Pouco tempo teria de vida. [Depois] desde que punha os pés neste sítio abençoado, nem me doía nada nem em nada sentia a minha doença.»

Não nos diz claramente que se tivesse curado no grande dia. Contudo, Maria Carreira faleceu apenas em 1949. Viver trinta e nove anos após ter sido desenganada dos médicos pode ter algo a ver com a sua presença no local.

Enfim, que concluir? Foi a Virgem quem curou as dores de reumatismo, as sequelas antigas, os quistos e as intumescências? Ou teria sido o resultado da aproximação do «disco prateado» quando «desceu até à altura de um pinheiro»?

10. Os tripulantes do «Sol»

Entre as camponesas dos arredores que assistiram à exibição «solar» encontrava-se Maria dos Prazeres. Ficou ao lado dum casal que observava o fenómeno por meio dum binóculo. Anos depois, ao narrar a John Haffert a sua experiência, declarou:

«Vi o Sol girar sobre si mesmo. Parecia que caía do céu. Perto de mim estava um homem e uma senhora a olhar para o Sol por meio dum binóculo. Diziam que viam uma escada perto do Sol ... »

Este depoimento fala-nos em dois objetos. Um detetado a olho nu, outro com o formato de escada, ou seja, de forma retangular, visível apenas através de binóculo.

239

Maria dos Prazeres continua: « ... viam uma escada perto do Sol e que estava lá São José e o Menino Jesus».

Portanto, parece que, para além dos videntes, houve mais pessoas que divisaram figuras antropomórficas nos «astros», cuja identidade, na época, só podia ser conotada com as figuras religiosas da crença reinante.

Mas a multidão só conseguiria vê-las através de binóculos? Na verdade, houve quem dissesse que as viu à vista desarmada dentro do Sol. Este aspeto é pouco conhecido, porque afirmar que o Sol girou e desceu já provocou celeuma; imagine-se o que seria, na altura, ter-se concluído que o Sol era tripulado ...

Podemos dividir os testemunhos que nos falam da observação de entidades em três categorias:

- O testemunho de Lúcia;
- O testemunho dos outros videntes;
- O testemunho da multidão.

O TESTEMUNHO DE LÚCIA

Já no próprio dia 25 de Agosto a vidente declarara ao pároco que, em Outubro, «havia de vir São José com o Menino Jesus dar a paz ao mundo. Havia de vir Nosso Senhor benzer o povo. Vinha Nossa Senhora do Rosário com um anjinho de cada lado. Vinha Nossa Senhora das Dores com um arco de flores à roda».

Por aqui se depreende que Lúcia, muito antes de Outubro, estava já certa que iria «ver» as referidas figuras, convicção que se irá refletir naquilo que, no último dia, declarou ter observado.

Passamos a sumariar as suas diversas declarações às fontes seguintes:

a) Ao Inquérito Paroquial

«Uma vez perdida de vista, olhou para o Sol - mas não por Ela mandar - e viu São José a meio corpo, vestido de branco. São José estava à esquerda do Sol e abençoava o povo com a mão

direita. Pareceu-lhe que fez três ou quatro cruzeiras sobre o povo. E viu, ao lado do Sol, Nossa Senhora. (...) Desapareceu esta visão, diz ela, e ficou

240

tudo amarelo por alguns instantes e logo viu aparecer Nosso Senhor vestido de branco, à direita do Sol; e à direita de Nosso Senhor viu Nossa Senhora a todo o corpo, de pé. (...) Todas estas visões tinham um resplendor amarelo, exceto a de São José. Na ocasião em que ela estava a ver estas representações, o povo gritava: "Olhem ... olhem! Tão bonito!"»

b) Ao Visconde de Montelo

«Apareceu a Senhora vestida como a Senhora das Dores, mas sem espadas no peito, e a Senhora vestida não sei como, mas parece-me que fosse a Senhora do Carmo.» Interrogando-se se seria possível a visão simultânea das três figuras, o Visconde de Montelo põe a questão à vidente, no próprio dia do «milagre».

«Primeiro, vi a Senhora do Rosário, São José e o Menino. Depois vi só Nosso Senhor. Depois a Senhora das Dores e por fim a Senhora que me pareceu ser a Senhora do Carmo ... », respondeu ela. As figuras surgem «ao pé do Sol, depois de ter desaparecido a Senhora de ao pé da carrasqueira». Afirma ter visto Nosso Senhor «só da cintura para cima», enquanto as figuras masculinas já descritas tinham «vestidos encarnados».

Ao mesmo inquiridor diria, no dia 19, ter visto «uma figura que parecia um homem, ao lado do Sol». Por outro lado, no mesmo mês, declararia ao diretor do jornal O Mensageiro: «Não distingui bem, mas pareceu-me ver a cara de um homem e de um menino.»

c) Outras declarações da vidente

No mesmo dia 13, afirmou à Sr.^a L. de S., do Raio de Luz, que «Nossa Senhora lhe apareceu com São José e o Menino ao pé». O'barão de Alvaizere, dias depois, interrogando-a, ficou a saber que a vidente «vira São José no Sol». Por seu turno, Gilberto dos Santos 2 refere que, «ao lado do Sol, estiveram Nossa Senhora, Nosso Senhor e São José a abençoar o povo».

241

d) Declarações posteriores

No depoimento de 1922, Lúcia informa-nos: «Olhámos para o Sol e vimos, ao lado direito do Sol, um homem da cinta para cima, com um Menino ao colo, fazendo cruzeiras com a mão direita; e, na outra, tinha um Menino vestidinho de branco. Tinham em volta um grande resplendor, que nos não deixava olhar à nossa vontade.» De novo, figuras identificadas com a Sagrada Família cristã desapareceram, surgindo, «logo de segui da, ao lado direito do Sol, Nosso Senhor vendo-se da cinta para cima. Do outro lado, Nossa Senhora das Dores, sempre cobertos com o resplendor que parecia cegar-nos. Com isto, desapareceram».

Em 1924, Lúcia depõe para o documento designado por «Interrogatório Oficial da Lúcia», reafirmando com uma ou outra alteração as declarações anteriores respeitantes ao aparecimento/desaparecimento das figuras celestes. Curiosamente, afirma que, em relação ao vulto humano, visto da cinta para cima, ao lado do Sol, lhe viera à ideia de que o homem seria São José ...

Esta tentativa de identificação do observado com o seu substrato religioso é confirmado no depoimento exarado nas Memórias, redigidas em 1941. «Vi Nossa Senhora, que me dava a ideia de ser Nossa Senhora das Dores ... pareceu-me ver ainda Nossa Senhora em forma semelhante a Nossa Senhora do Carmo.»

Numa resposta a um pedido de informações, formulado pelo padre Gonzaga O. C. e satisfeito pela vidente em 27 de Agosto de 1946, esta afirma: « ... Como já nos tinham dito que no último mês viria Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora do Carmo, daí a certeza íntima de que Nossa Senhora se nos estava mostrando nesses diferentes aspetos.»

Lúcia, por outro lado, afirma não ter observado o «Milagre do Sol».

Enquanto a multidão assistia ao fenómeno, ela dizia divisar essas imagens, cuja alternância se fazia, conforme explicou em 1947 a D. José Pedro da Silva 5, «em mudanças repentinas de luz». Àquele sacerdote

242

disse ter visto a Sagrada Família durante os movimentos «solares», mas não fixando o seu olhar no Sol. As figuras eram de luz, tal como o anjo. «Desde que as vi, fixei-me nelas e não vi mais o Sol.»

Supomos que isto significa duas alternativas: ou que Lúcia percecionou outras imagens não contempladas pelos restantes, ou nos indica claramente que não foi no Sol real que viu as figuras, mas no objeto que executou os movimentos ditos «solares». Aceitando a existência espacial das referidas figuras, estas poderiam ter sido projetadas no sentido de impressionar os presentes, representando (ou não) as entidades consagradas no seu sistema de crenças. Tecnologicamente, esse efeito já não é sequer um «milagre» terrestre ...

O TESTEMUNHO DOS OUTROS VIDENTES

O detalhe mais curioso, referido por Jacinta ao Visconde de Montelo, é o que diz respeito ao «Menino» que estaria ao lado direito de São José, não chegando à cintura daquele e tendo a idade de uma criança chamada Deolinda (um, dois anos). É Jacinta quem nota que o vestuário da Senhora situada ao pé do Sol era diferente da que estava sobre a carrasqueira, enquanto os fatos de São José e do Menino «eram encarnados». Também Francisco concorda com a analogia entre o Menino e a pequena Deolinda. Nega igualmente ter visto as Senhoras das Dores e do Carmo, vendo apenas Nossa Senhora, São José e o Menino «perto do Sol». Todavia, «a Nossa Senhora parecia a que vi em baixo. Estava vestida do mesmo modo».

O TESTEMUNHO DA MULTIDÃO

Entre os presentes, alguém teria detetado seres no «Sol» ou perto? Na verdade, assim foi. E esses depoimentos são os mais próximos do dia 13. Depois de Outubro, ninguém arriscou afirmar isso, e na opinião pública generalizou-se que se tinha observado a Sagrada Família junto ao Sol. No entanto, parece que foi no interior do próprio «Sol» que essas observações se fizeram. Na documentação aparecem referências a três seres, os mesmos da Jacinta e Francisco - um homem, uma mulher e um ser mais pequeno.

243

A OBSERVAÇÃO DA VIRGEM

1.º - «E a seguir perguntam uns aos outros se viram e o que viram. O maior número confessa que viu a tremura, o bailado do Sol; outros, porém, declaram ter visto o rosto risonho da própria Virgem ... » (Avelino de Almeida.)

2.º - «E houve quem visse, na luz do globo solar, o rosto da Virgem desenhar-se ... » (Jornal República de 17-10-1917.)

3.º - «O Sol aparece, sendo visto como que bailando através de nuvens diáfanas, o que fez soltar, rápida e unissona, da boca de mais de quinze mil pessoas a palavra milagre!, chegando a grande fé a ver Nossa Senhora resplandecer no astro do dia ... » (Dr. Vieira Guimarães, o ateu intransigente.)

4.º - «Nossa Senhora tornou-se visível para algumas pessoas: eu não fui contemplada com essa graça, não me era necessário isso para crer. Rita e Betina é que tiveram essa felicidade e muitas outras pessoas.

A Rita viu adiante do Sol a face de Nossa Senhora, só a face, e ia ficando ... nem sei dizer. Perdeu a noção do tempo e não pode descrever o que viu. Não sabe. Nada se pode comparar com a beleza e doçura daquele sorriso. A Betina então foi a mais contemplada de todas. Essa viu vir Nossa Senhora do Rosário, linda ... a descer para nós ... Para ela desvaneceu-se quando justamente se aproximou da Terra. Dizia ela à Regina a chorar e a tremer: "Não vês? É a Senhora do Rosário. Pois tu não vês?" Muitas outras pessoas viram.» (Senhora de Lisboa à sua amiga Mimi.)

5.º - «Um ilustre doutor da minha terra, que já foi a fma flor do jacobinismo local, dizem-me que gritava como um possesso, mãos cruzadas, olhos em alvo: "Lá vai a Virgem! Lá vai!" E não me admiro se o homem a viu.» (Jornal A Luta de 18-10-1917.)

6.º - «Adriano Matos, casado, de Alqueidão da Serra ... disse que olhou perfeitamente para o Sol sem este o incomodar e representou-se -lhe ver Nossa Senhora com o Menino Jesus no braço esquerdo e viu em roda do dito astro cores diferentes.» (Oitava testemunha do Processo

Vicarial.)

244

SÃO JOSÉ

1.º - «Havia quem dissesse que viu no Sol São José. Nós não vimos nada. O senhor prior da Sé (de Leiria) também não viu mais nada. Falávamos a cada passo nesse dia, aqui em casa, e todos tínhamos visto o mesmo.» (Júlia Franco.)

2.º - «A gente da minha terra regressava de Fátima, taleigos à cabeça, saias alteadas, perna a ver-se; pela sua lengalenga padresca, beata e chochinha, sabia-se que São José abençoara o povo perverso e que os nossos soldados voltariam da guerra qualquer dia próximo ... »

3.º - «E, no mesmo instante, vi São José com o Menino ao colo, no Sol, que deixou de desandar, tomando a sua cor natural, mas que se olhava como se olha para a Lua, sem fazer a mais leve impressão. E não fui eu só quem viu; viu muita gente.» (Maria do Carmo Marques da Cruz Meneses.)

Talvez haja quem se surpreenda por alguém ter divisado, dentro do disco de prata fosca, figuras antropomórficas. Não convém esquecer que Ermelinda Vilhena Barbosa declarou que lhe pareceu que o Sol se tomou «transparente», em dada altura. Maria do Carmo Meneses diz ter sido no fim, quando deixou de desandar, que observou esses seres no Sol e não ao lado.

4.º - «Na altura em que olhei para o Sol, afigurou-se-me ter visto, a mim e à maioria dos presentes, São José e o Menino, que tinham braço estendido, como quem dá a bênção. O povo gritava espavorido, implorando a misericórdia de Deus. Eu fiquei como parva; não sabia o que havia de fazer. Enquanto durava aquela aflição, reparámos que o Sol brilhava tranquilo, já no seu lugar.» (Glória, irmã da Lúcia.)

Seria uma bênção ou uma saudação que dirigiram à multidão? «Houve gente que disse que viu ao lado do Sol uma mão a abençoar», declarou-nos Maria dos Anjos, em 1978.

245

TRÊS SERES

Disse-nos ainda que «houve muita gente que viu a Sagrada Família». E foi essa observação que passou à história. Todavia, existe um depoimento no Processo Vicarial que sintetiza todos os outros e talvez corresponda à verdade: «António Vieira Amado, casado, de Alqueidão da Serra ... disse que viu o Sol muito claro e dentro representou-se-lhe ver três imagens ... » Apesar de depor num documento oficial, elaborado por um membro da Igreja, esta testemunha não conotou essas figuras com as entidades da religião católica. À frente da expressão «três imagens», acrescentou: «e diante do Sol cores diversas». Viu, portanto, três figuras no interior e cores diversas diante do Sol.

No entanto, na imensa fonte de acontecimentos ovnilógicos contemporâneos, também nos surgem entidades com vestuários encarnados ...

Grande Canária (Las Rosas), 22 de Junho de 1976

«o médico Dr. Francisco Padron, acompanhado por mais uma dezena de testemunhas, observou uma grande esfera transparente a baixa altitude, através da qual se via o céu e no interior da qual se encontravam dois seres de grande estatura, embora um fosse maior do que o outro. Os seres estavam de pé numa plataforma totalmente esférica e usavam uniformes com tonalidades encarnadas.»

Se estes seres estavam de pé, têm-se visto outros sentados, pequenos, dentro de ovnis transparentes.

Brasil (Itaperuana), 20 de Dezembro de 1971

Neste dia uma testemunha observou «uma estranha nave, arredondada ou ovalada, transparente, inteiramente iluminada por uma luz azulada e forte... A transparência do objeto permitiu ao observador ver mais duas pessoas semelhantes à primeira [noventa centímetros de altura], sentadas, aparentemente olhando em sua direção».

246

Mas o mais interessante é que também noutras partes do mundo os tripulantes de engenhos desconhecidos têm estendido os braços para os terrestres.

Nova Guiné (Papuásia, Boianai), 26 de Junho de 1959

«o Rev. William Gill e algumas dezenas de indígenas observam vários objetos circulares a pairar ao largo da ilha. Um deles aproximou-se e as testemunhas viram na sua parte superior quatro silhuetas. Os presentes ficaram absortos com a presença do ovni, que chega a estacionar sobre eles. O Rev. Gill tenta então comunicar com os seres que são vistos no objecto. Agitando os braços, vê que o seu gesto de comunicação é correspondido pelos ocupantes do ovni, que acenam igualmente às testemunhas em terra.»

Espanha (Granja de Torrehermosa, Badajoz), Agosto de 1956

Duas dezenas de jovens observam um objeto voador que se detém a uns 500 metros de distância. Tinha uma janela transparente e no seu interior podia-se ver a cabeça e os ombros de dois seres. Os jovens e outras pessoas correram para o engenho gesticulando para os ocupantes, que corresponderam àqueles gestos.

Analisando conjuntamente os seres de Fátima e os tripulantes simpáticos de ovnis observados noutros pontos, encontramos as seguintes constantes:

a) observação parcial de seres. Em Fátima, vêem-se da cinta para cima ou apenas rostos. No caso de Badajoz, vêem-se a cabeça e os ombros;

b) diferentes tamanhos dos ocupantes. Em Fátima, o mais pequeno deu-se-lhe o nome de Menino Jesus. Na Grande Canária, embora altos, um era maior que o outro. E no Brasil os seres mediam cerca de noventa centímetros;

247

c) diferentes posições de estar no engenho. Em Fátima, são vistos de pé, parcialmente ou a meio corpo. No Brasil, são vistos sentados; na Grande Canária, de pé;

d) transparência do objeto «solar» (cf. os casos do Brasil e da Grande Canária);

e) seres que agitam os braços. Em Fátima, «abençoam». Noutros pontos «comunicam» ou saúdam simpaticamente (cf. casos de Espanha e da Nova Guiné).

11. Observações no mesmo dia

Há quem defenda que o «Milagre do Sol» foi uma ilusão coletiva, imagens induzidas pelos Ouranianos, enfim, um cenário irrereal projetado na mente da multidão. Todavia, o anunciado «milagre» não foi observado apenas em Fátima nem se limitou ao mesmo horário. Essas observações no dia 13 de Outubro podem ser subdivididas em dois grupos:

1.º - Observações simultâneas

2.º - Observações não simultâneas

Observações simultâneas

Houve diversas pessoas das redondezas que não se dirigiram à Cova da Iria. Enquanto algumas esperavam ver qualquer coisa na sua terra, a outras nunca se lhes pôs a possibilidade de algo observar.

Uma das localidades mais privilegiadas foi Alburitel. Em linha reta, fica a uns treze quilómetros. Aí a população preparou-se, procurando locais elevados, e esperou como os espectadores de Fátima. Teria realmente visto o «milagre»?

A madre Maria do Carmo da Fonseca, mais tarde secretária do Cónego Formigão, tinha na altura quatro anos e era filha da professora primária da localidade, chamada Delfina Pereira Lopes. Numa carta que escreveu

248

ao professor de Coimbra Doutor Pacheco de Amorim, relata em 1958:

«Lembro-me perfeitamente do alvoroço da população nesse dia, do pavor que se apoderou de muita gente, porque o fenómeno foi ali visto de maneira quase tão espetacular como na Cova da Iria. Há uma prova que considero formidável, a atestar a profecia dos videntes de Fátima. Soube-se antecipadamente que o milagre prometido pela aparição se daria "nos astros", como se expressava o povo. Por isso, na manhã de 13 de Outubro de 1917, houve quem, na minha aldeia natal- Alburitel - se ocupasse a foscá-los bocados de vidraça à luz da candeia para poderem olhar o Sol sem prejuízo para a vista. E todavia o céu estava carregado de densas nuvens. Este facto é absolutamente verídico. Testemunhei-o eu. Recordo-me dele como se fosse hoje.

Juntou-se um grupo de populares e, apesar do mau tempo, foram para um monte de onde se domina vastíssimo horizonte, avistando-se, muito longe, os cabeços de Fátima. Esse grupo esperou lá o meio-dia solar.»

Seguidamente, Maria do Carmo da Fonseca transmite as recordações do padre Joaquim Lourenço, que, na altura em que escrevia 00-6-1958), era o reitor do Santuário.

«Sua Rev.^a recorda-se perfeitamente do que se passou de patético e dramático nesse monte naquela hora. De repente o Sol rasgou as nuvens e mostrou-se num vertiginoso movimento de rotação, para logo descer como que num ímpeto, dando a impressão de se desprender do firmamento para os matar a todos. Aquela gente - umas vinte pessoas - puseram-se a clamar em altos gritos, a pedir socorro a Deus e a Nossa Senhora, julgando que morreriam sem tardar. E quando o Sol deu um salto sobre eles, o pânico não podia ser maior. Atiraram-se para a terra e esperaram o esmagamento - segundos que teriam parecido anos! Dizia-me ainda o ano passado o Rev. Dr. Joaquim Lourenço, que, atirado para o chão e vendo que a morte tardava, levantou um bocadinho a cabeça e viu que o Sol tinha subido e rodopiava lá em cima, emitindo, sem ferir a vista, uma luz multicolor, coisa nunca vista. Foi triplo aquele salto solar, e de cada vez o povo se atirava para o chão, aos gritos, julgando ser o fim da sua vida.»

249

A mãe desta religiosa, que em 1958 ainda vivia, com oitenta e seis anos, encontrava-se na escola com os seus alunos. Um deles, de nove anos, era irmão de Joaquim Lourenço. Chamava-se Inácio e, em 1932, quando era missionário em Goa, redigiu o seu depoimento, que está hoje muito divulgado.

«Era meio-dia mais ou menos quando fomos sobressaltados pelos gritos e exclamações de alguns homens e mulheres que passavam na rua diante da nossa escola. A professora, muito boa e piedosa, mas facilmente impressionável e excessivamente tímida, foi a primeira a correr para a rua sem poder impedir que todas as crianças corressem atrás dela.

Na rua, o povo chorava e gritava, apontando para o Sol, sem atender às perguntas que, aflitíssima, lhe fazia a nossa professora.

Era o grande Milagre, que se via distintamente do alto do monte, onde fica situada a minha terra: era o «Milagre do Sol» com todos os seus fenómenos extraordinários.

Sinto-me incapaz de o descrever como o vi e senti então. Eu olhava fixamente para o Sol, e parecia-me pálido, de modo que não cegava os olhos; era como um globo de neve a rodar sobre si mesmo. Depois, de repente, pareceu que baixava em ziguezague, ameaçando cair sobre a Terra. Aterrado, corri a meter-me no meio da gente. Todos choravam, aguardando de um instante para o outro o fim do mundo.

Quando a gente se persuadiu de que o perigo tinha desaparecido, foi uma explosão de alegria.»

Mas houve outras pessoas que observaram o fenómeno fora de Alburitel. Num raio de vinte quilómetros aproximadamente, parte do «milagre» chegou a ser visto por quem nada esperava ver.

MINDE

Numa aldeia próxima de Minde, andava um pastor na sua lide quando reparou que o «Sol» caía. Chamava-se Albano Barros e vivia a cerca de dezoito quilómetros de Fátima. Mais tarde emigrou para os Estados Unidos, Somerville, Nova Jérсия, onde foi entrevistado por John Haffert, que o encontrou como um próspero construtor. Eis o que ele declarou:

250

«Andava a guardar ovelhas - o meu trabalho diário - e de repente, na direção de Fátima, vi o Sol a cair do céu. Pensei que era o fim do mundo.»

Perguntámos se se lembrava de que tinha chovido e se a roupa em seguida estava enxuta.

«Estava tão perturbado que não me lembro de mais nada senão do Sol a cair. Nem me lembro se levei as ovelhas para casa, se corri, ou o que é que fiz.»

AUUSTREL

Naturalmente, mais próximo da Cova da Iria também houve quem divisasse o estranho fenómeno. Quando conversámos, em 1978, com Amélia de Jesus da Silva, ela contou-nos a sua observação:

«Vi-o da casa da minha mãe. Andava a brincar com uns miúdos da minha idade numa eira onde se malhava dantes o trigo. Lembro-me de pararmos de brincar e dizíamos assim: "Olha o Sol! Olha o Sol! Olha o Sol!" A gente na altura nem sabia o que aquilo queria dizer. Não me lembrava nada que era Nossa Senhora. Vimos o Sol por aí abaixo, por aí abaixo, de todas as cores, como o arco-da-velha. E veio assim aquilo quase a chegar ao chão, parecia quase poisado, a vir muito depressa à roda, à roda, à roda ... »

LEIRIA

Talvez devido à altura da serra, ou à distância da Cova da Iria (uns vinte e seis quilómetros por estrada, uns dezoito em linha reta), o grande «milagre» limitou-se a um «foco vermelho». Narra-nos esse pormenor Guilhermina Lopes da Silva, que em 1960 vivia em Leiria, na Rua de Nossa Senhora da Encarnação. Ela queria ir com os outros que se deslocavam ao local, mas acabou por ver passar a multidão à sua porta, porque o marido não era católico praticante.

«Pelo meio-dia», relatou a John Haffert, «estava eu a olhar para a serra quando vi no céu um grande foco de luz vermelha. Chamei dois

251

.. homens que estavam a trabalhar para nós. Também eles o viram e eu nunca o esquecerei.»

TORRES NOVAS

Parece que também se avistou «qualquer coisa» numa vila próxima - Torres Novas. Não possuímos depoimentos diretos, mas numa carta que a testemunha Adelaide Grego escreveu a uma sua amiga, nessa época, ou seja, em 24 de Novembro, podemos ler: « ... Aqui em Torres Novas, à mesma hora, também se manifestou no Sol qualquer coisa, mas pela descrição que me fazem não se pode comparar.»

252

Observações não simultâneas

As obras fatimistas referem ainda observações simultâneas em São Pedro de Muel, perto de Cascais e perto do Porto. Nenhum dos depoimentos que relatam essas observações é direto. Seriam realmente simultâneas? Dado que, em Leiria, apenas se observou um foco de luz, não parece provável que noutros locais mais afastados se tivesse visto o «Sol» rodando e emitindo cores diversas. Parece-nos, portanto, mais lógico admitir que tivessem ocorrido antes ou depois da hora de Fátima. Além disso, possuímos um depoimento - e esse é direto - que nos diz que, após se meter nas nuvens, o «Sol» teria seguido parte da multidão no seu regresso a casa. É possível que fosse então detetado perto do Porto e de Cascais.

Após a observação do fenómeno, a multidão dispersou calmamente. Leonor Salema Manuel Atalaia foi uma das pessoas que regressaram de automóvel. Numa carta que escreveu de Cascais a uma sua amiga de nome Ana, no dia 16 de Outubro, confessa que nada observou na Cova da Iria. Tal como alguns dos presentes. Depois, «pusemo-nos a caminho e feitos já alguns quilómetros de automóvel, a Mariana Ribeiro, que tudo tinha visto, que tinha ouvido o recado da criança ... diz-nos: "Reparem para o Sol, que ainda não está normal." Eu então olho e vi, afianço que vi e juraria se preciso fosse, o Sol sem brilho, sem cor e pude fitá-lo. Ia passando uma ligeira nuvem branca. Eu disse: "Deixa ver quando passar a nuvem." Passou e eu sempre a fitá-lo. Vi-o passar por diferentes cores que não posso precisar. E fez-se verde, bem verde, claro, como o verde-salsa, com um aro dourado à roda e girando, uns raios muito compridos que pareciam tocar na Terra e o Sol parecia estar separado do céu. Depois o céu tomou uns clarões cor-de-rosa, mudou para amarelado em roda do Sol e, mais longe, manchas aqui e além. Passados uns momentos compridos 6, que não sei precisar, ficou normal e não tomei a poder fitá-lo».

São Pedro de Muel. - Nesta localidade, dizem que o poeta Afonso Lopes Vieira observou o «milagre». Não possuímos o seu testemunho, não sabendo, por isso, verdadeiramente o que ele viu. Quem nos conta

o facto é o poeta Marques da Cruz 7. Segundo ele, «o ilustre poeta Afonso Lopes Vieira disse-nos, na tarde de 20 de Outubro de 1935, na varanda da sua linda casa de São Pedro de Muel, que fica a dez léguas de Fátima: "Nesse dia 13 de Outubro de 1917, eu que não me lembrei da predição dos pastorinhos, fiquei encantado com um espetáculo deslumbrante do céu, para mim inteiramente inédito, a que assisti desta varanda."» Mas não nos explica que espetáculo foi esse. E apesar de vários autores terem escrito que ouviram o relato da boca do poeta e de familiares que também observaram algo estranho, nenhum nos deixou a descrição do caso observado. Nada nos leva, portanto, a pensar que fosse simultâneo.

Granja. - Numa carta escrita pela esposa do lente de Matemática, Sr." Joaquina Tavares Proença Garrett, redigida no dia seguinte e endereçada ao cônego Formigão, encontramos a seguinte passagem: «Sabe V. Ex.^a que aqui, na Granja, houve pessoas que viram o movimento de rotação do Sol e a mesma nuvem cor-de-rosa passar por diante do Sol?» Granja é uma localidade próxima do Porto.

Paço de Arcos. - Nesta localidade, registou-se também uma observação nesse dia 13. A notícia é divulgada pela primeira vez no jornal Voz de Fátima de 13 de Março de 1938, por Tomás de Gamboa. «Naquela manhã de Outono», lê-se nesse jornal, «para a qual Lúcia convocou na Cova da Iria, todos os que quisessem presenciar o sinal que Nossa Senhora daria da verdade do que ela e os seus pequenos companheiros asseguravam, em Paço de Arcos, o ilustre pintor, artista consumado do papel e do lápis que é José Leite, preparava-se para retocar uma tela em que a sua arte vinha acarinhando determinada perspectiva tocada de mil encantos. Era a hora em que fora anunciado em Fátima o prodígio solar.»

Acerca desta observação, a madre Maria do Carmo da Fonseca decidiu escrever à filha do pintor e pedir-lhe mais esclarecimentos. Em 17 de Agosto de 1958, Berta Leite respondia-lhe 9: «O milagre de Fátima que o paizinho viu foi em 13 de Outubro. Ele gostava de ir de comboio até Santo Amaro de Oeiras e de estar algumas horas a pintar. Era na linha de Cascais. E eu costumava ir também, mas naquele dia não fui.

Estávamos em Parede. O paizinho ia pintar o rochedo na praia e, de repente, teve que interromper, o Sol girava ... girava. Veio para casa encantado ... E dizia: Foi lindo! Foi lindo!» É evidente que também não consideramos esta observação simultânea com o fenómeno de Fátima. Na época, os relógios não primavam pelo acerto, e mesmo que houvesse uma diferença de duas horas todos diriam ter sido «ao mesmo tempo». Perante um facto daqueles, seria lógico que os vários testemunhos, ainda que dispersos, se sentissem solidários na contemplação do que consideravam milagre. Não seria difícil que a emotividade tomasse o lugar ao rigor, mesmo o horário ...

Mas a respeito de cores, mais alguém detetou coloridos estranhos noutro ponto do País - precisamente em Leiria. Esse depoimento foi-nos cedido por João Cabral, dessa cidade, porque a testemunha, Maria do Carmo, mal sabia escrever. Esta encontrava-se junto à ponte dos Caniços (entrada sul da cidade de Leiria). «Viu a água do rio Lis tornar-se colorida - tomou várias cores - e, olhando para o Sol, viu o mesmo: um Sol colorido.»

12. Análise estatística dos testemunhos

Para uma análise mais apurada da importância do fenómeno «solar» de Fátima, elaborámos uma análise estatística. Apresentámos assim os observadores sob diversas facetas e os dados que nos forneceram e que serviram de base ao nosso trabalho. Reunimos cem testemunhas oculares, embora não recolhêssemos cem depoimentos, pois algumas depuseram por escrito ou verbalmente mais que uma vez, tendo sido esses depoimentos reunidos num só e analisados na sua totalidade referentes à mesma testemunha.

Procedamos então à análise estatística dos testemunhos do «Milagre do Sol».

2 -,- Data - 13 de Outubro de 1917

3 - Hora - 13 h e 47 m

4 - Número de testemunhas na totalidade

- «30 ou 40 mil criaturas» - A velino de Almeida
- «40 a 50 mil pessoas» - Inquérito Paroquial
- «40 a 50 mil pessoas» - Jornal O Primeiro de Janeiro
- «40 a 50 mil pessoas» - Senhora Jota
- «Mais de 50 mil pessoas» - Jornal A Guarda
- «Mais de 50 mil pessoas» - Jornal Diário de Notícias
- «Calculo em 100000 pessoas» (os cálculos mais gerais dão-lhe 50000) - Jornal Concelho de Mação

Portanto, estabelecendo uma média, os depoimentos da época apontam para um número próximo de 50 000 portugueses.

5 - Amostragem cultural da multidão

Em 1911, 75,1 % da população era analfabeta

Em 1920, era de 70,5 %

Como a população presente era composta por todas as camadas socioculturais, fazendo cálculos numa progressão simples, somos de opinião que 72,1 % das testemunhas deviam ser analfabetas.

6 - Origem dos depoimentos

6.1. - Redigidos pelo próprio punho 38 %

6.2. - Recolhidos por outros..... 61 %

6.3. - Misto - testemunho direto incluindo a recolha do depoimento dum futuro reitor do Santuário 1 %

6.1.1. - Entre os redigidos pelo próprio punho

16 - foram transcritos na imprensa

4 - em livros das próprias testemunhas

9 - fazem parte dos Arquivos Formigão

256

2 _ constam do documento oficial Processo Canónico de Fátima

3 _ cartas particulares publicadas por João de Marchi, Costa Brochado e Marques da Cruz

1 - publicado em Fátima, Altar do Mundo

1 _ publicado na obra Encontro de Testemunhas, de John Haffert

1 - publicado em Fátima, de C. Barthas

1 _ publicado nos Episódios Maravilhosos de Fátima, do Visconde de Montelo

6.1.2. - Destes 38 %, foram redigidos

- no mesmo dia . 2 5%

- no dia seguinte4. .11%.

- no mês de Outubro . 10 26%

- em 1917 . 9 24%

- após 1917 . 13 34%

6.2.1. - Entre os depoimentos recolhidos

20 - depuseram nos documentos oficiais:

Inquérito Paroquial 2

Processo Vicarial 16

Interrogatórios Oficiais de 1923 2

4 - recolhidos pelos repórteres da época

25 - recolhidos por John Haffert

3 - por João de Marchi

3 - pelos autores desta obra

2 - por Sebastião Martins dos Reis

1 - por Rádio Fátima

1 - por Martindale

1 - pela revista Stella

1 - citado por P. O. Faria

6.2.2. - Dos 62 % (considerando o misto), foram recolhidos

- até ao dia 20 . 4 6, %

- no mês de Outubro . 16 26 %

257

- em 1918 . 2 3 %

- até 1950 . 6 10 %

- de 1950 a 1960 . 5 8 %

- em 1960 . 25 40 %

- após 1960 . 4 6,5 %

7 - Local de observação:

Na Cova da Iria94 %

Fora desse local..... 6 %

8 - A identidade das testemunhas

8.1. - Quanto à identificação das testemunhas

- estão totalmente identificadas89 %

- estão parcialmente identificadas11 %

Destes 11 %:

4 - testemunhas indiferenciadas que depuseram para os repórteres da época (um deles está identificado)

4 - conhecemos as iniciais dos seus nomes

2 - conhecemos graus de parentesco com pessoas identificadas

1 - conhecemos a localidade onde residia e amizades

8.2. - Quanto ao retrato físico

- Conhecemos pessoalmente ou por fotografia 38 %

- Desconhecemos..... 62 %

8.3. - Quanto ao sexo

- homens 61 %

- mulheres..... 35 %

- repórteres que exprimiram opiniões de homens e mulheres 4 %

8.4. - Quanto à idade em 1917

- não conhecemos a idade exata de..... 59 %

- é-nos conhecida a de 41 %

258

Destes 41 %:

- crianças6 casos

- dos 15 aos 20 anos5 casos

- dos 21 aos 25 anos9 casos

- dos 26 aos 30 anos7 casos

- dos 31 aos 35 anos6 casos

- dos 36 aos 40 anos1 caso

- dos 41 aos 45 anos :4 casos

- dos 46 aos 50 anos2 casos

- mais de 50 anos1 caso

8.4.1. - Relativamente à juventude das testemunhas cuja idade nos é conhecida

80 % - tinha menos de 35 anos

20 % - mais que essa idade

8.5. - Quanto ao estado civil

Solteiros..... 19 %

Casados..... 31 %

Sacerdotes..... 4 %

Crianças (até aos 15 anos) 6 %

Desconhecido..... 40 %

8.6. - Quanto à localidade

Conhecemos a localidade onde nasceram e/ou residiam de 93 %

Localidade desconhecida..... 7 %

8.7. - Categorias profissionais das testemunhas

Agricultores e agricultoras 22 %

Donas de casa 22 %

Jornalistas (incluindo os repórteres) 6 %

Advogados..... 6 %

259

Sacerdotes..... 4 %

Proprietários..... 3 %

Comerciantes2 %

Professores (?)2 %

Pastores..... 2 %

Bacharel em Direito e Teologia1 %

Estudante em Medicina..... .1 %

Engenheiros1 %

Escritora1 %

Professor universitário1 %

Licenciado1 %

Empregado dos Correios (em 1922)1 %

Carpinteiros1 %

Canteiros..... 1 %

Empregada doméstica..... 1 %

Crianças sem profissão..... 4 %

Profissão desconhecida..... 17 %

Destes 17 %:

16 - viviam em aldeias, sendo talvez agricultores, proprietários, comerciantes ou operários

1 - trabalhava na capital

8.8. - Categorias sociais

15 % - possuíam cursos superiores

10 % - pessoas «ilustres» ou «distintas»

4 % - nobres

4 % - clero

8 % - intelectuais (incluindo os repórteres)

64 % - outras classes (campesinato, pequena burguesia rural, etc.)

9 - Processos de observação

- A olho nu..... 99 %

- A olho nu e binóculo1 %

(Conhecemos testemunhos indiretos, referenciados no decurso da obra, que fizeram a sua observação com binóculos.)

260

10 - Descrição do «milagre»

10.1. - Paragem da chuva

- paragem no início do fenómeno 34 %

- paragem instantânea, «como por encanto» 13 %

- referência apenas à paragem..... 21 %

10.2. - Referência às nuvens no início do «milagre»

- Referiram o papel dessas nuvens..... 31 %

- Existência de «densas nuvens»7 %

- Falaram numa «nuvem» especial..... 5 %

- «O Sol rompeu as nuvens»10 %
- A nuvem ou nuvens «abriram-se»18 %
- Abertura das nuvens com luz3 %
- 10.3. - O que viram aparecer?
- O Sol..... 97 %
- Algo diferente do Sol..... 3 %
- 10.4. - A situação do «Sol»
- no zénite..... 3 %
- perto do zénite1 %
- um disco luminoso antepôs-se..... 1 %
- desceu às nuvens..... 1 %
- as nuvens passavam por detrás..... 1 %
- 10.5. - Formato do «objeto»
- forma do Sol sem raios78 %
- discoidal13 %
- globo3 %
- hóstia2 %
- chapa redonda1 %
- 261
- placa redonda..... 1 %
- véu arredondado..... 1%
- não esférico como é a Lua.....1 %
- 10.6 - Comparações estabelecidas (extra-Sol)
- com a Lua.....6 %
- disco de prata fosca6 %
- placa de prata fosca.....1 %
- globo de prata fosca1 %
- disco prateado1%
- bola de fogo..... 1 %
- disco nacarado..... 1 %
- disco metálico1 %
- disco de cristal embaciado..... 1 %
- disco de vidro fosco1 %
- chapa de prata lúzia..... 1 %
- globo de neve 1 %
- 10.6.1. - Designações de quem não refere o Sol
- disco luminoso1%
- globo prateado ou esfera.....1 %
- forma branca de neve e véu prateado de forma arredondada 1%
- 10.7. - Definição do «metal solar»
- prateado15 %
- aço polido como o de uma colher..... 1 %
- mais claro que o alumínio..... 1 %
- vidro fosco1 %
- cristal embaciado1 %
- magnético :.....1 %
- nacar de uma concha..... 1 %
- madrepérola..... 1 %
- matéria opaca, branca1 %
- 262
- 10.8. - Características ofuscantes/brilho
- não feria a retina..... 40 %

- não referiram esse pormenor	60 %
10.9. - Aspectos cromáticos	
- Referência aos aspectos cromáticos.....	66 %
10.9.1. - No «Sol»	49 %
10.9.2. - No ambiente	36 %
10.9.3. - Nas nuvens	9 %
10.9.1. - No «Sol»	
- irisado só na periferia.....	14 %
- alternância sucessiva de cores	4 %
- sucessão cromática provocada por focos de igual tamanho e distância entre si colocados na periferia	1 %
10.9.1.1. - Cores observadas no «Sol»	
amarela	11 %
azul.....	9 %
roxa.....	8 %
verde	7%
vermelha.....	7 %
rosa	5%
cores do arco-íris	5 %
alaranjada	3 %
branca	3 %
negra	2 %
«várias cores»	18 %
10.9.2. - Cores observadas no ambiente	
amarela	16 %
vermelha	8%
azul.....	7 %
263	
roxa.....	7%
rosa.....	5 %
alaranjada	3 %
ametista	1 %
verde	1 %
branca	1 %
cores do arco-íris.	2 %
«várias cores»	6 %
cores observadas em manchas.....	6 %
10.9.3. - Cores observadas nas nuvens	
rosa	4 %
roxa.....	3 %
azul.....	2 %
alaranjada	2 %
vermelha.....	1 %
amarela	1 %
branca	1 %
cores do arco-íris	1%
«várias cores»	2 %
dourada (na «nuvem» especial)	2 %
10.10. - Quanto à luminosidade	
- iluminado pela parte de trás	2 %
- a luz parecia coada por vidros	3 %
- compararam a eclipse	3 %

- era diferente de eclipse.....	2 %
- o ambiente ficou mais escuro.....	8 %
10.11. - Movimentação	
- referência a movimentação «solar»	91 %
- movimentos giratórios.....	67 %
- tremura	11 %
- bailado.....	8 %
264	
- movimentos bruscos.....	5 %
- deslocação do lugar (excluindo a descida)	3 %
10.11.1 - Movimentação giratória	
- «girou sobre si mesmo» e «desandou»	24 %
- rotação num e noutro sentido.....	1 %
- rotação só da periferia	2 %
- «como roda de fogo-de-artifício»	27 %
- rotação tripla com dois intervalos.....	8 %
- rotação dupla.....	2 %
- rotação por «várias vezes».....	3 %
10.11.2. - O movimento da descida	
- referência a esse movimento.....	61 %
10.11.2.1. - Quantas vezes desceu	
- uma vez.....	14 %
- duas vezes.....	2 %
- três vezes.....	5 %
- «dava a impressão de descer quando girava»	11 %
10.11.2.2. - Como desceu	
- às voltas	8%
- queda a «bailar»	1%
- queda aos ziguezagues.....	1 %
10.11.2.3. - Até onde desceu	
- até às árvores	2 %
- à altura de um pinheiro	1 %
- quase ao pé de nós	2 %
- meia tarde ou mais	1 %
10.11.2.4. - Como subiu	
- como descera (às voltas)	6 %
265	
- como descera (em ziguezague) 1 %	
- em espiral.....	1%
10.11.2.5. - Para onde voltou	
- para o seu lugar	5 %
- escondeu-se entre as nuvens "" 1 %	
- foi oculto pela «nuvem» dourada.....	1 %
10.12. - Aumento de volume	
- referência a aumento de volume na descida.....	2 %
10.13. - Aumento de temperatura	
- referência a calor quando desceu.....	11 %
10.14. - Tripulação no «Sol»	
- referência à observação de seres	13 %
10.14.1. - «Nossa Senhora».....	6 %
- testemunhos diretos.....	1 %
- referências.....	5 %

- 10.14.2. - «São José» 8 %
 - testemunhos diretos..... 2 %
 - referências..... 6 %
 10.14.3. - «Menino Jesus»..... 6 %
 - testemunhos diretos..... 3 %
 - referências..... 3 %
 10.14.4. - Três personagens juntas..... 1 %
 - testemunho direto...1 %
 10.14.5. - Mão a abençoar1 %
 - referências..... 1 %

266

11. - Reação das testemunhas e multidão
 - referência a reações na multidão.....42 %
 - referência a reações em si próprio..... 34 %
 11.1. - Reações assinaladas
 - ajoelhar na lama21%
 - gritos18%
 - brados de fé18%
 - medo17%
 - receio de o mundo acabar11%
 - choro11%
 - espanto9%
 - euforia7%
 - conversões5%
 - mãos ao alto4%
 - confissão dos pecados4%
 - tirar os chapéus3%
 - tremura2%
 - desmaios2%
 - angústia1%
 - comoção1%
 - arrepios1%
 - opressão no peito1%
 12. - Duração do fenómeno «solar»
 - uns minutos2%
 - uns cinco minutos2%
 - mais de 8 minutos1%
 - de 8 a 10 minutos1%
 - cerca de 10 minutos (inc. Alburitel)7%
 - de 10 a 15 minutos1%
 - cerca de 15 minutos1%
 - uns 20 minutos1%

267

13. - Efeitos secundários registados pelas testemunhas
 13.1. - Curas na hora do «milagre»
 13.2. - Secagem do vestuário e ambiente
 13.1. - Curas na hora do «milagre»
 - referência a curas..... 4 %
 - testemunhas curadas..3 %
 - mãe duma testemunha.....1 %
 13.2. - Secagem do vestuário e ambiente
 - referência à secagem do próprio vestuário..... 18 %

- testemunhas que não se enxugaram..5 %
- referência à secagem do ambiente..2 %
- não focaram este pormenor75 %

13. Os observatórios: «tudo normal»

«Esse caso de Fátima não foi fenómeno astronómico: tudo se passou na atmosfera. Se o Sol se deslocasse de facto, como pareceu, isso afetava logo os outros astros e planetas, e que aconteceria então?», interrogava-se com propriedade o Dr. João Lopes Pires, técnico-experimentador do Instituto Geofísico da Universidade do Porto.

De facto, tudo se passou, quanto a nós, na atmosfera próxima. Mas enquanto o Dr. João Pires remete para a meteorologia o estudo do «milagre», confessando a ineficácia da perspetiva astronómica, nós diremos que também a meteorologia pouco ou nada pode ajudar.

No jornal O Seculo, edição da tarde, do dia 18 de Outubro de 1917, pode ler-se a opinião da ciência da época. Um redator daquele jornal procurou o coronel Eng.^o Francisco Oom, professor da Faculdade de

268

Ciências e diretor do Observatório de Lisboa. Quis saber a opinião daquela autoridade científica «sobre os fenómenos cósmicos de que milhares de pessoas dizem ter sido testemunhas em Fátima», ao que «o astrónomo ilustre teve a gentileza de nos responder o seguinte:

- A ser um fenómeno cósmico, os observatórios astronómicos e meteorológicos não deixariam de o registar. E eis precisamente o que falta: esse registo inevitável de todas as perturbações no sistema dos mundos, por mínimos que sejam. Já vê ...
- Fenómeno, então - interrompemos -, de natureza psicológica?
- Porque não? Efeito, talvez, sem dúvida curioso, de sugestão coletiva. Em qualquer dos casos, completamente alheio ao ramo da ciência que eu cultivo.»

Entre o Eng.^o Francisco Oom e os astrónomos contemporâneos não existe diferença quanto à impossibilidade de o fenómeno ser analisado pela astronomia. Não deixa de ser curiosa a afirmação do padre Maxirniliano Cordero, dominicano, professor de Sagrada Escritura na Universidade Pontifícia de Salamanca, face à exploração de novas vias para o esclarecimento do «milagre» de 13 de Outubro. Diz ele lapidar e «profeticamente»: «Em Portugal, pôr em estudo crítico as coisas de Fátima é como tocar no património da Igreja e da Nação. Por isso não admira que haja melindre em agitar estas questões, mas é dever agitá-las.» (Salamanca, 1 de Julho de 1974.)

Em síntese, quais as hipóteses meteorológicas que podem ser apontadas pela ortodoxia científica para a explicação «natural» do fenómeno de Outubro?

- 1.^o - Aurora boreal: para além de ser um fenómeno muito raramente observável nas nossas latitudes, nenhum observatório do mundo a registou. Logo, é impensável.
- 2.^o - Arco-íris: trata-se de um fenómeno estático. A atmosfera não causaria fenómeno de dispersão espectral em movimentos circulares, seguidos de imobilizações súbitas e todo o conjunto de manobras descritas pelas testemunhas aqui consideradas.
- 3.^o - Refração atmosférica: à altura a que se situava o verdadeiro Sol- 42° 44' - a refração é apenas de 1' e 15" de arco, quase insensível, portanto. Os ultracéticos objetivarão com as variações de densidade da

269

atmosfera, com as variações da altura, grau higrométrico, temperatura, etc. Considerando o disco solar com um arco de 30', quantos diâmetros representariam um desvio que abrange todo um arco desde o zénite até «à altura dos pinheiros»? Cinco, dez... Seria, isso sim, um autêntico «milagre meteoro lógico»!

Analisando os ângulos pelos quais as miragens são possíveis, espantamo-nos pelo seu fraco valor.

Para uma elevação de 10° em relação ao horizonte, a diferença entre a posição real do objeto e a sua imagem refletida não é superior a de arco. Michel Bougard regista muito justamente

estes aspetos e adianta mais: «O olho humano não é capaz de distinguir claramente dois detalhes que estejam distantes com um ângulo de pouco menos de 4', calculando-se que é necessário atingir ângulos inferiores a 14° para que a imagem observada seja devida a uma refração e não se dê conta da posição real da fonte. Para que haja uma reflexão total, é preciso que o ângulo entre a onda luminosa e a zona menos refringente (camada de inversão de temperatura) seja de meio grau. Pode-se pois calcular que o ângulo máximo que pode existir entre a posição real da fonte e a sua imagem refratada é da ordem do 1º...»

Por aqui se vê o estreito limite para que sejam possíveis miragens: pequenos ângulos sobre ou sob o plano horizontal da visão (com a condição de que esse plano seja real, isto é, uma planície, estrada retilínea, etc.), e que a distância entre a fonte e o observador seja de vários quilómetros. Ora, sabendo nós da posição do Sol no zénite - as testemunhas o dizem -, não é difícil concluir que a sua refração astronómica naquele ponto é nula. O seu valor máximo (36') obtém-se quando o Sol está no horizonte (refração horizontal). A disposição das faixas coloridas é oposta à sucessão cromática observada no fenómeno do dia 13 de Outubro e a todo o conjunto de movimentos. Aqui, temos de dar razão ao apologeta católico Sebastião Martins dos Reis, quando diz que «não pode ter sido um fenómeno astronómico ou atmosférico».

4.Q - Halo: «Para ser milagre era preciso que não houvesse explicação natural», diz o Dr. Jesus Manuel da Costa, professor de Astronomia

270

da Universidade Compostelana. Referindo o exemplo que ele próprio testemunhou certa vez - três sóis em vez de um nos céus de Tambre -, aquele especialista fica-se pela «refração dos raios solares nas diferentes camadas atmosféricas» (hipótese que não se coaduna com as descrições de Fátima - o objeto «solar» é sempre descrito como único). Ora, continuando a citar Michel Bougard: «Os três sóis ou luas (parélio ou parasselénio) são halos típicos que se formam quando o céu está velado com cirros-estratos, nuvens esbranquiçadas e constituídas por minúsculos cristais de gelo hexagonais em prisma ou plaquetas e que culminam entre os seis e os dez quilómetros de altitude. Forma-se um círculo luminoso em redor do Sol. Quando não é completo, aparecem duas manchas situadas uma de cada lado da fonte.» Ora, nada disto foi visível no dia 13 de Outubro.

Para além do halo solar - cujo arco visual atinge os 22° enquanto o Sol não vai além de 15' -, a outra alternativa debilmente apontada, aliás, é a de eclipse ... que nenhum observatório registou ou previra antes: em 1917 verificaram-se quatro eclipses, mas nenhum deles foi observado em Portugal.

Assim, mesmo a impressão referida por Almeida Garrett (filho) - de que as nuvens davam a impressão de correr por detrás do Sol- será mais real que aparente. Os cirros leves, de que fala, não poderiam interferir com a perceção do objeto real, situado a cerca de mil metros do solo, já que aquelas nuvens se situam entre os seis mil e os catorze mil metros.

Para o Doutor Diogo Pacheco de Amorim, que compilou e submeteu a crítica um apreciável número de testemunhas do fenómeno «solar»,

271

a explicação andaria perto das já anteriormente citadas. Reconhecendo «a dificuldade da interpretação das cores e dos afrouxamentos da luz ambiente», aquele autor admite ser ultradifícil a justificação dos movimentos «solares». No entanto, a refração atmosférica é também reivindicada como argumento, desta feita apoiada nas teses do grande patriarca anti-ovni, o astrofísico Donald H. Menzel, da Universidade de Harvard.

As «lentes de ar» serviriam, em casos excepcionálíssimos de duração, para explicar essas variações de diâmetro aparente do Sol e, possivelmente, a variação de cores. Alguns dos testemunhos serviriam de apoio a tal ideia. Pacheco de Amorim, além de esquecer ou omitir pormenores de que não deve ter tido conhecimento, chega a incluir os aumentos de

temperatura nas consequências dessas «lentes de ar». «O ar é semelhante ao vidro e as irregularidades podem dar azo a distorções», defende Menzel.

O «patrocínio» escolhido pelo professor da Universidade de Coimbra parece-nos, pois, com fracas probabilidades de sucesso. Condicionado pelas informações e teses da época, não seria de exigir muito mais ao Doutor Amorim - como, por exemplo, substituir o mítico Sol de 13 de Outubro de 1917 por um objeto concreto e próximo da multidão de cinquenta mil almas.

Só para sublinharmos a falência de argumentos do tipo dos fornecidos por Donald Menzel em relação aos ovnis, diremos que, mesmo em casos considerados como IFO (identified flying object) - objeto voador identificado - pelo Projeto Livro Azul, da USAF, o tipo de anomalias meteoro lógicas é o de menor percentagem: 0,3 %, correspondente no total a quarenta e quatro casos de interpretação deficiente (nuvens, fenómenos luminosos, refrações solares, etc.).

Mantemos, todavia, que o conhecimento e aplicação das condições meteorológicas médias - dados fornecidos pelo Observatório de Coimbra, a cerca de setenta quilómetros, em linha reta, do local dos fenómenos - são importantes para se inferir dos aspetos ligados principalmente às variações cromáticas do «nosso» ovni.

272

Numa resenha final, como apontamento crítico às deduções dos defensores da «refração atmosférica» e consequentes ilusões de ótica, teremos de recordar o seguinte:

1.º - Os movimentos giratórios começaram logo de seguida ao aparecimento do «disco» entre as nuvens e não consequentes a uma demorada exposição à fonte luminosa, na alternativa o Sol.

2.º - A sua luminosidade (ver características ofuscantes) era bastante atenuada, mesmo sem a interposição de «restos de nevoeiros ou leves camadas atmosféricas» (Dr. Lopes Pires). Uma coisa é a hipótese, admissível, outra é a sua inverificação de acordo com os testemunhos.

3.º - Há testemunhas que dizem, clara e indubitavelmente, que não era o Sol que se movimentava, mas algo que definem como «diferente» (ver designações de quem não viu o Sol). A sua atenção e perspicácia, estamos em crer, foram superiores ao seu sistema de crenças.

4.º - É fácil falar em «certas condições atmosféricas» que em nada ajudam à resolução do problema, na hipótese meteorológica. Se, «embora imóvel, a fonte luminosa parece animada de movimento», como justificar as paragens, as imobilizações, as rotações em sentido contrário, a descida até à altura dos pinheiros, a queda tipo folha-morta, etc.?

5.º - Nenhuma ilusão de ótica poderá ser responsável pelo conjunto de efeitos secundários registados no ambiente e também nas testemunhas - 18 % falam em secagem rápida do vestuário e também do solo e 11 % sentiram aumentos de temperatura. Não valerá a pena insistir noutros aspetos, como as «curas simultâneas» ou a observação de entidades antropomórficas no interior e talvez exterior do pseudo-Sol, para retirar da alçada meteorológica-atmosférica aquele eloquente espetáculo de uma supertecnologia alienígena.

14. A hipótese alucinatória

A hipótese de sugestão coletiva no «Milagre do Sol» saíra já a público no dia 15 de Outubro de 1917. Assim, no jornal Diário de Notícias, podemos ler: «A sugestão tomou imediatamente aqueles milhares de crentes e curiosos.» E mais adiante: «Milhares de pessoas

273

sugestionadas e, quem sabe, mesmo ofuscadas pela própria luz do Sol, que durante o dia aparecia pela primeira vez, caíram por terra chorando e levantando para o alto as mãos, que instintivamente juntavam.» Como prosa piegas, não deixará de ser bonita, mas... apenas isso.

Começamos pelo exagero de que o brilho da luz solar tenha distorcido os sentidos à multidão. A Cova da Iria, em Outubro, não será propriamente um deserto, produtor de miragens e outras ilusões de ótica. Trata-se, pois, de «sugestão» animada pelo toque do sensacional jornalístico.

Podemos dizer, para já, que a alucinação é genericamente definida como sendo - «sensação não provocada por um objeto real (Larousse); exteriorização de uma ideia que se toma para o sujeito uma ilusão ou ainda falsa percepção de um objeto».

a) A alucinação natural

René Sudre, na sua obra Tratado de Para psicologia, diz-nos: «O domínio da alucinação individual já é bem restrito, mas o da alucinação coletiva é-o ainda mais; pode-se mesmo sustentar que, fora da hipnose, a alucinação coletiva não existe.»

Por sua vez, Lester Grinspoon e Alan D. Persky anotam que «estas imagens (alucinatórias) representam a projeção para o exterior de desejos profundos de autoafirmação, realização, culpa, autopunição, etc.», sublinhando também que as «alucinações visuais ocorrem com menos frequência do que as auditivas e são observadas mais tipicamente em pessoas com doenças infecciosas ou reações tóxicas induzidas por droga».

Outro exemplo de alucinação é a noturna, sentida por certos automobilistas devido à monotonia dos trajetos, que faz com que eles conduzam num estado de consciência alterada. É o chamado pensamento figurativo.

274

Nesta perspetiva psicopatológica incidida sobre as nossas testemunhas do 13 de Outubro, é difícil concluir pela existência de algumas das condições enunciadas:

- uma alucinação simultânea de cinquenta mil pessoas da mais diversificada condição socioprofissional;
- a existência de traumas psicológicos tão acentuados como autoafirmações, punições, etc., em indivíduos anticlericais (maçons) que ali foram para tudo menos para se integrar num qualquer tipo de «loucura mística» coletiva;
- a situação diurna da ocorrência conduziria a um estado de vigília permanente, justificada pela expectativa de momento, e não a uma desmobilização dos sentidos.

b) A alucinação «sobrenatural»

Se, como estamos convictos, o fenómeno «solar» correspondeu a algo exterior às testemunhas, «alguém» terá de ser responsável pelos movimentos registados pela multidão. Alguns críticos católicos adiantam então que poderia ter havido uma alucinação de origem «sobrenatural». O que o mesmo é dizer que teria havido «milagre».

O parapsicólogo jesuíta Dr. Óscar Quevedo partilha dessa tese, que, quanto a nós, se limita a fazer cento e oitenta graus ao esforço interpretativo e aquisitivo da ciência do nosso tempo e se refugia na comodidade de um facto maravilhoso que só a Deus seria possível.

A proposta do Dr. Óscar Quevedo, explicitada ao jornal Diário de Lisboa 4, sintetiza-se no seguinte: «Evidentemente que se tratou de alucinação coletiva; evidentemente que o Sol não virou. "Alguém" se serviu das alucinações das cinquenta mil pessoas». Esse "alguém" relacionou-o com a Providência - concluiu o jornalista. E noutro escrito repete: «Esta é uma alucinação coletiva provocada por Deus, é sobrenatural.»

Uma alucinação coletiva, na dimensão do caso de Fátima, é de mais em psicologia - concorda o Dr. Quevedo. Portanto, para ele resta o

275

«milagre», fronteira onde todo o facto inexplicável à luz do tempo que se vive se esbate e dilui. Fácil e complicado ao mesmo tempo. Mas esse facto milagroso não parece ter sido um sucesso total, já que, como também sublinha, «apenas quatro ou cinco [pessoas] garantiram que não viram nada de anormal».

Se quatro ou cinco - das testemunhas conhecidas, sublinhe-se - nada veem de anormal, isso poderá depender da sua situação no local, do momento em que chegaram ali, à sua atenção, acuidade visual, etc. Na alternativa, teremos que pensar que houve qualquer falha nesse projeto «sobrenatural» ...

c) Limites e impossibilidades da alucinação

Deixando de lado presunções teóricas, abordemos de novo as condições vigentes no enquadramento espaço-temporal do fenómeno do dia 13 de Outubro de 1917. O nosso postulado assenta em que:

- as descrições do fenómeno «solar» foram devidas a um estímulo exterior às testemunhas associado ao mecanismo psicológico do contágio e projeção das crenças.

Os limites e impossibilidades para que qualquer alegada alucinação, seja natural ou sobrenatural, se tenha verificado nesse dia residem no seguinte:

a) As condições da observação já descritas, quer ambientais, quer sob o ponto de vista sensitivo-fisiológico por parte das testemunhas, não nos descrevem anormalidades;

b) O conteúdo do testemunho em si mesmo. As testemunhas são múltiplas, independentes entre si (ver outros locais de observação), e num caso conhecido a percepção é instrumental (com um binóculo). Tudo isto nos leva a concluir pela exterioridade do objeto em relação à testemunha;

c) Os reflexos psicossomáticos são intensos e característicos: o pavor, o medo e a expectativa decorrentes da aproximação efetiva do objeto «solar» estão retratados no depoimento do Dr. Joaquim Lourenço, que nem sequer estava em Fátima mas em Alburitel, a uns treze quilómetros de distância da multidão.

276

«De repente», conta-nos a madre Maria do Carmo da Fonseca, «o Sol rasgou as nuvens e mostrou-se num vertiginoso movimento de rotação, para logo descer como que num ímpeto, dando a impressão de se desprender do firmamento para os matar a todos. Aquela gente - umas vinte pessoas - puseram-se a clamar em altos gritos, a pedir socorro a Deus e a Nossa Senhora, julgando que morreriam sem tardar. E quando o Sol deu um salto sobre eles, o pânico não podia ser maior. Atiraram-se para a terra e esperaram o esmagamento - segundos que teriam parecido anos! Atirado para o chão e vendo que a morte tardava, levantou um bocadinho a cabeça e viu que o Sol tinha subido e rodopiava lá em cima, emitindo, sem ferir a vista, uma luz multicolor, coisa nunca vista. Foi triplo aquele salto solar e de cada vez o povo se atirava para o chão, aos gritos, julgando ser o fim da sua vida.»

A crueza da narrativa dispensa mais comentários. Também aqui se patenteia o critério medo/angústia presente em muitos casos de observações aproximadas de objetos voadores não identificados.

d) A presença de descrentes, em grande número, dificilmente manipuláveis pela credulidade dos fiéis;

e) A diversidade das descrições ou a ausência delas torna incompatível a aplicação de um «modelo» único programado e implantado diretamente na mente de cinquenta mil testemunhas;

f) A secagem do vestuário é um facto incontroverso, irredutível a sugestões. Seria uma estreia nos anais da psicopatologia mentes alucinadas conseguirem enxugar roupas encharcadas ...

d) O sistema de crenças e o rumor sobre o fenómeno Aquilo em que as pessoas acreditam é normalmente organizado num sistema de crenças. O acontecimento ambíguo, diferente, inovador, tende a ser assimilado num sistema de crença preexistente⁸. Em Fátima, as pessoas sabiam que haveria de acontecer um «milagre», e essa ideia foi rapidamente integrada, perante aquele facto invulgar, nesse mesmo

278

sistema: só poderia ser o Sol, o único astro diurno visível na altura. Se o «milagre» tivesse sido realizado à noite, não nos espantaria que as pessoas «vissem» girar a Lua ou as estrelas.

Sobre este pré-conhecimento do fenómeno, haverá que referir a conclusão do Doutor Diogo Pacheco de Amorim, na obra já citada, na qual começa por alegar que Lúcia tinha antecipado, em três meses, a natureza exata do «milagre», anunciando-o para o dia 13 de Outubro.

Ora, essa alegação é feita durante o Interrogatório Oficial de 8 de Julho de 1924, tendo então a vidente declarado que «a Senhora prometera fazer um sinal no Sol». É estranho, porém, que dois dias antes do «fenómeno solar» a mesma Lúcia, em afirmações feitas ao Visconde de

Montelo 10, tivesse dito apenas que «a Senhora, havia de fazer um milagre», não explicando onde nem do que se trataria de concreto.

Logicamente, seguindo aliás a nossa preferência, teremos de conceder mais crédito às declarações de 1917, já que pensamos ser o depoimento do Interrogatório Oficial de 1924 um prolongamento, uma resposta automática, «behaviorista», do inconsciente onde o mito Sol se instalara em definitivo, consolidando-se durante esses sete anos.

Por outro lado, a força do rumor coletivo - esse sim - terá feito a transferência imediata da ideia do «milagre» próximo para o espaço de Fátima. Na carta da madre Maria do Carmo da Fonseca, publicada pelo próprio Doutor Pacheco de Amorim, acrescenta-se que «soubese antecipadamente que o milagre prometido pela Aparição se daria nos astros - conforme se expressava o povo». E quando se diz, mais adiante, que «havia quem, na manhã do dia 13 de Outubro, se ocupasse a foscá bocados de vidraça para poder olhar o Sol, sem prejuízo para a vista», pensamos tratar-se do mesmo prolongamento inconsciente, divulgada a impressão geral de que fora o Sol quem girara na Cova da Iria. Primeiro, a carta citada pelo professor da Universidade de Coimbra foi escrita em 1958. Segundo, muitas das testemunhas já haviam observado (ou tinham ouvido falar de) fenómenos insólitos nos «astros» nos meses anteriores. Daí a expansão do rumor e a sua objetivação posterior.

278

e) Psicossociologia da percepção em ovniologia

Vimos que alguns dos presentes em Fátima notaram outro objeto que não o Sol executar aquela série de manobras sobre a região. Testemunhos para desprezar - dirão os apologetas. Mas eles existem e terão de ser considerados. São apenas três por cento na nossa amostragem de testemunhos. Todavia, se reportarmos essa percentagem para o total de cinquenta mil pessoas, temos direito a supor que, se naquela altura tivesse sido possível fazer um inquérito pessoal a todos os presentes, não seria escândalo termos uns mil e quinhentos depoimentos afirmando não ter sido o Sol que girara sobre a Cova da Iria. É uma especulação, sem dúvida, mas dentro das leis da progressão admissível. Quer isto dizer que houve pessoas que escaparam ao controlo do rumor, ao contágio da crença aceite e consagrada. A sua atenção, a sua localização privilegiada, o seu isolamento, as suas convicções ou aptidões sensoriais e técnicas justificam a sua descrição? É difícil descortinar as razões, já que o mito solar abrangeu todas as categorias sociais e profissionais ali presentes.

No entanto, temos de considerar esses testemunhos (e os outros potenciais ignorados) como peças importantes na nossa alternativa: a observação de um objeto circular, talvez mesmo um globo, concreto e dotado de características inerentes a muitos dos ovnis da atualidade.

Nesta base, substituindo o Sol pelo «nosso» ovni, poderemos fazer uma aproximação ao que tem sido dito sobre a possibilidade de um «modelo de alucinação espontânea» para o fenómeno ovni. Num cotejo necessariamente breve, vejamos o que sobre essa hipótese escreveu o Dr. Pierre Guérin, astrofísico do Centre National de Recherche Scientifique, de França.

Este cientista começa por chamar a atenção para o facto de os estudos estatísticos do Dr. Claude Poher (falaremos deles adiante com mais pormenor) concluírem, na origem das observações de ovnis, existir um fenómeno ou objeto físico, real, obedecendo a visão desse fenómeno ou

279

desse objeto à lei ótica da absorção pelas camadas de ar. Isto exclui todo o género de alucinação psicótica, à exceção de uma eventual alucinação de novo tipo, que, obedecendo às leis da ótica, se integraria nas estatísticas de Poher.

Pergunta-se Pierre Guérin se esse tipo de alucinação é plausível e se a hipótese é verificada pelas suas consequências. Depois de analisar algumas perturbações da percepção a que já fizemos referência, Pierre Guérin compara-as aos factos estranhos e por vezes aterrorizantes, ricos em detalhes incompreensíveis, observados num estado de vigília completo, por vezes em pleno dia, durante longos minutos ... É o momento de recordarmos Fátima e o seu dia!

Definitivamente, a literatura psiquiátrica ignora totalmente a sintomatologia ovni. O psiquiatra Berthold Schwartz examinou clinicamente quatro mil doentes e concluiu que as visões de ovnis não são provocadas por perturbações psíquicas, o mesmo afirmando Henry Davidson, diretor do Essex Country Medical Center, após exame a trinta mil pacientes. Também Illo Brand sublinha que não se verifica psicopatologia induzida por temas ovni 13. Neste aspeto, convirá salientar que os frequentes maus tradutores de Carl Jung costumam insistir no argumento das visões de ovnis decorrentes do inconsciente da testemunha - o que não explica nada e deixa tudo na mesma. Essa sugestão foi desmentida pelo próprio Jung 14, já que na sua obra não fornece nenhuma visão alucinatória de ovni mas apenas alguns sonhos de doentes ...

Repetindo Guérin, diremos que, «se existem alguns temas associados a observações próximas de ovnis ou contactos com humanóides, são aparentemente carregados de conteúdos inconscientes humanos; outros temas, ao invés, são quase sistematicamente ausentes das manifestações ovni, aproximadas ou afastadas, como a guerra, a violência (a sexualidade, etc.), que têm profundas raízes no nosso psiquismo. Por aqui se vê a profunda originalidade do fenómeno naquilo que ele se demarca claramente do que o inconsciente humano poderia naturalmente segregar».

280

Esse aspeto peculiar da informação ovni - a originalidade do fenómeno - é repetido por Douglas Price-Williams 16, o qual chama a atenção para as dificuldades e problemas epistemológicos e metodológicos genuínos. Tanto em 1917 como em 1994, os limites continuam a erguer -se diante de nós, ainda que esbatidos obstáculos anteriores. No século XVII, os humanos também não acreditavam em meteoritos, porque estes não podiam cair do céu. Em 1917, não podiam acreditar em objetos voadores tecnologicamente superiores e mágicos, porque a magia estava nos «astros», donde tinha vindo a Senhora e onde se situava o Sol...

15. Aspetos miméticos do fenómeno «solar»

Assente a impossibilidade de o Sol ter descido à Cova da Iria, é a vez de nos interrogarmos sobre os motivos da sua utilização como símbolo do feito espantoso que, para aqueles milhares de pessoas, constituiu a demonstração aeronáutica executada pelos mentores das aparições. A palavra «Sol» é aceite e passa de testemunha para testemunha, extravasando-se para a posteridade. Mas essa identificação, como já vimos, não foi total, já que possuímos testemunhos que conseguiram escapar à «ditadura» percetiva da grande maioria e ao ambiente de exaltação religiosa. Este e outros aspetos levam-nos a considerar a importância do fator mimético nos acontecimentos de 13 de Outubro de 1917.

Mimetismo significa imitação. É conhecida a propriedade de alguns animais imitarem o ambiente natural em que se integram, camuflando -se morfológica e cromaticamente nele, para efeitos defensivos ou ofensivos. Mas como tudo o que imita uma realidade que não é a sua, o mimetismo é uma função incompleta, não totalmente conseguida. Do mesmo modo, o volume de descrições tipicamente ovnilógicas, reunido de há séculos a esta parte, tem sugerido a alguns investigadores a ideia de um mimetismo funcional da parte do fenómeno ovni. Não se trata, porém, de um mecanismo confirmado, mas de um conjunto de relações

281

que se geram (interpenetram?), entre o fenómeno não identificado e a testemunha. Daí que a questão coloque várias outras:

- O mimetismo ovni não se limitaria a uma simples imitação das realidades naturais ou artificiais conhecidas, exteriores à testemunha, mas alargar-se-ia à tradução, ou tomada em imagens, de realidades psicológicas mais ou menos complexas e mesmo simbólicas (Jean Jacques Jaillat).
- As formas dos ovnis no tempo seriam uma consequência dos meios de comparação diferentes. As formas dos ovnis na mesma época seriam uma consequência da diversidade social dos diferentes observadores: o agricultor vê o ocupante do ovni colher vegetais; o prospector, minerais;

o joalheiro descreve o fenómeno em forma de colar, por exemplo (Gerard Marchais).

Concretamente, como funcionou em Fátima a identificação Sol-ovni? Limitações da época, ausência de referências de outros objetos aéreos tecnológicos diferentes dos primeiros aeroplanos ou adaptação do fenómeno ao estímulo-crença (pressentimento de que o «milagre» iria acontecer nos «astros» pelas demonstrações dos meses anteriores)? No momento atual da pesquisa científica, toma-se difícil estabelecer cânones definitivos e rigorosos para o tipo de relação observado em Fátima. Todavia, poderemos supor que, no dia 13 de Outubro de 1917, o aspeto exterior geral do fenómeno (objeto de forma circular) é o do objeto real conhecido e próximo (temporal e espacialmente).

Esta premissa do mimetismo, não necessariamente ovnilógico, aplica-se no nosso caso, pois que em Fátima o objeto real conhecido é o Sol, naquela hora e naquele local, no momento do fenómeno. Jean Jacques Jaillat sublinha que «ao nível das realidades naturais conhecidas são os objetos ou fenómenos astronómicos que retêm a sua [do fenómeno ovni] preferência» 4. Mas não só. Contrapondo esta afirmação ao nosso caso, diremos que também os fenómenos meteorológicos integram esta

282

«camuflagem» ambiental: veja-se a função relevante das «nuvens especiais» em todo o processo das aparições de 1917. Nuvens que surgem com inusitada frequência nos anais da moderna ovnilogia com funções aparentemente camufláveis. Em suma, podemos aceitar que a identificação Sol-ovni em Fátima nem sequer é inédita, independentemente de se saber qual o sentido da correspondência ou dependência dessa função imitativa ou prefigurativa.

a) Mimetismo e camuflagem - as «nuvens especiais»

Para Pierre Vieroudy, «as formas miméticas integram as observações de pseudoveleiros da Antiguidade e Idade Média, os balões e dirigíveis dos séculos XIX e XX, os aviões fantasmas de 1946, as falsas luas e os falsos sóis, etc.».

Um elemento que costuma surgir-nos associado a essas «máscaras lunares e solares» são as formas nublosas, mais ou menos densas, mais ou menos coloridas, que, regra geral, não respeitam o comportamento habitual das suas similares. São as «nuvens especiais» que em Fátima chamaram a atenção das pessoas, grande parte delas conhecedoras empíricas dessas nuvens que lhes serviam de barómetro. São novos indícios de uma atividade não só mimética mas também camuflada. Dir-se-ia que, à ação de imitar as nuvens autênticas, as «especiais» funcionam como camuflagem de algo no seu interior. Assim, os casos acumulados deste tipo levam-nos a concluir pela definição destas «nuvens» como «portadoras» de si mesmo ou de outrem ... Por exemplo, o pseudo-Sol de Fátima.

Esta caracterização evoca-nos o caso da nuvem bizarra que, no dia 7 de Janeiro de 1977, se passou sobre território português, contrariando a força e o sentido do vento, enquanto a sua trajetória era acompanhada pelos radares da Força Aérea Portuguesa. Esta nuvem, cujo eco era idêntico ao que um avião produz nos ecrãs do radar, permaneceu imóvel durante cerca de quinze minutos na vertical do rio Mondego, perto de Coimbra, antes de seguir calmamente viagem ...

283

Caso similar, mas revestindo outro dramatismo, é o da conhecida «nuvem» que surgiu em plena Primeira Guerra Mundial, sobre a península de Gallipoli, na altura em que os Aliados combatiam os Turcos. Essa «nuvem» destacara-se de um grupo de outras e, baixando sobre a cota 60, «embarcou» um destacamento inglês que nunca mais foi visto. Curiosamente, o piloto da FAP que interveio no caso português recusou-se a cumprir a ordem de entrar na «nuvem» ... Pressentimento?

b) Mimetismo ovni e psiquismo humano

Sem curar de saber, por agora, se em Fátima as implicações miméticas se reduzem ou não a realidades exteriores conhecidas (objetos astronómicos, no caso do Sol; fenómenos meteorológicos, no caso das nuvens), vejamos se o seu alegado carácter trans-histórico se verifica nas observações dos nossos dias. Alguns exemplos parecem prová-lo. Marc Boulaz,

estudante, de treze anos, durante as suas férias da Páscoa, em 1976, pretendeu fazer uma vigilância do céu na mira de algum fenómeno ovni, perto de Vendôme, França. «Nada vi, exceto a Lua», afirmou após a noite. O que Marc ignorava era que a Lua não podia ser vista naquele período em fase de lua cheia. Tratava-se de uma terça-feira, dia 23 de Março, e a Lua estava em quarto minguante. No dia 30, seria lua nova.

Também cinco soldados que seguiam de automóvel em Villareal de Ebro, na direção de Saragoça, Espanha, julgaram ver o «nascer do Sol», no dia 2 de Novembro de 1968, quando observaram um disco largo amarelado. Mas em breve se deram conta de que a sua observação se situava a oeste.

Outras vezes são duas as luas observadas, uma de cada lado da estrada por onde segue um automobilista. Subitamente, uma «delas» apaga-se. Noutras situações, o mimetismo estende-se a objetos artificiais, tais como satélites ou os famosos dirigíveis da vaga de 1897, nos

284

Estados Unidos, referidos em detalhe por Jacques Vallée no seu conhecido catálogo *Um Século de Aterragens 10*. Os bombardeiros fantasmas dos finais da Segunda Guerra Mundial (ghost-bombs), na Escandinávia, ou o «falso comboio» observado perto de Morez, no Jura, estacionado sobre uma autêntica via férrea diante de duas testemunhas (repetindo exemplos ocorridos na Argentina¹⁴), integram-se na mesma categoria mimética.

Jean Jacques Jaillat pensa que existe uma relação interna entre esse mimetismo e o fenómeno ovni, considerando ainda a existência de um mimetismo exterior ou parcial, constatado nas proximidades de um objeto real, conhecido, e um mimetismo interno interpretado por um elemento do fenómeno ovni.

Assim, dos exemplos referidos retirar-se-ia a existência de uma função ou estrutura trans-histórica do fenómeno ovni (as observações de pseudossóis e outros objetos astronómicos e meteorológicos representariam essa constante) que se prolongaria e manifestaria, segundo as diferentes épocas, por um atributo de maleabilidade/plasticidade, na conceção de J. J. Jaillat. Para este investigador, o mimetismo do fenómeno ovni seria «uma forma de manifestação exterior de um sistema organizado não identificado, procurando adaptar-se aos estímulos externos imitando algumas das nossas imagens e objetos do nosso meio».

Perguntar-se-á, então, qual o grau de perfeição mimética desse sistema não identificado. Questão pertinente, pois todos os indícios nos apontam para a sua imperfeição. Essa imperfeição é igualmente presente nas nossas referências e analogias. Ela é também essencial para que se detetem nessas manifestações sinais de fenómenos tipicamente ovnilógicos.

285

Como se efetua essa deteção? É óbvio que pelas falsas luas cheias fora de tempo, pelos falsos aviões que se imobilizam no ar, pelos falsos sóis que saem da sua órbita e descem a poucos metros do solo ...

O outro aspeto, assinalado por J. J. Jaillat, inclui aquilo que ele define como «realidades psicológicas», ingrediente dessa função de cobertura, concretizada, por exemplo, através da linguagem das testemunhas. Pensamos poder residir aqui uma pista exploratória para a questão do sentido da imitação: isto é, se ela é parte do fenómeno para a testemunha ou se esta é que «seleciona», no seu edifício cultural, as referências comparativas ante os traços fundamentais do objeto observado. Ao nível da profissão das testemunhas, colhem-se alguns exemplos curiosos em Fátima. O «objeto solar» é definido por um engenheiro (Mário Godinho) como «disco magnético», o equivalente ao objeto «em forma de para-quedas» visto por um antigo membro da Força Aérea, em 25 de Dezembro de 1973, na Bélgica¹⁴. Por sua vez, um agricultor (José Joaquim da Assunção) utiliza na sua descrição uma medida agrária: «O Sol começou a desandar como dentro de um meio alqueire.»¹⁵ Assim se compreenderá a coexistência das várias definições no ambiente da Cova da Iria: as «hóstias» seriam uma representação significativa dessa relação. Essas mesmas «hóstias voadoras» foram aliás descritas por diversos sacerdotes, em Braga, no ano de 1640.

Estas indagações, não dogmatizando este aspeto particular do fenómeno ovni, giram em redor de uma conciliação possível entre a objetividade do fenómeno (a sua natureza real exterior) e a psicologia das testemunhas. Se aceitarmos que a função mimética seria nula nos objetos mais convencionais - discoidais, fusiformes, esféricos -, como sugere J. J. Jaillat, então o objeto «solar» de Fátima não teria imitado o Sol deliberadamente, mas sim «acidentalmente», pela pré-disposição da multidão por entre a qual girara pouco antes o grito repetido dos videntes: «Olhem para o Sol!»

286

Mas, neste caso, também a afirmação de Gerard Marchais, já citada, não seria integralmente cumprida, verificados os testemunhos particulares: «um ovni não será definível senão em função de algo conhecido», afirma ele. Mas, ainda assim será referenciável como tal, ou seja, não identificado. Fátima o prova.

Poderemos, neste quadro, sumariar as referências ou identidades miméticas detetáveis no fenómeno do dia 13 de Outubro de 1917:

a) Identidade cultural (socioprofissional) - o «disco magnético» do engenheiro, o «meio alqueire» do agricultor;

b) Identidade simbólica (religiosa) - a «hóstia» e as entidades dentro ou junto ao Sol;

c) Identidade astronómica e meteorológica - o Sol e as «nuvens especiais».

Na interpretação de J. J. Jaillat, poderíamos ver que os dois primeiros grupos diriam respeito a «realidades psicológicas», enquanto o terceiro grupo representaria a realidade objetiva próxima, donde o invocado mimetismo exterior.

16. O processo do «milagre» ou o antiabsurdo explicativo

o «milagre» passo a passo - reconstituição e confrontação de uma hipótese

De posse do maior número possível de dados, originários de um conjunto apreciável de testemunhas, vamos procurar reviver o ambiente muito particular da Cova da Iria, recuando até 13 de Outubro de 1917, armados com uma confortável soma de elementos que os nossos compatriotas da época não possuíam. Com os olhos e as palavras dos nossos dias, em que a presença dos ovnis é quase permanente, vejamos o que se terá passado nessa singular demonstração alienígena:

1.ª fase. - Uma «nuvem especial» surge no céu vinda dos lados de Espanha (leste). Dessa «nuvem», que envolve um engenho portador, é largado, a meio do percurso entre o leste e o sul (posição do Sol), um globo prateado do qual é emitido um feixe de luz troncada que serve de transporte à Entidade Ouraniana até junto da pequena azinheira.

287

2.ª fase. - À medida que o diálogo se processa entre os videntes e a «Senhora», é observado o globo prateado, aparecendo e desaparecendo por períodos de três a quatro minutos, no local da «nuvem», envolvido por ela.

3.ª fase. - Terminado o diálogo, a Entidade é recolhida pelo mesmo processo, reentrando no globo prateado, parecendo aos videntes que «as portas se fecharam». Então a «nuvem» portadora corre no céu para uma posição em que se antepõe ao verdadeiro Sol. Um dos testemunhos, referindo o termo «escada» perto do Sol, poderá estar a dar-nos o aspeto autêntico do objecto portador - um convencional ovni fusiforme, tipo «charuto», com vigias.

4.ª fase. - A partir dessa nave-mãe, controlo de todo o fenómeno, os não identificados começam a provocar a dissipação das nuvens que rodeiam o Sol, especialmente as baixas e as médias. A chuva pára. Há a segregação de uma massa de «nuvens», entrecortadas por clarões rápidos em frente ao Sol, sendo lateralmente afastadas ou abertas para deixar sair um disco luminoso, possivelmente o mesmo globo prateado observado antes.

5.ª fase. - Esse disco ou globo destaca-se então na vertical solar, começando a executar os seus diferentes movimentos, observados a partir de quatro locais considerados (Cova da Iria, Minde, Alburitel e Aljustrel).

6.ª fase. - O disco desce até uns trinta metros do solo, tendo na sua trajetória, com uma orientação sensivelmente sul-norte, libertado sobre a multidão uma onda de calor,

responsável pela secagem do vestuário das pessoas e do próprio solo, bem como pela cura de alguns doentes situados na faixa dessa trajetória.

7.ª fase. - O ovni ascende novamente e toma-se claro, talvez transparente, tendo algumas testemunhas detetado entidades no seu interior, que parece terem saudado a multidão.

8.ª fase. - Esse pseudo-Sol reentra na «nuvem» portadora, dourada, afastando-se da vertical do Sol.

288

A área de observação simultânea e a situação espacial do ovni de 13 de Outubro Passaremos a considerar a etapa seguinte da nossa demonstração, ou seja, confirmarmos ao mesmo tempo que: 1.ª - A observação simultânea dos movimentos essenciais do objeto «solar» é possível a partir das quatro localidades consideradas e cujas descrições contêm um mínimo de segurança;

289

2.ª - Nos testemunhos exteriores a Fátima, a noção psicológica e simbólica do Sol prevalece sobre a diversidade de valores e perspectivas que, naturalmente, temos de considerar. Os dados apontados no esquema seguinte tentam reproduzir apenas a situação espacial de um dado momento: o instante em que o pseudo-Sol rompe a barreira das nuvens. Evidentemente que, aproximando-se nas suas evoluções sobre as localidades referidas, sugeria às respetivas testemunhas uma dimensão superior à inicial e correspondente à posição da 5.ª fase, já descrita;

3.ª - A partir da situação topográfica dos referidos locais, é possível visualizar um objeto localizado especialmente a uma altura e sobre uma determinada vertical. Assim, para a determinação matemática desta base topográfica não alargamos os nossos cálculos a Leiria e Torres Novas, que considerámos locais de observação simultânea, mas cuja distância não terá já permitido descrições tão claras e homogêneas como as das quatro primitivas localidades. Aliás, elas bastam para os objetivos em causa:

Dados considerados:

- ângulo de observação do Sol (altura) na data - 42°

- diâmetro aparente do Sol na data - cerca de $30'$.

Como os testemunhos da observação indicam que ela é feita, aproximadamente, na Cova da Iria, para Sul, e em Aljustrel, em direção à

290

Cova da Iria, poderemos aceitar que a vertical do ponto de observação está situada entre aquelas duas localidades. Por outro lado, como as indicações em relação às dimensões do objeto são semelhantes e dada a proximidade das duas localidades - cerca de dois quilómetros - podemos, sem uma grande margem de erro, aceitar esse ponto como a meio caminho entre Fátima e Aljustrel, o que nos fornece, de imediato, as direções das observações.

Sendo o diâmetro aparente do Sol cerca de $30'$, poderemos conceber que o diâmetro de um objeto destinado a antepor-se ao astro-rei e ao seu brilho, no nosso caso, será de 1° . Nestas condições, teremos:

291

Dado que alargámos bastante o ângulo do diâmetro aparente do objeto (cerca de $32'$ para 1°), podemos, com base no atrás exposto, concluir que:

1.ª - A observação realizou-se com o ovni a cerca de 1500 metros das testemunhas e a uma distância ao plano de observação de cerca de 900 metros;

2.ª - O diâmetro real do ovni rondaria os 25 metros;

3.ª - O ângulo de observação, bem como as dimensões do ovni, seriam idênticos para a Cova da Iria e Aljustrel.

De posse destes dados, poderemos calcular agora as distâncias, ângulos de observação e diâmetros aparentes, para as observações de Alburitel e Minde.

292

Estes dados possibilitam que compreendamos as diferentes características das observações consideradas. Assim, enquanto o ovni baixa sobre a Cova da Iria, nas restantes localidades observar-se-ia apenas uma diminuição do ângulo de observação. Deste modo se justifica que entre a multidão das cinquenta mil pessoas se tenha notado o aumento do diâmetro aparente do objeto.

Frisamos, igualmente, que os resultados apresentados e atribuídos principalmente às duas últimas localidades - Minde e Alburitel - são significativos apenas quando tomados em função da vertical de Fátima; já que é provável - e as descrições também dão conta dessas sensações - que o ovni, na sua movimentação, se tenha aproximado bastante desses locais, em especial de Alburitel.

294

Fig. 27 - Projeção da base topográfica da observação de 13-10-17

295

Pelo mesmo processo, viemos a confirmar que seria possível a observação simultânea do que se manifestava sobre a zona de Fátima, dentro de um raio de cerca de vinte quilómetros. Leiria, situada a 18 400 metros da Cova da Iria, não teria visto (pelo mesmo tempo) toda a diversidade das evoluções apercebidas nesta última localidade. O testemunho de Guilhermina Silva concorda com isso. De qualquer modo. Em termos de possibilidade visual e com a referencia a um objeto com o diâmetro aparente do Sol, essa observação é possível, teoricamente.

c) Síntese classificativa da observação – verificação de um «clássico» da ovniologia a a verificação do caráter classicamente ovnilógico da observação de 13 de Outubro, na região de Fátima, começa pelo seu confronto com os resultados admitidos dos estudos estatísticos do Dr. Claude Poher, ultimamente confirmados por novas análises levadas a cabo no âmbito do GEPAN (Groumement d'Étude des Phénomènes Aeroespaciaux Non Identifiés) de Toulouse e que tiveram o aval do respetivo Conselho Científico.

O essencial desses resultados diz-nos o seguinte: o número de ovnis vistos no céu cresce com a altura angular de visão acima do horizonte, seguindo a lei dita de Bourger (que traduz, em observação astronómica, o acréscimo progressivo da transparência atmosférica, ao passo que decresce a espessura da atmosfera atravessada e à medida em que se olha cada vez mais alto no céu); o número de ovnis anualmente vistos no céu é proporcional ao regime de visibilidade do Sol da região considerada (isto é, à transparência atmosférica). Estes dados significam que, na origem das observações de ovnis, existe um fenómeno físico real, como já havíamos concluído anteriormente.

Por outro lado, um outro gráfico colocou em evidência os resultados estatísticos sobre as observações de ovnis e uma «lei teórica» exprimindo a possibilidade de variações do número de observações de objetos em movimento, em função da distância de visibilidade.

296

Fig. 28 – Este gráfico evidencia os resultados estáticos das observações de ovnis e uma «lei teórica» exprimindo a possibilidade de variações do número de observações de movimentos em função da distância de visibilidade.

Neste quadro, há que concluir: 1.º - que a lei dita de Bouguer encontra-se plena e integralmente confirmada no caso do dia 13. A altura angular do objeto é bastante significativa à data. Onde, a transparência atmosférica que se irá constatar na sequência do fenómeno;

2.º - que as observações múltiplas do mesmo fenómeno, feitas de mais de uma dezena de quilómetros, atestam a validade do gráfico aludido sobre a distância de visibilidade no caso de móveis e em que se correlacionam as características da visão humana e a transparência atmosférica e ainda os estudos estatísticos dos testemunhos de ovnis.

O mesmo Claude Poher, no estudo em que demonstra o caráter particular e inovador do fenómeno ovni, face às realidades astronómicas e artificiais conhecidas, comparando as respetivas durações médias (de alguns segundos a várias horas), adianta alguns dados interessantes sobre a duração média de observação dos fenómenos ovni. Assim, para cento

Fig. 29 - O número de ovnis vistos no céu aumenta com a altura angular da visão por sobre o horizonte, seguindo a lei dita de Bouguer. (Doe. France-Ernpire)

e quarenta observações, Poher encontrou uma média de quinhentos segundos, ou seja, nove minutos 3. A referida duração não corresponde senão a um número insignificante de observações atmosféricas conhecidas.

Donde se conclui que:

- a duração média considerada do fenómeno do dia 13 de Outubro, na Cova da Iria, coincide em absoluto com a média estatística considerada por Claude Poher.

Ainda sobre a definição da observação de 13 de Outubro, podemos aplicar-lhe com rigor a classificação proposta pelo Dr. Jacques Vallée, isto no tocante à situação e evolução espacial do objeto: observação tipo III-A, relativa a um objeto esférico, discoidal, estacionário no céu associado com a descida errática do objeto até às proximidades do solo (queda em folha-morta). É evidente que, na sua estranheza global, os fenómenos de Fátima terão de ser entendidos como um caso típico de 3.º grau, na proposta do Prof. Hynek,

298

Um outro aspeto particular da movimentação do pseudo-Sol é o que diz respeito ao processo de aparecimento/desaparecimento do ovni. Inúmeros casos, já citados, não fazem mais do que repetir um esquema com uma provável intenção de camuflagem. O Dr. Jacques Scornaux debruçou-se sobre esse aspeto e na revista *Lumières dans la Nuit* tentou classificar «as aparições e desaparecimentos no mesmo local» A categoria A-3 significará a formação de uma nuvem que deixa aparecer o ovni, dissipando-se em seguida. A 0-3, o processo inverso, integrará os casos em que se avista a formação de uma nuvem em redor do ovni, que se dissipa sem que se volte a ver o objeto. Do exposto, parece lógico pensar que o fenómeno de 13 de Outubro constitui uma variante destes processos.

Em resumo, quantificando e qualificando o fenómeno em apreço, teremos de considerar:

- base topográfica: um raio de cerca de quinze quilómetros, considerando as quatro povoações;
- base demográfica: cerca de cinquenta mil pessoas, incluindo testemunhos dispersos;
- visibilidade temporal: de oito a dez minutos;
- visibilidade espacial: diurna e boa.

A realidade da manifestação ovnilógica do dia 13 é, pois, insofismável pelo seu alto índice de credibilidade e também pelo grau de estranheza que apresenta, como fenómeno singular, sem identidade astronómica ou artificial conhecida.

NOTA - Para a obtenção dos dados técnicos e consequentes operações práticas matemático-cartográficas constantes nesta parte deste subcapítulo, contámos com a colaboração da astrónoma Dr.ª Nazaré Rego, da matemática Dr.ª Maria Clara Pereira, do engenheiro técnico Barrote Dias e do investigador Raul Berenguel, a quem os autores agradecem a valiosa contribuição.

299

d) Área abrangida pelos efeitos secundários

Procurámos situar no espaço do «milagre» (correspondente ao dia 13, de Outubro) as testemunhas que referiram ter sentido calor, que viram as suas roupas secas ou que foram privilegiadas com curas imprevistas

Fig. 30 - Esquema da área onde se registaram os efeitos secundários em 13 de Outubro de 1917 (Escala 1/3(00))

300

IDENTIFICAÇÃO DAS TESTEMUNHAS NA ÁREA

- 1 - Maria Enu1ia Vilhena Barbosa *
- 2 - Branca Vilhena Barbosa *
- 3 - Joaquim Vieira *
- 4 - Maria Teresa de Chainça
- 5 - Maria do Canno Maceiras *

- 6 - Palmira Pinheiro da Costa
 - 7 - Carlos Silva
 - 8 - Higino Faria
 - 9 - Eng. ^o Mário Godinho
 - 10 - Mãe do Eng.^o Godinho
 - 11 - Augusto Pereira dos Reis
 - 12 - Dr. Pinto Coelho *
 - 13 - Mariana Pinto Coelho *
 - 14 - Dr. Almeida Garrett *
 - 15 - João Carreira
 - 16 - Maria do Carmo Meneses
 - 17 - Bacharel Luís de Andrade e Silva *
 - 18 - Júlia Franco
 - 19 - Joaquim da Silva Jorge
 - 20 - Maria Augusta Saraiva
 - 21 - Dr. Pereira Gens *
 - 22 - António Ramos Mira
 - 23 - Ribeiro de Carvalho
 - 24 - Maria Cândida da Silva
 - 25 - Manuel António Rainho
 - 26 - Maria José Monteiro
 - 27 - Júlio Vicente
 - 28 - Inácio António Marques *
- * Indica situação provável.

301

e súbitas. Para isso, servimo-nos de um mapa de localização de pessoas que depuseram para John Haffert e que este apresenta na sua citada obra. Com base nesse mapa e acrescentando-lhe outras testemunhas que nos seus depoimentos nos fornecem dados quanto à sua situação na área, constatámos algo que nos surpreendeu: as testemunhas que assinalaram os referidos efeitos secundários encontravam-se localizadas numa faixa, sensivelmente de orientação sul-norte, com uma largura aproximada de setenta metros. A faixa inicia-se junto à estrada sul, passa pela azinheira das aparições e abrange a grande azinheira que ainda se encontra no atual recinto e sob a qual as crianças aguardam o «relâmpago» ou a hora da chegada da Entidade.

d) 1. A prova final num depoimento inédito

Obtivemos, contudo, uma nova confirmação. Assim, nos finais de 1979, endereçámos a uma testemunha ocular, ainda viva, um inquérito simples sobre o fenómeno do dia 13 de Outubro. Através de uma sobrinha, Maria de Lurdes Simões, de Leiria, à qual agradecemos a amável e preciosa colaboração, conseguimos as respostas essenciais: a trajetória de descida do pseudo-Sol foi-nos claramente confirmada, ajustando-se perfeitamente ao esquema que havíamos suposto com base nos elementos anteriormente citados. Eis uma súmula do referido inquérito:

P. - Queira dizer-nos como se chama, donde é natural e que idade tinha na altura do milagre.

R. - Palmira Pinheiro da Costa, natural de Leiria, tendo vinte e um anos em 1917.

P. - Recorda-se do «Milagre do Sol»? O que viu nesse dia?

R. - Perfeitamente. O Sol, qual bola de cor azulada a rebolar entre as nuvens, em direção à Terra. Nessa altura, choveu torrencialmente e passados momentos estava tudo seco, incluindo os fatos.

P. - Nesse dia, em que local se encontrava? Tente localizar-se com uma cruz no mapa junto.

302

P. - o Sol estava no sítio do costume? Ou pareceu-lhe mais baixo, para o lado esquerdo ou direito?

R. - Estava mais para o lado esquerdo.

P. - Quando o Sol apareceu, viu-o sair de alguma nuvem? Diferente ou igual às outras?

R. - Vinha entre nuvens claras e escuras, próprias dum dia chuvoso.

P. - Depois de aparecer o Sol, como é que ficou o céu?

R. - O céu ficou limpo.

P. - Viu o Sol descer? Até que altura?

R. - Sim. Não tenho uma noção exata da distância.

P. - Pareceu-lhe ter aumentado de tamanho?

R. - Do mesmo tamanho, mas de cor diferente, não causando impressão olhar para ele.

P. - Ouviu falar em gente que se secou? Onde se encontravam essas pessoas? Foi uma delas?

R. - Eu fiquei seca, assim como as pessoas que me rodeavam.

P. - Há quem diga que o Sol baixou sobre a azinheira. Mas, ao meio-dia, o Sol encontrava-se a sul. O Sol terá feito uma curva como a que o desenho representa? Se não, como foi?

R. - Lembro-me da curva que assinalo a azul, mas estava tão assustada que não vi tudo bem.

303

P. - De que modo desceu o Sol? Desceu apenas, vinha às voltas ou aos ziguezagues?

R. - Às voltas.

P. - Viu cores no ambiente? Quais?

R. - Via-se tudo prateado, inclusivamente as azinheiras. Até o meu relógio ficou prateado.

P. - O Sol girava apenas num sentido?

R. - Só girava num sentido: o do relógio.

304

P. - Na altura do Milagre, como ficou o tempo?

R. - Estava a chover e cessou imediatamente.

P. - Ouviu falar de pessoas que se curaram nesse dia 13?

R. - Não me recordo. Depois, pela imprensa, é que soube de milagres.

P. - Voltando à secagem. Só a notou no vestuário? E quanto ao chão e árvores?

R. - Só notei na roupa.

P. - Como lhe pareceu o Sol? Defina as cores e os movimentos.

R. - Azul-prateado. Andava a rebolar entre as nuvens, desaparecendo e aparecendo.

P. - Quando o Sol saiu do seu lugar e girou, para que lado o fez? Coloque uma cruz na seta que lhe parece mais certa.

P. - Quando voltou para o seu lugar, como o fez?

R. - Às voltas.

P. - Viu-o esconder-se nalguma nuvem?

R. - Sim.

P. - Assistiu às aparições noutros dias 13? O que viu nesses dias?

R. - Minha mãe acompanhava sempre os videntes e ensinava-os a dirigirem-se a Nossa Senhora. Pediu-lhes que solicitassem à Virgem um milagre para que o povo acreditasse. Noutro dia 13, uma minha irmã

305

acompanhou minha mãe e a Lúcia fez o pedido a Nossa Senhora. Nesse dia viram algumas pessoas, entre elas a minha irmã, rosas brancas espalhadas no céu.

Como se verifica, a testemunha encontrava-se perto da azinheira grande, onde também outras testemunhas assinalaram o facto de se terem enxugado. Em dois desenhos regista a curva do pseudo-Sol na descida para a superfície. A partir daqui está explicado o fenómeno dos efeitos, que, pela sua particularidade, tem servido para desacreditar as aparições e concretamente a manifestação do dia 13. Desta feita, não se poderá mais acusar as testemunhas de contraditórias ou inventivas. Noutros casos de observações ufológicas, tem-se verificado esta sequência. Curas instantâneas, sensações de calor e efeitos de secagem são manifestações perfeitamente limitadas à zona mais próxima da vertical sobrevoada pelo fenómeno. O que

ainda em 1917 era milagre, pode ser hoje um facto perfeitamente inteligível, no quadro da fenomenologia ovni.

Enfim, a síntese do fenómeno ovni e das aparições marianas - ou a união de duas faces de uma mesma realidade - levar-nos-á, algum dia, à definição final de universos e realidades que nos ultrapassam e se situam, como profeticamente afirmava H. P. Lovecraft:

"ALÉM DO ALCANCE DA NOSSA FANTASIA"

306

NOTA

Os autores agradecem aos leitores eventuais comentários, referências ou participação de experiências pessoais de fenomenologia anómala, do tipo «aparicional», associadas ou não a objetos aéreos multiformes, as quais podem ser comunicadas para a CNIFO - Comissão Nacional de Investigação do Fenómeno OVNI, Apartado 5379, 4023 Porto Codex, Portugal. A confidencialidade e a proteção dos sujeitos envolvidos em tratamento ou investigação são garantidas por normas de ética profissional e clínica. A CNIFO é uma associação científica dedicada ao estudo, objetivo e interdisciplinar, de acordo com critérios de rigor metodológico, dos diferentes fenómenos aeroespaciais popularmente designados por fenómenos OVNI e dos seus efeitos a todos os níveis. A divulgação e debate das investigações são feitos através de simpósios, debates e do anuário ANOMALIA, uma publicação da CNIFO assessorada por consultores universitários e destinada à publicação de artigos originais em moldes académicos.

307

Publicados:

- 1 - O XAMANISMO E AS LINHAS MISTERIOSAS I Paul Devereux
- 2 - A MAGIA CELTA I D. 1. Conway
- 3 - COMO FAZER E USAR UM ESPELHO MÁGICO I Donald Tyson
- 4 - A MAGIA ATLANTE I Murry Hope
- 5 - CURSO DE HIPNOTISMO EM 13 LIÇÕES I Oberto Airaudi
- 6 - SONHOS- E PRESSÁGIOS I James Ward
- 7 - MAGIAS DE AMOR I James Lynn Page
- 8 - INVISIBILIDADE I Steve Richards
- 9 - LEVITAÇÃO! Steve Richards
- 10 - AS APARIÇÕES DE FÁTIMA E O FENÓMENO OVNI I Fina d'Armada e Joaquim Fernandes

A publicar:

- 11 - MAGIA RITUAL I Donald Tyson